

folha de dourados

VERDADE, TRABALHO E VIGILÂNCIA.

08/03/1968

• DOURADOS-MS • EDIÇÃO ESPECIAL • DEZEMBRO DE 2018 • ANO 50

www.folhadedourados.com.br

50 anos

escrevendo a nossa história



© Paulo Takarada 2018 Drone



Fundada em março de 1968 pelo jornalista Theodorico Luiz Viegas, a **folha de dourados** completou 50 anos.

Para registrar a data notável, a atual direção preparou esse suplemento especial reunindo num único documento a história da imprensa de Dourados – da década de 20 do século passado aos dias atuais.

Além dos veículos que ficaram pelo caminho, dos que sobrevivem e das novas mídias, o documento contempla a trajetória de jornalistas e profissionais

da imprensa. Afinal, a história de todos nós é também fragmento da história de Dourados.

Esse documento será distribuído nas universidades, bibliotecas, escolas, órgãos públicos, entidades da sociedade civil e ficará arquivado no Acervo de Documentação Regional da UFGD para consulta da comunidade acadêmica e da população.

A versão online com textos, fotografias e charges complementares estará disponibilizada no site www.folhadedourados.com.br

Muito além do jornalismo

Na pré-adolescência herdei de meus pais, José Marques de Carvalho e Assunta Scalon Marques, o gosto pela leitura. Esse hábito lapidou minha personalidade e fez de mim um cidadão crítico às injustiças sociais. O viés justificaria meu ingresso na imprensa e a definição de muita gente de que sou um idealista.

Se a leitura me enveredava pelas ciências humanas, o jogo de xadrez indicava, por outro lado, que meu negócio seria as exatas. Até passei num vestibular para engenharia civil no Rio de Janeiro-RJ. No primário, ginásio e colegial tinha facilidade com matemática e física. Embora também fosse bem em geografia e história, em português era apenas razoável.

Aprendi a jogar xadrez com os amigos de infância Eraldo e Silas e me aprimorei com o pai deles, também querido amigo, o saudoso médico Leon Tolstói Rodrigues de Lima. Com ele, adentrava madrugadas "duelando" num tabuleiro. Ele fez de mim bom jogador. Venci vários torneios em Dourados. Em 1976, fui campeão mato-grossense estudantil, em Três Lagoas, e disputei em Porto Alegre-RS, naquele ano, os Jogos Escolares Brasileiro - JEBS. Ao lado de Jairo Vida, Roberto Fedrizzi, Josef Honigmann, José Alberto Vasconcellos (in memoriam), Rodolfo Rupp, Eugênio Radaelli e de outros amigos fundamos o Clube de Xadrez de Dourados, que presidi algumas vezes.

Num hiato do ingresso na vida universitária, quando retornei de São Paulo-SP por conta de problemas de saúde na família, doutor Leon me indicou ao ex-prefeito José Elias Moreira e ao jornalista Júlio Marques de Almeida e fui trabalhar na Assessoria de Imprensa da Prefeitura no final dos anos 70. Foi o começo de tudo.

Lá tomei gosto pelo jornalismo - descobri minha vocação. Eram ainda tempos românticos da imprensa com acalorados bate-papos em bares, restaurantes e botecos. Conheci e convivi com excelentes jornalistas, muitos dos quais tornaram-se amigos de verdade, irmãos de fé e de luta. Em O Progresso escrevia uma coluna sobre xadrez na página de esportes editada pelo saudoso amigo Prudêncio Campos.

Eram tempos de efervescência política e cultural. Inquieto, resolvi voltar a São Paulo para me qualificar e ficar próximo de onde as coisas acontecem. Em 1981, ingressei na Faculdade de Comunicação Social da atual Universidade Braz Cubas, de Mogi das Cruzes, na região metropolitana de São Paulo.

Mogi foi a cidade mais agradável em que morei. Tenho saudade daqueles tempos. Situada na Serra do Itapeti, com clima ameno, distante uma hora da capital paulista e uma hora de Bertioga, no litoral. Perto, portanto, da boa vida praiana e da intelectualidade nacional. Foram tempos inesquecíveis morando em repúblicas de estudantes, onde aprendi a lavar, passar, cozinhar, limpar casa e conviver em grupo. Cresci como homem em todos os aspectos.

Lá, vivi intensa vida política. Fui presidente do diretório acadêmico, delegado em congressos da União Estadual de Estudantes-SP e da União Nacional de Estudantes e participei do movimento Diretas-Já para derrubar a ditadura militar e redemocratizar o País.

No segundo semestre de 1985 voltei para Dourados graduado e cheio de ideias transformadoras do mundo, em típico repente da imaturidade juvenil influenciada pelos ares da liberdade. Trabalhei na Prefeitura, na TV Caiuás, fui freelancer de O Progresso e comecei a me envolver em campanhas políticas, publicidade e marketing.

Mas, logo percebi que os sonhos de recém-formado eram irrealizáveis e me convenci de que deveria também cuidar de minha vida, buscar a realização profissional. Então, afoito, em 1986, acreditei no Plano Cruzado do presidente José Sarney, e junto com familiares criei em Amambai a DKM, uma agência de comunicação. Meses depois fundei também O Conesul, em Coronel Sapucaia, um jornal quinzenário impresso em O Progresso que circulava na fronteira Sul de Mato Grosso do Sul com o Paraguai.

A DKM, junção das iniciais dos sobrenomes dos sócios - Luiz Roberto Charão Dias (Manão), José Luiz Karazek e José Henrique Marques - e O Conesul foram percussores de projetos que implantaria em Dourados, para onde retornei em 1988 com o fracasso do Plano Cruza-



José Henrique Marques

do.

De volta à terra de Marcelino Pires trabalhei em O Progresso, Gazeta Popular, TV Morena (na época TV Ponta Porã, depois Sulamerica), Folha do Povo, Diário da Serra, Embrapa (como freelancer), coordenei Expoagros, fui assessor de imprensa da Câmara e da UEMS, secretário municipal de Comunicação, criei o Prêmio de Jornalismo Júlio Marques de Almeida, participei da fundação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Grande Dourados, do qual fui presidente por duas gestões, fui diretor do Clube de Imprensa, coordenei várias campanhas políticas, assessoriei deputados e vereadores, promovi eventos, enfim, trabalhei muito e aprendi bastante com os acertos e os erros.

Na Embrapa, conheci uma excelente profissional: a relações-públicas Clarice Zanoni Fontes. Trabalhamos em várias exposições agropecuárias; ela coordenando as palestras técnicas e eu a comunicação da Expoagro. A parceria foi tão alvissareira que o então presidente do Sindicato Rural de Dourados, Domingos Sávio de Souza e Silva, nos incentivou a fundar uma empresa de comunicação, voltada ao marketing e a eventos. Foi assim que nasceu a DZM, nome sugerido por mim, inspirado na DKM, contemplando os sócios-fundadores: Humberto Dauber, Clarice Zanoni Fontes e José Henrique Marques.

O começo difícil de qualquer empresa me obrigou a abrir mão da sociedade quase dois anos depois, não antes de produzirmos simpósios, campanhas publicitárias e vídeos-documentários institucionais. Hoje, controlada apenas por familiares da Clarice, a DZM é, seguramente,

umas das maiores do ramo no Estado.

Na minha passagem por Amambai, onde produzi alguns eventos com a DKM, conheci uma jovem promotor esbanjando talento e garra: Edenir Vaz. Certo dia, no início de 1998, ela me procurou na redação de O Progresso. Estava com dificuldade de fazer o Miss MS, versão Miss Brasil Oficial, do qual tinha o know-how e a franquia no Estado.

A ideia: promover, eu e ela, o Miss Dourados e o Miss MS. Tínhamos pouco mais de dois meses para a preparação. Aceitei o desafio depois de ter apoio incondicional da diretora-presidente de O Progresso, jornalista Adiles do Amaral Torres, para que eu pudesse articular o evento com o poder e a grife do jornal.

Apoiados ainda pelo prefeito Braz Melo, pela primeira-dama Anete Silva Melo e pelo presidente da ACED, Nilson Santos, por várias empresas e pela sociedade douradense realizamos dois grandes eventos - numa quarta-feira e no sábado seguinte. Quatro dias depois Michella Marchi sagrava-se Miss Brasil, em São Paulo-SP.

No final daquela noite fui acordado pelo diretor-jurídico do jornal, Carlos Alberto Farnesi, esposo de dona Adiles, me dando a notícia e determinando que fosse refazer a capa do jornal, embora a edição estivesse impressa e pronta para a distribuição. Naquele tempo, internet e celular engatinhavam por essas bandas. Cravei a manchete: Michella é eleita Miss Brasil. Fizemos história. Inesquecível.

Depois dessas jornadas no jornalismo, na política e em eventos culturais - destaque ainda as edições do Show da Paz coproduzido por mim, Ilson Boca Venâncio, Miguel de Oliveira (in memoriam), Manão, Daniel de Oliveira e Rubens Moreira Junior, o Rubão) - concluo que somente superei minhas dificuldades e deficiências com a ajuda de familiares e dos amigos que fiz na militância na imprensa. Sem eles, nada seria possível.

Tecnicamente admiro os textos de Valfrido Silva (requisite), Cícero Faria (humor), Vander Verão (irreverência) e Clóvis de Oliveira (precisão), o poder aglutinador de Dalva Gonçalves, a capacidade administrativa de Adiles Torres, o comunicador Marçal Filho, o bom humor de Rubens Moreira Júnior, o Rubão e a lealdade de Fernanda Garcia.

E à frente da **folha de dourados**, há quase 12 anos, mais uma vez, meus amigos me apoiaram ajudando a escrever essa edição histórica da imprensa douradense, corando o trabalho iniciado por Theodorico Luiz Viegas.

12 anos dedicados à Folha de Dourados

Comecei a trabalhar na folha de dourados em 2007 como recepcionista. Em pouco tempo passei para o setor administrativo, onde estou até hoje. Na época tínhamos o jornal semanalmente impresso, mas também já contávamos com o site www.folhadedourados.com.br que em pouco tempo se tornou um dos sites de notícias mais acessados da região, princi-

palmente quando passamos a dedicar exclusivamente à versão online, em março de 2013.

Tenho a certeza que ao longo desses quase 12 anos eu evolui muito pessoalmente e, principalmente, profissionalmente. Sempre olho para trás e agradeço por ter progredido tanto, porque foi esse crescimento que me trouxe para onde estou hoje.



Fernanda Garcia

Agradeço também ao nosso diretor José Henrique Marques por confiar em meu trabalho e seguir me auxiliando sempre. Trabalhar aqui na Folha é um desafio que me motiva a evoluir e superar meus limites. Eu amo o meu trabalho e sempre agradeço a oportunidade de estar aqui e com pessoas tão queridas, que me ensinaram tanto e que ajudam no meu crescimento profissional.

Também não poderia deixar de prestar as minhas homenagens a todos as colegas que pela Folha de Dourados passaram. Todas elas merecem meu respeito e gratidão. Com certeza cada um de vocês contribuíram para estarmos hoje completando nosso cinquentenário.

EXPEDIENTE

folha de dourados - escrevendo a nossa história

José Henrique Marques: *sócio-diretor*

Valdemar Gonçalves - Russo: *colaborador*

Dalva Gonçalves: *coordenadora*

Taissa Gonçalves Leal: *revisão*

Fernanda Garcia: *diretora*

Severiano Ramos: *arte-finalista*

Adélia Ortega: *auxiliar-administrativo*

Causos

Mais um pro bebelê!!!

Essa foi do Christopher de Sá, filho do saudoso Luis Rogério de Sá, quando foi convidado para fazer um programa na Rádio Caiuás, tendo como sonoplasta o maluco do "Patropi". Em dado momento, "Crhis" como era carinhosamente chamado pela família e pelos amigos, teria que dar a "nota de falecimento" de uma pessoa e assim o fez: "Faleceu hoje em Dourados fulano

de tal. O corpo está sendo velado na capela Bom Jesus e será sepultado amanhã em horário ainda a ser definido pelos seus familiares". Encerrada a nota, "Patropi" tinha que por no ar a vinheta da emissora para depois prosseguir com o programa, que era voltado aos jovens. Mas ao invés disso, o sonoplasta soltou um rock e o "Crhis" essa pérola: "Ai Patropi, mais um que foi para o bebelê!". Resultado: os dois saíram do ar por determinação de Rogério de Sá, pai de Crhis, e do diretor artístico Odri Pedrosa.

Valdemar Gonçalves - Russo

Dos primeiros impressos aos cibermeios: a conexão de laços sociais e identitários do passado com o presente na mídia douradense

“Toda a realidade é a realidade de alguém. (Moscovici, 2001)

A história da imprensa ocidental mantém uma relação simbiótica com a história da sociedade capitalista. O controle da difusão da informação configura um embate entre organizações, pessoas, de todas as classes sociais, culturais e políticas, de acordo com seus interesses e aspirações. Nelson Werneck Sodré (1977) detecta um traço ostensivo, que comprova essa ligação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento da sociedade capitalista. As raízes históricas, portanto, explicam a ligação umbilical da imprensa com os contextos econômico, histórico, social, político e cultural. Em Dourados a situação não é diferente, a história da imprensa está diretamente ligada à história da cidade. Esta percepção é explicitada também pela psicologia social quando considera as representações sociais uma forma de recriar a realidade, tendo como um dos meios desse processo a comunicação. Isso ocorre porque segundo Moscovici (2011:90), “as pessoas e os grupos concedem uma realidade física a ideias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes”, uma vez que toda a realidade é a realidade de alguém, ou é uma realidade para algo.

A professora de história da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Suzana Arakaki construiu um recorte da historiografia da mídia impressa em Dourados, ao pesquisar sobre o papel exercido pela imprensa local, no período do regime militar: “Dourados: memórias e representações de 1964”. Segundo ela, o mais antigo periódico douradense em circulação, O Progresso, na verdade, nasceu em 1920, em Ponta Porã, cidade na fronteira com o Paraguai. Fato como este ganha vitalidade na recuperação do elo entre o passado, o presente e o futuro da mídia douradense, construindo seu regime de temporalidade.

O primeiro jornal a circular em Dourados foi Jandaia, do migrante gaúcho Arnulfo Fioravante, que imprimia o periódico em Campo Grande. A segunda publicação foi O Douradense, de propriedade de Armando da Silva Camelo. Circulou entre 1948 e 1950. O Progresso é a terceira publicação a circular em Dourados, em 1951, por um esforço pessoal do advogado Weimar Gonçalves Torres, que instalou a primeira tipografia da cidade. Com uma tiragem de 200 exemplares semanais, O Progresso foi também um dos primeiros jornais a circular no Mato Grosso do Sul. A Cidade, de propriedade de Demosthenes Palieraqui, foi a quarta publicação do município, impressa em 1953, na tipografia da família Palieraqui. O Jornal de Dourados é a quinta, de propriedade de D’Almeida Vitor e João Augusto Capilé Júnior, circulou em 1955. Impresso em Campo Grande, não chegou a terceira edição. No período de 1955 a 1956, o jornal A voz do Sul, do Partido União Democrática Nacional (UDN), impresso na Tipografia Brasil, marcou o início da imprensa panfletária partidária local. Outra publicação político-partidária foi A Luta, ligada ao deputado Wilson Dias, circulou apenas no período da campanha eleitoral para governo do Estado.

O Jornal de Dourados, cujo proprietário era o empresário Antônio Tonani, que se fixou em Dourados em 1950, circulou no período entre 1958 e 1964, com algumas interrupções. Era atrelado a interesses político-partidários. Segundo Arakaki (2008:106) “em seu primeiro número, de 05 de janeiro de 1958, O Jornal de Dourados, afirmava em editorial, a posição política partidária de seus proprietá-

rios; todavia, demarcou as posições ideológicas da publicação”, já que em sua segunda página, a professora destaca artigo com seguinte título: “Agitadores comunistas perturbam a boa ordem dos colonos”. O Rolo, de propriedade do médico Joaquim Lourenço Filho, com Nicanor de Souza e Noele Gomes de Oliveira, circulou na década de 1950, tinha a forma de rolo, uma novidade. O primeiro exemplar é de 1959. Em 1968, surgiu a folha de dourados, que circulou (embora com períodos de interrupções, em função de constantes dificuldades financeiras) até 2012, quando passou a ter apenas, versão online. Criado pelo jornalista Theodorico Luiz Viegas, o jornal foi comprado pelo jornalista José Henrique Marques. De acordo com Marques, Viegas queria publicar o que não conseguia em O Progresso, onde trabalhava, pois queria ter mais liberdade editorial, por isso resolveu fundar um jornal.

Segundo Arakaki (2008), a imprensa de Dourados apoiou o golpe militar de 1964 e a estratégia utilizada era a de desqualificar o governo do então presidente João Goulart, acusando-o de querer implantar o comunismo no Brasil. O Progresso, a exemplo de parte da considerada grande imprensa nacional, depois da instalação do governo militar, se opôs a ele; passando a criticar e denunciar os métodos utilizados pelos militares, principalmente a arbitrariedade do regime e o cerceamento à liberdade de pensamento e expressão. Uma característica da mídia impressa de Dourados, patente no trabalho de Arakaki, é o partidário dos periódicos, pois cada publicação tinha ligações com políticos, ou com partidos políticos. Era a imprensa panfletária, ideológica, que a exemplo do restante do país, chegava a Mato Grosso do Sul. Outra característica forte da imprensa douradense é a preocupação com o desenvolvimento regional. Isso fica patente no trabalho de Arakaki (2008:108) quando observa que O Progresso, por exemplo, tinha pensamento e ação voltados por uma vida melhor, por expressar “a crença e a ideologia de seus proprietários”, pois desde a primeira edição, “o jornal se revelou um incentivador do desenvolvimento da região, especialmente da própria Dourados”. Além de O Progresso, mais antigo e tradicional impresso em atividade no estado, há atualmente, em Dourados em versão impressa o Diário MS, que nasceu Diário do Povo, em setembro de 1993, resultado da fusão de três semanários: Panfleto (1983), Jornal do Vale (1987) e Zangão (reeditado em 1985). O jornal passa a circular com o nome Diário MS, dado pelo seu diretor e fundador Vitoriano Carbonara Cales, em dezembro de 2000.

Com o advento das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e a emergente internet transformando o jornalismo brasileiro, a mídia douradense também mergulha no ciberespaço. O primeiro site de notícias de Dourados surgiu em 2.000, cinco anos após a considerada, grande mídia nacional criar seus portais: o Estadão, em São Paulo; o Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro; e o Jornal do Comércio, em Pernambuco, em 1995. Uma situação curiosa marca a chegada do primeiro site de web de notícias do município, cuja motivação maior teria sido a falta de espaço na imprensa local. O jornalista Clóvis de Oliveira, um dos fundadores do Dourados News e hoje, editor e proprietário do Dourados News – uma espécie de vertente do Dourados News, que também ajudou a fundar, recorda o episódio que se transformou em fato histórico, recheado de interesses diversificados, mas que serviu como marco zero na história da mídia digital de Dourados. A



José Milton Rocha*

ideia da criação do site de webnotícia foi de Primo Fioravante Vicente, um produtor rural, criador de cabras, que viria a falecer em 2002, dois anos depois da fundação do Dourados News. Segundo Clóvis, Fioravante queria vender a produção de leite de cabra para a Prefeitura de Dourados usar na merenda escolar, mas não houve interesse na compra. A prefeitura teria realizado licitação para comprar leite de cabra, vencida por um produtor de Campo Grande. Inconformado com a situação, Fioravante teria feito um artigo, denunciando a situação, e queria publicar a matéria, que foi encaminhada para um cibermeio da Capital e, imediatamente, publicada.

Fioravante, que também era escritor e ecologista ficara muito impressionado e curioso com a rapidez da publicação, possibilitada pela velocidade da internet em repercutir o episódio. Ficou extasiado com a nova forma de fazer jornal, com a instantaneidade do veículo e sugeriu a criação imediata de um site de notícias em Dourados. Com Fioravante responsável pela parte financeira e Clóvis de Oliveira, pela parte editorial, produção e postagem das notícias, não demorou a surgir o primeiro jornal de notícias na e para a internet do município, em 2000, começando, assim, a história do ciberjornalismo em Dourados. Inicialmente, o novo veículo teria funcionado na garagem da casa do próprio Fioravante. O nome do município dado ao cibermeio douradense foi para rivalizar com a Capital, que tinha seu Campo Grande News. Entre 2004 e 2013, após a criação dos quatro primeiros, surgiram outros 15 cibermeios, ou seja, uma média de 1,6% site por ano, sem falar, nos que surgiram e desapareceram na mesma velocidade.

A internet, como tecnologia dinâmica, tem características que permitem adequação rápida às diversidades do complexo universo da comunicação do terceiro milênio. É nesse contexto mediado pela internet, em que o local interage com o global e, resulta na “glocalização” (Cazello, 2007; Trivinho, 2001), promove a revalorização do local, onde surgem os sites de web notícias com presença massiva, principalmente em cidades do interior como é o caso de Dourados. Considerados uma variante dos portais tradicionais esses cibermeios fortalecem o jornalismo regional, que aqui, optou-se por chamar de ciberjornalismo de proximidade, onde circulam as vozes de atores sociais da localidade e que, por meios de suas representações sociais, constroem o sentido da identidade local.

A fundação do site de web notícia

Dourados News em 2.000 não representa apenas o nascimento da mídia online de Dourados, município fincado na esquina do Brasil com o Paraguai, mas principalmente, coloca os acontecimentos ocorridos neste lugar no fluxo de redes da cibercultura por meio da internet. Assim, a regionalidade sul-mato-grossense se conecta à teia de comunicação mundial e ultrapassa as fronteiras de tempo e espaço, na lógica da relação global-local. O que era apenas local, do interesse da população douradense, se transforma em global; o que pertencia apenas às comunidades locais, agora, transpõe as barreiras geográficas e culturais, embora interligado pelas mesmas configurações que o separam. Na esteira do surgimento da mídia online, os impressos locais, bem como todas as outras mídias (rádio, televisão, etc.) passam a utilizar a internet como plataforma de divulgação de seus conteúdos. Isso provoca outro marco na história da mídia douradense, o encontro da história das mídias. Neste momento em que o passado se encontra com o presente, a mídia douradense, sem dúvida, lança bases para o futuro da comunicação local, regional, quais sejam as potencialidades oferecidas pela internet, além do uso das tecnologias tanto na produção como circulação do seu conteúdo. Da mesma forma, vai se construindo uma historiografia que contempla as formas antigas e novas de fazer jornalismo, as plataformas de cada época, por onde flui a notícia, a narrativa dos acontecimentos que marcam a história, as transformações e as representações sociais e simbólicas que traduzem os valores dessa sociedade. A vocação de mídia regional é percebida na fala dos editores dos cibermeios, quando destacam que embora percentualmente, os assuntos locais não representem a maior quantidade de notícias publicadas, as manchetes e destaques, todavia são preferencialmente, ocupados pelos acontecimentos locais e regionais, razão de ser desta mídia, que integra e fortalece os laços identitários de seu povo, sem desprezar os contextos social, histórico, econômico, político e cultural. Outro aspecto observado é a incipiência da mídia online, principalmente em relação ao uso das potencialidades oferecidas pela internet como hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, memória, instantaneidade e personalização (Bardeol e Deuze, 2001; Palácios, Deuze, 2001; Palácios, 2003), que, em função da pequena estrutura, percebe-se ainda uma falta de unidade na narrativa.

A história tem apresentado, nas décadas recentes proximidades e imbricações com a comunicação, num movimento em que essas ciências se convergem e complementam-se, na produção do pensamento, do conhecimento e na construção da realidade da sociedade. Observa-se, contudo, uma relação de conflito e afinidade, na conexão entre história e comunicação. No nosso entendimento, além de certa completude e até cumplicidade entre uma e outra, ainda que ambas apresentem versões e visões para os fatos com suas narrativas e temporalidades distintas, entendemos que esse paralelismo se torna cada vez mais presente na construção da historiografia da mídia, quando a história usa a comunicação como fontes documentais para ajudar a preencher e compreender as próprias lacunas da historicidade social, ou dos processos históricos locais.

*Jornalista, mestre em Comunicação, doutorando em História no PPGH-UFOD, pesquisador da mídia de Dourados. No mestrado, na UFMS, defendeu dissertação sobre a mídia on-line douradense e, agora no doutorado, desenvolve estudo sobre a mudança da notícia ao sair do papel para o on-line.

O artigo é uma versão reduzida de trabalho apresentado no GT – Historiografia da Mídia – no 3º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia (ALCAR), na UFMS, Campo Grande, 23 e 24 de junho de 2016.

Jornalismo, minha escola de vida

Minha história com o jornalismo começou em 1978 quando saí de Dourados para prestar vestibular para o curso de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo no Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo. Hoje é Universidade Metodista de São Paulo. No ano seguinte, lá estava eu de mala e cuia, e aliás pouca mala para iniciar o meu curso.

Em 1979, meu primeiro ano de São Bernardo do Campo, de cara, vivenciei situações que jamais imaginei, pois no final da década de 70 e início dos anos 80 o ABC paulista vivia em clima de guerra, pelo menos essa era a minha visão. Eu muito jovem (aos 19 anos) deixando a minha tranquila Dourados, passei a conviver com assembleias, metalúrgicos, greves, quebra pau, prisões, manifestações, shows para auxílio aos grevistas, uma situação muito distante da minha realidade.

Foi nessa época que conheci duas pessoas que se tornaram amigas e irmãs para sempre: Marcia Regina Carreri e Janete Leão Ferraz, ambas faziam o curso de Comunicação Social, na mesma sala que eu. Elas moravam em Guarulhos, e na conversa vai, na conversa vem, acabamos por ir morar juntas num apartamento praticamente em frente à Universidade. A parceria era total: nos estudos, nos passeios e nas baladas pelo Bexiga, Santo André, São Bernardo e São Cae-

tano do Sul.

Convivi praticamente durante os quatro anos de faculdade, com o movimento sindicalista do ABC. Aspirante à jornalista é bicho curioso e eu e a Marcinha mais ainda. Fomos algumas vezes às assembleias dos metalúrgicos no Estádio da Vila Euclides em São Bernardo do Campo e acompanhamos de longe e de vez em quando de perto, os movimentos da greve de 1980 quando mais de 100 mil trabalhadores cruzaram os braços.

Aí o clima era de guerra com o exército nas ruas, helicópteros sobrevoavam o estádio e o centro da cidade o tempo todo. Durante as assembleias muitas prisões, repressão nas ruas, presenciávamos muitas pauladas nos operários. Foi nesse período que ouvimos falar do Lula, o líder dos metalúrgicos. Muitos colegas da faculdade que eram militantes de esquerda, artistas e intelectuais participaram da fundação do Partido dos Trabalhadores, fundado em 1980. O estado de São Paulo, especialmente o ABC, fervilhava e fomos sendo jornalistas nesse turbilhão. Uma grande experiência de vida que ampliou nosso olhar sobre democracia.

Em 1982 concluí o Curso de Comunicação Social na área de Jornalismo e imediatamente voltei pra Dourados. Aqui comecei minha experiência jornalística na TV Caiuás, antes mesmo de sua inauguração. Muitos altos e baixos, ali passei de junho de 1983 a dezembro de 1987. Convivi com profissionais como Goretti Dal Bosco, que era



Dalva Gonçalves

responsável pelo jornalismo, Lucas Miranda, Rogério de Sá, Antonio Carlos Ruiz, enfim muita gente boa. Eu fui a primeira repórter mulher da TV por aqui, o restante da equipe, em sua maioria, era de homens.

Por ali foram muitas experiências e amadurecimento profissional: repórter, redatora, produtora do Jornal do Campo, apresentado por Salvador Augusto Maciel (Embrapa Dourados), produtora e apresentadora do Programa Gente, entre outros.

Também trabalhei em assessorias políticas na Prefeitura de Dourados, em campanhas eleitorais, agências e produtoras de vídeo, na rádio Caiuás onde fazia um boletim de notícias para Rogério de Sá que era o apresentador e passei também por alguns jornais, entre eles o Enfoque. Nessa trajetória fiz muitos amigos.

Por quase 10 anos fui sócia proprietária da Paralela Comunicação, desde

a sua fundação, quando começamos com assessoria de imprensa e que posteriormente, foi se consolidando como agência de publicidade. Fui sócia proprietária da Quatro Comunicações, agência de publicidade da qual saí para trabalhar na campanha eleitoral da reeleição do prefeito Laerte Tetila. Com a vitória em 2004 integrei a equipe da Agência de Comunicação por quatro anos, como diretora adjunta e depois como titular, com a saída do jornalista José Henrique Marques. Fiz parte da equipe de comunicação do então deputado Laerte Tetila, durante os quatro anos de mandato na Assembleia Legislativa.

Praticamente me aposentei do jornalismo, uma escola de vida. Hoje faço apenas alguns freelancers e muito trabalho voluntário, ao qual tenho me dedicado com muito carinho. Agora, nessa edição especial dos 50 anos da **folha de dourados**, meu amigo de jornada, José Henrique convidou-me para coordenar o trabalho e aqui estamos na reta final da edição. São mais de 100 textos, onde cada um relata a sua história na imprensa. Tive a grande oportunidade de reencontrar velhos amigos e conhecer tantos outros colegas de jornada. Muitas emoções ao ler textos como o recebido da família do Júlio Marques, da Marcia Carreri, das emissoras de rádio e tv das quais fizemos parte e especialmente sobre o Theodorico Viegas, com quem tive pouca convivência, mas que foi o grande professor dos jornalistas douradenses, pelos relatos nos textos recebidos.

Minha gratidão, a todos os colaboradores desta edição especial de 50 anos da **folha de dourados**, sem vocês nosso projeto não teria se concretizado. Um grande abraço e até 2019 com novas parcerias com a **folha de dourados**.

50 anos da folha de dourados - a evolução

Falar em 50 anos da **folha de dourados** é dar, literalmente, uma volta no tempo. É imaginar a dificuldade para produzir um jornal impresso quase que de forma artesanal e, principalmente a dificuldade para expor os fatos por conta da ditadura militar que, por um longo período esteve presente. Chegar aos 50 anos é razão para comemorar e enaltecer a luta constante de um idealista, o fundador Theodorico Luiz Viegas, jornalista, que chegou a ser preso no exercício de suas funções.

A **folha de dourados**, como já foi dito em outras ocasiões, fez escola no jornalismo local e ofereceu emprego a diversos profissionais, tanto jornalistas quanto gráficos, entregadores, administrativos. Muitos ainda vivos para relembrar parte da história e outros que já se foram, como o próprio Theodorico, que por doença faleceu em julho de 2009. São pessoas que viveram a história da **folha** e puderam acompanhar sua evolução, desde 1968 até agora, quando José Henrique Marques de-

ciduiu adequar o jornal à era digital, até mesmo como meio de sobrevivência.

Como parte integrante desse processo e com honra em dizer que foi a **folha** que me colocou no jornalismo em 1974, profissão na qual me mantenho até hoje (mesmo aposentado continuo escrevendo) e por meio da qual formei e criei família, posso garantir que foram momentos inesquecíveis. Por conta deles tenho histórias já passadas pra filho, netos e até mesmo para novos colegas de profissão que sequer imaginavam como era produzido o que se produz hoje, com tanta facilidade.

Recentemente, visitando familiares do Theodorico (que além de meu primo era meu padrinho), pude rever alguns objetos que faziam parte do nosso dia, como alguns textos datilografados e que haviam sido publicados e vários outros. Mas duas coisas me chamaram a atenção, e fiquei emocionado ao receber de presente.

O primeiro foi o cabeçalho da **folha de dourados** de quando ainda era impresso. É um clichê (placa de zinco, gravada fotomecanicamente em relevo, destinada à impressão de imagens e textos em prensa tipográfica) que eu mesmo



Antonio Viegas

Jornalista na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Dourados

havia feito na época em que atuei como clichê, antes de ir para o jornalismo.

O segundo presente foi a máquina de datilografia que utilizei em todas as matérias que produzi para a **folha**.

São dois objetos não mais utilizados, que nos fazem perceber a evolução. Pela máquina de datilografia fazíamos o texto que passava pela tipografia, paginação e finalmente para a impressão, tudo manualmente. As letras (pequenas barras de chumbo) eram colocadas uma a uma e assim sucessivamente até criar a página inteira. As fotos - ainda com filme, é claro - passavam pelo processo de revelação e na sequência eram transformadas em clichês para que fossem inseridas nas páginas.

Mas isso tudo foi evoluindo ao longo do tempo, passando a composição gráfica pelas linotipos (máquina inventada por Ottmar Mergenthaler em 1886, na Alemanha, que funde em bloco de chumbo cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever, caldeira pra derreter o chumbo, etc) para chegar aos computadores na digitação e diagramação e, na offset (sistema de impressão que permite a tiragem de muitos exemplares) que se utiliza hoje.

Posso dizer que sou privilegiado por ter participado ativamente de todo esse processo e de poder utilizar também o sistema atual. Valeu **folha** por meio do Theodorico por existir e do José Henrique, por resistir. Valeu por ter me dado esse privilégio de acompanhar sua evolução.

História de Theodorico Luiz Viegas

Theodorico Luiz Viegas nasceu em 1931, em uma chácara na Cabeceira Alegre, na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, filho de Francisco Luiz Viegas e Maria Cristina de Oliveira Viegas. Estudou o primário, na escola Joaquim Murinho em Dourados e teve como professoras, Umbelina Câmara, (dona Sinhá) Silvia de Araújo e Antônia Silveira Capilé.



Theodorico Luiz Viegas

Concluiu o ginásio no Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro e Científico no Instituto Santa Rosa na mesma cidade, tendo estudado Relações Humanas e Organização e Planejamento de vendas na Associação Cristã de Moços, RJ.

Jornalista Profissional, Membro Militante do ABI, (Associação Brasileira de Imprensa) inscrito sob o nº 1238, Matrícula nº 1797. Filiado ao Sindicato dos Jornalistas de MT, Reg. Profissional nº 106, instituição que foi fundador e Delegado. Diretor da Rádio Clube de Dourados de 1957 a 1963, Diretor da Sucursal dos Diários Associados em MT, correspondente do Diário de São Paulo, Revista O Cruzeiro e rádio Tupi SP e jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo.

Fundador da Associação dos motoristas de Dourados em 1953, o 1º presidente foi Milton Milan. Fundador da Associação de Jornalistas Profissionais de Mato Grosso, da qual foi delegado até a transformação em Sindicato.

Fundador do Clube de Imprensa de Dourados, sendo seu primeiro presidente. Fundador da ADJORI-MS, Associação de Diretores de Jornais do Interior de Mato Grosso do Sul, sendo o primeiro Presidente.

Fundador da ABRAJORI, Associação Brasileira de Jornais do Interior, eleito por dois mandatos Diretor de Relações Públicas, responsável pela implantação de ADJORIs em diversos Estados.

Fundador do Jornal Folha de Dourados, o primeiro jornal diário a circular em Dourados, fundador do Jornal O Demo-



Modelo de aviso publicado na edição da folha de dourados, em 4 de agosto de 1972

crata e Folha de Maracajú semanários de Caarapó de Maracajú.

Foi redator dos Jornais Gazeta do Sul, O Progresso e Jornal de Dourados, assessor de Imprensa da Câmara Municipal de Dourados, admitido em 1956, e da Prefeitura de Itaporã de 1997/2002, repórter do Correio do Estado e Rádio Difusora de Campo Grande, correspondente do Jornal Estado de Mato Grosso e da Rádio a Voz Doeste de Cuiabá.

Sócio Fundador do Clube Social de Dourados, exercendo cargos em todas as Diretorias. Sócio Fundador do Clube Indaiá, Tênis Clube, Ubiratã Esporte Clube. Fundador do Quadro da Seleta Sociedade Caritativa de Dourados, sempre desempenhando funções em todas as Diretorias inclusive pertencendo ao Grande Quadro.

Pelo Decreto nº 30 de 25 de outubro de 1987, recebeu o Título de Cidadão Honorário de Dourados, pelos relevantes serviços prestados a comunidade. (Fonte: <http://www.douradosnews.com.br/> 08 de setembro de 2004)

Homenagem Dia da Imprensa

O blogueiro Valfrido Silva, o radialista Ismael Marques, Theodorico Luiz Viegas, vereadores Mário Leite e Mário Aragão; o empresário gráfico Adriano Amarilla e, ao fundo, o vereador Edson Pires de Almeida, em 10 de setembro de 1971, na homenagem da Câmara Municipal ao Dia da Imprensa.

Toda boa matéria tinha um bom título. E ele dizia: 'por último vem o título'

Pois bem, o que falar desse homem? Pessoa íntegra, em quem a ética e os bons costumes prevaleciam. Ele sempre foi muito sério no seu trabalho e muito brincalhão em suas horas de distração. Um colecionador de discos, flâmulas, selos e muitas histórias.



Julia Kristina Viegas Tosin (filha de Theodorico e Iracema Lopes)

"Pense para falar, mas se falou arque com as consequências" era o que papai sempre dizia.

História marcante para mim, foi quando ele foi levado para o Paraguai preso por ter publicado uma pequena nota, onde falava que Dourados não precisava ter penitenciária de alta periculosidade ou de segurança máxima, e sim de escolas. Quem nos conta bem essa história é o Guta, filho do Coronel Marcondes, que na época deu ordem para trazê-lo de volta para Dourados. Hoje Dourados tem a penitenciária,

mas também se tornou um grande polo universitário.

Por outro lado, temos aí a história de um grande professor, sem nunca ter sido. Fundou em 67 a "folha de dourados" e o seu sonho era fazer o jornal virar um diário. Conseguiu, mas fez muito mais do que um jornal diário, fez dele uma grande faculdade sem diploma. De onde saíram muitos jornalistas renomados dentro do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, eles ficavam sabendo da dinâmica que esse tal jornalista trabalhava e vinham da Capital para se aperfeiçoarem com ele.

Enfim ficaria horas lembrando dos momentos que passamos juntos, acampamentos, pescarias, festas. Dançava como ninguém, música raiz ele amava e a Polca Paraguaya então!

Logico que tinha seus defeitos, mas sempre será o homem da minha vida.

Aos 14 anos datilografava os signos para a folha

Sou Denise, filha de Theodorico e Iracema. Estou longe da minha família, moro em Los Angeles, Califórnia e confesso que ainda é doloroso falar do meu pai. A saudade ainda dói em mim pela sua ausência.

Quando ele adoeceu estive bem próxima dele. Comecei a trabalhar muito jovem na **folha de Dourados**, junto com a Jussara minha irmã, eu tinha apenas 14 anos. Meu pai queria nos ensinar a trabalhar de um jeito mais amável do que a vida nos poderia ensinar. Nossa função era



Denise Viegas

datilografar os signos e eu como era mais arqueira, trocava todos eles e meu pai nunca ficou sabendo disso. O primo Antônio Viegas era o nosso chefe e cuidava de nós duas. Ele também nunca soube das nossas peripécias...vai ficar sabendo agora. Eu me divertia muito fazendo isso.

Tenho muito orgulho de falar do meu pai. Um homem íntegro, de um caráter inigualável, o meu exemplo de vida. Obrigada à equipe de hoje da **folha de dourados** pelo carinho ao nosso mestre Theodorico Viegas.

Imprensa douradense: uma escola de vida

Minha relação com a imprensa começou muito cedo. De maneira indireta, teve início quando meus pais se mudaram para Dourados, no final da década de 1960, trazendo a mim e irmãos. Ao chegar, meu pai foi trabalhar em uma fazenda, cujo proprietário era o falecido Antônio Tonani. Exatamente ele, que anos depois implantou a primeira rádio FM de Dourados, a 92,1, conhecida como Grande FM.

Porém, minha primeira incursão, de forma direta, foi na Revista "Tela": ao saber que existia uma vaga de faxineiro na revista comandada pelo finado Raul Gnutzmann, me ofereci para preenchê-la. Fui trabalhar, e no mesmo dia me convidaram para ser aprendiz de tipógrafo. Foi a mais rápida ascensão profissional que já vi...

Trabalhei algum tempo nessa revista onde aprendi a tipografia. Após isso, entre 1969 e 1970 fui trabalhar na gráfica do jornal "O Progresso", onde fiquei por cerca de dois anos. Depois, por volta de 1971, atuei no jornal "Tribuna do Povo", do finado ex-deputado Ivo Cerzósimo, e, em 1972, no jornal "Folha de Dourados", sempre como gráfico.

Na **folha de dourados**, trabalhei junto com o jornalista e hoje também blogueiro Valfrido Silva e com o dono da tipografia de Nova Alvorada do Sul, o Valeriano, entre outros. Nesta "Folha", muito aprendi com o proprietário, jornalista Theodorico Luiz Viegas.

Naquela época, vivíamos na ditadura militar, e houve um evento que marcou a todos nós, durante a nossa passagem pela **folha**. Foi a prisão do Theodorico por uma matéria na qual ele fazia uma crítica sobre a instalação



Geraldo Resende
Médico e deputado federal

de um presídio na cidade. Nesta matéria ele somente questionava: "por que em vez de instalar um presídio, não implantam uma escola?" Ele foi chamado a fazer um depoimento no quartel do

Exército em Ponta Porã lá ficou preso e somente retornou com a cabeça raspada, mostrando os anos de chumbo que vivemos na época.

Minha passagem pela **folha** foi im-

portantíssima, à medida em que naquele tempo a montagem do jornal era manual, em tipografia, antecedendo a linotipo e o processo digital de hoje. Na época, para compor um edital a gente demorava quase um dia, mas, ao mesmo tempo, aprendíamos muito com a leitura que tínhamos que fazer para a composição dos textos redigidos pelas pessoas mais cultas da época.

Ali aprendíamos o uso correto do Português e isso fez com que a gente tivesse, no futuro, um gosto apurado pela leitura. Portanto, a **folha de dourados**, a "Tribuna do Povo" e o "O Progresso" foram verdadeiras escolas na formação do meu conhecimento. Inclusive quando eu fui fazer o curso para o vestibular de Medicina, foi o que me deu condições de ser bem-sucedido nas disciplinas de Português e conhecimentos gerais, que se dividia entre História, Geografia e outras.

Escrevi durante determinado tempo algumas colunas, principalmente na área de esportes. Com apenas 16, 17 anos, eu frequentava o Estádio da Leda, quando havia os clássicos Operário versus Ubiratan e Rodoviário, além dos times da região como o 21 de Abril. A gente escrevia e as matérias eram publicadas nos jornais em que eu trabalhava.

Depois eu tive que ir embora para Campo Grande, e a profissão de tipógrafo foi importante, porque foi o que me manteve enquanto eu fazia o curso e trabalhava na Gráfica Alvorada, e também em Brasília, onde trabalhei na Gráfica Gutemberg.

Foi a bagagem adquirida na imprensa douradense que me deu conhecimento para que eu pudesse realizar o sonho de ser médico, ao ingressar na Faculdade de Medicina na Universidade Federal do Ceará. Foi por essa época que deixei a minha vida na imprensa e na tipografia, mas, ao longo de minha vida, continuei e sou até hoje um apaixonado pela leitura de jornais de Dourados, do estado e do Brasil, o que me permite dizer, com toda convicção que essa trajetória foi a melhor escola de vida que pude vivenciar.



Theodorico Viegas com equipe de redação e impressão da folha de dourados, durante uma confraternização.

Sou um vencedor e amo minha profissão

Comecei na Folha de Dourados em 1979. Eu vendia sorvetes e um dia parei numa casa para uma senhora comprar um picolé e ouvi um anúncio no rádio, no programa Encontro Matinal com Albino Mendes, na Rádio Clube que dizia que a folha de dourados estava contratando garoto como auxiliar. Nessa época tinha 12 anos e fui correndo pra lá. Chegando lá me deparei com o Theodorico que me perguntou: o que você quer moleque? Respondi que tinha ouvido o anúncio no rádio. Então ele me disse: tô precisando sim. Se quer trabalhar, pegue essa vassoura e comece a limpar o chão.

O chão era de terra batida e tinha que jogar água antes de varrer, para evitar a poeira. Na verdade as instalações eram numa velha casa de madeira, muito precária que ficava na Onofre Pereira de Matos, próximo ao Posto da Praça. Me lembro que tinham três linotipos (máquina de compor), sendo que duas funcionavam e a terceira era para tirar peças para colocar nas outras quando precisava.

Além da limpeza, minha outra função era recolher o chumbo que caía das caldeiras, para fundir e fazer novamente as barras de chumbo. Lá conheci Erminio, que a gente chamava de "boi" e quem for daquela época vai se lembrar. Ele era paginador e eu muito curioso e querendo aprender, ficava por ali vendo ele trabalhar no componedor, um equipamento onde ele dispunha os tipos ou caracteres móveis para montar as palavras e textos. Esses tipos eram de chumbo e que depois de prontos iam para impressão. Os textos eram compostos letra por letra.

Um dia cheguei pra ele e disse que queria aprender a compor, mas ele estava tão estressado e me disse que aquela profissão não era para qualquer um. Mas eu continuei insistindo e ele irritado com a minha insistência, pegou as gavetas onde estavam guardados os tipos, todos separados por letras e tamanho e jo-

gou tudo no chão e me disse, o dia que você conseguir organizar todo o abecedário gráfico nas gavetas, que eram cerca de 15, eu te ensino a paginar. Mas te garanto que você nunca vai conseguir.

O Antonio Viegas, que trabalhava na redação, ao ouvir a barulheira dos tipos de chumbo sendo jogados no chão, apareceu perguntando o que estava acontecendo. O Erminio, com o seu stress peculiar respondeu: "esse moleque aí tá querendo aprender a compor, então o dia que ele conseguir organizar os tipos, eu ensino ele". Foi meu grande desafio. Todos os dias após o expediente, eu ficava organizando os tipos nas gavetas, o que levou mais de um mês. Me lembro que ia pra casa tarde da noite e ficava horas separando tudo aquilo. Quando concluí o trabalho, fui até o Erminio mostrei a arrumação e lhe disse "agora você vai me ensinar a paginar" e ele o fez.

Depois algum tempo o Erminio saiu da Folha de Dourados e o Theodorico chegou pra mim e disse "agora além de paginador, você vai ter que ter imprimir o jornal" e lá fui eu novamente aprender um novo ofício. A gente começava a trabalhar na segunda-feira por jornal de 8 páginas estar nas bancas na sexta-feira.

Me recordo do Juarez, que era o linotipista e do Zaqueu, que a gente chamava de "barba", muita gente vai se lembrar deles. Naquela época, o material do governo do estado vinha por telex e eu tinha que ir na Enersul pegar as folhas com os textos para divulgação. Eu entregava aquele calhamaço de papel ao Antônio Viegas que digitava na Olivetti e encaminhava ao Juarez, que ia pro linotipo compor tudo de novo. E eu ficava esperando o material, muitas vezes ia pra casa tomava um café, voltava e apenas a metade da matéria estava pronta. Fazíamos a prova do material que corresponde à revisão dos textos, no mimeógrafo. Quando tinha erros, o material voltava pro linotipo para ser composta novamente. Gastávamos em média dois dias para rodar duas páginas do jornal. Cansamos de passar a noite trabalhando, muitas vezes 24 ho-



Hedio Fazan
Fotógrafo

ras dentro do jornal.

Depois da folha de dourados estar nas bancas na sexta-feira, começávamos outra jornada que era imprimir o jornal Democratas, de Caarapó. E assim foi por muito tempo. Quando ouvíamos falar na impressora off set, ficávamos admirados com a nova tecnologia que já existia em algumas gráficas por aqui, imaginando com a qualidade da impressão, sem as manchas e borrões típicos do linotipo. Tinha dias que trabalhávamos com tanto sono, tão cansados que durante a impressão só com os solavancos da impressora, os tipos se moviam e quando não parávamos a máquina para averiguar se estava tudo certo, nas linhas que os tipos se moviam ficava um borrão. Muitas vezes o Theodorico chegava e perguntava "quantos espaços vocês estouraram hoje?".

As fotos eram produzidas através de

clichês (capa metálica que traz gravada em relevo, a reprodução de uma composição tipográfica ou de uma imagem para ser impressa por prensa gráfica). Quando tinha foto no jornal, mandávamos pra Campo Grande e vinha tudo pelo correio. Entre o início e o fim desse processo, o tempo era de pelo menos dez dias. Olha vou dizer uma coisa, o jornalismo hoje é mel na chupeta. Tenho muito orgulho de ter passado por todo esse processo, foi minha grande escola.

Depois que sai da Folha de Dourados, fui para a Gazeta Popular onde também trabalhei na impressão e paginação e depois para o Diário do Povo, onde comecei entregando jornal, pois a imprensa já era por fotolito e eu não entendia nada.

Um dia o Vitão (Vitor Cales) me disse que estava precisando de um fotógrafo e me perguntou se eu queria aprender, ao que prontamente me dispus. Meu mestre foi o Mário Shimizu, devo muito a ele e a sua esposa Jacira. O Paulinho Falcão, que é outro pai, me levou até o Mario dizendo pra me ensinar a revelar filme. O Shimizu olhou pra mim e disse "o prazo é de um ano, se não aprender tá fora, pois a Jacira está aqui há dois anos e ainda não aprendeu". Fiquei por lá todo empolgado louco pra ir pro laboratório, mas por meu desencanto o Mário me disse "quer ficar aqui mesmo? Então pegue a vassoura e o rodo e limpe o laboratório".

Daí pra frente foi um grande aprendizado. Comecei com uma câmera Pentax e um filme de 36 poses preto e branco, com o Mario me mandando tirar foto de tudo quanto era coisa. Depois disso fomos pro laboratório fazer a revelação do filme. O Shimizu foi meu grande mestre, tanto que depois de dois meses ele chamou o Paulo Falcão e disse que eu já estava pronto e a partir daí assumi o laboratório do Diário do Povo.

Entre Diário do Povo e Diário MS foram 10 anos. E agora já são 18 anos no jornal O Progresso. Eu amo minha profissão e digo que o fotojornalismo tem um segredo. Eu levanto toda manhã com um pensamento na cabeça: tenho que produzir uma foto para a capa da edição de hoje, porque o meu editor vai pedir. Sempre tenho um olhar atento. Muitas vezes estou passando pela rua e me deparo com uma situação que registro e acaba virando a foto de capa. Tenho fotos publicadas na Folha de São Paulo, no jornal O Dia, do Rio de Janeiro e na Veja.

folha de dourados: meu primeiro emprego

Minha vida profissional se iniciou no dia 05 de fevereiro de 1978, quando um amigo me disse que na folha de dourados estava precisando de um ajudante de impressão. Na época com 14 anos, fui falar com o Theodorico Luiz Viegas e ver a possibilidade de conseguir aquela vaga. Após nossa conversa, perguntou se eu teria condições de começara trabalhar às 18:00hs. Disse que sim e fui para minha casa me preparar para meu primeiro dia de trabalho.

Nunca havia visto uma impressora, uma linotipo em minha vida. As fotos eram impressas em clichês (chapa de lata) que era colada a uma madeira para dar altura ideal para impressão. Para mim era tudo novidade. Novidade esta que me segurou por sete longos anos naquele periódico. Quando eu iria imaginar que as linhas que se lia num jornal eram impressas em chumbo. Para mim era tudo maravilhoso. Eu estava apren-

dendo uma profissão! Tinha meu salário e quase sempre meus vales, pois o atraso dos salários era sagrado todos os meses. Aprendi a operar a impressora, copiar os textos na linotipo, diagramar as páginas do jornal e, às vezes, arriscava em escrever algumas matérias.

Lembro-me dos equipamentos que eram utilizados naquela oficina gráfica, tais como: Tipo (as letras que se juntavam para formar palavras); Componidor (instrumento usado para juntar os tipos, ou seja, compor as palavras); Bolandeira (bandeja usada para montar as páginas do jornal); Clichês (fotos usadas para ser impressas nos jornais). Na Linotipo, usava-se como matéria prima o chumbo derretido para escrever as matérias do jornal. Além, é claro, da impressão onde fui contratado para ser ajudante.

Neste período trabalhei com várias pessoas que já faziam parte da equipe e outras que tiveram passagem curta pela Folha de Dourados. Não deveria citar nomes para não injustificar alguns porém, tem pessoas que ainda fazem parte de mi-



Edegar Alves Martins
Sindicalista

na vida, do meu convívio. São elas: Antonio Viegas, Pedro Boita Gomes, Hermínio Domingos Pinto, Carmo Tadeu dos Santos, João de Souza e Silva, Helio Minhos, Hedio Fazan, entre outros.

Hoje sou bancário do Bradesco. E se quiserem conferir, em 1985 sai da folha de dourados e ingressei no banco. Profissão esta que carregarei para sempre em meu currículo, pois estou aposentado por tempo de serviço cumprindo 35 anos de vida profissional. Graças a oportunidade que me foi dada por Theodorico Luiz Viegas e a folha de dourados, que me ensinou a lutar por meus direitos e hoje ser um sindicalista com a função de defender os direitos dos trabalhadores e trabalhadores bancários.

Sou muito feliz em fazer parte da história dos 50 anos da Folha. Afinal, foram 7 anos de dedicação e sofrimento para conseguir meu objetivo, que é, hoje poder estar relatando esta minha experiência adquirida no começo de minha vida. Meu primeiro emprego, meu primeiro salário, minha primeira paçoquinha com coca cola comprada no "bulicho do Nico" com dinheiro do meu salário. Quantas dificuldades! Quantos sofrimentos! Quantas noites sem dormir para dar conta do serviço! Mas hoje estou aqui relembrando com nostalgia de um tempo que não volta mais.

Jornalista por engano

Minha entrada para a lida jornalística foi uma obra do acaso, em janeiro de 1970, no auge dos anos de chumbo da ditadura militar. Havia terminado o ginásio e feito um curso de datilografia. Até então a única curiosidade que um jornal me despertara fora quanto à sua impressão. É que na minha infância costumava sair do bairro onde morávamos, a Cabeceira Alegre, para bisbilhotar a gráfica do jornal Gazeta do Sul, no centro da cidade, impressionando-me o fato de uma folha entrar em branco numa máquina e sair dali cheia de notícias.

A folha de dourados, fundada havia dois anos, estava ampliando seu quadro de funcionários. Indicado por meu pai, primo de Theodorico Luiz Viegas, diretor do jornal, fui o primeiro a chegar para um teste, numa segunda-feira, ao prédio da Distribuidora Mato-grossense, na Avenida Marcelino Pires, próximo da Praça Antonio João. O parente me recebeu com um balde, uma vassoura e um pano de chão, mandando-me fazer faxina. A empresa, que representava jornais "O Estadão", "Diário" e "Folha", todos de São Paulo, além da revista "O Cruzeiro", funcionava também como loja de discos, gráfica – onde era impressa a folha de dourados – e um serviço de alto-falante, que fazia uma desprezível concorrência com a Rádio Clube, a única emissora da cidade.

Levei quase toda a manhã para varrer a calçada e passar pano em todo o piso do prédio. Quando pensei que havia

terminado, com o pessoal que viera para o tal teste (só depois fiquei sabendo que era para repórter) chegando e entrando numa saleta na parte da frente, Theodorico me entrega uma lata de cera Parquetina e um esfregão: "quero tudo isso brilhando antes do almoço", disse-me, em tom irônico. Ele já estava sabendo do equívoco que cometera e só mais tarde fiquei sabendo que aquele serviço de faxineiro estava reservado a outro parente dele – meu primo Adão Viana, dispensado por chegar atrasado. Terminada a segunda tarefa do dia, não me dando oportunidade de reclamar pelo mal-entendido, levou-me até um cavalete sobre o qual havia uma caixa de tipos de metal móveis subdividida em caixotins, entregando-me um componedor. Ato contínuo, explicando como usar aquele estranho instrumento, onde se colocava letra por letra até se formarem frases, depois linhas sobre linhas, e medidas que formavam as colunas, que eram montadas sobre uma placa de metal – a bolandeira. Percebendo meu desapontamento, tentou me encorajar: "agora você vai começar o seu teste". Durante os primeiros meses na folha a rotina se repetia. Faxina de manhã, oficina à tarde. Quando não tinha muita coisa para compor fazia cobranças e, uma vez por semana, entregava a revista "O Cruzeiro" a meia dúzia de assinantes, entre eles o casal seu Maçaroca e dona Biluca.

De tanto lidar com as letrinhas na tipografia do jornal acabei tomando gosto pela coisa, e, no dia 9 de julho de 1970 foi publicado meu primeiro texto, assinado, depois de uma noite sem dormir em que consumi um caderno inteiro co-



Valfrido Silva

mo rascunho até concluir um texto analisando o resultado de um jogo de futebol que havia acompanhado à tarde no campo da LEDA, cobrindo folga do encarregado da cobertura esportiva aprovada no teste de redação.

Theodorico Viegas sempre foi um grande repórter. Naquela época as redações não eram divididas em departamentos. Aliás, nem redação existia. O dono do jornal normalmente era o repórter, o redator, o vendedor de espaço publicitário, tudo. Pauta? Ninguém nem sabia o que era isso! Nesta condição, depois de

um giro pelos grandes centros como representante de um laboratório de produtos farmacêuticos, tornando-se um habilidoso comunicador, resolveu entrar para a mídia. Retornando a Dourados, depois de passar por outros jornais, fundou a folha de dourados, em 1968. Inicialmente a "folha de dourados" (grafado assim mesmo, em letras minúsculas para, segundo ele, se diferenciar dos demais jornais) circulava apenas aos sábados, passando, na virada da década de setenta. Daí para diário foi um pulo – o primeiro jornal diário de Dourados. "Diário", de segunda a sábado, como acontece até hoje. A ousadia de Theodorico era para fazer frente ao poderio de "O Progresso", título trazido de Ponta Porã para Dourados em 1951 pelo poeta Weimar Torres.

Como o governo militar censurava a imprensa, antes de publicadas as matérias precisavam do crivo de alguém da caserna e como aqui não havia quartéis quem dava a autorização para publicação de textos que pudessem gerar alguma polêmica era o delegado de polícia. Foi assim que Theodorico foi parar na cadeia, depois de um entrevisto com um major PM que exercia o cargo de delegado regional de polícia. Tive minha parcela de culpa neste episódio, pois a matéria que gerou a confusão, criticando o governador José Fragelli pela intenção de construir um presídio em Dourados, estava em stand by. Ele fez o texto e logo em seguida precisou ir a Fátima do Sul, não dando tempo de mostrar ao delegado, não sem antes me alertar para aquela pendência. Como não havia nada mais interessante, paguei a matéria do presídio e fiquei aguardando pelo seu retorno. Ao chegar, já tarde da noite, quis ver as provas do jornal. Ainda me perguntou se eu não tinha outra matéria para colocar no lugar. Foi minha primeira grande lição sobre censura, no exato momento em que ascendia à condição de repórter.

folha de dourados vendia igual a pão quente

Quando cheguei em Dourados, no início de 1976, vindo de Campo Grande, onde trabalhei por dois anos no extinto Diário da Serra, me incorporei à equipe da Folha de Dourados, dirigida pela intrépido Theodorico Luiz Viegas e sendo correspondente do Correio do Estado, da Capital, e do jornal O Estado de S. Paulo, o chamado até hoje de Estadão.

A folha de dourados, ao lado de O Progresso, era tri-semanário. Passados alguns meses, amadureceu a ideia de fazer a folha diário, com seis páginas. E assim aconteceu. As matérias policiais sempre muito chamativas, do dia anterior, estavam estampadas no dia seguinte. Foi um sucesso de vendas nas bancas como a do Jaime e do Nelson. O jornal vendia igual a pão quente, esgotava muitas vezes. E sentindo a "ousadia" do concorrente, O Progresso também passou a sair diaria-

mente.

A folha de dourados era ainda "a quente", ou seja, confeccionado por linotipo, máquina que usava chumbo para fazer as letras e as fotos viravam clichê de metal e depois de plástico, para a impressão. Tudo rudimentar, mas era o que se tinha à época, antes da impressão off set.

Saindo da folha fui trabalhar com o recém-lançado "Jornal da Praça", dirigido pelo João Natalício de Oliveira. O JP trouxe uma nova linguagem para o jornalismo douradense, mais moderna. Mas esse diário teve vida curta em Dourados e foi para Ponta Porã. Depois fui contratado pelo O Progresso, que já estava sendo impresso em off set, uma modernidade. Paralelamente continuava fazendo material para o Correio do Estado e ao Estadão, com uma imensa dificuldade para repassar as reportagens por falta de comunicação. Um ligação para São Paulo, pedida logo pela manhã, somente seria completada à tarde, se desse sorte. Depois



Cícero Faria

chegaram o telex e o fax, grande avanço.

Tive passagem ainda pela Rádio Clube de Dourados, trabalhando ao lado do Cloé Fazzano, falecido. Era uma batalha 'fechar' o "Fatos e Notícias", que ia ao ar diariamente duas vezes – cedo e a na hora do almoço.

Em 1988 fui contratado para trabalhar na Sucursal da "Folha de Londrina", um dos mais importantes do Paraná. Grande experiência durante dois anos pela ansia da redação de reportagens especiais e cobertura das notícias do sul do Estado, por onde a Folha circulava com grande penetração.

No Correio do Estado, permaneci entre idas e vindas, mais de 20 anos trabalhando na sucursal de Dourados. Sai em 2014. Em paralelo, iniciei em 2001, o programa "Grande FM Rural" na 92,1 FM, que está no ar até hoje. Em 2017 fui incorporado de vez no setor de jornalismo da Grande FM, participando diariamente da sua programação. Em O Progresso a coluna "Informe C" permanece em suas páginas, há 30 anos.

Paralelo ao trabalho nos jornais, ainda exerci funções públicas, como as assessorias da Câmara de Dourados e da Prefeitura (Humberto Teixeira) e em entidades, como a Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado (Aeams), Sindicato Rural de Dourados e Associação Comercial e Empresarial de Dourados (Aced). Sou fundador do Clube de Imprensa de Dourados (CID) e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Grande Dourados.

agência digital

FATURE MAIS! INVISTA EM COMUNICAÇÃO

A 2mil pode fazer toda a sua comunicação.
Somos uma agência completa!

www.2milpublicidade.com.br

Dourados-MS | 67 3422-2007

Tradicional

Criação de identidade visual
Banners • Folders • Flyers
Cartões de visitas
Anúncios para jornal e revista
Spot para rádio

Digital

Design e desenvolvimento de sites
E-mail marketing • Geração de conteúdo
Gerenciamento de mídias sociais
Inbound marketing • Mídia paga online
Produção de vídeos • SEO/SEM

Marketing 2mil
digital e na Publicidade

Rua Joaquim A. Taveira,
3095 | Vila Progresso
CEP 79825-060



'Somos fortes e temos a confiança que podemos superar qualquer obstáculo'

Ao longo de sete décadas, o Jornal O Progresso se mantém firme no propósito de continuar testemunhando as grandes transformações de Dourados, do MS e do Brasil

Marcos Morandi



Adiles do Amaral Torres

Prosperidade. Esta é a palavra que define a história de uma empresa que desafiou o tempo e se mantém firme no propósito de continuar testemunhando as grandes transformações de Dourados, de Mato Grosso do Sul e do Brasil. "No começo não foi fácil. Depois evoluiu muito. No momento estamos vivendo os reflexos de uma grande crise econômica e política que assola o Brasil. Entretanto, somos fortes e temos a confiança que podemos superar qualquer obstáculo", afirma a diretora-presidente do Jornal O Progresso, a advogada Adiles do Amaral Torres, pioneira colunista social do Estado.

Na realidade, a trajetória de sucesso O Progresso, que ingressa no 68º ano de existência, começa em 1920 com o advogado José dos Passos Rangel Torres, que inicia a criação do primeiro veículo de comunicação do sul de Mato Grosso. Instalado em Ponta Porã, o processo de impressão era realizado em Campo Grande. Advogado formado na Paraíba, José dos Passos foi nomeado Promotor da Comarca da cidade, encerrando a curta trajetória de sete anos do veículo na fronteira.

A circulação do jornal O Progresso renasceu no coração do filho e também advogado Weimar Gonçalves Torres, em 1951, em Dourados. Na cidade, Weimar instala o escritório de advocacia em 1948. Em 1951, casa-se com Adiles do Amaral, filha de Vlademir Muller do Amaral, agrimensor, pecuarista e comercian-

te. Weimar era apaixonado pela arte de escrever. Jornalista e poeta, tinha grande sentimento político. Em 1950 foi eleito vereador para a Câmara de Dourados. Em 1951, Weimar decide fazer circular novamente O Progresso, agora em Dourados. Weimar busca em Ponta Porã, as máquinas da gráfica do amigo Aristides Brandão.

Candidato a deputado Estadual em 1959, não alcançou a vitória desejada, tendo exercido o mandato por apenas três meses, como suplente. Neste mesmo período exerceu o cargo de Promotor Público de Justiça na Comarca de Dourados e dirigiu a Rádio Clube, tendo então, organizado aquela discoteca. Foi um dos elaboradores dos Estatutos do Clube Social de Dourados. Em 1966 conseguiu reali-

zar a aspiração máxima da vida pública, elegendo-se deputado federal. O sonho era organizar uma Fundação para distribuir bolsas de estudos para os estudantes pobres. Mas quando regressava de Brasília, em 14 de setembro de 1969, morre tragicamente, vítima de um desastre de avião, na cidade de Londrina (PR).

Depois da morte do genro, Vlademir Müller do Amaral, que já atuava como sócio desde 1966, passou a gerenciar o veículo de comunicação. Mantendo a mesma postura de Weimar, com os investimentos e crescimento do jornal. Vlademir, assim como Weimar, lutava pela educação na cidade. O pioneiro em Dourados doou terrenos para a construção de escola e centro de formação superior. Em alguns pontos que foram doados pela família Amaral, atualmente funcionam instituições como a Escola Presidente Vargas, Universidade Federal da Grande Dourados, (antigo Ceud) e escola Imaculada Conceição.

Com a morte do pai em 1982, Adiles do Amaral Torres assumiu o comando da empresa e, a partir de 1985, passou a assinar como diretora-presidente. Hoje, Adiles conta com o apoio das filhas e sócias, Blanche Maria Torres, que exerce o cargo de diretora-superintendente e June Angela Torres, diretora executiva.

Ao longo destas décadas, o periódico passou por altos e baixos, mas persistiu com garra, determinação e profissionalismo. "Aprendi com o Weimar e com o meu pai que os funcionários e os leitores são os maiores bens desse jornal", relata Adiles. A força do jornal vem principalmente dos leitores, dos assinantes, anunciantes, colaboradores e funcionários que, junto com a direção da empresa, fazem deste matutino um novo jornal a cada dia.

A diretora-presidente garante que O Progresso é um veículo que desde os primórdios carrega a missão de ser porta-

voz não apenas de uma cidade, mas de toda uma região, segue fiel com seu compromisso de servir à sociedade de Mato Grosso do Sul. (Fonte: Jornal O Progresso)

ENTREVISTA

FD – O Jornal O Progresso é o mais antigo de Dourados. A senhora foi de mãe à diretora Presidente. Como foi essa trajetória?

Adiles: Meu pai Vlademiro me orientou bastante e ensinou-me como dirigir uma empresa, já que na época eu era apenas uma colunista.

A senhora é conhecida como a "dama de ferro" da imprensa douradense. A que a senhora atribui esse tratamento?

Acho que é porque eu sou a única mulher a frente de um jornal, já por tantos anos.

O Jornal O Progresso é uma empresa familiar. Hoje a senhora e suas filhas estão na direção, mas seus netos já assumem responsabilidades na empresa. Como vem sendo feita essa transição?

Ainda não é transição, mas minha neta Louise Torres está assumindo pra valer e levando avante O Progresso online, com muita competência.

O que mudou no jornalismo com o advento da internet?

Está dividido, os mais velhos gostam do escrito e os mais jovens do online.

Na sua opinião, qual o futuro no jornal impresso?

Muitos dizem que o futuro do impresso é diminuir a distribuição ou parar e ficar somente o online.

Quais suas expectativas para o futuro Jornal O Progresso?

Enquanto eu viver e tiver capacidade vou fazer de tudo para continuar, mas vamos ver até quando, pois o Weimar sempre me falou que o dia que ele partisse era para não deixar o jornal parar.

Folha do MS a informação ao alcance de todos

No dia 1º de Julho de 2007, por iniciativa do contabilista José Roberto Mattos e Souza e do publicitário José Laerte Ramos entrava no ar mais um canal de comunicação de Dourados. Com instalações humildes, na rua João Cândido da Câmara, esquina com a Ciro Mello, os jornalistas Cergio Ferraz e Oscar Ataíde iniciavam

os trabalhos, sem a intenção inicial em fazer frente aos sites tradicionais, e sim, de ser um veículo para levar informações em tempo real aos internautas de Dourados e de outras partes do País e do Mundo, focando sempre para o resgate e tradições da história de Dourados.

Sempre capitaneados pela saudosa



Dona Clarinda Mattos, aos poucos o projeto tomou corpo e logo em seguida vieram outros colaboradores, como o incansável Osvaldinho Duarte, o intrépido e saudoso Eduardo Palomita, o nosso "severino", Jorge Leite, entre tantos outros que de uma forma ou de outra colaboraram e continuam embuídos neste projeto.

Hoje, o site passa por uma fase de

reestruturação e é administrado pelo diretor José Roberto Mattos e seu filho Felipe Mattos. Para o começo de 2019 vem com grandes novidades, com nova equipe de jornalistas e publicitários para continuar levando informação de qualidade aos seus leitores.

Para saber mais, acesse: www.folhadosms.com.br

Sites de notícias de Dourados

Abaixo a relação dos sites pesquisados na internet.

- Agora Ms
- AZ Notícias
- BBC NEWS
- Dourados Agora
- Dourados News
- Douranews
- Dourados Esportivo
- Dourados Informa
- Estado de Notícias
- Exportiva do MS
- Folha de Dourados
- Folha do MS
- Gazeta MS
- Midiaflex
- MS em Foco
- MS Já
- MS Total
- O Vigilante
- Patrulha da Cidade
- Preliminar
- Repórter MS

Túnel do Tempo



Em 1983, Luiz Tamisari (in memoriam), Zenyl Araújo e Aparecido Frota, na cobertura de formatura da UEMS



Julio Leal e Dalva Gonçalves no Clube de Imprensa de Dourados preparando um pucheiro na década de 90

Do microfone às teclas: 30 anos de Jornalismo

No mesmo período em que a folha de dourados comemora 50 anos, eu, como profissional de imprensa estou completando 30 anos de jornalismo, com início, oficialmente, nos microfones da Rádio Jornal de Amambai, onde atuei como locutor de programa de música sertaneja, nas madrugadas até o início manhã, no final de tardes e, em parceria como então colega de emissora, Adair Terra, o Terrinha, a redação e apresentação de um jornal falado diário, no horário de almoço e, atualmente, dedico-me ao mesmo trabalho, no Jornalismo, às teclas de meu computador, como jornalista de O Progresso, jornal de circulação diária em Mato Grosso do Sul, a partir de Dourados.

Porém, para estar nestas páginas, não poderia deixar de recordar a passagem, mesmo que atípica e mais como colaborador, na folha de dourados, já dirigida pelo colega José Henrique Marques, que herdou - adquiriu - os direitos da empresa jornalística do experiente, pioneiro, beneplácito e dedicado jornalista Theodorico Luiz Viegas, um "naqueador" tradicional e veterano da imprensa douradense e da região de fronteira.

Em Amambai, além da locução, também realizava reportagens externas, coberturas de fatos e, em uma oportunida-

de, a transmissão do desfile de aniversário da cidade. Na emissora, a primeira da carreira, fui protagonista de um acidente de "percurso", quando apresentava um programa fora da minha área de atuação, de música popular e aproveitava os intervalos entre as músicas e a locução para gravar anúncios para a emissora. Em um desses intervalos, como o texto estava rasurado, errava a pronúncia da palavra e, em uma dessas oportunidades, o áudio do estúdio de gravação vazou ao vivo com alguns palavrões.

De Amambai, no ano seguinte, 1989, depois de confiar no "caçador de marajás", a mudança para Dourados, os testes em algumas emissoras de rádio e a proposta do empresário e radialista Jorge Antonio Salomão para trabalhar na então Rádio Itaporã, que tinha estúdios e transmissores à margem da rodovia MS-156, onde passei a apresentar um programa das 5 às 8h da manhã e, depois, até ao meio-dia.

Depois, Gilberto Orlando assumiu a direção da emissora, mudando a denominação para Rádio Alvorada e revelou nomes como Negão da Arapuca e Tânia Cristina, que dividiam comigo a locução. Na sequência, também substituí o vozeirão de Valter Pitarelli, que se afastou do microfone para candidatar-se a cargo público e, posteriormente, recebi o convite para trabalhar na Rádio Tupinambás, como apresentador do programa sertanejo da madrugada; no programa de negócios



Elvio Lopes

e oportunidades ao meio-dia e, na reportagem de rua como o Repórter 1060, quando também elaborava os textos para o noticiário da emissora, que apresentava com Marçal Filho.

E, depois de cinco anos de intimidação com os microfones, porém, mantendo os dedos ágeis nas teclas da Olivetti, o episódio dos legumes que envolveu um secretário Municipal resultou no encerramento da carreira de radialista e o consequente surgimento do repórter no Jornal Correio do Estado, a convite do colega Cícero Faria, onde permaneci por 14

anos como um dos correspondentes em Dourados e na assessoria na Prefeitura Municipal. Também nessa época presidi o Clube de Imprensa de Dourados (CID), onde tive a oportunidade de concluir a obra física iniciada pelos colegas nos mandatos anteriores.

Antes de terminar o mandato de Humberto Teixeira, convite de d. Adiles do Amaral Torres para integrar o grupo de colaboradores do Jornal O Progresso, onde permaneci até 2004 como editor dos cadernos de Polícia, Cultura (B) e regional (Cidades) e publicava a coluna Sem Censura.

Após a parceria com O Progresso, um breve período de colaboração com a folha de dourados, para onde foi a Sem Censura e o ingresso no Diário MS, então gerido pelo empresário Vitor Cabornera Cales. Tive que deixar o jornal em julho de 2010, para acompanhar a família em Mato Grosso, onde passei a atuar na assessoria de Comunicação do município de Colniza.

De Mato Grosso, o retorno para Campo Grande, para uma cirurgia de enucleação do olho esquerdo, afetado por um melanoma de coróide, realizada com sucesso em 2012 e que resultou em tratamento na Escola de Medicina da Universidade Federal de São Paulo e o retorno ao Jornal O Progresso.

A todos os colegas, radialistas e jornalistas, aos colaboradores, parceiros, patrões, meus agradecimentos por participar da minha carreira nessas três décadas de muito trabalho pela informação.

Com muito orgulho profissional, completo, em 2018, 30 anos de Jornalismo, do microfone às teclas, primeiro das máquinas de escrever manuais, Olivetti e Remington e, já no século XXI, o contato com as do computador.

Uma experiência, uma família, uma história

Seis anos. Parece que foi ontem. Lembranças, aprendizagens, parceria, correria, muitas notícias e confraternizações. Afinal numa empresa, os funcionários se tornam uma família. Saudades dos que estão e dos que já se foram. A minha experiência profissional no Jornal O Progresso foi marcada por isso e muito mais.

Tenho muito orgulho de falar para os meus filhos e alunos que um dia fiz parte desse jornal, referência para os demais. Pensamento e ação por uma vida melhor. Essa frase marcou mesmo tudo que vivenciei e aprendi no meio jornalístico.

O jornalismo nos leva ao esperado e inesperado. Notícias que surgem a todo momento. Tristes ou alegres. Notícias às vezes demoradas para chegar. Como nas eleições que os votos eram computados manualmente e as edições finalizadas de madrugada. Afinal as manchetes valem ouro na capa do jornal. Os furos de reportagens disputadíssimos. Mas também vi edições serem fechadas rápidas e era um alívio, às vezes. Toda a equipe era dedicada, mas a revisão é algo que pode escapar erros...e isso todo mundo nota. Era uma pressão psicológica grande, mas uma satisfação enorme de chegar no outro dia e ter saído tudo perfeito. E outras vezes nem tão perfeito.

As tecnologias eram aperfeiçoadas. Da foto branca e preta para a colorida. Das inúmeras tentativas de ter uma resolução boa e melhor que o concorrente. A preocupação da dona Adiles sempre foi em levar o melhor jornalismo e qualidade de impressão. Eu vi e convivi com uma pessoa humana que sempre ajudou os funcionários

a crescerem. Todo mundo da sociedade queria ter uma foto na Coluna da Adiles.

Percebi que as matérias mais esperadas pelos leitores eram na página policial e política que encontravam e não tinha uma linha sensacionalista. Os editoriais eram precisos e cuidadosamente elaborados. A cada edição um paradoxo diferente.

Quando iniciei no Jornal O Progresso, as correções eram feitas diretamente no papel. As diagramações, montadas manualmente como se fosse pintar uma obra de arte. Todo esse processo foi evoluindo para o page maker, onde as páginas saiam prontas para a correção.

Eu, era só uma, para corrigir um jornal todo. No começo ficava perdida em tantos papéis, caixas, anúncios. Era muita leitura para fazer. Mas foi a minha maior oportunidade de conseguir entrar num jornal tão conceituado e consequentemente adquirir experiência. Hoje qualquer palavra falada ou escrita errada, por alguns colegas, eu tenho que corrigir. Um hábito que até hoje carrego comigo.

E o disquete? Parecia moderno. Não existia a correspondência eletrônica e nem pen drive. Os colonistas utilizavam esse recurso. Isso porque antes as matérias tinham que ser digitadas. Sim, tinham os digitadores. Revisão era quase uma máquina. Só que humana.

Lembro de alguns fatos marcantes: Concurso de Miss Brasil, que ganhou uma douradense. A Copa do Mundo em que o Ronaldo passou mal. E nem poderíamos imaginar que teríamos uma copa bem pior do que aquela. A equipe ficava atenta ao jogo e ao andamento do periódico. Era muita adrenalina conviver com as notícias saindo fresquinhas. As fotos precisavam de um tempo para revelar. Mas pude convi-



Sirlei Cássia Marcomini*

ver com as duas evoluções da fotografia. Afinal a máquina digital veio para agilizar esse processo.

A importância da comunicação através do impresso envolve o emissor e receptor como elos importantes. Quem vivencia o que ocorre nesse meio percebe que a expectativa para ver todo o trabalho no dia seguinte é gerada pela equipe, pelos assinantes e os que compravam em bancas. Era prazerosa cada edição realizada. Sempre tentando superar-se na qualidade.

Com o passar dos anos, havia uma preocupação: será que o jornal virtual tomaria conta e o impresso acabaria? Mas o que vemos é que as duas formas de comunicação são vistas com bons olhos. Há espaços pa-

ra ambas. De um lado a agilidade da mídia tecnológica, do outro o prazer de ler folheando cada página, sem pressa. A internet nasceu com vocação libertária, tornando-se o meio principal de comunicação livre e barata entre as pessoas, organizações e movimentos sociais. Além de ferramenta poderosa de pesquisa, registro, processamento e guarda de conhecimento, é ao mesmo tempo uma nova mídia, um novo meio de transmissão, de articulação e mobilização. Mas mesmo assim o jornal impresso tem o seu valor preavaliado para um leitor cativo.

Voltando sobre os recursos, acabei sonhando com um da época. "O que faz o nosso compromisso de finalizar um artigo?". Então, alguém lembra do fax? Era uma mão na roda. Barulhinho bom aquele. Inesquecível. Apreensão para chegar a notícia e as vezes chegava toda borrada, pela meta-de, mas não falhava. Para os dessa geração, fax é um dispositivo tecnológico, que permite transmitir documentos, textos e outros dados através de uma linha telefônica gerando uma cópia.

Foram vivências tão expressivas para minha vida que ainda tenho um vínculo que contribui sistematicamente. Hoje atuo como professora e o gênero textual jornalístico é conteúdo de grande referência para os alunos. As propagandas, anúncios, os artigos, as notícias são fontes de informações e de aprendizagem. Em tempos de interatividade via telefone celular e internet, é tarefa da escola fazer com que os alunos se interessem pela leitura de jornais, pois, cria-se um hábito para sua formação crítica perante a atual conjuntura política e social.

Todo esse pensamento por uma vida melhor levarei sempre comigo. E hoje, como leitora espero ver notícias mais felizes para o povo brasileiro.

*Professora na rede municipal, supervisora do Pibid (Unigran) na Escola Sócrates Câmara, pós graduada em séries iniciais e educação especial.

Amigas para sempre

Saudade hoje é uma palavra que define a Marcia Regina Carreri.

Alegria, inquietação, inteligência, agilidade, curiosidade, expansividade, amizade, profissionalismo também são.

Acho que ela significa tudo isso não só para mim, sua amiga desde a infância e para sempre, mas para todos que com ela conviveram, até quando os Deuses decidiram precocemente que era hora de ela partir e nos deixar um vazio imenso.

O "jornalismo na veia" nasceu com ela. Sempre curiosa, agitada, estudiosa, essencialmente intuitiva e comunicativa, ela já sabia o que viria a ser, antes mesmo de escolher cursar Comunicação Social.

Nos conhecemos aos onze anos de idade e juntas estudamos, fomos crescendo e descobrindo a vida, amigas inseparáveis até a faculdade, que cursamos na mesma turma da Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, SP. Ali ambas conhecemos e nos tornamos amigas para sempre também da Dalva Gonçalves. Moramos e cursamos a faculdade as três juntas. Tempos de tenra juventude e muita farra, quando tudo era diversão, crescimento e aprendizado. Foi bom demais!

Quando adolescentes, Marcinha e eu formávamos uma dupla terrível no colégio. Liderávamos movimentos para reivindicar uma infinidade de coisas. Desde mais aulas de filosofia, (e menos de física), até mais horas de treinos para compe-

tirmos nos campeonatos oficiais. Passávamos o dia no colégio: jogávamos vôlei, basquete, handball, praticávamos atletismo, natação e agitávamos muito. Eu, a altona (tenho 1,80m) e a Marcia, a baixinha (ela tinha pouco mais de 1,50m), a dupla inseparável e popular. Nossos namorados também tinham que ser grandes amigos, porque fazíamos muitas coisas juntas.

Organizávamos festinhas durante todos os finais de semana, revezando as nossas casas. Na dela havia um quarto de som, que ela decorava com estrelas fluorescentes no teto e luz negra! Ah! Como curtimos os anos 70 e 80, acompanhando o chumbo da ditadura, mas ainda muito jovens para sermos ativistas.

A Marcinha devo definitivos conhecimentos e influências. Foi com ela que aprendi a amar a mega banda de rock Queen, que marcou nossa adolescência (de quem na nossa geração não?) e que me foi apresentada por ela. Assim como os Carpenters. Ela adorava estudar inglês e o fazia por intermédio das músicas que cantávamos e traduzíamos. Ela curtia também Elvis Presley e todas as vertentes do Rock and Roll. Colecionava uma infinidade de vinis. Por isso devo a ela, ainda, minha iniciação ao inglês.

Foi por causa da Marcinha também que, entre tantas outras coisas, aprendi a dirigir. Quando entramos na faculdade ela foi a primeira a ter um carro e não hesitava em passar a direção para mim, super neófito no assunto, especialmente quando saíamos à noite e ela não dispensava



Janete Leão Ferraz *

uma cervejinha.

Finda a faculdade, a Dalva voltou para Dourados, sua terra natal, e minha inseparável amiga se mandou também para o Mato Grosso do Sul, Coxim onde os pais compraram um hotel de pescaria e se instalaram. Mas logo se mudou para Dourados e adotou a cidade como sua morada de afeto.

Foi no MS, em Dourados, que Marcia Regina Carreri compôs uma brilhante carreira como jornalista, em rádio, TV e impressos.

Lembro-me vivamente de uma visita que fiz a ela e me espantei, pois Marcinha dormia com rádio e TV ligados (tudo junto ao mesmo tempo) e se afogava em jornais impressos pela manhã. Era louca pelo jornalismo e pela política locais. Conhecia e

era conhecida por todos na cidade.

Saíamos pelas ruas avermelhadas de Dourados e lá ia ela cumprimentando gente pelo caminho, sem parar. Era apaixonada pela vida e pelo trabalho e era amiga das pessoas. De todas, sem distinção.

Eu a visitei poucas vezes e ela a mim, a distância e a correria da vida nos engoliu, fazendo com que nos víssemos poucas vezes, depois de adultas. De fato, ela já se encontrava bastante doente, mas o brilho em seus olhos e sua vivacidade permaneciam intactas. Conversamos, rimos e choramos por mais de 24 horas, sem parar. E foi quando ela me apresentou sua mais perfeita obra, a Uli, sua filha.

Sempre agitando, cheia de novidades da minha saudosa Marcinha...

* Jornalista premiada, com longas passagens pelas Revistas Veja e IstoÉ. Autora, entre outros, dos livros "De Top Model a Ex-obesa: uma relação íntima com a balança"; "Escola e Preconceito", com Mario Sergio Cortella e "Casamento 10: Mais de 500 dicas, que não estão no seu smartphone, para uma festa perfeita". É CEO da Ferraz Cortella Comunicações e Eventos, especializada em curadoria de palestras, criação de conteúdos e edição de livros.



O sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação – SIMTED, de Dourados é fruto de um período histórico da vida nacional caracterizado por uma dualidade: de um lado, o Estado de exceção, a ditadura militar, a partir do golpe de 1964 e, consequentemente, de outro, um movimento de grande contestação por parte de setores da sociedade, sobretudo dos mais intelectualizados, caso dos/as profissionais da Educação. Não havia a possibilidade de livre sindicalização e as categorias profissionais se organizavam em associações.

Desta forma, o SIMTED de Dourados, nasceu como ADP (Associação Douradense de Professores) a partir de uma reunião entre os professores José Laerte Cecílio Tetila, Sultan Rasslan, Wilson Valentim Biasotto e Antônio Carlos Biffi, que se propuseram a organizar uma entidade que representasse os interesses dos professores e profes-

O professor Sultan Rasslan, que era presidente da Câmara Municipal colocou o recinto da Câmara à disposição para as reuniões que resultou na fundação da referida associação. O grupo de trabalho elegeu como principal tarefa a elaboração de um projeto de estatuto para a futura associação.

Em 07 de maio de 1978, foi realizada no Anfiteatro do Centro Pedagógico de Dourados (CPD), atual UFGD, a 1ª Assembleia Geral dos professores/as de Dourados com o objetivo de formar e instalar a Associação Douradense de Professores/as. Compareceram 104 professores/as e os trabalhos foram presididos pelo Professor José Laerte Cecílio Tetila, que era, até então, o presidente da diretoria provisória.

O Encontro foi marcado por discussões extremamente ricas sobre a forma de organizar a luta dos/as profissionais da educação e como coroamento foi eleita a chapa única, que concorreu e venceu a primeira eleição da ADP, que teve como presidente o professor Wilson Valentim Biasoto. Essa diretoria construiu um alicerce tão sólido, que até hoje o sindicato é respeitado em todo o Estado pela sua organização, tradição, seriedade e liderança.

Com o processo de redemocratização do país e a promulgação da Constituição Cidadã de 1988, os/as servidores/as públicos/as puderam se sindicalizar e, então, no dia 14 de março de 1989, a ADP transformou-se em SIMTED (Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação de Dourados), que era presidido à época pelo professor Lauro Sérgio Davi. Na sequência, o sindicato foi presidido pelos Professores: Rudimar Zachert (1991 a 1995), Ricardo Anzoategui, (1995 a 1999), José Carlos Brumatti (1999-2006 e 2009-2012), Eliza Cristaldo Romero Ogima (2006 a 2009), João Vanderley Azevedo (2012-2015) e Gleice Jane Barbosa (2015 a 2018). Atualmente o SIMTED é presidido pelo professor Juliano Meneghetti Mazzini (eleito para o triênio 2018-2021).

40
ANOS

40 ANOS DE LUTA
EM PROL DOS(AS) TRABALHADORES(AS) EM EDUCAÇÃO

Defesa dos direitos humanos e sociais: a política e o jornalismo nas veias

A política sempre esteve em minhas veias, assim como o jornalismo. Eu participava de todas as atividades da escola em que cursei todo o meu ensino fundamental, a Dom Aquino - desde teatros a Grêmio Estudantil. Meu tio, Sidnei, foi minha inspiração inicial. Ele foi linotipista (confeccionava textos ou laudas gráficas) no Estado, mas após um acidente automobilístico desenvolveu a esquizofrenia e não mais atuou. Em seus sonhos, ele queria que eu fosse jornalista e eu escolhi mesmo ser.

Formada pelo Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran), fiz parte do Centro Acadêmico, representei os alunos no Comitê de Comunicação no projeto "Dourados Cidade Educadora", fiz estágio no então Decom (Departamento de Comunicação) da faculdade, que me rendeu indicação a outro, na Assessoria de Comunicação da Prefeitura e, logo depois, o primeiro emprego no principal jornal virtual do interior do estado e mais antigo, o Dourados News.

Após essa experiência, também tive uma empresa, a MS Já - Comunicação, trabalhando com jornalismo online. Neste tempo, fui reconhecida duas vezes na Câmara de Vereadores pelo meu trabalho no município, como mulher empreendedora, mas conheci uma face difícil do jornalismo, de depender de verba pública para sobreviver. Como trabalhar tentando ser o mais neutra possível, com a tal imparcialidade, neste contexto? Não valia a pena.

Vejo, então, duas questões importantes diante desse relato: os jornais, principalmente o impresso, sendo durante os anos "castigados" pela crise do cenário político e econômico, financiados pelo Poder Público, e a revolução digital levando meu caminho aos online. Colaborando com esse panorama, temos atualmente as reformas, como a trabalhista e a de terceirização, em uma onda cada vez maior de precarização da profissão, retirada de direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e os vários questionamentos sobre a ética na profissão. Além ainda da censura dentro dos próprios veículos, desde as pequenas empresas às grandes corporações.

Falando em ética, para mim, uma das partes mais importantes do nosso Código é a que dialoga com toda esta narrativa, como dever do jornalista opor-se ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, divulgar as informações de interesse público e lutar pela liberdade de pensamento e de expressão. É isso e continua sendo: o jornalismo sempre me contagiou pela luta popular.

Neste sentido, acredito que as pessoas precisam ter acesso à informação de qualidade, pois para o cidadão e a cidadã tomarem decisões, é necessário, por exemplo, conhecer sobre o espaço em que vivem, sendo difícil se as pessoas tiverem mais acesso ao noticiário nacional nos jornais da cidade. O que é importante, portanto: se fazer necessário, seja online ou impresso.

Com a vitória do presidente Donald Trump nas eleições de 2016, porém, há um grande problema, que tanto as redações desses veículos quanto as assessorias enfrentam nos endereços até considerados com credibilidade: as notícias falsas, conhecida pelo termo "fake news". O que não significa que elas não existiam antigamente.

Para entender um pouco sobre isso vou falar sobre a minha trajetória. Nasci em Dourados, mas cresci no distrito de Panambi (Borboleta, em Guarani). Um local que era chamado de "República", devido a ser um reduto político. Meu bisavô, pioneiro na região, Gumerindo Bianchi, foi vereador aqui, mas teve o mandato cassado durante o Regime Militar acusado de ser comunista. Naquela época, segundo a historiadora Susana Arakaki, pessoas que defendiam essa ideologia eram chamadas de "monstros comunistas devoradores de crianças". Quem não denunciasse o vizinho "comunista" seria considerado comunista também. Fico pensando no quanto meu bisavô deve ter sofrido, sem razão, com o que hoje chamam de Fake News, acusado pelos próprios colegas de atos que ele não cometeu. Para mim, um humilde guerreiro e o seu sobrenome e garra que adotei.

Para minha felicidade, integrei a Comissão da Verdade dos Jornalistas, criada em janeiro de 2013 pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais na Região da Grande



Ariadne Bianchi *

Dourados (Sinjorgran). A comissão local coletou informações para a Comissão da Verdade Nacional, organizada pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), sobre casos de jornalistas e empresas de comunicação, no âmbito de sua jurisdição, que tenham sido vítimas do Regime Militar. O único episódio conhecido, no entanto, foi o do jornalista Theodorico Luiz Viegas, então dono do jornal Folha de Dourados, preso arbitrariamente em 1972.

Por curiosidade, na época, estava trabalhando como assessora parlamentar na Câmara de Vereadores. No meio do ano, passei no mestrado na Universidade Metodista de São Paulo e recebi a notícia, quando já estava lá, que, entre os desdobramentos, com matérias também cobrando uma postura política sobre os atos, a cassação do meu bisavô havia sido anulada. Minha família foi humilhada por toda essa história fake e uma compensação, mesmo que póstuma e simbólica, foi muito importante, apesar de não corrigir o erro.

Voltei a Dourados no final de 2015, após conquistar o título de mestra com louvor em Comunicação e devido a ser aqui a oportunidade que tive de emprego, novamente em assessoria parlamentar. O que me trouxe uma bagagem bastante ne-

cessária para entender que, além do científico, precisava fazer parte da transformação social, unindo teoria e prática em meu trabalho. Pelo meu próprio facebook e por meio de uma rádio local faço transmissões (vídeos) - ao vivo - em um programa de entrevistas na perspectiva de dar voz aos movimentos populares e acompanhar a evolução da comunicação.

Deixo claro que eu "sou do pessoal dos direitos humanos". Atuo no sindicato. Defendo esse pluralismo das informações, a cidadania e, principalmente, em defesa dos direitos sociais. Para mim, um desafio necessário termos espaços alternativos, já que dificilmente na "grande e tradicional mídia" teríamos essa oportunidade, podendo somar na luta pela democracia e em defesa das minorias, como representantes dos movimentos negro, das mulheres, LGBTs, além dos sindicatos, associações e, para além, mudanças, inclusive, culturais e estruturais para o bem da sociedade, como relacionadas ao racismo, ao machismo e ao conservadorismo.

A imprensa local implica, e muito, portanto, em nossa democracia e também depende da fiscalização dos jornais, seja por qual meio for. Se for fraca, corremos o risco de não representar nossa rica diversidade ou a pluralidade de vozes. Daí a importância do jornalismo na luta e na mudança social.

* Jornalista / Assessora de Imprensa. Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária e Local (COMUNI) e sócia na Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Comunitária, Popular e Cidadã - ABPCOM. Tem trabalhos acadêmicos e profissionais voltados às minorias, a transformação social e a construção da cidadania. É também Educadora Social e vice-presidente do Sinjorgran (Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Região da Grande Dourados).

Dourados marcou minha evolução no jornalismo

Chegado de Presidente Prudente, onde havia trabalhado na equipe do saudoso Marco Antônio Silvestre, na Rádio Comercial, e após ter começado aos 14 anos na equipe de esportes da Rádio Difusora de Regente Feijó, com José Barbosa (que veio para a Guacurus de Fátima do Sul), fomos levados por Osvaldo Julio (que me conheceu na Difusora de Carapó) para ingressar na equipe comandada por Soares Filho, na Rádio Clube de Dourados, com José Guerreiro, Silva Júnior, Lourival Pereira, e mais tarde Fábio Dorta e Antônio Coca.

Edilson Oliveira

Enquanto isto, eu trabalhava à noite no processamento de dados do Bradesco (era 1984 e eu ficaria cinco anos no banco). Da Rádio Clube de Dourados eu fui apresentado para Junio de Barros Chesse e Irma Lupinetti, que começavam a fazer o bi-semanário Enfoque. Fazendo duas páginas de esportes por edição, foi meu ingresso no jornalismo escrito. E ao mesmo tempo entrei no jornalismo da Rádio Clube, para somar com Cloe Fazano e Amarildo Ricci.

No Enfoque trabalhava aprendendo muito com o melhor jornalista



que conheci, Clóvis de Oliveira e logo em seguida fui para a TV Caiuás, com a exigente e perfeccionista Gorete dal

Bosco. Foi um período de aprendizado muito bom entre 1984 até o ano 2000, quando recebi o convite para entrar no Correio do Estado.

Contratado pela Sucursal de Dourados, fui parar em Naviraí em julho de 2000. Em Naviraí eu fiz o Sulnews, como plano B e hobby, mas o plano B virou plano A, em fevereiro de 2011. Tentei voltar para Dourados, no meio deste tempo, com o Diário MS, por quatro meses, em 2010, como correspondente em Três Lagoas, mas preferi voltar a Naviraí, e ficar com o Sulnews, o meu site.

Dourados é toda a base do meu aprendizado e sempre gostei muito da cidade e da convivência com os meus colegas de jornalismo e de toda a imprensa.

História com H: Roberto Ferreira nas ondas do rádio

A história de um ser humano pode ser contada com mentiras ou com verdades, mas a do radialista Roberto Alves Ferreira, hoje com 52 anos, trata-se verdadeiramente de sua trajetória no rádio douradense.

Waldemar Gonçalves - Russo



Roberto Ferreira é o mais antigo comunicador da 92,1 Grande FM

A história de Roberto Ferreira, casado com "Jussara" e pai de "Carol" e de "Jéssica", teve seu início nas ondas do rádio no início dos anos 80 na Rádio Caiuás, quando foi trabalhar como sonoplasta e também na gravadora da emissora do grupo José Elias Moreira.

Sua primeira experiência com o microfone nas mãos foi quando convocado para atuar como repórter de rua no programa "A rua da Cidade", comandado na época pelo radialista e então diretor artístico da emissora, Odir Pedrosa.

Com a oportunidade aberta, Roberto Ferreira passou a ter um programa aos sábados denominado de "As mais mais da semana", que ficou no ar de 1982 a 1987.

Sempre sonhando alto, o espirituoso Roberto Ferreira deixou a Caiuás e a convite do empresário Antônio Tonani (in memoriam) proprietário da 92,1 Grande FM partiu para novos desafios no dia 05 de junho de 1.987 para trabalhar também na gravadora da então jovem e primeira Fre-

quência Modulada do interior do Mato Grosso do Sul, que tinha como diretor geral o então radialista Leniro Novisky.

Na primeira oportunidade, Roberto Ferreira abriu o microfone com o programa "Som Brasil" que era levado ao ar de segunda-feira a sábado das 19 às 21 horas e posteriormente em 1.992, aos domingos pela manhã, ele iniciou o programa "Samba, Pagode e Companhia" que é a sua grande marca no mundo do rádio douradense, até o dia de hoje.

FIORI GIGLIOTTI

Com 31 anos no ar, Roberto Ferreira

que também é músico e criador da banda "Contramão" está no comando do programa "Ritmos em FM" e recentemente assumiu também o programa "Dos Pueblos", uma homenagem à colônia paraguaia residente em Dourados e região.

Criativo e inovador, o radialista foi o primeiro comunicador da Grande FM a levar a programação da emissora para fora dos estúdios, com o "Shopping da Grande" que por muitos anos foi transmitido direto das lojas.

Outra iniciativa de Roberto Ferreira foi de trazer o maior narrador de futebol

do país, Fiori Gigliotti (in memoriam), da Rádio Bandeirantes de São Paulo.

Fiori Gigliotti transmitiu pela Grande FM uma partida de futsal no ginásio municipal Ulisses Guimarães, na Vila Índio.

A rádio Grande FM foi a primeira emissora a transmitir uma partida de futebol no Mato Grosso do Sul. Nos tempos de hoje, ela mantém uma equipe de esportes com um programa todas as tardes bem como transmite jogos do futebol amador, profissional e de futsal.

CARNAGRANDE

Com mais uma iniciativa e apoio de Antônio Tonanni, Roberto Ferreira apresentou os ouvintes com o carnaval de rua "Carnagrande" em frente à praça Antônio João.

O "Carnagrande" que teve uma duração de 13 edições, com cinco noites para os adultos e duas matinês para o público infantil e passou a ser animado pela Banda "Contramão" que tem Roberto Ferreira na liderança do grupo.

Outra iniciativa do radialista foi o "Arraia da Grande", realizado no pátio da emissora.

Roberto Ferreira também foi instrutor da fanfarra da Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso. Seus alunos conquistaram para Dourados três títulos estaduais no concurso de bandas e fanfarras.

Como se vê, a história de Roberto Ferreira é com "H" e ele ainda não se vê longe dos microfones da emissora.

"Em minha trajetória de vida no rádio, somente tenho agradecimentos primeiramente a Deus, à minha família, aos amigos que ao longo de minha caminhada conquistei", finalizou Roberto Ferreira, um dos ícones do rádio sul-matogrossense.

Causos

Facção em Cassilândia

Ubiratan e Cassilandense jogavam partida importante pelo Campeonato Estadual de

1988. Jogo complicado e fora de casa, o Leão da Fronteira precisava vencer para se classificar. Ganhou de 1 a 0, na marra. Até aí quase tudo bem. Nas cabines de rádio, os jornalistas das emissoras de Dourados contavam com apoio da PM porque a torcida

da casa estava enfurecida com a desclassificação. Eu narrei a partida mas sai ileso. Susto mesmo levaram os colegas Tata Cavalcanti e Antonio Coca, da Grande FM e o Clóves Braga, da Rádio Clube. Do nada, um torcedor invadiu o campo, armado com um facão, deu

um carreirão na equipe. Até que a PM percebesse e retirasse o invasor, os três já tinham fugido em altíssima velocidade, digna de ganhadores de maratona.

Fábio Dorta - Caixote

A ACED parabeniza o Jornal

folha de dourados

VERDADE, TRABALHO E VIGILÂNCIA.
08/03/1968 - ano 50

pelos 50 anos dedicados a levar informação
com responsabilidade e credibilidade.

www.aceddourados.com.br

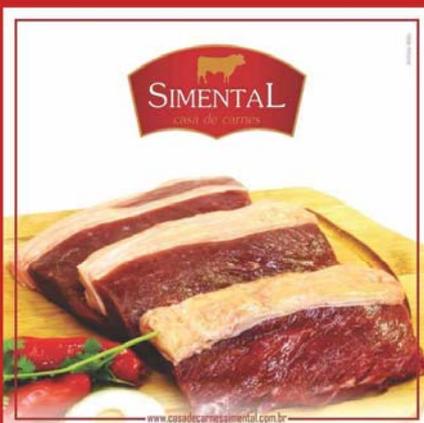
Uma homenagem da



Rua Toshinobu Katayama, 1020
Vila Planalto.
67 3423-4444
67 3423-4545

Rua Ponta Porã, 215
Vila Aurora.
67 3426-4444
67 3426-4343

Av. Marcelino Pires, 717
Centro
67 3427-4444
67 3427-4545



DOURADOS
É O CELEIRO DO DESENVOLVIMENTO EM MS!

PARABÉNS, NOSSA TERRA
DOURADENSE E FOLHA DE
DOURADOS QUE, COM
TRADIÇÃO E COMPROMISSO
COM A VERDADE, CONTRIBUI
COM O JORNALISMO.

FOLHA DE
DOURADOS

Vereador
**SERGIO
NOGUEIRA**

Colaboração de pessoas, realização por vocação.

À COMUNIDADE DE DOURADOS, MEU DESEJO
É DE UM FELIZ NATAL E UM 2019 ABENÇOADO!



Carrossel, Palafrém no Pascigo... **Topic's**

Entrei no O Progresso no verão de 1971. Fevereiro. Tinha 13 anos. Antes, porém, fazia entrega do referido jornal em Itaporá, meu torrão natal. Meu tio, Carlos Pael, era o gerente do jornal. Abriu as portas para que eu comesse pela tipografia. Compositor, tipos móveis, paginação, impressão, enfim, no mundo revolucionário de Gutenberg. Pura magia. Como já tinha experiência em dactilografia, deu no que deu.

Vander Verão



Vander Verão com Luis Carlos e Waldemar Gonçalves, no Clube de Imprensa de Dourados

Anos depois, o jornal mudou para o processo de linotipo e depois para offset. E, nessa época, quando a composição do texto era em compositor eletrônico e a impressão em rotativa, é que ingressei na redação. Logo, editei um suplemento musical, o Topic's, que circulava aos sábados no O Progresso. De 77 a 81. Espaços para todos os gêneros musicais, lógico, principalmente para o rock. Mas, tinha também a disco-music, samba, sertanejo, enfim, o Topic's fez sucesso numa década importante das revelações místicas e da contracultura. Escrevia uma coluna intitulada "Palafrém no Pascigo" que também teve receptividade junto aos punks, esotéricos e noctívagos daqueles tempos idos. Cavalos no pasto. Era, no pensamento, uma mistura de Jim Morrison, Arthur Rimbaud, Raul Seixas. Sei lá. Guavira.

Só para ilustrar, Topic's rodou o Brasil, já que enviava exemplares para filiais de fãs-clubes de inúmeros cantores e

bandas. E publicava as cartas na página dedicada aos leitores para publicação de poesias e poemas.

Recebia das gravadoras os releases e fotos de cantores e bandas e, de quebra, discos "promocionais". Hoje, você consegue as informações pela internet. Naquela época, tudo dependia de releases para quem estava no Sul do então Mato Grosso. Hoje, do Sul.

Através do Topic's, consegui um "trampo" na Rádio Clube - nas ondas curtas, Rádio Dourados -, para a produção de um programa. Recebeu o nome de Geração Pop, comandado por Albino Mendes e, na sonoplastia, Marçal Filho. Acho que durou um ano. Ou mais, ou menos. Não sei. Só sei que saí quando morreu

John Lennon, em 8 de dezembro de 1980. O último trabalho que fiz com produtor foi um especial com o ex-Beatles, o qual, foi repercutido em outros programas da emissora de Jorge Antônio Salomão.

Até então, só dava Rádio Clube, ondas médias, ou ondas curtas. Tinha uma discoteca incrível. Completa. Só não tinha o primeiro disco do The Doors, que foi lançado em 4 de janeiro de 1967 (esse disco, original, eu tenho em minha coleção).

Acredito que contribuí, sobremaneira, para a divulgação do rock em Dourados. Tinha perto de mil discos e gravava, constantemente, as saudosas fitas cassette "prá Raimundo e todo mundo".

E, no mesmo O Progresso onde ain-

da estou na ativa, também mandei ver uma coluna política - "Carrossel" -, que durou mais de 20 anos. Parei quando fui agraciado com a aposentadoria por tempo de serviço, alimentada pelo odiado fator previdenciário. Isso, há uma década.

Hoje, fazer jornal impresso é fácil, principalmente devido à informática. A internet mudou tudo. Dita as regras. Não tem mais os "furos" de reportagem. Todo mundo faz a mesma coisa num imenso clichê da mesmice. Mas isso faz parte da modernidade. Dos tempos. O que não volta mais é a saudosa Olivetti Lexikon 80, onde a gente "catava milhos" para alimentar a informação do dia a dia.

O José Henrique Marques fazia parte da redação do O Progresso, naqueles tempos idos. Todo dia, no início da noite, a gente ficava antenado para gravar o noticiário da TV, principalmente sobre as previsões climáticas. Só que, certo dia, a gente não gravou o noticiário. E o Zé, mesmo assim, fez um texto por conta própria: "Hoje o tempo em Dourados estará ensolarado". Só que, cargas d'água, caiu uma chuvarada danada. Moral da história: o jornal ficou um certo período sem noticiar as previsões do tempo. Depois, voltou com informações da Embrapa.

Ironia à parte, o Zé sabe, como ninguém, que o tempo continua o mesmo: sol, chuva, seca, geada... Nada muda. Nem o conteúdo da notícia: futebol (ganhou, perdeu, empatou); policial (matou, foi preso, fugiu, capotou o carro); agropecuária (gado, soja, prejuízos, proagro, protesto) e assim por diante. O que mudou é o adjetivo. O resto, é balela.

E, para finalizar, destaco a importância da "família O Progresso". Sem o "seo" Amaral e a dona Adiles, jamais estaria aqui escrevendo essas linhas lembrando o ontem e torcendo pelo o amanhã do impresso.

Culturalmente falando

O meu interesse pela comunicação nasceu pela vontade de me expressar melhor e me relacionar com o mundo. Quando ainda criança declamava poesias, cantava em programa de calouro, fazia serenatas e me sentia feliz com essa forma de interação com as pessoas. Cresci e fui buscar no palco, teatro e na poesia essa vontade de passar o que sentia e vivia.

Ibson Boca Venancio

Na minha trajetória de ser pensante carreguei diversas interrogações. Precisava compreender o meu papel no mundo, desvendando o jogo do bem e do mal. Vivi tempos difíceis no tempo da ditadura militar, pois essa trouxe para nós artistas, e aos intelectuais da

época a limitação dos nossos quereres e fazeres. Os festivais competitivos do qual estávamos engajados sofreram muito com isso e todas as artes. Momento ruim da nossa história que não dá para não lembrar e desejar que se mantenham distantes para todo o sempre.

Na minha primeira trajetória de ser e existir, desenvolvi um trabalho de recolhimento de dados para pesquisa de mercado para quem tinha interesse pela comunicação social. Foi assim a primeira oportunidade de pegar a prancheta e caneta, com uma sistemática determinada, saía a campo para as entrevistas. A primeira lição de ética foi nunca fraudar, nem nas perguntas nem nas respostas, para não contaminar o resultado do trabalho. O bom do jornalismo é o princípio da fidelidade com a verdade. Se do lado de dentro das instituições as coisas eram difíceis para alguém sem nenhum poder, nem político



ou econômico, me restava a rua.

Se a formação tinha um custo além das minhas possibilidades, a informação me custava a busca, e assim

fui às pesquisas, ao teatro, bibliotecas, museus, centros culturais, debates, palestras, oficinas, feiras culturais, em tudo que me possibilitasse o conhecimento e prática com a arte comunicação. Para mim o importante é informação para ter condição de compreensão, fator fundamental para ação consciente.

A oportunidade a mim oferecida pelo amigo jornalista José Henrique Marques, foi um grande marco para poder fazer algo pela minha cidade.

Através da coluna "Culturalmente falando" pude além de comentar a vida cultural da cidade, pesquisar e escrever através da história oral, a trajetória da nossa feira livre, e resgatar um pouco da nossa história através do relato de vida dos nossos artistas.

Desse momento de colunista fizemos a seleção de artigos e publicamos um livro como forma de resgate histórico em formato permanente. Um lançado em final de 2015 e outro aguardando publicação em breve com a história e labuta dos feirantes que fizeram e fazem a Feira livre de Dourados.

E vamos seguindo em frente.

Causos

Anã de Costa Rica

Nos idos de 1991 fomos a Costa Rica transmitir um jogo pela Rádio Clube de Dourados, entre o Paranaibense e o glorioso e imortal CAD (Clube Atlético Douradense). Era um domingo de sol e terminado o jogo, já morto de cansado, eu era repórter de campo e tinha que recolher sozinho os equipamentos, microfone, maleta, fone e mais de 200 metros de fio.

Fábio Dorta - Caixote

Eis que, ao chegar ao carro da emissora, veio uma anãzinha de uns 40 anos de idade, correndo enlouquecida em minha direção gritando: "Fabinho, você me engravidou e não quer assumir o filho".

Nunca tinha visto a moça antes. Todo mundo saindo do estádio e vendo a cena. Só depois descobri: armação do meu amigo José Zani, que na época era gerente da Caixa Econômica Federal em Paranaíba e armou toda a presepada.

Revisão



Taissa Gonçalves Leal, acadêmica de Medicina da UFGD, auxiliou a edição especial na revisão dos textos.

Júlio Marques de Almeida in memoriam

1955 - 06/04/1955 - Nasceu em Dourados-MS, filho de Albano José de Almeida e de Noemia Marques de Almeida. Era o quarto filho de uma família de 6 irmãos.

Helena Marques de Almeida



viu para seu amadurecimento pessoal e abriu-lhe as portas para a profissão que abraçou: Jornalista!

1979 - Participou da fundação

do Clube de Imprensa de Dourados - CID, sendo seu sócio nº 10, foi do Conselho Deliberativo dessa primeira Diretoria, permanecendo em outros cargos nas demais gestões.

Nesse mesmo ano, foi nomeado Assessor de Imprensa da Prefeitura Municipal de Dourados, gestão de José Elias Moreira. Iniciando uma ótima fase de relacionamento entre a Assessoria de Imprensa e órgãos de comunicação da cidade e do estado, facilitando as informações e o trabalho de seus companheiros de Imprensa. Segundo palavras do Dr. Luiz Antônio Álvares Gonçalves, Prefeito de Dourados, na época do seu falecimento "... o grande mérito do Julinho, foi ter conseguido devolver à função de jornalista o caráter probo e laborioso, que se tornaram a marca do seu trabalho...".

1982 - Integrou a assessoria pessoal de José Elias Moreira em campanha eleitoral para o Governo do Estado. Viajando por todo o Mato Grosso do Sul conquistou muitos amigos, respeito e admiração por sua competência, seriedade e

carisma.

1983 - Passou a dedicar-se à TV Caiuás da qual era também sócio. Trabalhou com afinco em todas as etapas desde a sua criação. Foi seu Diretor-Superintendente. Quando de sua morte, deixou concluído o novo projeto de programação e estruturação da emissora.

1986 - 07/05/1986 - Com apenas 31 anos de idade, no esplendor da vida, na capacidade máxima de trabalho, vital para sua família e amigos, Júlio falece vítima de grave acidente na rodovia entre Dourados e Campo Grande, gerando verdadeira comoção no MS e especialmente em Dourados, sua terra natal, que o homenageou fortemente, inclusive com o Decreto de Luto Oficial por 3 dias.

1987 - Desde 31/08/1987 - Júlio Marques de Almeida é nome de rua em Dourados, no Parque Alvorada, de acordo com Projeto de Lei do vereador Erisvaldo Mendonça dos Santos.

2003 - Nesse ano foi homenageado com a indicação e aprovação do seu nome ao importante "Prêmio Júlio Marques de Jornalismo", que muito sensibilizou amigos e familiares, firmando-lhes a convicção de que os homens morrem somente quando são esquecidos pela família, pelos amigos e pela sociedade da qual fizeram parte e pela qual lutaram! Então, Júlio VIVE!!!

Gilberto Orlando radialista por vocação

O início de minha carreira foi na cidade de Presidente Prudente, aos 15 anos quando já possuía o timbre de voz requisitado naquela época pelas rádios AM. Com apenas 6 meses como estagiário já estava no ar com plantão esportivo e participando de radiofoniações de casos policiais (novelinhas de algum fato interessante). Daí para locutor substituto de programas musicais foi um pulo.



PRIMEIRO ESTÚDIO - Rádio P. Prudente
1966

Fui apresentador de programas juvenis como um dos mais famosos da época "Só para Brotos", tive a oportunidade de ter contato muito próximo com alguns cantores da "jovem guarda" como Os Incríveis e Renato e seus Blue Caps, com quem joguei futebol de salão na década de 60. Também estive com Ronnie Von, Trio Esperança, Vanusa, Roberto Luna e outros da velha guarda.

RÁDIOS PELO BRASIL

Num período quando o timbre de voz era o essencial e não existiam FMs, pois a primeira emissora de rádio FM no Brasil, a "Rádio Imprensa", foi fundada em 1955 e ainda não possuía emissoras no interior do Brasil e já havia passado pelas 4 emissoras da cidade, saí à procura de mais experiência por algumas cidades e continuar meu aprendizado que havia se iniciado há 2 anos. Fiz testes na capital de São Paulo, na extinta Rádio Marconi mas não tive coragem de me transferir para a capital paulista, em virtude do regime militar e pouco tempo depois a emissora foi fechada pela revolução.

Os antigos ouvintes de rádio devem se lembrar de alguns nomes com quem tive a oportunidade de trabalhar. A emissora que iniciei em Presidente Prudente, teve a passagem de Joseval Peixoto que durante muito tempo esteve no

SBT. Os irmãos Flávio Araújo (locutor esportivo) e Francisco Araújo (repórter) que durante muito tempo trabalharam na Rádio Bandeirantes de São Paulo, foram meus patrões na cidade de Regente e Luiz Aguiar, um dos mais famosos apresentadores da capital paulista, conheci pessoalmente em Ribeirão Preto.

Passei um dia inteiro conhecendo e vendo como funcionava o Studio de Notícias da Rádio Difusora de São Paulo à convite do amigo Celso Aarão. Talvez em virtude disso, alguns anos depois já em Dourados, fui convidado para ser o locutor que entrava todas as noites aqui de Dourados no jornal CHECK UP 1000 da emissora paulista, informando as notícias da segunda maior cidade do estado.

Voltando na minha fase da busca pelo profissionalismo que estava no sangue, passei por algumas cidades pequenas pa-

ra ir realmente entendendo o que era fazer a rádio longe da cidade onde havia começado, e só depois de mais ou menos 2 ou 3 anos fui para maiores centros sempre a convite, como Ribeirão Preto, Londrina, Cuiabá até quando um dia fui convidado a conhecer Dourados.

AVINDA PARA DOURADOS

Em janeiro de 1971 eu estreava na rádio Clube de Dourados a convite de Jorge Antônio Salomão. Desde a minha chegada aqui sempre tinha a vontade de formar mais profissionais do microfone e cheguei a realizar testes com mais de 200 jovens entre moços e rapazes, que na época queriam entrar para o rádio. Tive sorte de marcar minha vida com vários deles que continuam por aqui e outros se profissionalizaram e partiram para outros estados e cidades.

Fiz vários programas marcantes na

emissora: Entardecer no Sertão, que através do prestígio desse programa eu fazia shows em circos e salões. Rádio Matraca, criei o programa Dourados Terra Gente e procurava imitar no palavrado do Brasil Terra da Gente da rádio Nacional do Rio de Janeiro. Também fui um dos pioneiros a manter um programa chamado Viola de Ouro, na Rádio Dourados que funcionava somente em OT na faixa de 90 metros, com audiência somente a longa distância com melhor qualidade. Hoje ela não funciona mais.

Cheguei a realizar um programa Cultural aos domingos com prêmios para alunos dos colégios da cidade, que participavam pelo telefone respondendo perguntas sobre matérias que eles mesmos escolhiam em uma reunião anterior à apresentação. Tenho até hoje muito material desse programa, que esperei um dia poder reeditá-lo, mas meu tempo venceu e não conseguiu.

O que também marcou muito a minha vida no rádio douradense foi o programa "Calouros em Desfile", onde eu tentava fazer funcionar tudo aquilo que eu via nos programas de televisão do Bolinha, Chacrinha e Silvio Santos, com bailarinas e tudo.

A partir de Dourados trabalhei na rádio Ponta Porã, como gerente na Rádio Alvorada de Itaporã e FM Jovem Pan em Corumbá, as 3 do grande e saudoso amigo Jorge Roberto Salomão. Quando voltei de Corumbá fui o primeiro locutor a apresentar "musica sertaneja" na FM Terra, do amigo Waldir Guerra.

Hoje me recordo com certa tristeza que não cheguei a trabalhar na rádio Caiuás e nem na grande FM.

"TER UMA RÁDIO PRÓPRIA, ERA O MEU SONHO"

Em 1999 adquiri uma emissora na cidade de Glória de Dourados, em parceria com o amigo Vitor Cales, na época proprietário também do jornal Diário MS. Pouco tempo depois chegamos a conclusão que não tínhamos feito um bom negócio e a vendemos. Final dos dias militando na imprensa foram os 10 anos dedicados como gerente de circulação do Jornal Diário MS quando me aposentei em 2013.

TV Caiuás, a primeira televisão do interior do MS

Comecei a minha vida na comunicação em Uberaba, na década de 70 na TV Uberaba, Rede Tupi de Televisão onde trabalhei muitos anos, até o fechamento da Rede Tupi, início da década de 80. Depois disso fui para Uberlândia trabalhar por três anos, numa emissora que era da Rede Bandeirantes de Televisão. Em abril de 1983, recebi uma ligação do Luiz Rogério de Sá, que era de Uberlândia e que já estava em Dourados, através do Zé Elias. Estava feito o convite pra vir pra TV Caiuás. Recebi a ligação na sexta feira, e na segunda já estávamos em Dourados, trouxe um amigo comigo o Ailton, conhecido como índio velho. Assim iniciamos a montagem da televisão.

Rubens Moreira Junior



Rubão durante o processo de instalação da TV Caiuás

área comercial; Joel Wittes Narciso que estava na parte dos transmissores. Na equipe de campo estava a jornalista Dalva Gonçalves, Betinho Escalante, Cleiser Correia, Éder Montiel, Antonio Carlos Ruiz entre outros. A televisão foi uma escola para essa equipe.

Comecei na TV como coordenador geral e pouco tempo depois assumi também

o departamento comercial. A equipe foi se dispersando, saindo da emissora e tínhamos que tocar o barco. O nosso forte era o esporte, com uma equipe super afinada. Cobrimos o Primeiro Rally Transpantaneiro, onde demos um show de cobertura nas outras emissoras de tv do estado. Na equipe estava eu, Antonio Carlos Ruiz, Betinho Escalante, Tonhão e Éder Montiel. Acom-

panhamos desde a saída de Campo Grande e atravessamos o Pantanal. Fomos premiados pela cobertura. Éramos ousados, criamos vários programas e muitos deles ao vivo. Me lembro de um episódio marcante que aconteceu durante uma viagem minha à Uberlândia, onde fui visitar a minha mãe que estava doente. Nesta época tínhamos o programa Gente, que era ao vivo e a apresentadora era a Beth Salomão. Bem nesse interim da minha viagem, durante a apresentação do programa, ela pediu demissão ao vivo. Me lembro que o Ailton, o amigo que veio comigo lá de Minas, me ligou desesperado: "Fumaça e agora que vamos fazer?". E assim foi. Tínhamos o Jornal do Campo, apresentado pelo agrônomo Salvador Augusto Maciel e o Jornal do Estado, primeira e segunda edição. Pelo Programa Gente, além da Beth Salomão, passaram a Goretti, Ana Tereza Gottardi, Ione Augusto Ribeiro, Pedro Arthur e Marçal Filho. Foram tempos de ouro. Fiquei na até TV novembro de 1994.

Apaixonado pela comunicação, criei como a Elo Comunicação e eventos como a Festa das Nações, com quatro edições, a Festa do Peixe em Porto Murtinho, o Remember, uma festa que reuniu todo o pessoal da comunicação, numa parceria com a Marcinha Carreri (in memoriam), a Nair que era da Gazeta Popular e criamos a Festa do Peixe de Dourados, e muitos outros eventos. Toda essa trajetória valeu a pena. Sou apaixonado por Dourados, onde fiz grandes amizades e tenho a todos como irmãos.

De torcedor de radinho a jornalista esportivo

Sou o que pode se chamar de jornalista tardio. Descobri depois dos 30 que gostaria de estar "do outro lado" do minha habitual posição no rádio ou jornais que comprava diariamente, nos primeiros anos antes das aulas e depois para encarar duas horas de condução até o trabalho. Não sei precisar o ano, 2001 ou 2002 talvez, em uma viagem entre Eldorado e Iguatemi estava ouvindo a Rádio Bandeirantes em um Motorádio do carro com ondas curtas, com todos os chiados que me incomodavam muito menos que as trilhas sonoras das emissoras locais, quando pensei: "quero fazer isso também". Simples, né?

Rogério Vidmantas

retorno e era hora de colocar o plano de jornalismo em prática, iniciando na Unigran no ano seguinte. Depois são histórias de estudante e novas amizades, já que era um completo desconhecido no meio.

O caminho para o jornalismo esportivo foi natural até pela afinidade com a mídia escrita e o rádio. Ainda no primeiro ano da faculdade, criei o Conesul Esportes, um site de notícias mais para treinar a escrita e ir, digamos, me colocando no mercado. Através deste veículo, conheci outros profissionais que abriram portas. O site teve fim com parceria feita com o Gazeta MS, principal site de esportes de Mato Grosso do Sul, onde estou até hoje - obrigado Mauro Cruz por isso - e vieram as portas abertas no rádio, um sonho para quem passava horas desde a infância imaginando os jogos do Palmeiras transmitidos pelo radinho de pilha.

Primeiro com a paciência de Tata Cavalcante que, vai se saber porque, achou que eu poderia ser um bom repórter de campo e me deu essa chance na Grande FM. Ele talvez tenha tido certa razão, já que segui na equipe por cinco anos. Depois vieram novas experiências, como assessor de imprensa do Água Negra, em Rio Brilhante, com título estadual - obrigado Cláudio Roberto por isso -, do Itaporã FC e, mais recentemente, do Sete de Dourados, com satisfação dupla, afinal sou torcedor do clube.



No meio tempo, iniciamos novo projeto na Rádio Coração FM e agora também na MS Web Rádio, uma das mais ouvidas no seguimento no Brasil com menos de um ano de atividade, junto com Antônio Neres, um mestre na arte de transmitir jogos. Para completar esse ano fui convidado para compor a equipe do Diário MS pelo diretor Alfredo Barbara, um dos professores na faculdade, o que é motivo de satisfação.

A história pode ser legal, mas o jornalismo esportivo em um Estado com poucos recursos para o esporte, particularmente o futebol profissional, passa longe do glamour de outras praças, mas rende boas e divertidas experiências e, no final, é o que realmente importa. Como sair de Dourados para Corumbá para um jogo entre Corumbaense e Sete pelo Campeonato Estadual e, momentos antes da partida, um incêndio queimar a fibra óptica, interrompendo a comunicação e impedindo a

transmissão. Valeu o passeio e as risadas no caminho. Acreditem: em sete horas de estrada com Fábio Dorta você irá rir muito.

Ou em uma transmissão off-tube de um Fla-Flu pelo Campeonato Brasileiro e, no meio do jogo cair o sinal do satélite devido ao mal tempo. Pode ser o fim, se o narrador não for Antônio Neres. Durante vinte minutos, com as informações minuto a minuto em sites, ele "criou" o jogo tentando se manter dentro das informações que recebíamos até que narrou um chute do atacante do Flamengo para fora. Neste momento, o sinal voltou com imagens ao vivo do Maracanã e o goleiro do Fluminense estava cobrando o tiro de meta. Bruxaria? Não sei... Para quem não sabe, off-tube é a transmissão em que o narrador fica no estúdio, transmitindo a partida com imagens pelo monitor e, acredite, é mais comum do que você imagina, não apenas nas emissoras de rádios locais, mas nas tradicionais Bandeirantes, na Globo, Tupi, Gaúcha. E nas emissoras de TV também.

Mas essas dificuldades e outras inerentes à área são compensadas pela satisfação em uma transmissão concluída com sucesso, na conversa com torcedores antes e após os jogos nos estádios, em Dourados ou não. E também na honra de trabalhar ao lado daqueles que se admirava apenas como ouvinte, além dos já citados, Antônio Coca, Antônio Carlos Ruiz, Daniel Santos e o saudoso Marcos Antônio Silvestre. Com cada um deles e outros, aprendi que os recursos podem ser limitados, a qualidade do jogo até questionável, mas o esforço para levar a informação mais precisa e dinâmica possível, tem que ser de Copa do Mundo.

Web Rádio Javé Dirceu Hall

A Web Rádio Javé está no ar desde o início de 2006, através de uma necessidade que percebemos de se ter uma programação voltada para o público evangélico. Recebemos várias solicitações de pastores e outras lideranças evangélicas para a criação desse veículo, já que o acesso às

emissoras existentes era limitado. Como nós já tínhamos essa estrutura, aceitamos o desafio e assim estamos trabalhando na rádio, que tem recebido vários pastores, pregadores, missionários e cantores.

O primeiro e segundo ano foram dessa forma, com uma programação voltada



ao público evangélico. Depois disso, a rádio passou a ampliar sua programação para chegar a outros segmentos da sociedade

de com notícias, apresentado por Janes Estigarribia e seus parceiros, Celso Cáceres, Elias Neselo, Jair Portari, Silva Júnior, Sidnei Bronka e Roberto Xavier, entre outros. Temos também um programa diário com o Odir Pedroso chamado O Poder da Mensagem, na sequência temos o pastor Sergio Leal com outro programa da Igreja Sara Nossa Terra, do Jardim Colibri e depois a tarde musical, com participações de nossos colaboradores que aliás tem feito muita diferença. Eles entram com boletins de notícias de onde estiverem, sempre atualizando o nosso ouvinte. Na programação temos também o pastor Evenildo Mariano e eu, Dirceu Hall.

Charges, quadrinhos e produção de TV

Estórias em quadrinhos. Escrever, desenhar arte-finalizar e colorir. Esse foi meu grande sonho profissional. Por isso, ainda em 1984 aos 17 anos, fui ao Jornal O Progresso tentar vender meus desenhos. Lá chegando, me mandaram falar com Vander Verão que disse que queria, mas precisava da aprovação da diretora do jornal e prometeu falar com ela pedindo para que eu voltasse outro dia.

Dias depois, ansioso, liguei de um re-lhão e ele me mandou ir até ao jornal. Fui imediatamente, e ele então me mandou falar com a diretora porque ela tinha uma proposta. A proposta era trocar meus desenhos por um quadrinho de publicidade de duas colunas onde eu poderia divulgar meu trabalho. Assim fiz por um bom tempo.

Ao sair do exército em 1986, voltei ao jornal com o projeto de uma página semanal direcionada ao público infantil, publicada aos sábados com título "Clube da Criança" e era uma ideia nascida a partir de um suplemento da Folha de São Paulo - Folhinha.

Foi aceito, mas desde que eu mesmo vendesse patrocínios e pagasse pela página. Aceitei a proposta e foi me passado os valores de cada publicidade. Valores absurdos. Mais caros que uma publicidade

de rádio na época. Resultado: a página saiu duas vezes sem nunca ter vendido um anúncio sequer.

Nesta época criei o personagem chamado "Birra", que vivia na imaginária Aldeia dos Barrigas e o publicava em cartoons em páginas aleatórias como "ca-lhaus". Saía quando dava. Nesta época também fiz a primeira capa colorida do Jornal O Progresso. Era aniversário de Dourados e eu desenhei o livro aberto do Brasão da cidade, sendo que em uma página estava um homem do campo e na outra, um homem da cidade. As cores, como era feito na época, foram divididas à mão. Fazia o desenho em preto o que seriam os contornos e depois colocava-se papel transparente (vegetal) em cima e cobria a parte que seria colorido. Uma para cada cor primária. Onde seria vermelho cobria totalmente e repetia a cobertura com retícula vendida em maços de decalque ou traços manuais (hachuras) cobrindo a mesma área que seria a cor amarela. Assim, na prensa, passava primeiro a cor amarela, pois começava pela cor mais clara, logo depois passava a cor magenta e os pontos onde uma ia sobre a outra resultava diferenças de cores. Magenta sobre amarelo: vermelho; amarelo sobre azul: verde; amarelo sobre magenta e sobre azul: marrom. Mas esses resultados dificilmente saíam como imaginados. Dependia de um trabalho manual para dar a tonalidade sob a cor que queria



Amarildo Leite

que predominasse. Mas essa é a história da primeira capa totalmente colorida do jornal O Progresso.

Nesta época arte-finalizei, diagramei e montei várias listas telefônicas municipais com o empresário Álfio Senatori (in memoriam), sendo eu, o primeiro desenhista a fazer a arte final e montagem das Listas AquiTem. Ainda em 1996, o jornalista campo-grandense Guilherme Filho

recebeu a missão de ressuscitar o extinto jornal Panorama e me chamou para trabalhar com ele. Eu seria o arte-finalista e teria um suplemento infantil semanal, que eu produzia totalmente com o título de Panoraminha. Teve publicação até o jornal ser novamente extinto e uma grande aceitação entre leitores.

Trabalhei também na editora Fátima que publicava os jornais semanais Panfleto, em Dourados e Zangão em Fátima do Sul. O nome Zangão fazia referência ao apelido da cidade "Favo de Mel" e ainda o Jornal do Vale, que circulava em outras cidades da região. Esses três jornais se tornaram diário com o nome Diário do Povo e logo depois o atual Diário MS onde nos anos de 2016 e 2017, publiquei charges para seu editorial.

Minha atuação na imprensa se deu em várias funções. No jornal O Progresso, no final da década de 90, atuei como editor de páginas (montar páginas) ou como se dizia antes do avanço da tecnologia, paginador. Fui chargista também da folha de dourados, no final da década de 2000 e colunista de cinema, tanto no jornal impresso como no site Folha de Dourados com uma coluna intitulada "Falando de Cinema".

Tenho participação em livros de vários autores: Odila Lange, Nicanor Coelho, Silva Júnior, Ruth Helmann. Também produzi para a prefeitura de Dourados no início dos anos 2000, a História de Dourados em Quadrinhos 1 e História de Dourados em Quadrinhos 2, que rendeu o desenho animado "Homens Dourados" com duração e 38 minutos, totalmente produzido por mim, dos desenhos à animação e a dublagens dos personagens. Atualmente estou atuando como Editor e produtor da RIT TV Dourados e cursando a faculdade de Radiologia na Unigran.

Lupércio Marques de DJ ao jornalismo online

Comecei aos 12 anos como DJ nas boates da família e logo me apaixonei por comunicação. Em 1988 escrevi a Coluna Hight Society do Jornal Gazeta Popular. No ano seguinte 1989, fiz a estreia na TV Caiuás no Programa PREVIEW. Em 1989 fiz alguns meses de Rádio com o Programa a Hora do DJ na Rádio AM Tupinambás. Em 1992 criei o Programa Conexão Cidade na TV Band/Caiuás, em 1997 passou a ser exibido na TV Executiva para todo o Brasil e países vizinhos.



Nos anos de 1994 e 2001, no Jornal O Progresso criei a Coluna Conexão Cidade e também uma página exclusiva de Turismo, TurismoNews. Em 1999 criei a Revista Conexão Cidade, hoje com 58 Edições. Em 2001 montei os Sites Bonito News e Turismo News, em

2004 criei a Rede News e o Jornal Capital News. Em 2006 entrei de vez no Jornalismo On-Line, hoje tenho a Rede Agora de Comunicação com os Sites, Rede Agora MS, Rede Agora Paraná, Rede Agora Brasília, Rede Agora Roraima, Agora São Paulo entre outros.

Rádio Portal da Luz, divulgando amor

Somos uma Web Rádio Espírita sem fins lucrativos onde divulgamos palestras, músicas, artes, notícias, eventos com transmissão ao vivo. Está no ar 24hs, desde 25 de junho de 2011, com mais de um milhão de acessos e em 60 países. Nossa proposta e o slogan é Divulgando o Amor.

Muitas pessoas não sabem, mas foi através da dor que surgiu a inspiração para criá-la. Em um momento de depressão, síndrome do pânico e obsessão, morando na época sozinho em Campo Grande (MS), somente conseguia superar as noites, sem possivelmente cometer um suicídio, ouvindo a Rádio Boa Nova de São Paulo. Sintonizava na parabólica e ficava ouvindo, quando então conseguia adormecer. Depois de passar por esses tormentos, já mais equilibrado, pensei que poderia ajudar outras pessoas, assim como eu mesmo recebi ajuda.

Como a internet é mundial, globalizada, e temos brasileiros residentes em todos os cantos do mundo, surgiu a necessidade de se ter a programação em horários alternativos que contemplem os mais variados fusos horários do planeta, mesmo porque a Web RPL já foi acessada em mais de 50 países. Nosso foco principal são os programas espíritas, músicas espíritas, mensagens espíritas e transmissões ao vivo, ou seja, englobamos todos os segmentos.

Os resultados até então são animadores, já estamos com mais de 1 milhão de acessos em nosso site. Nossa maior dificuldade ainda é a financeira, pois hoje em dia existem muitos avanços tecnológicos e temos dificuldade para implantá-



Luis Domingues e Dilene Paulon, da Rádio Portal da Luz

los, necessitamos de doações para tais investimentos.

Em nosso site tem o botão de Doação Segura do PagSeguro. De resto, a espiritualidade ajuda em tudo. Então vejo tudo como desafios suplantados com a força deles, porque jamais conseguiria sem a total ajuda deles.

Estamos com um projeto de cobertura de transmissões ao vivo nas casas espíritas, ao invés de grandes congressos elitizados. Fazemos a cobertura na região da Grande Dourados e no Triângulo Mineiro com o Sr. Hélio Dias e Hellen Vidigal, com um pool de emissoras web rádios que "linkam" em nossa transmissão e fazem a retransmissão: Web Rádio Doutrina (RJ), Web Rádio Cidade de Teófilo Otoni (MG), Web Rádio Sementes de Amor de Campo Grande (MS) e Web Rádio San Francisco de Tobias Barreto (SE), Web Rádio Espaço Espírita de Barra Velha-SC.

Charge de Amarildo Leite

PELA IGUALDADE DE DIREITOS, EM 5KM EU PEDALO E VOCÊ VEI NA GARUPA!



MASSAGENS
Drenagem Linfática, Modeladora, Relaxante e outras

Thayara Marques
98407 0178

Aos onze anos comecei no jornal O Progresso

Antes de tudo, é uma satisfação poder participar desta edição que celebra os 50 anos da folha de dourados, veículo de comunicação de vital importância na história da cidade de Dourados.

Luis Carlos Pael

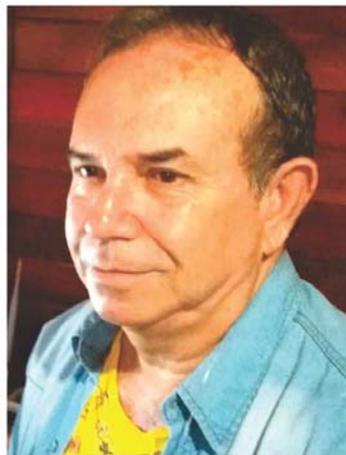
imperava. Na época tínhamos que levar as páginas do jornal antes de ser impresso até à sede da Polícia Federal para que os policiais responsáveis lessem com antecedência e consequente, aprovassem a sua veiculação.

Os anos foram passando e acabei me desligando do jornal O Progresso.

Já em 1981, fui trabalhar na Grande FM, implantada por Antonio Tonanni, sendo a primeira emissora do Estado nesse segmento, uma vez que até então, as emissoras de rádio eram todas AM.

Por ser um apaixonado por música, trabalhei como responsável pela programação musical e ao mesmo tempo, produzia os boletins informativos da emissora. Vale destacar que naquela época, a Grande FM tinha uma programação musical diversificada e de extremo bom gosto. Havia espaço para a boa música brasileira, música clássica, som instrumental, rock, blues, enfim a gente tinha todo o cuidado para que o público douradense pudesse manter contato direto com todas as vertentes musicais.

Lembro quando Dourados recebeu os shows que integravam o saudoso "Projeto Pixinguinha" que marcou época na cultura brasileira, um dos espetáculos foi com o genial tecladista e maestro Wagner Tiso, que antes de sua apresentação, durante um almoço num restaurante de



Dourados que eu tive a oportunidade de estar presente, fez questão de destacar em público a qualidade e a ousadia da programação musical da Grande FM, já que ele havia chegado no dia anterior e ouvido por várias horas a referida emissora. Infelizmente, hoje em dia e com muita tristeza, observo que a emissora se distanciou totalmente da sua proposta audaciosa, optando pelo lugar comum.

Após sete anos na Grande FM, me afastei da imprensa durante o período em que ocupei o cargo de Diretor de Cultura da Funced.

Logo após a minha permanência na Prefeitura Municipal, me mudei de Doura-

dos passando a residir por 10 anos em Campo Grande. Na capital do estado, trabalhei no saudoso jornal Diário da Serra, onde ocupei por vários anos o cargo de Editor de Cultura e Variedades. Nesse período, também trabalhei na Rádio Ativa, a famosa Rádio Rock que marcou época na vida dos campo-grandenses. Na referida emissora, fui responsável pela sua programação musical e pelo do Departamento de Jornalismo. Na sequência, trabalhei por pouco tempo na FM Canarinho.

Logo depois voltei a trabalhar no Jornal O Progresso, mais especificamente na sua sucursal que funcionava em Campo Grande.

Depois que deixei a capital, fui morar em Aquidauana, onde ao lado de minha esposa, Maia Faria, segui trabalhando em jornais e até criamos um site jornalístico.

Os anos se passaram e hoje moro em Ponta Porã. Infelizmente acabei deixando de atuar na imprensa, principalmente no rádio, que na minha opinião se transformou num "mar de mediocridade", ou seja, mudou para pior e a boa música perdeu seu espaço e sua importância transformadora. Mas como quem nasce jornalista, nunca deixa esse vício, tenho um blog chamado "Circo Eletrônico", onde escrevo e publico matérias sobre cultura, política e comportamento.

Finalizo, parabenizando a direção e equipe da **folha de dourados** pela sua valiosa contribuição prestada a sociedade douradense durante esses 50 anos de existência.

Banca do Jaime: 52 anos de história, a mais antiga de MS

Desde que fundada em 1966 pelo mineiro Jaime Carvalho de Oliveira que aportou na terra de Marcelino Pires em agosto de 1958, a Banca do Jaime é um ponto de referência de Dourados aos moradores daqui e de outros municípios.

Todos os dias centenas de pessoas, entre elas jornalistas, radialistas, empresários passam pela banca para olhar, comprar revistas, jornais e ingressos ou apenas para bater papo com ele, o filho Joa-

cir (Ticão) e conhecidos que "batem ponto". Lá, a informação é escrita e oral.

A Banca do Jaime não é somente a primeira e mais antiga de Dourados. Com o fechamento recente da Banca do Hélio, em Campo Grande, é agora a mais longeva de Mato Grosso do Sul.

O local privilegiado, a seriedade e o profissionalismo de Jaime fez da Banca, há 30 anos, um ponto estratégico para a venda de ingressos de shows e eventos realizados em Dourados.

Esse segmento do negócio hoje é de responsabilidade de Ticão, que trabalha



Joacir (Ticão) e Jaime de Oliveira

com o pai desde 2000.

Tudo começou com os eventos produzidos pelos irmãos Munarim (Marcos

e Alemão) por volta de 1988, revelou certa vez Ticão ao site Douranews.

Ele também promove eventos.

Gazeta Popular, o jornal de Dorival César Quintana

O semanário Gazeta Popular foi fundado em 1982 pelo jornalista e empresário Dorival César Quintana. Nos mais de 20 anos de circulação o jornal foi muito influente em Dourados e região. Parou de circular em meados da década de 2000.

O jornal tinha duas colunas bastante lidas: "As Quentes", articulada por Dorival, sobre política, e a coluna social By Martinez, assinada pela esposa e diretora-comercial Nair Martinez. Ele faleceu em 30 de julho de 2002.

Com a morte prematura do esposo,

Nair com uma filha de 8 anos, Juliana, não teve como conciliar as tarefas de mãe com as do jornal, e pouco depois encerrou as atividades do jornal.

A feijoada promovida pela Gazeta Popular era um dos eventos mais concorridos de Dourados e região. Dorival foi o idealizador do Megafeirão Multimarcas, onde reuniu pela primeira vez, no Parque dos Ipês, todas as concessionárias de veículos da cidade.

Dorival foi presidente da Associação dos Jornais do Interior do Brasil (Adjori/MS) e diretor da Associação Brasileira dos Jornais do Interior do Brasil (Abrajori).



Dorival Quintana, José Elias Moreira e Waldir Guerra

Saúdo os jornalistas e diretores da folha de dourados pelos 50 anos de luta

Me pediram um texto curto, quase deu pra fazer. A experiência de jornalismo em Dourados-MS já vai bastante longe e recordar os principais momentos daqueles idos dos anos 1980. O período foi mesclado com uma variedade de trabalhos em televisão, jornal, rádio fm e administração pública.

O início em Dourados foi na TV Caiuás, vinda de Campo Grande, de dois anos na TV Campo Grande e na assessoria de imprensa da Prefeitura da capital. A TV estava iniciando e montamos o Departamento de Jornalismo, treinando profissionais que não tinham experiência na área. Entre os que tinham formação na área, Irma Lupinetti, Dalva Gonçalves, depois Marcinha Carreri (in memoriam), Junior Araújo (in memoriam), entre outros tantos, que foram grandes colegas de trabalho, junto com o saudoso Luiz Carlos Miranda (Luca Miranda, in memoriam) amigo do coração e de muitos anos antes, que migrou comigo da imprensa paranaense para Mato Grosso do Sul, primeiro para Campo Grande, depois para Dourados.

As interferências políticas na época eram grandes nos meios de comunicação e na TV não era diferente. Muitos "perrengues", nascidos das queixas de D. Maria Aparecida Pedrossian, para quem eu era uma espécie de "comunista infiltrada" na emissora do então

deputado José Elias Moreira, afilhado político do ex-governador à época.

Ainda nos anos 1980 fundamos juntos – eu e Luca Miranda – um jornal semanário, batizado de "Jornal do Estado", ancorado em uma pequena empresa, que chamamos de Ipê Comunicações. O sonho durou muito pouco, alguns meses apenas, pois tínhamos de imprimir em Campo Grande, ambos nunca havíamos administrado uma empresa e o negócio teve que acabar.

Na TV Caiuás, não posso deixar de lembrar do Julinho (Julio Marques de Almeida, in memoriam), querido amigo, morto em acidente na estrada para Campo Grande, onde iria tomar o voo para reunião na Rede Bandeirantes, da qual a Caiuás era afiliada. Também desse tempo, Fabio Dorta (Caxote), começando como auxiliar de câmera, hoje destacado jornalista na TV RIT, Luiz Rogério Sá (in memoriam), Beth Salomão, Hiram Hollanda e tantos outros que, ainda que não citados, foram grandes colegas, com os quais mantive uma convivência muito proveitosa.

Um fato que pouca gente se recorda dessa época foi o processo criminal que enfrentei, movido pelo então deputado Waldemir Moka. Recebi uma informação da Rádio Caiuás, que pertencia ao mesmo dono da TV, que acusava Moka de fato capitulado como crime. Todo jornalista deve checar suas informações, mas eu recebera de um colega da emissora do mesmo dono, era de se



Prof. Dra. Maria Goretti Dal Bosco
Faculdade de Direito Universidade Federal Fluminense - UFF

supor que estava mais do que conferida. Triste engano. Era inverídico.

Não deu em nada, mas incomodou muito. Se bem me lembro, uma questão processual acabou por favorecer o fim do processo, embora o deputado tenha se convencido de que hou-

vera um engano involuntário.

Desses tempos, o programa "Gente", apresentado corajosa e quase irresponsavelmente ao vivo todos os dias, primeiro por Ana Thereza Gottardi, outra grande colega de trabalho, e depois por mim. Impossível esquecer da queda de um spot de iluminação no estúdio com o programa no ar. Até há algum tempo me recordo que havia essa cena guardada na TV, mas hoje não sei se está mantida.

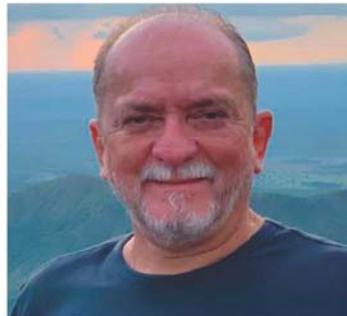
No final dos anos 1980, criamos uma produtora de vídeo, junto com Eder Montiel, Marcinha Carreri e Sidney Kuntz (in memoriam). Compramos horário na TV Caiuás, para apresentar aos sábados um programa de variedades. Braz Melo havia sido eleito na famosa disputa da urna 185 com José Elias Moreira (que o diga Valfrido Silva Melo, jornalista e um dos produtores da campanha e depois secretário de Comunicações do novo prefeito).

Historinha curiosa desse tempo, a primeira entrevista de Braz Melo na TV do adversário. Conseguida a muito custo ("...sou filho único, teimoso, não vou falar para essa TV!") a entrevista foi ao ar e, em seguida, o telefone não parou de tocar, boa parte das ligações avisando que o contrato do horário estava desfeito e que o programa não iria mais ao ar. Bobagem. O programa continuou indo ao ar. Acabaram todos juntos alguns anos depois, vejamos só. Há muito mais, mas isso é lá para outros tempos.

Do linotipo ao online, os 50 anos da folha de dourados

Conheci Theodorico Luiz Viegas numa situação inusitada. Estava, na companhia do jornalista Moacir Jorge, num bar da Barão do Rio Branco, em Campo Grande, quando, na década de 80, apareceu o dono da folha de dourados, nos convidando para ir trabalhar no jornal dele, em Dourados. Aceitamos na hora.

Um grande desafio. Íamos toda semana de ônibus para Dourados, ficávamos hospedados num pequeno hotel na mesma rua onde estava a sede do jornal, na Onofre Pereira Mattos. Numa noite fria, eu e o Moacir, descemos do quarto para tomar caipirinha. O porteiro e recepcionista foi alvejado com 4 tiros, na nossa frente. Levado para o hospital, desapareceu alguns dias depois. Nem o no-



Lucimar Couto*
Jornalista, diretor-editor do Campo Grande News.

me conseguimos descobrir.

Época difícil para o jornalismo. A maior parte do material (reportagens) policial era produzida por mim. O jornal era diário já naquela época. Redigia num papel sulfite, passava o texto para o linotipista (sim, linotipo, máquina inventada em 1886 que funde bloco de placas de chumbo para imprimir as páginas do jornal). Hoje, só em museu.

Bonachão, Theodorico era uma figura simpática, que gostava de pinga com "jabá", mas no caso dele, de carne de animal silvestre. Fazia do jornalismo instrumento diário de vida. Repórter autôdata, pioneiro na comunicação douradense, morreu sem realizar o sonho de implantar canal de televisão na cidade. Mas fez história no jornalismo do Estado.

"São cinco décadas de uma trajetória que se confunde com a história da cidade. A Folha de Dourados é um jornal que preza por uma linha editorial que prioriza informação, independência e rigorosa imparcialidade".

João Grandão
DEPUTADO ESTADUAL PT
MANDATO POPULAR E PARTICIPATIVO

www.joaograndao.com.br

dep.grandao13111@gmail.com
joaograndao

PAX
PRIMAVERA
Plano de Assistência Familiar

(67)3411-8200

Jornal em forma de pergaminho circulou em Dourados em 1959

A história de Dourados é repleta de surpresas e uma delas também está na área da comunicação. Um curioso jornal, em forma de pergaminho, foi criado em 1959, pelo médico Joaquim Lourenço Filho e ganhou o nome de "O Rolo".

Eduarda Rosa*

retore J. Lourenço Filho, Noelle Gomes de Oliveira e Nicanor P. de Sousa e na segunda fase são identificados apenas o fundador como Dr. Joaquim Lourenço Filho e o editor Nicanor Coelho.

Assim, o formato do jornal em forma de rolo foi considerado uma "inovação revolucionária", pelos diretores da primeira fase, isto por conta de seu comprimento de 166 centímetros, da primeira edição.

A novidade era tamanha que o próprio diretor teceu comentários, no próprio jornal, a respeito de como ler o conteúdo, "Para ler nosso jornal com certa elegância, aconselhamos que se faça o seguinte: Ao começar a desenrolar a ponta inicial, não deixe que a mesma comece a descer em direção ao solo; inicie com ela um novo rolo e facilmente, a medida que for desenrolando um, irá enrolando o outro".

Ele também fala das vantagens do formato, pois o comprimento poderia ser grande, mas a largura era de apenas 16 centímetros então "o leitor não precisa abrir os braços para ler este jornal. Em qualquer lugar, até mesmo num bonde (se houvesse aqui), seria capaz de fazê-lo com facilidade". Outra vantagem apontada é o volume reduzido, que permitiria que o jornal fosse conduzido "no bolso sem amassá-lo" e que manteria o jornal "fechado" no formato cilíndrico, evitando de ser "peruado" na banca de jornais,



Lourenço Filho (in memoriam)

Lourenço Filho morreu em 18 de novembro de 2008, mas na primeira edição do jornal ele lembra que teve ideia ao ler algumas coisas sobre o Egito Antigo "estava lendo alguma coisa sobre o Egito antigo, do tempo dos faraós e sobre os éditos reais que eram lidos nas aldeias: Porque (sic) não fazer um jornal com todas as características dos antigos papiros, dos éditos reais???"

O jornal teve apenas sete edições, mesmo sendo distribuído em duas fases. Segundo a jornalista Karine Segatto que realizou uma pesquisa sobre o assunto "O Rolo" teve sete números publicados com as datas de 25 de novembro de 1959, 20 de maio de 1960, 20 de dezembro de 1994 (aniversário de 59 anos de Dourados), 20 de janeiro de 1995, 20 de fevereiro de 1995, março de 1995 e julho/agosto de 1995. Sendo que na primeira fase os di-

ou seja, aberto por outras pessoas antes do comprador final.

Foi considerado "coisa de loucos" por alguns, por ter o trabalho triplicado, pois a paginação era frente e verso e a colagem das páginas era manual.

Mas as dificuldades não intimidaram a divulgação do primeiro exemplar do periódico. "Não ignorávamos, naquela ocasião, os muitos obstáculos que teríamos pela frente. O exemplo dos outros

que se dedicam a manter um jornal, não nos teria encorajado. Conhecendo, de perto, como conhecíamos as dificuldades que isso acarretaria, teríamos desistido. Se tal não aconteceu, deveu-se, exclusivamente, à nossa teimosia", escreveu o diretor em 1959.

O jornal tinha a intenção de ser semanal, mas nessa época ainda havia a dificuldade de encontrar as tipografias para a impressão, tanto que para o primeiro número o atraso foi de dois meses e para o segundo número o atraso foi de três meses, pois a impressão era feita na Tipografia Rui Barbosa, em Campo Grande.

O jornal continha notícias, notas e muita opinião, principalmente na segunda fase, em 1994, quando "O Rolo" adquiriu uma nova concepção, que era a de ser uma "nova alternativa de informação e entretenimento", diferente da primeira fase em que no Editorial do número 01, em 1959, os diretores disseram se atrever a "fazer um jornal sério, por imaginá-lo de maior utilidade" e que tentariam "dentro de nossas modestas possibilidades, levar aos nossos leitores o maior número de notícias que julgamos seja do seu interesse".

* Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Centro Universitário da Grande Dourados - Unigran, com especialização em Marketing, pela Universidade Anhanguera. Já atuou como jornalista no site Dourados News e atualmente é Assessora de Comunicação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. É autora do livro "Família Fernandes: Uma história de Gerações".

No rádio de hoje o profissional paga para trabalhar

Cheguei a Dourados através de Jorge Antonio Salomão, diretor proprietário da Rádio Clube de Dourados, que foi me buscar em Presidente Prudente, nos idos de 1966. E eu fiquei por aqui até 1973. Quando cheguei aqui não havia energia elétrica, o que tinha era um gerador à diesel que funcionava das 14 às 22 horas e também não havia um palmo sequer de asfalto, nem na Avenida Marcelino Pires.

Na Rádio Clube fiz praticamente de tudo, fui redator e apresentador do jornal Fatos e Notícias, que ia ao ar ao meio dia, e tive alguns parceiros no noticiário, entre eles Sultan Rasslan e Maçal Tadano que depois foi para a política onde foi bem sucedido.

Tive outros grandes amigos como Mateus Gnutzmann, o Pipoca, o Gilberto Orlando, Odir Pedroso entre tantos outros.

Fazer jornal falado naquela época em Dourados era muito difícil. A rádio escuta fazíamos através de anotações para depois reescrever. Nessa época não corriamos atrás da notícia pois sempre que acontecia um fato novo ou algum evento, as pessoas é que nos procuravam para fazer a divulgação.

Quando cheguei por aqui, só existia o jornal O Progresso que era bi semanal, mas surgiu um outro que não me lembro mais e eu, cheio de ousadia, criei o meu próprio jornal: o Diário da Região, e passem, um diário que só circulava duas vezes na semana. No programa de rádio fazia gozação comigo mesmo dizendo "hoje vai circular o diário da Região, o único diário que só circula duas vezes por semana". Foi uma experiência gratificante e rápida pois não o jornal circulou cerca de seis meses, onde fui redator, repórter e revisor e só não fazia a impressão porque não entendia nada.

Conheci o Theodorico Viegas e, em-



Germano Dansinger

bora nunca tenhamos trabalhado juntos, o considero um dos grandes nomes da im-

prensa sul-mato-grossense, uma pessoa dedicada que fazia do jornalismo um sacerdócio.

Eu não sei se deixei o rádio ou se ele me deixou. Até hoje tenho essa dúvida cruel, mas isso aconteceu por volta de 1997 em Salvador. Confesso que fiquei um pouco decepcionado. O rádio na nossa época valorizava o profissional. Hoje o rádio não é mais o mesmo e o profissional da área praticamente paga para trabalhar. Ele ganha o espaço na emissora aí tem que correr atrás dos patrocinadores do programa para pagar a emissora e também para o seu próprio sustento.

Durante minha trajetória na Rádio Clube de Dourados, eu fazia um programa que me deixava muito feliz e através dele, fiz grandes amigos e em razão do patrocinador chamava-se "Ferragista no Sertão". Ia ao ar de segunda a sábado, das 17 às 18 horas. Um programa sertanejo onde eu brincava com os ouvintes, contava piadas e também onde todas as grandes duplas sertanejas da época, que vinham pra região de Dourados, se apresentavam em circos procuravam o programa para entrevistas de divulgação dos shows. Esse programa marcou época no rádio douradense e até hoje ele é lembrado.

Lucas Corrêa: um radialista inspirado na Bíblia

O empresário e radialista Lucas Corrêa nasceu em Dourados há 61 anos. Começou a trabalhar com apenas 8 anos engraxando sapatos pelas ruas da cidade. Dos 10 aos 14 anos trabalhou na Banca do Bazar Estrela, dentro do Bar Douradense, de Dona Maria e José Miguel, que ficava localizada na Avenida Marcelino Pires com Hilda Bergo Duarte.

Dos 14 anos aos 19 anos trabalhou no Despachante Alvorada com João Roberto Martins, mais conhecido como 'Suruba', hoje fiscal de renda aposentado. Dos 19 aos 21 anos, gerenciou o Despachante Lopes do empresário Hélio Lopes, atualmente morando em Cuiabá-MT. Aos 21 anos instalou seu próprio despachante - o São Lucas.

Em 1989 por influência de seu



Lucas Corrêa

amigo o radialista Antônio Neres começou sua paixão pela rádio, após substituir por uma semana Leniro Novisk, que comandava o programa Brasileiríssimas Sertanejas e Regionais na Grande FM.

Lucas começou seu próprio programa na Rádio Caiuás, de José Elias Moreira, onde comandava o Caiuás a Dona da Noite. Lucas tem em seu currículo passagens pelas Rádios Clube de Dourados e Guaicurus, de Fátima do Sul.

Atualmente comanda o programas na Harmonia FM 98,3. A emissora de sua propriedade foi inaugurada em novembro de 2007.

"Busco sempre levar orientação de vida com base na Bíblia Sagrada aos meus ouvintes", diz Lucas Corrêa.

Diário MS é resultado da fusão de 3 semanários

O jornal Diário MS é resultado da fusão de três semanários: Panfleto, Jornal do Vale e Zangão. Foram eles que deram origem ao Diário do Povo, nome com o qual foi criado este jornal que soma 25 anos de circulação em Mato Grosso do Sul.

O Panfleto, criado em 27 de agosto de 1983, era produzido às segundas e terças-feiras, para circular às quartas e quintas-feiras. O Zangão, após Vitoriano Carbonera Cales receber a autorização dos antigos proprietários, foi reeditado a partir de 1985. Circulava toda segunda-feira. E o Jornal do Vale, lançado em 1987, produzido e editado às quartas e quintas-feiras, para circular na sexta-feira.

Tendo Vitor Cales e Paulo Falcão como sócios, a primeira edição do novo jornal

impresso (o Diário do Povo) circulou em 15 de setembro de 1993, sob um ambiente de grande expectativa. O primeiro editorial estampou: "Nasce uma nova era". Na capa, uma foto aérea da cidade de Dourados, com uma manchete convidativa: "Bom dia Dourados e região".

Aos poucos se consolidou como o jornal da região, aquela que assistiu à fecundação dos três embriões. Era, portanto, a mesma região que, por aceitação e incentivo, deu origem ao slogan do Diário do Povo: "O jornal de integração regional".

A credibilidade, a seriedade e o profissionalismo no trato da notícia fortaleceram este veículo, projetando-o pelo Estado afora e garantindo seu espaço na imprensa sul-mato-grossense.

No entanto, uma 'marca' homônima em Campinas (SP) obrigou a direção a trocar o nome do jornal. Nasceu então o

Diário MS, denominação criada pelo próprio fundador do jornal, Vitoriano Carbonera Cales, o Vitor, que desejava uma marca abrangente e não limitada somente a uma região.

A primeira edição com o novo nome circulou em 13 de dezembro de 2000, com dois cadernos coloridos e impressos em papel sulfite. Marcou também a mudança do antigo prédio, na rua Mato Grosso, para o endereço atual, na esquina das ruas Joaquim Teixeira Alves e Toshinobu Katayama.

Com 25 anos de fundação, o Diário MS circula de segunda a sexta-feira. Tem capas e contracapas coloridas. Desde o dia 1 de abril de 2011, a empresa está unicamente sob a direção do jornalista Alfredo Barbara Neto, já que a sociedade anterior foi desfeita em comum acordo entre as partes envolvidas.



Operação Pregão revela fraude na licitação de agência de publicidade



Mantovani aprova fim da cláusula de Barreira



Dourados é a 1ª de MS 'melhor para negócios'

Capa da edição do dia 12 de novembro de 2018

Me considero um jornalista privilegiado por ter vivido o momento da censura e da democracia

Fui convidado para falar da minha carreira como jornalista aqui em Dourados. Uma brilhante iniciativa da folha de dourados que me deixa honrado. Comecei na imprensa em 1983. Estávamos saindo do governo militar e a censura aos meios de comunicação era comum. A figura do censor da Polícia Federal visitando os noticiários era lembrada como ações recentes. Os programas de TV antes de irem ao ar mostravam um certificado de censura da polícia.

Me considero um jornalista privilegiado por ter vivido o momento da censura e da democracia. Naquela época se falava ainda de "imprensa marrom", que eram os veículos controlados pelo governo ou pelos grandes conglomerados. Os militantes da esquerda exigiam liberdade de imprensa e comemoravam quando os veículos atacavam o governo. Isso pa-

ra eles era liberdade de imprensa.

Meu primeiro contato com a imprensa foi na extinta TV Caiuás, onde fui muito bem recebido pela jornalista, hoje advogada, Goretti Dal Bosco, Elizabeth Salomão (a Bete Balanço) e também o Luca (produtor) Ipojuca, Eugênio e outros grandes nomes. Depois fui para a Rádio Clube de Dourados e lá permaneci por 9 anos ao lado de colegas incríveis como Gilberto Orlando, Albino Mendes, José Guerreiro, Soares Filho, Clóe Fazano, Jorge Antônio Salomão, Lourimar Neto e Jackson Frazone que me ajudaram a construir o profissional que sou.

Lá fiz reportagem policial, política e esportiva. Tive rápidas passagens por assessorias de imprensa nas prefeituras de Dourados e de Itaporã, onde até fui alçado a Chefe de Gabinete. Foi o momento que cheguei mais próximo da política. Já escrevi para jornal impresso como a Gazeta e O Progresso. No rádio tive oportunidade de ver recursos sendo substituídos pela tec-



Amarildo Ricci
Jornalista, radialista, cerimonista, advogado e gestor de marketing
(amarildo@eventoms.com.br)

nologia mais avançada, como o LP (disco de vinil), CD, MD e Fita Magnética. Hoje comercial e música estão no computador, migrando para nuvem. A Rádio evoluiu e ganhou a internet como grande parceira.

Nesses anos de rádio, fazendo jornalismo, acompanhei a queda dos militares do governo e ascensão da esquerda. Hoje já não se fala mais em imprensa marrom, pois a internet se encarregou de mostrar os fatos além do jornalismo. Mas chego o fake News que é tão nocivo quanto.

Atuo também no ramo do cerimonial, eventos e publicidade que me deixa totalmente à parte das assessorias. Estou casado com Cristine Ricci e tenho dois filhos a Beatriz e o Augusto. Se pudesse voltar no tempo escolheria novamente o Jornalismo como profissão pois é maravilhoso dar voz e pensamento a quem não tem oportunidade de se expressar. Digo que sou jornalista mesmo, doa a quem doer.

Da teoria da academia para a prática na redação

Ao contrário de boa parte dos colegas de profissão, a minha história no jornalismo começou 'mais tarde' em termos de idade. O primeiro trabalho ocorreu em 2010, três anos após formado.

A vontade de atuar na área fez com que eu deixasse o segundo semestre de outra opção na comunicação social, voltado para a publicidade no antigo Iesd – que posteriormente se tornou Anhanguera – para ingressar na primeira turma do curso que se iniciava na Unigran, em 2004.

Apesar de concluí-lo há 11 anos, minha atuação como profissional na área começou apenas em 2010, quando, na companhia do jornalista e colega de turma Helton Costa, criamos a agência de noti-

cias Mais Mídia.

De início, encontramos muitas dificuldades em entrar no mercado, mas posteriormente conseguimos marcar espaço. Entre os veículos de comunicação a qual pudemos contribuir com o trabalho está a Folha de Dourados, um ano após colocarmos em prática a ideia.

No período de parceria entre as duas empresas foram realizadas entrevistas e reportagens especiais que ilustraram as páginas da então folha impressa ao longo de seis meses.

Ainda em 2011 fui convidado pelo jornalista Henrique de Matos, que ocupava a chefia de redação do Diário MS, a ocupar o cargo de editor no caderno de Esportes do jornal.

Por lá atuei por mais de três anos e já no final da passagem, idealizamos um caderno próprio e inédito a nível local sobre



Adriano Moretto

a Copa do Mundo de 2014, disputada no Brasil. A publicação foi feita toda no formato tabloide e colorida.

Em 2013 surgiu o convite para assumir a chefia de redação do Dourados News, portal de notícias pioneiro no município e um dos mais acessados no Mato Grosso do Sul, recebendo a missão de auxiliar na produção e mudar a cara do portal, inserindo conteúdo voltado ao lado cultural, repercutindo à realidade local o que era noticiado no Brasil e no mundo, além de atender a demanda local.

Nessa época, dividia o tempo atuando nos dois veículos de comunicação.

Em agosto de 2014 passei a atuar apenas no Dourados News, onde me encontro até os dias atuais.

Nesses cinco anos atuando no meio online, auxiliei na mudança de dois novos layouts, além de iniciar o projeto da versão impressa do Dourados News, entregue gratuitamente nos locais de grande circulação da cidade entre os anos de 2015 e 2016.

Também atuo como repórter de campo e colaborador na Rádio Coração FM, na equipe comandada pelo radialista Antônio Neres desde 2016.

Os cinquenta anos da folha de dourados

Não podemos falar em folha de dourados sem lembrarmos do saudoso Theodorico Luiz Viegas, que por muitos e muitos anos fez circular a noticiosa Folha, que era impressa na Av. Marcelino Pires, quase ao lado da Loja Riachuelo.

Detenho ainda duas carteirinhas de articulista da Folha de Dourados, emitidas em 1972 e 1973, período em que comecei produzir minhas "sumidades". Pena que não contando naquele tempo com o computador, não tenho arquivo do que foi produzido e publicado na folha, tudo como pseudônimo de Juca Paulista.

Como colaborador da folha e como advogado, a pedido do Theodorico, fiz o inventário de seu irmão Sátiro em tempo recorde, o que muito agradou-lhe vez que naquele tempo tudo demorava muito tempo.

Sempre com um palheiro na boca e assessorado pela Maria, era encontrado na gráfica do jornal sorrindo, feliz com a vida que levava. Já bem mais recentemente, acometido por um câncer, foi levado para a companhia do Criador, temos certeza, porque sempre foi uma boa e correta pessoa.

Com relação à folha de dourados e ao meu pseudônimo de Juca Paulista, tenho a contar uma história que revelou a ignorância e a truculência de um Major da Polícia Militar, investido na função de Delegado Regional de Polícia, no período da Ditadura Militar, que mostrou, gratuitamente, e ao arripio da orientação do regime, a suprema vocação da besta ignominiosa e repelida pela humanidade civilizada.

Estava eu à noite, no "Bar Olímpia", de propriedade dos saudosos Dr. Antonio Tonanni e Dr. Ronan Rodrigues Peris, quando fui convidado pelo primeiro, o Tonanni, para ir até o prédio do Clube Social, que ficava ao lado do Banco do Brasil e foi substituído pelo edifício que está prestes a ter sua construção terminada. Ali, argumentou o Tonanni, haveria uma reunião com o prefeito, no caso João Totó Câmara — salvo engano em 1974 — tomei

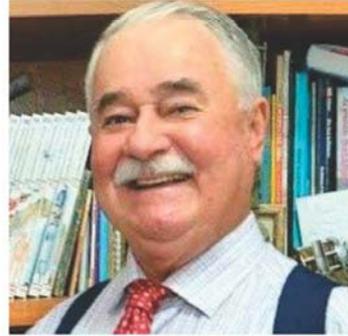
assento à mesa e, ao meu lado, o nosso Bispo Don Teodoro.

No correr das trocas de ideias e sugestões ao prefeito, tomou a palavra o tal Major PM, delegado regional de polícia e disse que Dourados, a nossa cidade, precisava de uma Penitenciária e desfiou os motivos que julgava, para querer um conjunto de jaulas para a cidade, até então muito satisfeita com o que já tinha. O Bispo Don Teodoro, ao meu lado, falou-me em voz baixa que uma Penitenciária não era boa coisa para uma cidade; que ele tinha passado, na Alemanha onde nasceu, um profundo mal estar quando foi confundido com um egresso do sistema penal, existente na sua cidade.

O Juca Paulista não titubeou e escreveu uma artigo repudiando a proposta do tal Major PM, afirmando, que a ideia de construir uma Penitenciária em Dourados, seria boa, talvez, lá pelos lados de Rio Brillante, aqui não. Explica-se hoje a propriedade do repúdio do Bispo Don Teodoro, quando temos uma Penitenciária com cerca de dois mil detentos e seus parentes e amigos nas periferias pondo em risco os douradenses. Que vantagem nos trouxe a Penitenciária que até mudou de nome, porque denegriu o nome do ex-governador Harry Amorim Costa.

Envenenado com o conteúdo do artigo escrito pelo Juca Paulista, que contrariava sua "brilhante ideia" o tal Major PM, sentido-se o rei da cocada preta, livre para praticar barbaridades, foi até a redação da folha de dourados e exigiu do agora saudoso Theodorico Luiz Viegas, que revelasse quem era o tal "Juca Paulista". Theodorico negou a informação, dizendo que a lei preservava a identidade do autor da matéria.

Inconformado, espumando ignorância e truculência, o tal Major PM prendeu o Theodorico e o levou para entregar no 11º REC MEC em Ponta Porã. No trajeto entre Dourados e aquela cidade, no Posto do Exército do Pacuri, não conseguiu passar porque não dispunha de nenhum documento. Então o Major PM amarrou o Theodorico numa árvore e voltou buscar o que precisava. Atendida a exigência da barreira militar, conduziu o Theodorico e



José Alberto Vasconcellos
Membro da Academia Douradense de Letras.
(josealbertovasconcellos@yahoo.com.br)

o entregou ao Coronel comandante do Onze, sabe Deus com quais acusações.

Os membros locais da Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária à qual pertenciam os saudosos Theodorico e também o Juca Paulista, tomaram a providência de procurar o Coronel do Exército, Dr. Marcondes, pai do nosso médico Eduardo Marcondes que, imediatamente dirigiu-se até Ponta Porã, em socorro ao parente (tratamento que se dão os componentes da S:S:C:H).

Diante do comandante do 11º RECMEC, o saudoso Coronel Marcondes, que compôs a FEB (Força Expedicionária Brasileira) no conflito da II Grande Guerra, disse em português claro: Senhor coronel comandante desta unidade do Exército Brasileiro, eu tenho em casa uma farda de coronel como a sua, a diferença, é que a minha está coberta por medalhas ainda com a fuligem das baterias dos canhões, que puseram fim no sonho de Hitler de conquistar o mundo. Com a autoridade da minha patente militar, quero saber qual o motivo que o fez acreditar num alienado e mandar raspar a cabeça e encerrar numa cela deste Quartel, um cidadão honesto, trabalhador e cumpridor dos seus deveres como patriota!

O comandante do 11º gaguejou! Ime-

diatamente mandou libertar o Theodorico, pediu desculpas pelo "imbróglio" (confusão, engano) e desejou boa viagem na volta do coronel Marcondes e do Theodorico.

Sempre defendi e defendo a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", movimento militar de 1964, que nos livrou dos comunistas e trouxe melhorias imediatas para nossa região, como a Ponte do Porto XV; Rodovias asfaltadas; Energia elétrica abundante (ITAIPU); E telefonia, assim como outras obras necessárias.

Como articulista colaborador na imprensa local e sem nenhuma remuneração, sempre condenei e condeno nos meus escritos, os procedimentos de alguns esboços, que a cavalo de um regime de exceção, extrapolam e põem para fora seu instinto de beócio, anexado à megalomania.

Nesta data festiva, quando comemoramos os 50 anos da folha de dourados e a "Proclamação da República", acontecimento da iniciativa da Oligarquia Rural, em 15 de novembro de 1889, que a proclamou para vingar-se de D. Pedro II, que libertara, no ano anterior, 1888, os escravos, arrebatando-lhes a mão de obra gratuita. Tomaram o Império de Pedro II e o condenaram a morrer na miséria (1891), o que ocorreu num hotel de baixa categoria, em Paris. Passados três anos da sua destituição como Imperador do Brasil.

Que Deus tenha em seu paraíso, os saudosos Coronel Marcondes e o jornalista Theodorico, que cumpriram suas missões como cidadãos responsáveis e patriotas.

O mesmo pedido e com mais veemência, fazemos ao Criador em benefício de D. Pedro II de Bragança e Bourbon (1825 – 1891), nosso Imperador que teve sua casa queimada recentemente, por um incêndio motivado pela letargia da incompetência. O Imperador conduziu o governo do Brasil, com lisura e competência, de 1831 – 1889, (Enc. Veja Larousse), venceu uma Guerra que durou de 1865 até 1870 e consolidou a Nação brasileira, no concerto das Nações.

Por fim, em 2018, quando a folha de dourados comemora seus 50 anos, agora sob a batuta do jornalista José Henrique, temos que reconhecer e agradecer a folha de dourados, o trabalho por anos a fio, executado em benefício de Dourados e região, elaborado na divulgação das notícias do dia a dia e nas novidades que vieram para melhorar a vida dos douradenses.

A história da imprensa douradense e os desafios impostos pelas novas mídias

A folha de dourados é parte importante daquilo que ao longo dos últimos 50 anos a imprensa local representa. Sou douradense, nasci aqui há 50 anos e minha história de vida se confunde, e muito, com tudo isso. Desde criança circulei por este meio que escolhi mais tarde como profissão, talvez um misto das minhas próprias convicções e, claro, também por influência de meu pai, Waldemar Dorta, que por mais de quatro décadas dedicou sua vida à comunicação nos rádios Clube e Caiuás, na TV Caiuás e no Jornal Estado de Mato Grosso (Cuiabá/MT).

Vivi e vivo profissionalmente muitas e diferentes emoções desde 1982 quando iniciei no Rádio Clube de Dourados, passando depois por tantos veículos importantes, até chegar à Televisão Cidade Modelo (TV Caiuás, TV Dourados e agora, RIT) onde já estou há longos 30 anos. Fo-

ram tantos colegas de luta e, em nome do saudoso José Guerreiro, cumprimento a todos com quem tive oportunidade de dividir as redações, os estádios de futebol e tantos outros locais que o jornalismo nos leva.

Hoje, vivemos novos tempos em que o rádio, a TV e os impressos, convivem com as mídias eletrônicas, para onde, de uma forma ou de outra, todos migramos. A Folha de Dourados é um exemplo disso. Portais, sites, redes sociais, a notícia está hoje em todo o lugar e com uma rapidez impressionante. Mas, infelizmente, em muitos casos, a pressa tem sido grande inimiga da verdade. O cuidado com a apuração dos fatos, nem sempre é levado ao pé da letra. Sem falar das notícias falsas (fakes) que todos os dias inundam as redes sociais e lamentavelmente, em não poucos casos, são repercutidas de forma irresponsável em órgãos de comunicação.

O jornalismo enfrenta seu maior desafio: separar o joio, do trigo. A verdade, da mentira. Necessitamos uma urgente



Fábio Dorta
Diretor de jornalismo da RIT
- Rede Internacional de televisão

autocrítica sobre o que pensamos para a nossa profissão. O Brasil vive dias de ódios de todos os tipos: políticos, sociais, raciais, sexuais, etc. Muito disso é nossa responsabilidade, como difusores principais, que ainda somos da informação.

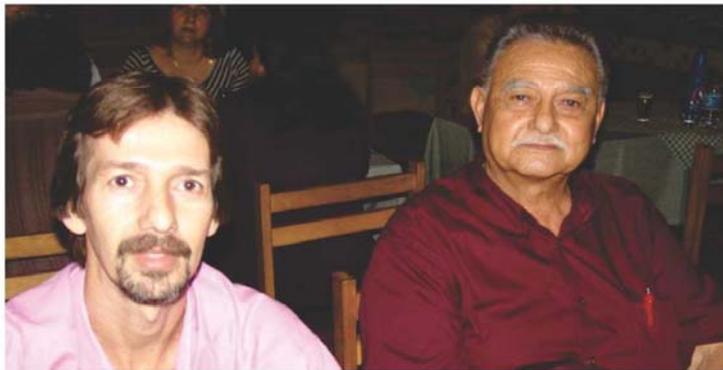
Liberdade de expressão é fundamental e lutamos muito por isso, alguns até morreram em sua defesa. Outros foram parar nas masmorras e de lá saíram com traumas, sequelas, para toda a vida. Mas, não podemos confundir-la com libertinagem. Dar voz e vez a imbecis é descer ao nível deles. É chegado momento de nos reunirmos, conversamos, trocamos ideias e sentimentos, para que possamos colaborar com um futuro mais condizente com os princípios éticos que devem nortear nossa profissão. Ninguém está em busca da perfeição, mas, podemos chegar bem mais perto dela.

Que Deus nos guie pelos caminhos corretos.

'A amizade com jornalistas, um dia me fez um deles'

Sempre que alguém me pede para falar algo sobre a história da imprensa de Dourados, a primeira imagem que me vem à mente é do saudoso Theodorico Luiz Viegas. Figura bonachona que conheci ainda antes mesmo de começar a militar neste meio.

João Carlos Torraca*



No início dos anos 2000, Theodorico foi colega de trabalho na Assessoria de Imprensa da Câmara Municipal de Dourados

Lembro-me da **folha de dourados** na antiga rua Santa Catarina, nas proximidades de onde hoje está o terminal de transbordo que, diga-se, há muito já deveria ter saído dali e dado vazão ao tráfego naquela via que margeia a por muitos anos esquecida Praça Antônio Alves Duarte, que um dia também foi chamada de Mário Corrêa.

A **folha** era para mim um jornal alternativo. Circulava, se não me falha a memória, duas ou três vezes na semana. Embora tenha sido o primeiro jornal diário de Dourados. Vez ou outra visitava a Redação, onde tinha amigos – que anos depois passaram a ser colegas de trabalho -, entre eles Antônio Viegas, Clóvis de Oliveira e Luis Carlos Luciano. Também tinha o Juarez, linotipista, e o Miranda, contato comercial. Os dois, agora, militando na imprensa celestial.

A amizade com alguns jornalistas acabou, um dia, me fazendo um deles. Sou um daqueles formados nas Redações, na universidade da vida, como costumam dizer outros em situação seme-

lhante, os chamados dinossauros. A convivência com todos eles me ensinou um bocadinho.

Tudo começou em meados de 1984. Depois de deixar a presidência da UDE, a nossa gloriosa e combativa União Douradense de Estudantes, de reconhecimento nacional, recebi convite do então vereador Paulo Afonso Flores Falcão para trabalhar no Panfleto, um semanário opinativo e de linha crítica à administração municipal da época. Foram meses de aprendizado e o ambiente acabou aguçando a verve para o colunismo político.

Já no início de 1985 passei a integrar a Redação do Panorama, levado pelo Clóvis, então coordenador da Redação da-

quele diário, que tinha ainda a Chahine Abdo Sater, João Cândido e o saudoso Prudêncio Campos, entre outros. Todos sob a direção da dona Mary Pinilla Spinoza.

A passagem pelo Panorama foi breve. Mas importante. Ali aprendi muito com os 'novos velhos' colegas.

Recém-casado, fui aventurar em empresa familiar. Não era do ramo e me dei mal. Voltei, então, depois de três anos, a respirar, literalmente, a Redação de um jornal. Dessa vez, na editoria de três semanários – Panfleto, Jornal do Vale e O Zangão. Os periódicos, sob a batuta de Victoriano Carbonera Cales e Paulo Falcão, tinham forte penetração em vários muni-

cipios da Grande Dourados e do Vale do Ivinhema.

De início, um trabalho quase que artesanal; composição no famoso chumbão e impressão numa velha linotipo plana. A empresa cresceu e a equipe também. Era preciso acompanhar a evolução. Aposentaram-se as velhas máquinas de escrever, a linotipo, o chumbão e a empoeirada caixa de clichês. Vieram os computadores.

Em 1993 os três semanários deram lugar ao Diário do Povo, o Jornal de Integração Regional. Nascia uma verdadeira escola. Para mim e para muitos colegas que hoje atuam na mídia local e estadual. Alguns deles hoje em jornais de grandes centros do país e até no exterior.

Em 2000, por conta de um homônimo em Campinas, o Diário do Povo passou a se chamar Diário MS. E hoje, à véspera de completar 25 anos, a exemplo de vários outros país afora, luta para sobreviver. Fazer jornal impresso custa caro. E com o advento da internet a mídia impressa perdeu leitores em grande escala, a carteira de assinantes encolheu e o anunciante ficou cada vez mais distante.

A mesma Internet que ajudou na evolução da informação colocou os jornais impressos em situação que requer criatividade, objetividade e, acima de tudo, profissionalismo. Caso contrário, poucos sobreviverão.

Confesso que, talvez pelos meus quase 35 anos de Redação, praticamente em um mesmo veículo, coloco-me entre aqueles que preferem a 'notícia física', mesmo que quase metade desses anos todos tenha convivido com a informação virtual.

* Jornalista - DRT/MS - 119 Dourados - MS

Parabéns à **Folha de Dourados** por cumprir durante 50 anos um importante papel na imprensa local, informando a população douradense de forma independente e imparcial.



www.barbosinha.com
gabinete@barbosinha.com
barbosinhams
JoseCarlosBarbosinha

Barbosinha
DEPUTADO ESTADUAL
Trabalho e Competência

A Folha de Dourados celebra o Ouro de suas bodas com a cidade modelo, onde notícias e histórias perfizeram suas páginas contribuindo para a memória municipal.

A ADL parabeniza aos seus editores e sua equipe jornalística com votos de muito mais êxitos nessa jornada séria com informação.

Parabéns pelos 50 anos.

Marcos Coelho
Presidente da Academia Douradense de Letras



AD INFINITUM PER ANGSTA

Irma Lupinetti

Uma história muito além do jornalismo

Vasta experiência em comunicação, atuando nas áreas de jornalismo e de publicidade e propaganda, Irma Lupinetti fez história na imprensa de Dourados e continua sendo uma referência no meio.

Profissional dinâmica, dedicada, e desafiadora, iniciou como repórter de televisão, em 1983, mas logo empreendeu. Montou o jornal semanário, Enfoque e seis anos depois a Paralela Comunicação que dirige até hoje, há 25 anos. Atendeu a praticamente todos os segmentos das iniciativas privada e pública, e desenvolveu inúmeros projetos de instituições e entidades locais e da região. Irma Lupinetti é formada em Jornalismo, em São Paulo, pela Faculdade de Comunicação do Instituto Unificado Paulista, com especialização em Comunicação Visual. MBA em Gestão Estratégica de Marketing pela FGV (Fundação Getúlio Vargas), em Campo Grande, com curso intensivo na área de publicidade no mesmo período (2001 a 2003). Nesta entrevista à Folha de Dourados ela conta um pouco dessa sua trajetória.

FD – Como você estreou no jornalismo douradense?

Irma - Recém-formada em jornalismo em São Paulo, em 1983, Dourados ganhava seu primeiro canal de TV, a Caiuás, e então fui convidada a trabalhar. Deixei o Departamento de Comunicação da Xerox do Brasil, na época atuando na coordenação da assessoria de imprensa, função importante, desafiadora e de futuro na empresa, mas o coração falou mais alto e decidi voltar para Dourados, ficando mais perto da minha família.

Quais os grandes desafios na época?

Tudo era novidade na TV, jornalismo iniciando, programas novos, equipe sendo preparada para atuar em suas funções, uma chefia experiente que nos desafiava e o que é mais importante, a dedicação e a

vontade de trabalhar, de vencer e de contribuir para a história da imprensa Douradense. Atuei como repórter, editora e depois também como produtora de programa de variedades.

Você foi fundadora do Enfoque. Qual era a proposta do jornal e como foi essa experiência pra você?

Fundei o jornal em sociedade com o jornalista Junio Cheze Barros de Araújo, na época éramos casados. Um projeto de semanário de 16 páginas, muito bem pensado, que saiu do papel e foi para a prática com garra e vontade. Em menos de um ano nos tornamos referência na imprensa local. Era um orgulho dirigir um jornal imparcial que sobrevivia de publicidade da iniciativa privada e de assinaturas. O jornal era produzido por uma equipe unida e cheia de vontade. Tínhamos o respeito do poder público, mesmo diante de matérias e artigos altamente críticos, mas fundamentados na verdade dos fatos, o que nos dava credibilidade e confiança por parte de patrocinadores e anunciantes.

Porque o Jornal parou de circular?

Após dois anos de circulação, o Junio sofreu um acidente gravíssimo que o impossibilitou de continuar atuando. Contato com uma dedicada equipe e o apoio incondicional de minha família, levei o Enfoque adiante por mais quatro anos, funcionando ininterruptamente com a mesma força até que o destino me fez decidir por interrompê-lo. Elaborei a pauta da última edição, com o máximo de minha emoção, especial de 57 anos de Dourados, que circulou no dia 20 de dezembro de 1992, trazendo como destaque de capa, uma foto produzida na Praça Antônio João com 12 pioneiros, famílias tradicionais que também fizeram história na cidade.

Depois do Jornal Enfoque, veio a Paralela Comunicação, uma empresa focada



Irma Lupinetti

na assessoria de comunicação. Como foi entrar nesse mercado naquela época?

As centenas de mensagens de solidariedade que recebi por ocasião do fechamento do Enfoque serviram de estímulo. Na época o auge era a Assessoria de Imprensa, atendemos a dezenas de empresas e instituições com produção de matérias e informativos, sendo uma das primeiras, a Associação Comercial e Empresarial de Dourados, em 1993, na época ACID. Depois vieram a Associação dos Comerciantes de Materiais de Construção, Clube de Dirigentes Lojistas, Clubes Indaiá e Samambaia, Sindicato Rural, Sindicato dos Contabilistas, Unimed, Senai, Senac, Sesi, Embrapa, exposições agropecuárias da região, e ainda, edição de informativos e programação visual para projetos e eventos promovidos pela da Prefeitura Municipal de Dourados.

Hoje a empresa também atua como agência de publicidade. Como aconteceu

essa mudança?

Foi natural em função das demandas dos clientes. Além da assessoria de imprensa, desenvolvemos projetos, especialmente ligados a eventos e ações promovidas por clientes e que necessitavam de identidade visual, de marcas e de selos comemorativos. Fomos buscando conhecimento e fazendo cursos até que migramos para agência de publicidade. Entre as primeiras marcas que criamos estão as logos de uma campanha desenvolvida pela Catedral Imaculada Conceição, a do Sindicato Rural de Dourados, e a do Kikão Restaurante, que até então eram tradicionais. O MBA que fiz em Gestão Estratégica de Marketing, pela Fundação Getúlio Vargas, em 2003, e um mês intensivo de curso prático em agência de publicidade, ambos em Campo Grande, me deram capacitação necessária para atender e adquirir a confiança dos clientes pelos resultados que eram proporcionados.

Você acha que com o curso universitário de Publicidade e Propaganda houve maior compreensão e esclarecimento do empresário sobre a necessidade de maior investimento nessa área da comunicação?

O curso ajudou, mas existem outros motivos. Com a cidade se desenvolvendo e com o crescimento dos vários setores do comércio, as empresas se viram obrigadas a melhorarem suas condições de competitividade no mercado. Um dos quesitos foi justamente a divulgação e, nesse aspecto o curso ajudou muito com novas agências de publicidade, com novos profissionais publicitários no mercado, atuando em criação, como social mídia e outras funções.

Quais os grandes desafios das agências de publicidade, diante do avanço da internet, especialmente com redes sociais?

As coisas mudaram e continuam mudando muito rápido. Mudam os tempos, mudam os desafios, mudam as demandas. O lado bom é que atualmente temos a necessidade e o poder de nos reinventarmos, com um leque maior de possibilidades e oportunidades. Assim eu vejo o mercado.

Histórias para contar

Era jovem, tinha uns quatro ou cinco anos de profissão, um bom texto e a certeza de que havia encontrado minha vocação. Estava encantada com o jornalismo. Era minha arma na luta por um mundo melhor. Pelo menos era o que eu imaginava nessa época, meados dos anos de 1990... 1994, para ser exata, quando cheguei a Dourados.

Vim com a família, três filhas pequenas, acompanhando o marido aprovado no primeiro concurso da então recém-inaugurada Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Logo na segunda semana depois de nos instalarmos, consegui conversar com o presidente do Sindicato dos Jornalistas, que era o José Henrique Marques, assessor de imprensa da Câmara de Vereadores.

Eu vinha de um jornal impresso onde era editora, o Jornal do Povo, de Três Lagoas, que naquele tempo tinha circulação semanal. Mas meu início de carreira tinha sido numa emissora de TV, em Chapécó, no oeste de Santa Catarina. E com meu nada extenso currículo debaixo do

braço, fui conversar com o Zé Henrique, pra sondar as possibilidades de trabalho na nova cidade.

Ele me recebeu, olhou o currículo, telefonou para o Fábio Dorta, me deu um cartão e me mandou ir, naquela mesma tarde, até a TV Caiuás. (Sim, o Fábio Dorta está naquela TV desde sempre). Poucos dias depois, lá estava eu, integrando a equipe de reportagem da manhã.

Outros repórteres eram o próprio Fábio, o Antônio Coca, o César Cordeiro. Apresentador, o Antônio Carlos Ruiz. Depois vieram mais mulheres: Rosane Mazetto, Lia Nogueira, Daniela Menin... certamente não vou conseguir nomear todos com quem tive oportunidade de trabalhar.

Para ser motorista da Tv Caiuás, o requisito era se chamar José: Zé Miguel, Zé Bruno, Zé Roberto... E cinegrafistas, eram vários Joões: o João Silva, o João Viera, e ainda mais um João cujo sobrenome não recordo. Além deles, o Betinho Escalante, que além de parceiro de equipe acabou virando parceiro da vida.

Muito sol na cabeça, muita poeira e barro pelas ruas dos bairros, inauguramos naquele tempo o que agora chamamos de jornalismo comunitário: íamos ouvir



Vanda Moraes e Mello Laurentino Escalante
Jornalista

as reclamações das pessoas e cobrar providências do poder público. Fosse qual fosse a motivação empresarial, editorialmente a gente bem dava conta do recado.

As pautas eram sempre minhas, e o César Cordeiro gostava de implicar com meu sotaque: "Tem transporrrrrte?"

Poucos meses depois, estava eu com dois empregos, dedicando as tardes ao Jornal O Progresso, cuidando do fechamento do Caderno B e do suplemento infantil O Progressinho, dividindo a redação com Vander Verão, Luiz Carlos Luciano, Nicanor Coelho, Prudêncio Campos, Waldemar Gonçalves Russo, José Roberto Almeida, Luci Lorenzini... Foi um tempo de muito trabalho e de grande aprendizado.

Fui embora de Dourados no início de 1997. Andei e trabalhei um bocado em muitos lugares diferentes. Mas voltei em 2008, para a campanha eleitoral do findo Artuzi, pelo PDT. Depois em 2012, concursada na Câmara Municipal, mas não fiquei muitos meses. Em 2015 fui chamada em outro concurso, no Hospital Universitário, pela Ebserh, e cá estou.

Olhando para essa história, o que posso dizer sem medo de errar é que, lá nos idos dos anos de 1990, a gente tinha realmente muita paixão pelo que fazia e levávamos a sério o que estávamos fazendo. Talvez fôssemos apenas românticos e ingênuos.

Que bom que fomos assim! E melhor ainda é que estamos por aqui para dizer como foi. Afinal, para que servem os jornalistas se não tiverem histórias pra contar?

Dourados minha terra natal por escolha

Se lembrar é uma forma de viver, lembro com saudades quanto aqui cheguei na década de 80, mais precisamente para auxiliar o meu amigo e primo Alci Costa Leite na campanha de Braz Melo para a prefeitura de Dourados. (1988) Exatos 30 anos atrás. Todas as minhas lembranças fazem parte do meu processo de aprendizado, pois ao acumular conhecimento e não os desprezar, eles permanecem vivos em mim, pois a memória não tem apenas a finalidade intelectual, mas, sobretudo emocional.

Antonio Viegas A.*



Convenção dos supermercadistas do MS no Clube Indaiá com mais de 100 stands da indústria alimentícia nacional. Na foto Telma de Oliveira, Antônio Viegas e Maino

Essa edição comemorativa dos 50 anos da **folha de dourados** fez remeter primeiro quando cheguei aqui. Essa lembrança me fez olhar para trás para entender que é importante rever nossos erros e acertos, que muitas vezes ficam esquecidos em algum canto, e acabam cobertos pela poeira da estrada da vida. Ainda mais com as rápidas mudanças da modernidade, em que frequentemente deixamos de lado uma palavra ou um acontecimento importante.

As vezes as pessoas não têm noção de sua história e acabam acreditando que vc caiu de paraquedas na cidade. Somos

fundadores da primeira agência de Publicidade a não menos famosa TVM Comunicação e estava não só no meio da logomarca como no meio de um casal amigo que me abriu as portas de Dourados, Telma de Oliveira e Marcelino de Oliveira (Maino). Telma, Viegas, Maino são as iniciais que deram o nome à agência, isso na década de 90.

Essa agência tinha entre seus clientes: J4 Leilões, Aparte Leilões, Supermercado Panelão, Água na Boca, Drograria Auxiliadora, Imobiliária Continental,

Mooper, Mattoso Decorações, Sindicato Rural de Dourados em 1994, Embrapa e por aí afora.

Fizemos a Convenção dos supermercadistas do MS no Clube Indaiá com mais de 100 estandes da indústria alimentícia nacional. Colaboramos para que Share Adassi, proprietário do Supermercado Panelão, fosse eleito o primeiro presidente do interior do Estado a comandar a AMAS-Associação Sul-Mato-Grossense de Supermercados.

Um outro fato importante foi que a

TVM fez várias campanhas para a Caixa Econômica Federal, isso na década de 90 quando o Paulo Patai, superintendente estadual da CEF, regionalizou a verba da publicidade. Hoje o Paulo está na diretoria da Caixa em Brasília. Na época criamos um adesivo com o pôr do sol do Pantanal, que viralizou no Brasil inteiro. Tinha gente de todo lugar que nos ligava pedindo para fazer adesivos. Essa criação foi do designer Alexandre Farias que considero um dos melhores do Mato Grosso do Sul

A partir daí começou uma caminhada longa. Estivemos juntos com o Zé Henrique no ano em que o mesmo nos solicitou uma nova roupagem (diagramação) para o seu Jornal. Fizemos o mesmo com O Progresso, se não me falha a memória, nas comemorações dos 45 anos do jornal.

Para finalizar quero parabenizar a todos, começando com o meu amigo Theodorico Viegas (in memoriam) que foi o precursor desse veículo até agora, o Zé Henrique atual proprietário da **folha de dourados**. Parabéns a todos aqueles que deram início a esse caminho que deve ser mantido, com vontade, garra independente das dificuldades nesses 50 anos de história.

Ao somar as boas lembranças, com a experiência do viver e a experiência do saber, a **folha de dourados**, terá como resultado, no mínimo, mais 50 anos de sucesso. Parabéns **folha de dourados** por tudo o que vocês proporcionaram a Dourados.

* Jornalista, brasileiro, casado com Rita Manzano e pai de Kaio e de Caroline Manzano Viegas e amigo da **folha**.

A 94FM é a única rádio no País a sortear uma casa por 15 anos

A rádio 94FM é fruto de um sonho de Marçal Leite Gonçalves Filho. Aos 11 anos de idade começou a atuar em emissora de Dourados, como sonoplasta, e aos 16 teve a oportunidade de ter o seu primeiro programa. Ser comunicador sempre foi um desejo de Marçal Filho, como é chamado, e até adquirir a concessão de sua própria rádio atuou em várias emissoras de Dourados e região. A 94FM entrou no ar em 26 de julho

de 2001 e desde a sua fundação está localizada no edifício Adelina Rigotti, 10º andar.

Dar voz a quem não tem oportunidade de falar sempre foi uma das principais missões de Marçal Filho. Graças a um trabalho sério, comprometido e de prestação de serviços à comunidade, a 94FM conquistou a população, vindo a se tornar a rádio mais ouvida em Dourados e região.

Com programação variada 24 horas



por dia, a emissora se destaca com sua equipe de jornalismo, noticiando informações em tempo real, garantindo fidelidade dos ouvintes. Tudo que é apresenta-

do ao longo das programações é também veiculado no site 94fmdourados.com.br, canal de comunicação para os internautas acompanharem tudo o que acontece no Mato Grosso do Sul, Brasil e Mundo.

Com a chegada das redes sociais, a 94FM se fortaleceu e estreitou ainda mais os laços com os ouvintes. A participação na programação tornou-se mais prática e o contato direto do público com os comunicadores ficou ainda maior.

A 94FM é a única rádio no País a sortear uma casa por 15 anos consecutivos, motivo de orgulho para todos os que compõem a equipe e principalmente para Marçal Filho, que faz da emissora um instrumento para ajudar as pessoas. O sorteio sempre é realizado no mês de aniversário da rádio, quando também acontece festa com shows gratuitos para toda a população.

Clay Correa, colunista

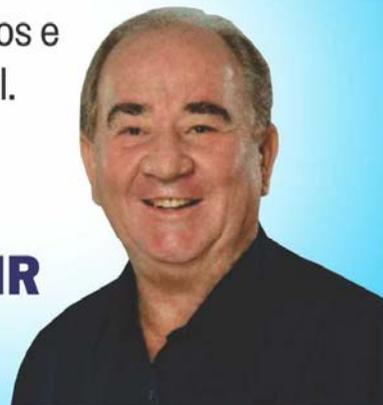
Apaulista Clarice Correia Cezar de Lucia, a Clay Correa (in memoriam), militou na imprensa de Dourados desde o final da década de 70 do século passado. Foi colunista social, promotora de eventos e artista plástica.



Trabalhou nos jornais O Progresso, Panorama, Diário MS e **folha de dourados** entre outros veículos de comunicação, além de ter participado da fundação do Clube de Imprensa de Dourados, do qual foi diretora.

Parabéns **folha de dourados** pela "Verdade, Trabalho e Vigilância" no registro de 50 anos da história de Dourados e Mato Grosso do Sul.

VALDENIR MACHADO
CONHEÇO E CONFIO



Quem é o primeiro, mantém a vanguarda

folha de dourados. Pensa num nome que conta, realmente, o que é ser, estar, passar, conviver, morar, trabalhar, investir, nascer e viver em Dourados. Agora, pensa Theodorico Luiz Viegas. Um nome que, ainda jovem, com pensamentos 'revolucionários' aflorados, cria a folha de dourados, assim mesmo com letras minúsculas do começo ao fim.

Clóvis de Oliveira*



Clóvis de Oliveira e Adriana Bertoletti

Sinônimo de pessoa simples, justa, bonachão, apegado à boa 'brahma' [tô escrevendo com letras minúsculas pra homenagear o bom degustador do produto], Theodorico foi um jornalista com J maiúsculo. Repórter, para traduzir a mais importante e, paradoxalmente, hoje uma das menos valorizadas modalidades da categoria, o fundador da 'fo-

lha' não tinha pudores para deixar a mesa do chefe, no caso ele mesmo, para se vestir de buscador da notícia. Fazia as fotos, os jurássicos clichês e até

ajudava a imprimir e a entregar o jornal.

Ah, sem esquecer que foi essa ousadia que fez da **folha** o primeiro jornal diá-

rio de Dourados, e de Theodorico um professor a quem poucos tiveram acesso, até porque ele mesmo evitava os holofotes, atualmente tão evidentes pelas selfies, lives e outras nomenclaturas dos tempos modernos.

Pois bem (para lembrar um jargão de outro craque, esse dos microfones, o jornalista Luiz Rogério) Theodorico fez da **folha**, um produto leve e fácil de consumir, que ainda agora, na versão online conduzida pelo não menos competente José Henrique Marques, o que se vê é o retrato do jornalismo sintonizado com essa evolução cinquentenária, mas com as digitais do criador.

Falar da **folha** é falar de vanguardismo, arrojo, ousadia, da mesma que foi a criação do primeiro jornal online por inteiro em Dourados, missão que assumi com outro 'revolucionário', Primo Fioravante Vicente, e que, consequentemente, produz frutos para todos os gostos nessa modernidade.

Atualmente, o jornal Douranews é um desses modelos de que é possível, assim como faz o **folha** do Theodorico, tornar o jornalismo um mecanismo de informação, formação e afirmação.

* Jornalista, pioneiro do jornalismo online em Dourados

Isaac de Barros, uma história ligada ao jornal O Progresso

Em entrevista concedida ao jornalista Leonel Jonas, do jornal O Progresso, em abril de 2013 o jornalista e advogado criminalista, Isaac Duarte de Barros Júnior (in memoriam), falou da sua ligação com o jornal. Em sua primeira edição no dia 21 de abril de 1951, saiu na coluna da Adiles Torres do Amaral a seguinte frase: "Nasce um interessante garoto, Isaac Duarte de Barros Júnior". Passados 13 anos desta edição, Isaac de Barros tornou-se funcionário do veículo de comunicação mais antigo de Mato Grosso do Sul.

O advogado foi o primeiro repórter policial do O Progresso. Ao conversar com o repórter, Isaac lembrou que os fatos que envolviam a polícia eram totalmente diferentes dos atuais. "Naquela época, os crimes mais comuns eram furto de galinha, porco e cavalo

do carroceiro. Agora é roubo de banco, assassinato, acidentes fatais entre outros", explicou. O jornalista também era responsável pelo "O que vai pela polícia", coluna que trazia informações diferentes do setor policial.

Como o jornal era semanal, ele dizia que ia explorando algumas notícias para prender a atenção do leitor. Numa edição passava uma informação, na outra semana dava continuidade, e isso fazia com que os leitores ficassem esperando o próximo jornal para saber qual seria o desfecho do caso. Era quase que uma novela".

Isaac lembrou ainda, as mudanças que aconteceram nos crimes envolvendo menores infratores no tempo em que era repórter. "Não se ouvia falar em assassinato envolvendo menores. No máximo, eram advertidos por roubo de goiaba, laranja e manga, não tinham os menos atos delinquentes dos jovens de hoje".



Criminalista e jornalista Isaac de Barros Júnior (Foto: Jorge Lange)

Isaac foi o primeiro jornalista formado em Dourados, pela faculdade de Comunicação Cásper Líbero, em São Paulo. Após a conclusão em comunicação, o jornalista cursou a faculdade de Direito, sendo também, pioneiro à ingressar na Ordem dos Advogados do Brasil, na Subseção de Mato Grosso (OAB-MT). Na parte jurídica, o jornalista e advogado disse que em muitos casos utilizou o jornal O Progresso como prova e recurso. "Perdi as contas de quantas vezes usei no Tribunal do Júri, matérias do O Progresso como prova documental. Até hoje, muitos advogados utilizam o jornal em Júris, por conta da credibilidade que o veículo exerce na cidade".

Isaac de Barros atuou como articulista do jornal por mais de 40 anos, e disse que o espaço oferecido pelo veículo proporcionou a discussão de vários temas polêmicos, alavancando a democracia no país. Isaac de Barros Junior faleceu em dezembro de 2013.

Antonio Neres, cronista esportivo que esteve em 37 países

Antonio Neres iniciou sua carreira na imprensa douradense na Rádio Clube de Dourados, em 1973 como auxiliar do plantão esportivo. Foi repórter do Jornal da Praça, antes de ingressar na Rádio Uberlim de Fátima do Sul. Em 1982 foi contratado pela Rádio Caiuás AM, onde apresentou programas, além de integrar a equipe esportiva, posteriormente vindo a coman-

dar a equipe de esportes da emissora.

Em 1990 fez parte da equipe da Rádio Brasil Central de Goiânia, comandando uma rede de 90 emissoras na cobertura da Copa do Mundo da Itália. Esteve também como cronista esportivo nas Copas de 1994 (Estados Unidos); 1998 (França); 2002 (Japão e Coreia do Sul) e 2006 (Alemanha). Esteve em 37 países em coberturas de eventos



Antonio Neres

esportivos.

Foi locutor e diretor das Rádios Guaicurus e Globo, de Fátima do Sul. Em 1999 foi contratado pela Transamérica FM (hoje FM Cidade 101) onde ficou por quase 15 anos. Atualmente é narrador e titular da equipe de esportes da Rádio Coração e apresenta o programa Alô Comunidade na Rádio Boa Nova FM. É diretor da MS Web Rádio, MS Web TV e do site Plantão do MS.

Recebeu títulos de cidadão douradense e cidadão jateiense, concedidos pelas respectivas câmaras municipais. Também recebeu os prêmios nacionais Microfone de Ouro e Bola de Ouro, além de diversos outros como destaque no jornalismo esportivo. Eleito também em 3 oportunidades como narrador esportivo do ano em Mato Grosso do Sul.

'Choveu titica de galinha no Jardim Água Boa'

Uma das figuras mais extrovertidas com quem convivi nos meus primeiros anos de repórter, no final dos anos 80, foi o jornalista, delegado de polícia, advogado, professor, pastor evangélico (e depois, segundo consta, pai-de-santo) Sidney Gomes, falecido aos 89 anos em setembro de 2016. No jornalismo, trabalhei com ele no semanário *Gazeta Popular*, onde, quase todas as manhãs, olhava embevecido a facilidade com que ele escrevia textos sobre os mais diversos temas: crônica policial, economia, política, variedades, etc.

A presença de Sidney Gomes na redação era sinônimo de gargalhadas, pois com sua espontaneidade ele nos brindava com tiradas irônicas sobre qualquer assunto, sempre carregadas de bom humor e conhecimento. Sem saber, ele foi meu professor de jornalismo e me deu muitas lições de vida.

Naquela pequena redação às vezes eu via de uma folha branca brotarem, em minutos, um texto primoroso sobre qualquer coisa. Lembro que ele chegava a perguntar "sobre o que eu vou escrever hoje? A cidade está meio parada". Mas logo ele se lembrava de algum assunto e em pouco tempo a lauda estava preenchida e era enviada para a editoração (processo que consistia em alguém digitar os textos no formato que ia ser colado na página do jornal).

Numa dessas ocasiões contei a ele uma historinha que tinha lido (não sei onde, e nem me lembro se era uma história ou estória) e ele transformou-a numa crônica. Contava o fato de uma respeitável figura de uma pequena cidade, que, ao sair já atrasada de manhã para o trabalho, não encontrando suas cuecas, acabou vestindo a calcinha da esposa e no trajeto sofreu um acidente e veio a falecer. Imagine a ri-

queza de detalhes na versão contada pelo "velho professor".

Em outra vez, Sidney chegou na sala e disse que estava sem um tema para a matéria da semana. Debruçou-se sobre a máquina de escrever e em segundos, atirou: "Já sei. Minha matéria terá o título: choveu titica de galinha no Jardim Água Boa".

E continuamente escreveu um texto com a imaginável repercussão do que teria sido o "fenômeno". Não preciso nem dizer que depois de ler a reportagem, e das gargalhadas habituais, ele rasgou o papel e começou a trabalhar de verdade.

Mais ou menos nessa época uma das filhas de Sidney foi eleita Miss Dourados. Foi a senha para ele, nas rodinhas de amigos disparar, com muito humor: "Sabe com quem está falando, bicho? Está falando com o pai da Miss Dourados. Me respeite, certo?"

Foi nesse período que eu trabalhava alternadamente na "Gazeta Popular", que apoiava politicamente o ex-prefeito Braz Melo e no *Jornal de Dourados*, ligado ao grupo político do também ex-prefeito José Elias Moreira. Na minha estreia no jornalismo, era algo muito divertido: na "Gazeta" eu era orientado a "samar o pau" no Zé Elias. No "Jornal de Dourados" a "descer o sarrafo" no Braz Melo, tendo como colega de redação o jornalista Willams Araújo.

Entremédio, na época, eu também escrevia para a Revista "Perfil", de Ricardo Ojeda, publicação que tinha um cunho mais social e era simpaticamente do então deputado federal Waldir Guerra.

Cabe aqui um parêntese. Minha canteira, já então, tinha influência do engenheiro agrônomo Osmair Scarpari, para o qual escrevi meus primeiros textos no "Pan Rural" e no "Pan Negócios", devesenquandários de então. Registre-se que Osmair Scarpari era agrônomo de profissão e jornalista de coração. Muitas vezes ele lia para mim seus artigos, ele mesmo embevecido com o próprio texto. De um deles, até o título me mar-



Ricardo Minella

cou: "Xô, carcarás sanguinolentos". Qual o tema? Não me lembro, acho que era alguma coisa relacionada a impostos.

Anos depois, já no início da década de 90, tive o privilégio de suceder Sidney Gomes como "freelancer" na assessoria do então vereador de primeiro mandato, hoje deputado federal, Geraldo Resende. Lembro-me como hoje, de quando o então assessor de imprensa da Câmara, mais precisamente o diretor desta folha, José Henrique Marques, me falou: "Minella, o Sidney Gomes disse que está muito atarefado e me perguntou se eu indicaria alguém para fazer as matérias do Geraldo Resende. Você topa?"

Naquela época eu conhecia muito pouco o Geraldo Resende, cujo contato passei a ter já trabalhando no semanário "Enfoque", onde eu era um dos redatores de uma coluna política de bastidores, sempre orientado pela Irma Lupinetti e pelo Júlio Cheze, a quem eu perguntava "o que

você acha, Júlio?" E ele, com dificuldades de falar por causa do acidente que tinha sofrido respondia "muito bom, muito bom", ou então "mude tal trecho e escreva assim."

Nos idos de 1993, Geraldo Resende, sempre que podia, dava uma escapada do Hospital Evangélico, onde clinicava, e chegava ali pertinho, na redação do "Enfoque" e me dizia: "coloca aí na coluna..." e me dava algum tema, quase sempre "cutucando" o então prefeito Braz Melo, o qual não demorava, e devolvia a provocação na semana seguinte.

Não sei se e ainda hoje é assim, mas na época em que eu comecei a atuar no jornalismo, havia pessoas que, como Sidney Gomes, tinham prazer em "perder algum tempo" com a gente que era jovem e inexperiente. Um deles foi Theodorico Luiz Viegas, que me contou muitas histórias do início da *folha de dourados*, que publica essa coluna.

O próprio Dorival Quintana, da "Gazeta Popular" era um personagem que transitava com a maior facilidade nos bastidores da vida social e política e contava muitos "causos" por ele vivenciados entre os poderosos da época. Com Sidney Gomes, ele travou muitas conversas, regadas a gargalhadas e ironias, ajudando a registrar parte da história de Dourados.

De tudo o que eu lembrei até aqui, posso dizer que o que me levou a conviver com figuras tão importantes na vida douradense foram duas coisas: primeiro, a minha fome de leitura, insaciável desde criança; segundo, o fato de, aos 14 anos, trabalhar na editoração do "Jornal O Progresso", onde digitava os textos de Vander Verão, Cícero Faria, Prudêncio Campos, Júlio de Almeida, Altair da Costa Dantas, Adiles Torres, Ymera Fedrizzi e Ayrthon Barbosa Ferreira, para ficar em alguns nomes dos quais me lembro agora.

Foi ali que começou minha convivência nesse meio, e que muitas boas lembranças me trouxeram de Sidney Gomes e de outros colegas. Alguns, a exemplo dele, já em outro plano espiritual; muitos, na labuta diária com as letras, o português, a gramática e as dinâmicas tecnológicas de informação do mundo atual. E que os próximos 80 anos da imprensa douradense sejam também recheado de belas histórias, contadas pelos jornalistas do futuro.

'No Diário MS senti o que é a redação de um jornal impresso'

Antes de iniciar este artigo, se me permite a modéstia, posso me considerar uma pessoa privilegiada no que se refere ao início da minha trajetória no jornalismo. Iniciei minha carreira como assessor de imprensa na Câmara Municipal de Dourados em 2005, ao lado de grandes profissionais das "antigas", como; João Carlos Torraca, Clóvis de Oliveira, além dos saudosos César Cordeiro e Theodorico Viegas. Todos estes pertenciam, naquela época, ao quadro de comunicação do legislativo douradense.

Ainda na Câmara de Dourados, onde até hoje ocupo o cargo de assessor parlamentar, tive a oportunidade de conhecer os colegas radialistas Eduardo Palomita e Clóez Fazzano, os dois já falecidos.

Voltando ao ano de 2005, neste período iniciei a faculdade de jornalismo na 3ª turma da Unigran e, como já mencionei, desta forma pude conciliar os estudos com a prática na assessoria de imprensa da Câmara.

Já recém-formado em meados de 2009, na época, o professor Alfredo Bar-



João Pires durante matéria em aldeia indígena

bara Neto e atual proprietário do jornal Diário MS, me deu a oportunidade de trabalhar na redação da empresa, onde fui repórter e redator por quase dois anos.

E foi no Diário MS que senti de perto o que é uma redação de jornal impresso e aprendi muito da profissão, como a importância do conhecido deadline na produção de matérias e a veracidade dos fatos. Também neste período (2010) que convivi ao lado de profissionais como o colega de faculdade Henrique Matos, Dênes de Azevedo,

Ana Paula Moreira, Andressa Abel, Dênes de Azevedo, Luiz Radai, Hélio Freitas, os fotógrafos Ademir Almeida e Eliel Oliveira, além do amigo João Carlos Torraca e do saudoso gaúcho Claudio Xavier.

ESTADO NOTÍCIAS

Com o aprendizado na redação do jornal Diário MS e a convivência com a classe jornalística de Dourados, eu percebi que poderia ter o meu próprio site de notícias. Foi quando, por conta própria,

pedi demissão do Diário MS para me dedicar a este propósito, sempre conciliando ao cargo de assessor parlamentar na Câmara Municipal. Foi então que nasceu o Estado Notícias, em 10 de janeiro do ano 2012.

O portal online tem como objetivo a divulgação de notícias de todo o Mato Grosso do Sul, tendo seu maior foco a região da Grande Dourados. Entre suas editorias estão notícias nacionais e internacionais, política, economia, esporte, saúde, polícia, espaço para o leitor e entretenimento. Ainda conta com uma página no Facebook onde são publicados os links e matérias produzidas no site, entre eles, eventos e promoções dos patrocinadores.

Como curiosidade, me recordo de uma minhas das primeiras matérias produzidas no site, intitulada: "César Menotti e Fabiano prestígiam casamento de parente em Dourados". A notícia foi publicada em 14 de janeiro, quando fiquei sabendo que a dupla sertaneja estaria na residência de amigos no Jardim Londrina, enquanto aguardavam a cerimônia de casamento de uma prima de Fabiano. Neste dia pude entrevistá-lo, meses antes da gravação do "Bandido do Amor".

E assim, surgiu o Estado Notícias, que há seis anos, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas pela maioria dos veículos de comunicação em Dourados, tenta cumprir seu papel na formação de opinião, além de contribuir com informações do dia a dia.

Aprendiz de Márcia Carreri

Foi assim que comecei em 2003 a trabalhar com jornalismo, alimentando a fome de notícias por minuto do site Agora MS. Minha missão era inserir as notícias nacionais reproduzindo o conteúdo dos grandes portais e também ser office boy, ou melhor, office girl da minha chefe de redação, Márcia Carreri.

Karine Segatto



Marcinha e Karine

Quando ela precisava de alguma coisa da rua, lá ia eu de bicicleta ou a pé. Eram pequenas missões na padaria, farmácia, lotérica, coisas assim do cotidiano, e com o passar dos dias tive o privilégio de ganhar seu coração e conviver com o seu círculo de amigos, curtindo a boemia e aprendendo sobre jornalismo na mesa de bar, com as histórias contadas por seus muitos amigos. E eram muitos amigos mesmo.

Marcinha era bem recebida em todas as redações que ia visitar, não importava se eram empresas concorrentes ou assessorias de políticos adversários. Assim como eu, vários jornalistas de Dourados aprenderam a trabalhar com ela. Então todo mundo oferecia café, queria dar um abraço e bater um papo fumando um cigarro lá fora.

A voz era rouca, a risada era alta e a língua afiada não perdoava as hipocrisi-

as e falsidades fossem de quem fossem. Tudo reflexo da enorme empatia que sentia. Se um amigo fosse injustiçado, ela tomava as dores e brigava por ele, como se sentisse aquela dor na própria pele.

Do pouco que sei, garanto que ela viveu intensamente e também dessa forma nos deixou em 03 de maio de 2006, aos 46 anos, em decorrência de um câncer de mama. Nos últimos meses Márcia estava em Campo Grande recebendo os cuidados da família e longe das dezenas de amigos que a admiravam e poucos souberam

do seu calvário. O velório atraiu muita gente, profissionais da imprensa, políticos e empresários foram prestar as últimas homenagens em Dourados.

Comigo o que ela deixou foi o gosto pela noite, a cordialidade com as pessoas que trabalham nas funções mais simples, a ausência de medo frente às autoridades e um depoimento no Orkut em que ela desejava que Deus me desse "um pouco de malandragem", daquela cantada por Cassia Eller e que defende que "boeira é não viver a realidade".

DELÁ PRA CÁ

Assim fui vivendo. Em 2004, entrei na Faculdade. Fui da primeira turma de Jornalismo de Dourados, na Unigran, onde criamos o Centro Acadêmico e o jornal Quarta Coluna. Depois do site Agora MS, trabalhei na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Dourados (2004-2008), chegando a coordenar a redação, mesmo tendo cara de estagiária. Também escrevi para a **folha de dourados**, quando o jornal voltou a ser impresso, em 2005, e entrei na UFGD por meio de concurso público de redatora, onde estou desde 2008. Em todos os lugares que passei, aprendi muito com meus colegas e meus chefes: José Henrique Marques, Valfrido Silva, Dalva Melo Gonçalves e Graziela Moura de Souza.

Sempre estudando e trabalhando, valorizo a teoria e a prática. Fiz mestrado em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013-2015) e agora estou no doutorado em Educação na Universidade de Columbia, em Assunção (PY).

Milito no Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Região da Grande Dourados (Sinjorgran) desde que tirei minha DRT e meu norte foi Luis Carlos Luciano. Em 2011, fui eleita a primeira mulher a dirigir a entidade e nesta gestão (2017-2020) estou novamente na presidência ao lado de mais uma mulher, Ariadne Bianchi, outra grande jornalista.

Ctrl C e Ctrl V agora faço pouco. Este ano me surpreendi por estar postando mensagens psicografadas nas redes sociais do Vozes Espíritas, um dos canais informativos da Associação de Jornalistas e Divulgadores da Doutrina Espírita de MS (AJES), da qual faço parte. Pensei: "Olha onde eu fui parar, aqui estou eu, postando cartas do Além". Mas a vida não é isso mesmo? Uma sucessão de novidades até chegar nosso deadline?

Parabéns Dourados

Cidade de povo feliz, trabalhador e determinado. Isso faz da Terra de Marcelino Pires, o melhor lugar para se viver. Dourados cresce e constrói uma linda história de conquistas e progresso.



Helton Costa, Dourados e o Jornalismo

Cheguei em Dourados com 17 para 18 anos de idade. Nasci ali, porém, minha família mudou-se para Ponta Porã quando eu tinha quatro anos de idade. Fui criado na fronteira. Voltei para cursar na minha cidade natal, o curso de jornalismo na primeira turma da Unigran.

Também sou egresso da primeira turma ProUni do Brasil, quando muita gente torcia o nariz para o programa. Sou fruto dessa política de inclusão, bolsista 50%. A outra metade eu trabalhava e pagava.

No curso

No primeiro ano de ensino superior, montamos um Centro Acadêmico como forma de buscar melhorias para o curso. Sem querer acabou que o negócio cresceu mais do que esperávamos e acabamos por impactar no Jornalismo de todo o estado, com posicionamentos alinhados com a Federação nacional dos Jornalistas.

Destaco desse tempo, alguns colegas mais próximos: Adriano Moretto, Henrique de Mattos, Karine Segatto, Indira de Brito, Aliny Fernandes, Flávio Verão, Clóvis de Oliveira e Jovino Balardi (esses dois últimos não continuaram o curso). Se bem que toda a turma era muito boa e tenho orgulho de ter me formado com eles.

Esse grupo mais próximo, que citei nominalmente, foi muito importante para minha evolução como pessoa e como profissional. Depois estivemos juntos

no Sindicato dos Jornalistas, ao lado do já experiente jornalista, Luis Carlos Luciano, que era quem nos acalmava com seus conselhos. Éramos jovens bastante idealistas e queríamos mudar o mundo nem que fosse à força. Luciano nos ensinou a ter calma, esperar o momento certo e comemorar as vitórias, sabendo também avaliar as derrotas para não repetir os erros. Acho que aprendemos, porém, o idealismo continua vivo, mais moderado, mas sempre presente.

Na Imprensa

Primeiro fui estagiário na própria Unigran e depois de um mal entendido enquanto defendia o curso contra um picareta local, acabei perdendo o estágio. Porém, com a ajuda de Clóvis de Oliveira arrumei outro emprego, tirei uma carteira provisória de jornalista, válida até quando me formasse e fui para a Rádio Clube, onde quem me acolheu foi a Elizabeth Salomão.

Na rádio ganhei prêmio regional de reportagem, me destaquei e fui chamado na prefeitura, onde quem auxiliava no aprendizado era a Dalva Gonçalves e o próprio prefeito, Laerte Tetila, que me dava uns toques de como ele preferia os textos que falassem dele. Fiquei até o final do mandato dele e saí.

Com o tempo, também saí da Rádio Clube e fiquei com o Dourados News, onde aprendi mais com a Graziela Moura e com o próprio Clóvis de Oliveira. Saí de lá de forma amistosa porque chegou uma hora, durante a cobertura da Operação



Uragano, que não concordei com a linha editorial e pedi para sair.

Nesse meio tempo prestei serviços em algumas edições para a Folha de Dourados. O José Henrique Marques sempre me tratou bem e dificilmente podava matérias. Em compensação, tinha outro editor que não citarei o nome, que "malandrinho da silva" (sic).

Nessa mesma época em que trabalhava, também cuidava da minha formação pessoal. Terminei a graduação, fiz uma pós-graduação e engatilhei um mestrado, que fiz na Unesp de Bauru.

Para fazer o mestrado, a rotina da redação começou a pesar. Dei sorte que o

mesmo Tetila, que era prefeito, tornou-se deputado estadual e me convidou para a assessoria de imprensa. Na época montei uma Agência de Notícias junto com o Adriano Moretto e atendíamos a região. Deu bem certo e deu tempo de terminar o mestrado.

Como resultado, já mestre, fui chamado para dar aulas no curso de Jornalismo da Unigran, onde havia me formado. Foi muito bom e diferente dar aulas de Jornalismo. Porém, minha meta era ser doutor antes dos 30 anos de idade e me inscrevi em processos seletivos no sul do Brasil.

Acabou que fui parar em Ponta Grossa, Paraná, para estudar em Curitiba. Depois, passei em processo seletivo em Guarapuava e lá morei por quase dois anos. Voltei para Ponta Grossa para assumir a coordenação de um curso de Jornalismo em uma faculdade privada, onde estou até hoje. Terminei o doutorado antes dos 30, conforme previsto, e ainda deu tempo de fazer um pós-doutorado, também antes dos 30 anos de idade.

Hoje, como professor, vejo que o tempo em Redações de Dourados fez toda a diferença. A experiência no mercado de trabalho foi que me abriu a cabeça para o mundo, me fez conhecer gente, conversar com pessoas de diferentes situações sociais e me aprimorar enquanto humano.

Do meu tempo de formação para cá, vejo que a imprensa douradense e da Grande Dourados avançou muito, graças ao curso de Jornalismo, que começou lá em 2004. Temos bons profissionais das diversas turmas formadas pela Unigran, gente que veio de fora para contribuir e um capital humano que não fica atrás de grandes centros. Fico feliz por ter dado minha contribuição nesse processo, como aluno, professor, sindicalista e profissional.

A história da folha de dourados que representa a história de luta de um povo, se confunde com a história de luta dos bancários, por isso o Sindicato dos Bancários de Dourados e Região-MS, parabeniza a todos que fazem e fizeram parte da história deste jornal e lembra as principais conquistas da categoria bancária nesses últimos anos.



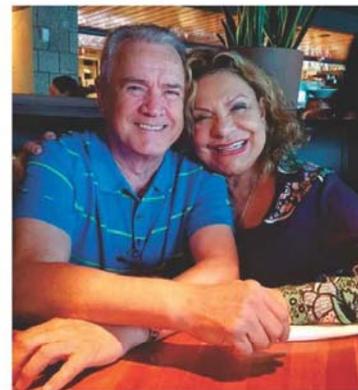
Sindicato dos Bancários de Dourados e Região MS

Waldir Guerra: um empresário apaixonado pela comunicação

Hoje morando em Camboriú, no litoral catarinense, Waldir Guerra fez história em Dourados como empresário do agronegócio, líder político e cidadão fascinado pela comunicação.

Fundou na década de 90 a FM Terra, hoje FM Cidade, é membro da Academia Douradense de Letras e colaborador de vários jornais e sites de Dourados e Mato Grosso do Sul com textos analíticos sobre política e economia.

No Paraná, foi vereador e em MS secretário do Estado e deputado federal. Na foto, aparece com a esposa Suela Guerra.



Contact

Contabilidade e Assessoria Empresarial Ltda.

Rua Hayel Bon Faker, 2.288 - Centro

Fone (67) 3421-3176

Dourados-MS

Dourados no horizonte

O ano de 1984 acabava de começar. E eu desfrutava dos últimos meses na universidade. Um período de intensas transformações. De revoluções por minuto. De sonhos e desafios. Eu, um maranhense de nascimento, experimentava uma longa jornada no Sul do país. Meus quatro anos de UNISINOS, em São Leopoldo – RS, me deram muito mais do que a simples percepção dos contrastes entre o Sul e o Nordeste do país. Me deram amigos que duram uma vida inteira. E me deram a certeza de que o jornalismo era o meu caminho profissional.

Quando deixei o Sul, ao fim do curso de jornalismo, fiz uma parada estratégica em Brasília, onde viviam meus pais. O Brasil atravessava seus primeiros anos de distensão – um neologismo criado para anunciar que o período da ditadura estava chegando, de fato, ao fim e que a redemocratização era inevitável. Era um período de inflação alta. De incertezas na economia. E de moderação nos movimentos. Afinal, os militares ainda estavam em cena, por mais que já se prenunciava o fim de um ciclo mais duro da política nacional.

Foi nesse momento que uma ligação telefônica me alcançou em Brasília. A minha namorada, Mara, que havia ficado no Sul para concluir a faculdade, também de jornalismo, me dizia que outro amigo nosso, contemporâneo de Unisinos e natural de Dourados, no Mato Grosso do Sul, procurava por mim. Me dizia a Mara que o Junio Chese informava haver uma vaga de repórter na TV Caiuás, emissora então afiliada da Rede Bandeirantes, cuja sede ficava em Dourados. Era lá que o Junio, mesmo ainda não formado, passava bons períodos de suas férias praticando o jornalismo que iria exercer com maestria, depois de conquistar o título

de jornalista.

Segundo a Mara, Junio dizia que a vaga “tinha a minha cara”. E eu, sem duvidar, acreditei. Devo confessar que, até aquele momento, mal fazia ideia da existência da cidade de Dourados. Ela não estava no meu mapa geográfico, nem estava em meus planos mais remotos. Mas o chamado do Junio tinha a consistência dos atos revolucionários que só os grandes amigos entendem e topam. E eu topei a aventura no Centro-Oeste brasileiro.

Era um tempo mágico. Eu e meus vinte e quatro anos incompletos tínhamos o mundo aberto pela frente. Sem cercas, sem porteiros e com tudo o que me pertencia cabendo dentro de uma mochila. Só os sonhos eram mais amplos. E foi assim, sonhando com algo que “nem eu mesmo sabia o que era”, que vim parar em Dourados.

Me recordo até hoje de não ter chegado a Campo Grande, Capital do Estado. Quando o ônibus que me trazia de Brasília passou pelo “entroncamento” – ali onde hoje fica o município de Nova Alvorada do Sul, eu já tinha tido tempo suficiente para fazer amizades viajadoras e conseguido uma promessa de carona para chegar mais rápido a Dourados – sem precisar ir até Campo Grande e depois voltar. Assim foi.

Minha chegada a Dourados se deu na carroceria de uma saveiro – um pequeno carro de cargas – muito comum nos meios rurais da época. O vento em meu rosto já não encontrava mais os longos cabelos que cultivei durante todo o tempo da faculdade. O macacão jeans e a mochila ainda eram os mesmos. Mas quem estava indo ali era uma nova pessoa. Alguém em transição. Deixando pra trás o mágico período da adolescência. Começando a trilhar o longo caminho da profissão e, por consequência, o início da maturidade.

Hoje está mais claro pra mim. Naquele dia, não. Tudo o que eu sentia era



Inorbel Maranhão Viegas

um misto de medo e coragem. O medo de não saber o que exatamente me esperaria pela frente. A coragem dos principiantes. Aquela que vem sempre com uma dose a mais de proteção divina, espiritual, mística, ou, seja lá, de que campo da energia cósmica venha.

Desci em Dourados. A primeira visão que guardo é de uma cidade interiorana, com as casas de comércio, da avenida principal, marcadas por uma barra marrom, fruto dos respingos do barro das ruas, até mais ou menos a altura de um metro e pouco. Mesmo em dias de sol. A cidade Morena, eu já sabia, era Campo Grande. Mas se fosse Dourados, o título não seria inadequado.

Minha estada em Dourados começou pela casa do Junio. Fui recebido como um filho por Dona Ondina e seu Alcício de Araújo. Eles foram a minha primeira família em Dourados. E isso durou para sempre.

Na Caiuás, quem dava as cartas na redação era a Goreth Dal Bosco. Foi trabalhando ali que conheci Irma Lupineti, Marcia Carreri, Dalva Gonçalves, Robertinho (cinegráfista), Rogério e tantos outros a quem peço desculpas por não citar nominalmente. Minha permanência na cidade foi curta. Não mais que três meses. Fui transferido, como correspondente, para Campo Grande. Mas a minha passa-

gem por Dourados ficou marcada como uma tatuagem em minha pele de jornalista.

Não muito tempo depois, para minha tristeza, Junio sofreu um acidente que o limitou para sempre. Voltava de uma jornada de trabalho por uma estrada vicinal entre Maracaju e Dourados, se não me engano. O carro derrapou e foi de encontro a uma árvore. Ele perdeu a mobilidade, a coordenação motora, a fala, mas permaneceu lúcido em seu mais profundo silêncio. Foi uma longa ladeira a descer, até nos deixar definitivamente. Toda vez que fui a Dourados, estive com ele. Foram pouco os encontros. Mas sempre emocionantes.

Tínhamos uma espécie de código. Ao nos encontrarmos, ele me pedia que falasse sobre o filme de Sergey Eisenstein, clássico do cinema revolucionário soviético, “O encouraçado Potemkin”. E eu falava. E enquanto falava, seus olhos brilhavam.

Na última vez em que estivemos juntos, antes da partida definitiva dele, repetimos o ritual. Junio estava feliz como uma criança. E eu, emocionado, jamais esqueci essa imagem.

Hoje, quando sou convidado a escrever sobre esse importante veículo de comunicação, que tem seu DNA intimamente ligado com a própria história da cidade, a **folha de dourados**, faço questão de reverenciar sua longa jornada. Ninguém alcança os cinquenta anos de existência impunemente. Está, portanto irremediavelmente comprometida com a história da cidade. É parte dela. E tem a missão de ser fiel à sua memória e ser parceira do seu futuro.

À minha Dourados, que não me sai da lembrança, lugar onde eu dei os primeiros passos profissionais da minha carreira de jornalista, eu asseguro – não há como esquecê-la. Ao amigo Junio, onde quer que esteja, que seja um ponto luminoso neste universo vasto. Carrego aqui e por toda a vida, a semente do jornalismo que plantamos juntos, na universidade e na curta convivência que o tempo nos permitiu.

À **folha**, todo o meu carinho e respeito. E o desejo de que a jornada se estenda por muitos outros anos, cumprindo a preciosa missão de bem informar, todos os dias.

Um abraço.

Cleizer Correia: as imagens da vida

Nascido em Juti, Cleizer Correia, desde pequeno, sentia atração pelo novo, muito curioso quando se tratava de tecnologia sonora ou de imagem.

Ibson Boca Venancio

Ele me conta que o seu envolvimento com o som se deu aos dezesseis anos, momento de criação da Rádio Caiuás, onde foi trabalhar como sonoplasta.

No ano seguinte, com a criação da TV Caiuás, ele foi transferido para trabalhar com a equipe de produção de vídeo, uma equipe de bons profissionais, e isso era tudo o que precisava para desenvolver o seu talento.

Vale a pena ressaltar a importância da criação dessa emissora, a primeira TV instalada em Dourados com produção local. Essa criação possibilitou a vinda para a cidade de bons profissionais da área de produção televisiva. Sob o comando do jornalista Júlio Marques, a emissora tinha no seu quadro ótimos profissionais,

Joel Leão, Coruja, Eder Montiel editor, Laércio Bonifácio câmera, o iluminador Paulo Portuga entre outros técnicos.

Para o seu departamento de jornalismo, foram contratados a jornalista Dalva Gonçalves, de volta ao nosso convívio, o publicitário Rubens Moreira (Rubão), a Goretti, a Ana Teresa, além dos saudosos jornalistas Luca Miranda e Marcinha Carreri (in memoriam).

Nascia, naquele momento em nossa cidade, um trabalho que se eternizaria como um marco na história televisiva de nossa região.

Trabalhando neste time era tudo que Cleizer precisava para se tornar um bom profissional. Assim, por meio da indicação do Rubão, ele foi trabalhar na rede Globo Minas, na cidade de Uberlândia MG. Naquela emissora teve acesso a diversos cursos de formação para atingir o padrão de qualidade exigido pela emissora.

Como o bom filho à casa retorna, principalmente quando se trabalha na área de comunicação, levando em conta a possibilidade de imagens proporcionadas pela natureza desta região, aqui ele está novamente. Foi Cleizer quem produ-



ziu o primeiro CD sobre a cidade de Bonito, com tiragem de dez mil cópias. A partir daí produziu inúmeros vídeos deste gênero em diversas cidades da região.

Cleizer conta que em seus trabalhos procura dar à imagem uma qualidade artística que a identifique como um bom produto visual, valorizando o aspecto plástico, sua criatividade. Isso é que faz a diferença no seu trabalho.

Hoje, através de sua editora Címdia Comunicação Inteligente, realiza o projeto mídia Indor, sistema de mídia comercial e informativa focada em ambien-

tes de espera.

Um sistema que leva imagem a locais de grande circulação de pessoas: hospitais, supermercados, restaurantes, lanchonetes e outros pontos de aglomeração. Leva para perto do povo uma média de qualidade.

Ele me disse que tudo o que aprendeu foi devido à primeira oportunidade que teve no grupo Caiuás, convivendo com bons profissionais.

Eu acompanhei de perto e convivi com esses acontecimentos, momentos de grande importância no desenvolvimento da comunicação em nossa cidade. E, como douradense, devo reconhecer que o José Elias Moreira, como empreendedor, teve visão progressista, ao proporcionar momentos que ficarão na história de nossa cidade, um idealizador do projeto empresarial.

Aproveito para agradecer aos profissionais que aderiram a esse ideal, vindo viver conosco, realizando esse feito que ficará marcado para sempre na história de nossa cidade. Muitos deles aqui permaneceram, formaram suas famílias, acreditaram nesse sonho e continuam dando a sua contribuição para o desenvolvimento da comunicação visual de nossa cidade; outros já foram para outra dimensão.

Ao amigo Cleizer Correia, os meus agradecimentos por esses momentos de recordação.

Edilson José Alves

Desde os 10 anos dentro de um jornal. Iniciei como vendedor da folha de dourados em 1976 quando o jornal era dirigido pelo seu fundador Theodorico Luiz Viegas. Cerca de um ano depois passei a vender o jornal O Progresso que estava saindo do sistema de impressão quente (tipográfico) para off-set, transformação feita pelo então diretor Waldemiro Muller do Amaral (Seo Amaral). No início do ano de 1979 fui contratado para fazer entrega de jornais pelo próprio Seo Amaral. Um ano depois me coloquei para trabalhar na oficina, onde aprendi de tudo um pouco: digitação, revelação de fotos e fotolitos, confecção de títulos e paginação em diagrama de papel com colagens.

Ainda no jornal O Progresso comecei a praticar redação, sendo que em 1984 peguei licença para o serviço militar. Quando retornei em 1985 já estava um pouco mais preparado para novos desafios. A partir daí já escrevia notas e al-

gumas reportagens no jornal Gazeta Popular, dirigida pelo Dorival Quintana. Em 1987 escrevia no O Jornal de Dourados (depois passou a ser apenas O Jornal), dirigido pelo Édio Carneiro. Nesta época, conciliava um segundo emprego no Panorama (antes era O Panorama), dirigido pelo jornalista Guilherme Filho, de Campo Grande.

Quando o jornal Panorama fechou em 1988, fui convidado pelo jornalista João Natalício de Oliveira (Seo João), para trabalhar no Jornal da Praça, jornal diário fundado em Dourados e que depois foi levado para Ponta Porã. Nesta época passei a dividir a semana, três dias no O Jornal, em Dourados; e três dias no Jornal da Praça, onde repassei conhecimentos sobre o funcionamento de um parque gráfico off-set, fui repórter e por quase uma década fui chefe de redação. No ano de 2003 fundei juntamente com a minha esposa, Fátima Ali Alves, o site Repórter MS em Dourados. Através do Repórter MS prestei serviços de "freelancer" para a Rede Bandeirantes do Rio de Janeiro e Agência Globo.

De 1999 a 2001 fui jornalista corres-



Edilson José Alves

pondente da Agência de Notícias Diário da Serra, sendo contratado em 2001 pelo jornal Correio do Estado, onde permaneci como correspondente de fronteira até o ano 2011. Nesta trajetória também atuei com algumas assessorias de comunicação na Prefeitura e Câmara de Dourados, Prefeitura e Câmara de Ponta Porã, Prefeituras de Amambai e Antônio João. Atualmente sou articulista colaborador do Diário MS, escrevo para o Jornal de Notícias de Ponta Porã, editor de um programa de rádio em Antônio João, entre ou-

tros trabalhos.

Sou jornalista autodidata, aprendi trabalhando. Me formei em publicidade pela Unigran. Depois de alguns anos de profissão fiz outros cursos, entre eles da Associação de Jornalismo Investigativo (Abraji); curso de jornalismo investigativo promovido pelo Sindicato dos Periodistas do Paraguai; tive o privilégio de ter o texto com o título "Brasil e Paraguai vão cadastrar o gado da fronteira", publicado no livro Geografia de Mato Grosso do Sul, de autoria das escritoras Lori Alice Gressler e Luiza Mello Vasconcelos, publicado pela Editora FTD S.A. e que foi adotado pelo Ministério da Educação, através do Programa Nacional do Livro Didático e distribuído nas escolas públicas estaduais para os alunos do 5º ano.

Sou muito grato aos amigos que fiz ao longo dessas décadas dentro das redações. Os saudosos Sidney Gomes e Waldemiro do Amaral foram imprescindíveis para que eu seguisse carreira. O primeiro porque me apoiava e incentivava a escrever e o segundo, responsável por me dar a primeira oportunidade e confiar na minha capacidade. E o jornalista João Natalício de Oliveira, fundador do Jornal da Praça e atualmente diretor e editor do Jornal de Notícias de Ponta Porã, por ser mais que patrão e amigo, um verdadeiro pai.

As imagens vão além das palavras

Se alguém te diz como foi, você entende. Mas se você vê como foi, o seu coração sente, e aí você realmente compreende. Se uma imagem vale mais que mil palavras, faça as contas de quanto pode valer uma trajetória de mais de 30 anos na captação de imagens...

Trabalhei desde menino, fui engraxate, office boy, ajudante de pedreiro, pintor de letreiros e de painéis do antigo Cine Ouro Verde.

Na história como cinegrafista comecei trabalhando de auxiliar do, hoje grande amigo, Joel Leão. Ele não era muito de ensinar, mas como eu sempre fui muito de aprender, aprendi bastante com ele.

Não deixei escapar a oportunidade, e logo me vi com a câmera no ombro.

Naquele tempo, se compararmos com agora, os equipamentos eram verdadeiros trambolhos! Tudo pesado e difícil de operar. Câmera ligada por um cabo ao BVU, onde ficava a fita, e mais cabo para o microfone, além da luz, fios, cabos e mais cabos. Depois vieram as câmeras VHS e Super VHS, e o tamanho dos equipamentos foi diminuindo.

Como nunca tive medo de altura, estava sempre pronto para ir nos aviões ou helicópteros, para subir nos prédios, e dar conta das imagens aéreas que era possível fazer naquela época.

Trabalhei na TV Caiuás, na produtora Câmera Sete, fiz vários freelancer cobrindo férias de colegas na



Betinho Escalante
Cinegrafista

TV Morena, no Povo na TV, quando o programa era comandado pelo Mauri-

cio Picarelli. Trabalhei em muitas campanhas eleitorais e fui cinegrafista da Prefeitura de Dourados durante os oito anos dos mandatos do ex-prefeito Laerte Tetila.

Depois disso, por conta das mudanças no cenário político e do casamento com a Vanda, voltei a morar em Campo Grande. Lá tive oportunidade de trabalhar na TV Assembleia e em várias produtoras. E foi quando comecei a trabalhar com o drone. Desde então, me especializei em imagens aéreas, e agora tenho olhos que voam!

Em 2015, meu endereço oficial voltou a ser em Dourados e, embora eu continue viajando muito a trabalho, sempre me orgulho de estar aqui, de estar em casa. Durante todos estes anos de profissão fiz muitos amigos, tive muitos mestres, aprendi muito e também pude ensinar alguma coisa. E sou muito grato ao jornalismo, porque foi a experiência com a reportagem que me fez desenvolver um olhar ao mesmo tempo ágil e atento para captar o todo e enquadrar a cena sem perder o foco nos detalhes.

Aparecido Frota

O início de carreira de fotógrafos e jornalistas da década de 70, aqui de Dourados na maioria das vezes começou ou num jornal ou numa gráfica, mas num setor nada a ver com a profissão futura.

Muitos começaram com uma vassoura na mão, outros como office boy ou vendendo jornal nas ruas de Dourados. Essa última atividade foi o começo da trajetória do fotógrafo Aparecido Frota, em 1976 no jornal O Progresso. De manhã entregava jornal e no período da tarde bisbilhotava o trabalho de produção do jornal, se estabelecendo primeiro no setor de fotolito e em 1985 deu os primeiros passos na fotografia.

De lá pra cá, o casamento com a fotografia foi consagrado. São mais de três décadas dedicados ao fotojornalis-



mo, eventos sociais, fotos em estúdio entre tantos outros trabalhos desafiadores.

Marco Antonio

Vim para Dourados com a finalidade de abrir um escritório do Correio do Estado onde conheci o Cícero Faria, Antônio Viegas, Ricardo Minella, Alcides Miranda (in memorian).

No início foi muito difícil, pois o jornal chegava muito tarde por aqui. O transporte ou era de ônibus ou íamos buscar.

e lembro que levantávamos de madrugada, íamos a Campo Grande pegávamos o jornal e chegando aqui entregávamos pra os assinantes, clientes e também nas bancas de jornais.

Foram tempos difíceis, mas depois essas questões se normalizaram. E através do Correio fiz grandes amigos em Dourados e por aqui me instalei com minha família.



Ymera Fedrizzi: pioneira no colunismo social em MS

A jornalista Ymera Senatore Fedrizzi nasceu em Cáceres/MT, em 20/10/1930. Em 1956, com o título de Miss Cáceres, conheceu em Cuiabá o italiano Vittorio Fedrizzi. Casaram-se três meses após esse dia e fixaram residência em Dourados, onde tiveram seus 5 filhos: Danilo, Giorgio, Roberto, Sandro (in memoriam) e Adriana. O casal teve outros dois filhos, pois criou desde pequenos Marcelo Senatore e João Chaves. Vittorio veio para Dourados convidado pelo amigo e compadre Antonio Tonani trabalhar com medição de terras e na construção civil, como era sua formação na Itália, de onde havia imigrado.

Ymera começou a vida em Dourados como professora na Escola Estadual Presidente Vargas, obra executada pelo marido. Logo construíram o maior hotel da cidade, o Grande Hotel, onde moraram e trabalharam juntos. O hotel era um ponto

de referência. Lá eram realizados muitos eventos e recebia muitas pessoas ilustres, entre autoridades políticas, artistas.

Em 1957, começou a escrever sua coluna semanal no Jornal O Progresso, sendo uma das primeiras colunistas sociais do Estado. Sua coluna chamava Ronda Semanal e assinava com pseudônimo de Aremy. Escreveu ainda por um tempo no Jornal da Praça, no jornal O Diário Regional (Década de 80).

Ymera, sempre muito dinâmica e participativa, colaborou com todas as entidades assistenciais de Dourados à época, ajudou a fundar o Lar Santa Rita de Cássia, sempre membro da diretoria, até o último mandato de Afife Bussuan. Da mesma forma fazia parte do Conselho do Asilo dos Idosos.

Em 1960, promoveu o primeiro Concurso de Miss Dourados, evento que realizou por muitos anos, sem, contudo, conseguir eleger uma Miss Brasil. Realizou seu sonho com Michella Dauzacker, Miss Brasil 1998, filha de uma de suas lindas mis-



O casal Ymera e Vittorio Fedrizzi

ses, Sandra Dauzacker. Michella participou do concurso a seu convite.

Em 1966, promoveu o primeiro Baile de Debutantes, cujos eventos eram realizados com muito sucesso no Clube Social de Dourados (obra também construída por Vittorio) e, posteriormente, no Clube Indaiá. Todos os eventos que realizava eram sempre beneficentes, com renda toda revertida para as entidades. Anualmente realizava o Baile das 10 Mais, onde as senhoras eleitas as mais elegantes, apadrinhavam idosos do asilo.

Em muitos outros eventos estava sempre envolvida, desfiles de modas, festas nas escolas, na igreja, eventos da prefeitura, como as festas juninas, onde sempre apresentava sua quadrilha francesa. Cantava em casamentos, sempre gostou de música, arte, literatura.

Na década de 1970, com a chegada da Socigran (Unigran hoje) a Dourados, ingressou na primeira turma do curso de Direito. Com seu dinamismo e determinação concluiu o curso como presidente da comissão de formatura, e organizou uma grande festa, como hoje é costume nas universidades. Assim tornou-se jornalista, advogada e empresária.

Faleceu aos 78 anos, em 27/02/2009, em Campo Grande, onde viveu com a família seus últimos anos de vida.

Valeu a pena e valerá sempre, acreditar que a gente pode mais

A minha história no rádio, começou na realidade em 1.979, quando atuava na empresa de Gilberto Orlando, que anunciava os ônibus na antiga rodoviária de Dourados. Como locutor oficial da rodoviária, fui convidado por Gilberto, para atuar na rádio Clube de Dourados, em setembro do mesmo ano.

Comecei como sonoplasta a noite, e como redator de esportes. Em 1.981 atuei como repórter esportivo e a narração surgiu em 1983 na rádio Dourados do Sul,

que também pertencia ao grupo de Jorge Antônio Salomão. Com apoio de Gilberto Orlando, e o incentivo da então diretora Elizabeth Salomão, passei a apresentar programas os Parada do Ouvinte, Dourados Terra da Gente, entre outros.

Em 1.983 me transferei para a rádio Caiuás, ficando lá por mais de 30 anos. Paralelamente, atuei nas rádios 92 fm, 94 fm, e atualmente apresento o Manhã Show das 7 às 9 horas, na Rádio Boa Nova FM. Em 1.983, já na Rádio Caiuás, passei a atuar na TV Caiuás, onde permaneci até 1.989, como apresentador e repórter. Nos últimos 13 anos, tenho trabalhado

como cerimonialista e chefe de cerimônia na Câmara Municipal de Dourados.

Como narrador, posso registrar alguns momentos especiais, como ter narrado os 3 títulos do Ubiratan na primeira divisão do Campeonato Estadual, e o do Sete de Setembro, na segunda divisão, em Coxim. De 1979 a 2018, lá se vão 39 anos fazendo e vivendo aquilo que me apaixona todos os dias, a comunicação. Amealhei grandes amigos, alguns ainda vivendo este sonho, outros partiram, mas deixaram grandes recordações. Valeu a pena, e valerá sempre acreditar que a gente pode mais.



Antônio Carlos Ruiz

Dos rabiscos nas paredes à arte digital, Jorge Silva faz história como chargista

Aos quatro anos de idade, em Iporã, cidade do noroeste paranaense onde nasceu, Jorginho (como era apelidado) rabiscava os seus primeiros desenhos nas paredes de casa, usando pedaços de tijolos, e até mesmo no chão e na areia, com gravetos. Tempos depois, na escola primária, seu interesse pelas artes aumentou e ele começou a copiar ilustrações de livros didáticos, gibis e desenhos animados da TV.

Em 1983, sua família mudou-se para Dourados. Na adolescência, quando precisou arranjar emprego, Jorge decidiu fazer daquele talento o seu modo de ganhar a vida e viu que precisava se profissionalizar. Assim, fez diversos cursos por correspondência — desenho artístico, desenho publicitário, desenho arquitetônico e desenho de modelagem de roupas.

"Muita gente tem preconceito contra isso, mas naquela época não existiam escolas de desenho aqui na cidade e mui-

to menos internet, como hoje em dia, em que você encontra todo tipo de curso no YouTube. Então para mim os cursos por correspondência foram ótimos para aprender diversas técnicas de desenho e os tipos de materiais a utilizar para cada trabalho", pondera. Com esse aprendizado e muita prática, Jorge aprimorou suas técnicas e trabalhou como letrista de fachadas, fez pinturas em telas e cerâmicas e esculturas em madeira.

CARREIRA

O primeiro emprego fixo foi no jornal "Classificados Pan Negócios", de Osmair Scarpari, já falecido. "As artes e os desenhos eram produzidos em nanquim, canetas bico de pena. As letras para compor os textos eram produzidas em um aparelho chamado aranha. Tempos depois, com o desenvolvimento da computação, tive aprender a utilizar softwares como Corel Draw, Pagemaker e outros, que agilizaram os processos de trabalho", conta ele, que prestou serviços para diversas agências da cidade.



Jorge Silva

Durante 14 anos Jorge foi ilustrador e chargista do jornal O Progresso. Em su-

as charges, figuraram personagens da política e foram abordadas diversas questões que estavam na pauta de discussão da sociedade. Ele explica que "charge" é uma palavra de origem francesa e significa "carga", ou seja, "exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco, um exagero".

"Nós chargistas somos críticos. Com nossa arte levamos informações sobre os acontecimentos absurdos da nossa cidade e do nosso país, principalmente no meio político e governo. Nossos desenhos também denunciavam crimes ambientais e contra a nação. Fiz muitas charges relacionadas ao meio ambiente, pois é um tema me preocupa bastante. Em Dourados isso está uma calamidade geral", afirmou ele. Após a saída do jornal, passou a trabalhar na equipe de comunicação do deputado federal Geraldo Resende e atualmente está na Câmara Municipal.

O método de trabalho de Jorge é exclusivamente digital: charges, ilustrações, mascotes, personagens, logomarcas, mídia social e arte final para impressos em geral. Jorge Silva mantém um perfil no Facebook, onde é possível acompanhar o seu trabalho.

RIT – A TV de Dourados para o Brasil

Única emissora de televisão com sede em Dourados, a RIT – Rede Internacional de Televisão – tem uma vasta programação voltada para evangelização (com destaque para o Show da Fé e o Fala Amigo, com o Missionário RR SOARES) e informação de qualidade. Com o departamento de jornalismo em Dourados, um centro de produções em São Paulo e

várias sucursais pelo Brasil, a RIT dedica grande parte de sua programação diária e semanal à informação.

Em Mato Grosso do Sul, o Jornal da RIT (1ª edição às 12h e 2ª edição às 17h30) e o Patrulha Geral, são veiculados de segunda à sexta-feira. A programação nacional é ainda mais ampla, com quatro edições de telejornais entre



Fabiane Dorta, apresentadora do Jornal da RIT

as 7h30 e às 17h, além do principal jornal da grade de programação, o Jornal das 22h. Também diariamente são apresentados o RIT Esporte, Converse com o Doutor, Nosso Programa, Revista do Campo e o Vejam Só.

A RIT é emissora da Televisão Cidadã de Modelo Ltda, fundada por José Elias Moreira e inaugurada em 20 de maio de 1983 com o nome fantasia de TV CAIUÁS, contando com programação local e retransmitindo o sinal nacional da Rede Bandeirantes de Televisão. Negociada em 1996 com o Grupo Correio do Estado, passou a se chamar TV Dourados, emissora do SBT. No ano 2000 a emissora foi adquirida pela RIT e até hoje pertence a este grupo de comunicação.

Outras emissoras

TV Dourados

A TV Dourados era sintonizada no Canal 5 VHF e era afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Entrou no ar no final dos Anos 80 e foi extinta no final de 2002.

Há poucos detalhes do começo da TV Dourados, mas sabe-se que era emissora comercial, gerava vários programas locais e era sucessora da TV Caiuás, que foi comprada no final dos Anos 80 pelo grupo Correio do Estado (que tinha jornais, emissoras de rádios e TVs na capital e interior de Mato Grosso do Sul). Após a compra, o grupo decidiu mudar nome da emissora e de rede: a emissora TV Caiuás passou a se chamar TV Dourados e a rede transmitida pela antiga emissora, que era a Rede Bandeirantes, passou a transmitir a programação do SBT.

Em 1996 foi colocada a venda e pas-

sou ser controlada por outro grupo. Em 2001, foi colocada de novo a venda e foi comprada pelo R. R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus. Ao mesmo tempo pediu a autorização do Ministério das Comunicações para instalação de retransmissoras, que incluí as capitais Salvador, São Luís, Recife, Belém, Palmas, Curitiba e Porto Velho e cidades do porte de Londrina (PR) e Volta Redonda (RJ).

Em 8 de junho de 2002 a emissora deixou o SBT e passou a exibir a programação da igreja evangélica da recém-inaugurada Rede Internacional de Televisão, totalmente produzida em outra emissora de São Paulo. Até o dia 25 de junho, Soares conseguiu a autorização do Ministério das Comunicações para instalar 27 retransmissoras da geradora de Dourados, a última delas em Jundiá (SP). Em 31 de dezembro de 2002, a emissora foi extinta para dar lugar RIT Dourados em 1º de janeiro de 2003, inclusive a inauguração da Rede Internacional de Televisão. (Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre)

TV MS

TV MS é uma emissora de televisão brasileira sediada em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Opera no canal 11 (32 UHF digital), e é afiliada à RecordTV. A emissora faz parte da Rede MS, grupo de comunicação pertencente ao empresário Ivan Pães Barbosa, juntamente com o portal Diário Digital, a Rede MS de Rádios e o canal via satélite AgroBrasil TV. Há uma retransmissora em Dourados MS. (Fonte: wikipedia.org)

TV Morena Ponta Porã

TV Morena Ponta Porã é uma emissora de televisão brasileira com sede em Ponta Porã, MS. Surgida no fim dos anos 80, por 19 anos se cha-

mou TV Sul América. Pertence à Rede Matogrossense de Televisão e retransmite a programação da Rede Globo, além de gerar programas locais de boa audiência como o MSTV. Opera nos canais 4 VHF e 30 UHF Digital (4.1 Virtual). É uma das redes de transmissão regionais da TV Morena, que tem a central localizada em Campo Grande.

A emissora possui duas sucursais: uma em Dourados, que também transmite o sinal digital através do Canal 31 UHF Digital (25.1 Virtual) e outra em Três Lagoas.

Fundada em 1989, em 2008 muda para o nome atual e em setembro de 2011 a TV Morena Ponta Porã passa a receber sinal digital.

Filiais: Ponta Porã (unidade sede) - Canal 4/Analogico e Canal 30/Digital; Dourados - Canal 8/Analogico e Canal 31/Digital; e Três Lagoas - Canal 4/Analogico e Canal 35/Digital. (Fonte: wikipedia.org)

A tecnologia me distanciou da fotografia

Comecei aos 15 anos, vendendo jornal na rua, no então Diário do Povo onde passei de vendedor de jornal nos semáforos para entregador. Depois fui para o setor de dobra do jornal e vendas de assinaturas. Eu fazia isso compartilhado com outro trabalho de panificação em padarias.

Ademir Almeida

Ao chegar no departamento de arquivo de jornais e de fotos, parei de trabalhar na padaria e foi aí que despertei para a fotografia. Comecei a fotografar em janeiro de 1998 aos 18 anos e nessa

trajetória de 20 anos, tive trabalhos publicados em jornais e revistas de circulação nacional: cinco fotos publicadas na capa da Folha de São Paulo, seis publicações também na capa do Estado de São Paulo, nas páginas internas da Folha de São Paulo foram quarenta e seis publicações e 55 no Estado de São Paulo.

Meu material da Febre Aftosa no Diário MS teve grande repercussão. Tive fotos publicadas nas capas da Folha de São Paulo Estado de São Paulo bem como nas maiores revistas do país: Isto é, Veja, Época, Carta Capital e Revista Safra.

A tecnologia foi a principal colaboradora para o meu distanciamento da carreira de fotógrafo. Antigamente o jornal precisava do fotógrafo para o



furo de reportagem. Em várias situações éramos chamados para as coberturas, como por exemplo, os bombeiros. Tinha um acidente, eles me ligavam e eu era o primeiro a chegar. Hoje em dia, com os aparelhos celulares com câmeras de alta resolução, as pessoas fotografam, postam nas redes sociais e enviam às redações de jornais gra-

tuitamente.

Também devido à tecnologia, hoje os sites são mais aprimorados e a leitura digital tornou-se um hábito, enquanto a de papel está sendo superada, com os jornais impressos passando por sérias dificuldades financeiras, o que dificulta a contratação de fotógrafos. A fotografia é minha paixão e meu dom, não abandonei a carreira, ainda sou solicitado mas com uma queda de demanda muito grande. Continuo participante de concursos e atuando como free-lancer esporadicamente.

Mas como sempre digo, temos que nos adaptar aos tempos modernos. E afirmo que, a mesma tecnologia que me distanciou da fotografia, hoje me aproxima de uma outra área com alta tecnologia. Hoje trabalho como motorista de aplicativo, e depois de 11 meses nessa área, eu e um grupo de motoristas lançamos um aplicativo para Dourados pra mobilidade urbana. Fui o idealizador desse projeto e hoje sou um dos sócios do aplicativo "24 horas".

Causos

Contagem regressiva

Essa veio do microfone da então gloriosa Rádio Caiuás e que tenho dúvidas se foi de autoria do sonoplasta e também já falecido Luis Ismael Klaus, o "Preto" ou pelo Genivaldo. Era dia 31 de dezembro - não lembro o ano - e faltavam menos de dez minutos para a entrada do ano novo. E na oportunidade, no estúdio da emissora não havia radialista ao vivo, e sim um programa previamente gravado com mensagens comerciais dando boas vindas e músicas. "Preto" ou o "Genivaldo" que eram sonoplastas exclusivos do Lucas Correia, ambos sonhavam em

ser radialista assim como muitos sonoplastas. Ao ver que faltavam poucos segundos para entrar o ano novo, e lá fora os fogos já começavam a pipocar no céu douradense, um deles pegou o microfone, colocou uma música de fundo e começou ao vivo a contagem regressiva: "Vamos lá meu povo para a contagem regressiva para a chegada do novo ano: 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10. Feliz Ano Novo meu povo..." e imediatamente o telefone tocou na rádio: Era o diretor e radialista da emissora, o também já falecido Luis Rogério de Sá perguntando ao "Preto" ou ao "Genivaldo" sobre a gafe que havia sido cometida. Não deu outra, o autor foi repreendido pelo diretor e passou então a ser alvo de gozações.

Waldemar Gonçalves - Russo

Charges do Jorge Silva



Clube de Imprensa de Dourados, uma trajetória de 41 anos

O movimento pela formação do Clube de Imprensa de Dourados começou em 1976, ano em que cheguei em Dourados. Na época só tinha uma entidade semelhante em Brasília, com uma amplitude de categorias envolvidas. “Foi então que juntamente com Theodorico Luiz Viegas começamos um trabalho que envolveu um grande número de colegas da imprensa”, relembra o jornalista Cícero Faria.

Cícero Faria



Antonio Viegas, Fabio Dorta, Luís Carlos Luciano, José Henrique Marques, Waldemar Álvaro Gonçalves e João Carlos Torraca

rante uma visita do Guilherme Cunha a Dourados, chegamos nele e demos um ‘aperto’ no sentido de nos ajudar e como ele era uma pessoa afortunada, fez uma doação do próprio bolso. Logo depois disso eu, o Antônio Viegas e o Joelson, que era o gerente da Sucursal da Folha de Londrina em Dourados, fomos a Campo Grande pegar o cheque do Guilherme. Com esse recurso iniciamos a obra da sede”.

O CID promoveu muitos eventos e encontros que reuniam todos os trabalhadores da imprensa, com muita harmonia e entrosamento. A entidade, mesmo sendo sem fins lucrativos, não se encaixou na lei de isenção de IPTU e com o passar dos anos essa dívida foi remontando e saiu do controle. Durante um tempo, era

cobrada mensalidade, com um cobrador indo de porta em porta cobrar o pessoal. O CID também funcionou como uma entidade de defesa da categoria jornalistas, pois naquela época não existia o Sindicato. Muitas vezes a entidade se posicionou em defesa de companheiros jornalistas no exercício de sua profissão. O advogado Altair da Costa Dantas dava assessoria jurídica gratuitamente, foi um grande parceiro assim como o João Beltran, que na época era Assessor Jurídico da Prefeitura, na administração de José Elias Moreira.

Muito tempo depois foi fundado o Sindicato dos Jornalistas Profissionais na Região da Grande Dourados (Sinjorgan). “Durante vários anos a sede do

CID abrigou a entidade, numa parceria me que as despesas eram divididas. Passaram pela presidência do CID, o Theodorico, Cícero Faria, Antônio Viegas, Fábio Dorta, Elvío Lopes, Clóvis de Oliveira, Elias Ferreira, Osmar Santos, entre outros.

Ao assumir a presidência do CID, Heio Fazan regularizou pendências do terreno. Haviam várias invasões tanto por parte da vizinhança como também por parte do CID. Feito isso, também foi regularizado o CNPJ por conta de impostos de renda não declarados anteriormente. O próximo passo a partir daí foi a votação na Câmara de Vereadores para autorizar a venda ou permuta da área que era pública.

A negociação foi feita através de permuta. A antiga área de 1070 m2 foi permutada por outra na MS 156, com 10 mil metros quadrados, situada a cerca de 2km do trevo no final da Avenida Coronel Ponciano e que dá acesso ao Distrito Industrial. O CID fez uma parceria com acadêmicos do curso de Engenharia Civil da Unigran, para execução do projeto e acompanhamento da obra. Os acadêmicos foram coordenados pelos professores Rubens Di Dio e Wolmer Campagnoli.

O projeto prevê a construção de amplo salão com quase 400 m2 (em fase final), quadras poliesportivas, de areia, um lago para criação de peixes, quiosques, dois campos de futebol suíço, além de piscinas para adultos e infantil além playground.

Para Cícero Faria, há muita expectativa com essa nova sede. “Acreditamos que assim que o salão estiver concluído resgatemos nossos associados e nossas confraternizações que reuniam todos os trabalhadores na imprensa e muitos colegas e colaboradores da comunidade”.

Jornal O Douradense:

A gênese da imprensa em Dourados (1948-1951)

O primeiro jornal impresso, genuinamente de Dourados, foi o ‘Jornal O Douradense’, que circulou de 1948 a 1951, com quatro páginas, com o lema: ‘Órgão Independente Dedicado aos Interesses do Município’, sob a direção de Armando da Silva Carmelo.

Carlos Magno Mieres Amarilha*



riosa vive e fará de Dourados, que possui todas as possibilidades para um rápido desenvolvimento, acima de tudo, um

imenso celeiro na terra mato-grossense” (Jornal O Douradense, 1948, n.º 1, p. 1). As páginas impressas noticiavam os

acontecimentos da cidade e informavam a população da política nacional. As reportagens publicadas quinzenalmente procuravam atribuir à imprensa a defesa dos direitos da população e a cobrança dos deveres, tanto do governo municipal quanto do estadual.

Em seu período de circulação, o ‘Jornal O Douradense’ divulgou a agricultura, a economia ervateira e os benefícios de gêneros alimentícios. Incentivou a criação da Associação Comercial de Dourados, da Feira Livre de Dourados, divulgava com ênfase a construção da Usina de Luz (atual Usina Velha), que forneceria a luz elétrica, noticiou a chegada da ferrovia Noroeste do Brasil em Capão Alto, em 1948 e de Itahum, em 1949, que facilitaria as vias de comunicação com outros estados brasileiros.

Os meios de comunicações de massa só começaram a aparecer, efetivamente no município de Dourados, a partir de 1948, com o surgimento do ‘Jornal O Douradense’ que circulou de 1948 a 1951. Pode-se observar por meio das matérias impressas nesse jornal que a cidadezinha de Dourados dá um salto enorme para constituir uma nova imagem do desenho do formato do centro de Dourados. A rua principal transforma-se em avenida. Novos prédios de alvenarias são construídos e definitivamente Dourados se consolida como um polo regional.

A gênese do jornalismo de Dourados, o ‘Jornal O Douradense’, se encontra arquivado no Museu Municipal de Dourados e à disposição de leituras para quem se interessar na história da imprensa em Dourados. (FONTE: JORNAL O DOURADENSE. 16 Edições. Dourados: 1948-1951)

*Historiador e Presidente do Grupo Literário Arandu

A era do acesso e o papel do jornalista

Quanto vale um clique? Essa é a pergunta da modernidade. Em um mundo cada vez mais líquido, como pautou Bauman, as pessoas estão mais interessadas em ter do que em ser e curtir nas mídias sociais a compartilhar momentos reais. E é nessa era, de total acesso, que nós, jornalistas, estamos inseridos. Precisamos noticiar e contribuir com a sociedade - exercendo o quarto poder? - para quem, muitas vezes, não compreende o nosso ofício.

E é exatamente com foco nessa realidade que vemos nosso trabalho como primordial. Somos nós os responsáveis por formar e informar e temos que ter noção desse compromisso. O assunto do ano foi Fake News, algo tão debatido, mas pouquíssimo evitado. Se analisarmos nossa linha do tempo no Facebook

não demora para constatarmos que mais da metade dos conteúdos não têm fonte, critério de noticiabilidade, muito menos linha editorial.

Estamos diante de uma sociedade cada vez mais interessada no que o outro possa oferecer. Costumes, comportamentos, vestimentas e aparelhos eletrônicos são supervalorizados e há um estímulo desenfreado das marcas pela substituição dos bens, com interesse na venda. As gerações passam horas com seus celulares (agora cada vez mais bonitos e modernos) consultando e desejando o que os influencers recomendam.

Sim, agora perdemos, além da obrigatoriedade do diploma, a confiança que outrora tivemos para os influenciadores digitais. Pessoas que não têm formação, nem noção, muitas vezes, e fazem de indicações e comentários o seu ganha pão. Já não somos mais valorizados, mas porque nem nós mesmos nos posicionamos co-



Milena Cardinal

mo devemos.

As redes sociais sempre existiram - são teias de trocas de informações, compartilhamento de ideias - e desde que começamos a nos comunicar, lá nos tempos das cavernas, iniciamos esse processo. O

que existe hoje são redes sociais mediadas por tecnologia, os diversos aparelhos e aplicativos desenvolvidos para esse fim, formando as mídias sociais. Essas surgiram com o propósito de compartilhar conteúdos, dividir e auxiliar as pessoas.

Dentro desse contexto, os jornalistas deveriam pautar notícias, artigos e reportagens que contribuam com as pessoas, o tal do interesse público. Estaríamos no ponto da pirâmide desses canais: os produtores de conteúdos. Mas, ao invés disso, nos deixamos abater pelas sondagens, pela falta de profissionalismo e pelas Fake News, muitas vezes nós mesmos não checando a veracidade e fazendo parte delas.

Na era do acesso temos que assumir o controle e ocupar o nosso papel central nas mídias sociais. Precisamos informar as pessoas e estimular, através de conteúdos bem produzidos - com ética, transparência, riqueza de fontes e, quanto for possível, isenção e imparcialidade - para que elas voltem a confiar em nossa atuação. Jornalismo se faz com compromisso, caráter e vale muito mais do que um clique. Não podemos esquecer essa realidade.

Compromisso com a formação da sociedade

Em 2018 Dourados faz 83 anos. Uma terra jovem, mas de oportunidades e pessoas que fazem acontecer: fato esse comprovado quando vemos que a Folha de Dourados comemora 50 anos. Foi pensando na formação dessa gente que fundamos a Unigran, em 1976, para proporcionar à sociedade, crescente e em ascensão, formação educacional superior, para elevar o seu nível profissional, cultural e social.

A visão de alinhar investimento e dedicação tornou possível que Dourados tenha uma Instituição com a nota máxima em avaliação do MEC. Com um espaço superior a 70 mil metros quadrados de área construída, oferecendo laboratórios, Clínicas de Estética, Fisioterapia e Odontologia, Núcleos de Direito, Nutrição, Psicologia e Serviço Social e Hospital Veterinário. Além de Área Experimental, Cantão do Bosque e Fazenda Escola, prestando serviços para toda a comunidade.

O pioneirismo da Unigran ultra-



Primeira turma de jornalismo da Unigran

passa as fronteiras do Centro Universitário em forma de projetos de extensão e atendimentos para Dourados e região e formação de excelência. O compromisso com a qualidade é a preocupação da Unigran, que ao longo de quatro décadas formou mais de 25 mil pro-

fissionais, que hoje ocupam locais de prestígio no mercado de trabalho de todo o país.

Sabemos que não existe sociedade evoluída sem informação, principalmente quando estas são desenvolvidas por profissionais competentes. Ao lon-



go dos anos formamos mais de 150 jornalistas, com o curso de Letras, ênfase em jornalismo, e o de Comunicação Social - Jornalismo. Profissionais que estão espalhados pelas redações da região e sanaram uma necessidade de mercado.

E, assim como a folha de dourados, que acompanhou o desenvolvimento e está em sua versão online, reconhecemos que a sociedade passa por transformações a cada hora, acompanhando as inovações e tecnologias criadas e vendidas. Formar profissionais com essa visão e preparados para esse mercado é o novo desafio. É por isso que a Unigran investe em trazer tecnologias e inovações que agreguem valor à sua metodologia de ensino e formação dos seus acadêmicos: laboratórios de realidade virtual, impressoras 3D e simulações empresariais fazem parte da rotina.

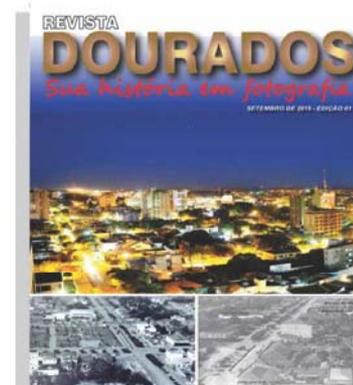
Milena Cardinal

Jorge Lima, o eternizado JF

Jorge Pereira Lima, filho de Izaías Francisco de Lima e Maria do Carmo Pereira Lima, nasceu em cinco de fevereiro de 1966, na Vila São Pedro, distrito de Dourados MS.

Começou sua carreira profissional como fotógrafo e organizador de evento em 1984 nos Clubes Social, Indaiá, Samambaia, nas casas noturnas Over-night, Broadway, Espaço Mondrian, Apa-

loosa entre outras. Realizou os eventos Garota Verão, Garota Jeans, Garota MS e várias festas, com destaque para Repúblicas Universitárias (primeira festa open bar de Dourados), shows com artistas do cenário nacional. Em 1993, tornou-se jornalista e fundou o jornalzinho JF que divulga eventos da cidade e atualmente está editando uma série da revista "Dourados, sua história em fotografia", fotos dos pioneiros que contribuíram para o progresso da cidade.



Capas de edições da Revista Dourados

Dourados Agora: Esse já nasceu grande!

O dia 14 de agosto de 2002 significa algo para você? Para nós, do site Dourados Agora, foi o começo. Era pouco mais de 6 horas da manhã daquele resto de inverno, quando a primeira notícia foi ao ar, oficialmente, após testes do operador da plataforma.

O site cujo slogan é: "Esse já nasceu grande" deslançou, afinal traz no 'DNA' a história de uma família - os Amaral Torres - que detêm o jornal pioneiro no Estado e o primeiro de Dourados. O Progresso nasceu na fronteira, nos anos 20 (século passado) e também circulava aqui quando a cidade ainda era território de Ponta Porã.

Apesar desta herança, o Dourados Agora, cuja diretora Blanche Maria Torres também é sócia-proprietária e superintendente do O Progresso, tem vida própria!

Independente em sua gestão, com equipe e sede própria, o site que já nas-

ceu grande se orgulha de contabilizar grandes nomes na equipe, ao longo de mais de uma década e meia: Honório Jacometto (hoje em rede nacional na Globo), César Cordeiro (in memoriam) Sidnei Lemos (Bronka/94 FM), Ricardo Minella, Rozembergue Marques, Renan Nucci, Jonathan Luiz Radai, Isael Silva, Cristiane Guimarães, Fabíola Spier, Jamily Depieri e tantos outros que, no passado, ajudaram a alavancar o índice de audiência!

Hoje com tecnologia de ponta e uma equipe mais enxuta de colaboradores incansáveis, o Dourados Agora conta com inestimáveis serviços do repórter Cido Costa, atento a todas as ocorrências da cidade e região, os jornalistas Flávio Verão, Cristina Nunes, Maria Lucia Tolouei e Valéria Araújo que também cuida do Departamento Comercial. São 16 anos de trabalho árduo, de segunda a segunda, atento a tudo.

A equipe que já escreveu muito da história política, sócio e econômica de



Maria Lucia Tolouei*

Dourados e do resto do Estado, segue confiante no futuro da Comunicação que se adequa ao passar do tempo, com credibilidade, respeito e a adesão de mais e mais leitores ávidos pela informação cujo princípio é o serviço ao público, a educação eficaz, voltada à consolidação do leitor participativo, crítico e ávido por um mundo melhor para toda humanidade.

Neste ponto, Dourados Agora e O Progresso se entrelaçam. É que Weimar Gonçalves Torres, que reviveu o impres-

so fronteiriço na Cidade Modelo nos idos de 1951, trouxe na bagagem o ideal do "Pensamento e Ação por um Mundo Melhor".

Como diria a diretora-presidente do matutino, Adiles do Amaral Torres, "o mundo anda para frente" e, da mesma forma, impressos e onlines se reinventam, todos os dias. Assim como os demais meios de comunicação, são os olhos e ouvidos da humanidade. Uma espécie de quarto poder, pois move corações, mentes e transforma paradigmas. Na palma da mão, leitores e notícias conversam e mudam o mundo!

A palavra, que voou como 'relâmpago' com o advento do telégrafo de Samuel Morse, em maio de 1844 e anunciava: "o que Deus realizou", também une continentes e povos nesta Terra que é apenas um país e os seres humanos seus cidadãos'.

*Membro da Comunidade Bahá'í, jornalista, editora do Dourados Agora, editora-adjunta do Jornal O Progresso, bacharel em Comunicação (Jornalismo) (Unigran) e em Engenharia Civil (UFMS), especialista em Estudos da linguagem (Unigran)

Trajетória no Jornalismo de Dourados

Minha história na Comunicação Social em Dourados começou em 1992 numa "brincadeira". Estava concluindo o Ensino Médio no Colégio Objetivo, quando o professor Benê Cantelli, viu como eu ajudava a conduzir uma das torcidas do Fico - Festival Interno do Colégio Objetivo, e me convidou para fazer parte do "Programa Teen". A atração era exibida na extinta TV Caiuás - afiliada da Bandeirantes pelo Colégio Objetivo. A programação cobria e divulgava os eventos que aconteciam em Dourados e região. Esse foi o meu primeiro contato com a TV. De imediato, notei certa intimidade com a TV, com o estúdio e com tudo o que compõe a produção de um programa televisivo. Durante esse período tão curto, pude perceber que era aquilo o que eu queria para minha vida, mesmo ainda sendo uma adolescente.

De família humilde, desde muito cedo eu precisava trabalhar. No Programa Teen o nosso pagamento era uma bolsa de estudos, ou seja, nós não recebíamos, por isso precisei sair, pois necessitava de um salário. Foi sofrido deixar de fazer o que gostava, mas era necessário. Minha saudosa mãe não tinha condições de arcar com meus estudos, com minhas despesas. Não tive outra alternativa, saí do Programa Teen e fui em busca de trabalho.

Comigo não tinha tempo ruim, fui diarista, babá, recepcionista, secretária, cabo eleitoral, não escolhia emprego não! O que aparecia eu encarava. Eis que surgiu a oportunidade de fazer um teste como repórter na TV Caiuás. Vi ali a chance de ter um bom emprego, carteira assinada e de quebra fazer algo com o qual eu me identificasse. Meu primeiro contato foi com Fábio Dorta, o "Fabinho", diretor de Jornalismo na época. Em nosso primeiro encontro, ele olhou para mim com um olhar de poucos amigos e disse: "um mês de experiência. Se demonstrar preparo você fica, senão está fora". Para mim foi o suficiente, era a oportunidade que eu preci-

sava e nela eu agarrei com todas as minhas forças.

Daquele dia em diante, nascia a jornalista Lia Nogueira. Para quem não sabe meu nome de registro é Maria Imaculada Nogueira, e o nome Lia Nogueira, também teve participação do Fabinho, que embora no início parecesse ser turrão, com o tempo mostrou-se um ser humano com um coração gigante, tornando-se um dos meus melhores amigos. Inclusive, costume chamá-lo de "eterno chefe"; tamanho é o carinho que tenho por ele! A TV Caiuás foi uma grande escola de Jornalismo, o que contribuiu muito para o meu aprendizado, sem contar os vários profissionais que me ensinaram as primeiras noções de Jornalismo, até porque eu mal sabia o que era uma passagem, um off, uma nota pé. Entre tantas colegas de trabalho destaco duas pessoas tão significativas, minhas "professoras" Rosane Mazetto e Vanda Moraes.

Durante o período de TV Caiuás e em seguida TV Dourados com a mudança de Bandeirantes para SBT, passei por experiências gratificantes que somaram significativamente na minha vida profissional. Conciliei meu horário como repórter que normalmente é composto de cinco horas diárias, na Rádio Caiuás - com o saudoso César Cordeiro. Paralelo a isso, trabalhei também na então Agecom (Agência de Comunicação Social), com o jornalista Alfredo Barbara e ainda na Rádio Grande FM.

Após quase cinco anos, surgiu o convite para cobrir férias na TV Morena - afiliada da Rede Globo. Entrei na sucursal de Dourados em substituição temporária de um colega jornalista. Devido a minha atuação, o então diretor de Jornalismo, Andersen Navarro, posicionou-se favorável a minha efetivação. Em menos de dois anos de TV Morena, fiz grandes coberturas jornalísticas que renderam participação em alguns dos principais telejornais da Rede Globo: Bom Dia Brasil e Jornal Hoje. Também tive participações no Globo Rural e na GloboNews. Permaneci na TV Morena por cinco anos e durante este período tive a oportunidade de participar de um dos maiores programas de excelência das afiliadas da Rede Glo-



Lia Nogueira

bo o "Uniglobo". O encontro que reuniu jornalistas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil aconteceu em Palmas (TO). As palestras e oficinas foram ministradas pelos jornalistas, Cesar Tralli e Ari Peixoto. Além desta experiência única, durante o tempo em que estive na TV Morena participei também do EnRede - Encontro dos Profissionais da Rede Mato Grossense de Televisão. O encontro foi em Cuiabá (MT) e teve como palestrantes os jornalistas, Marcelo Canellas e Carlos Henrique Schroder - diretor geral da Rede Globo.

No tempo em que estive na TV Morena concluí o curso de Direito e logo depois me desliguei da empresa.

Após um período fora da TV, trabalhei em campanhas eleitorais, voltei para o Rádio, a seguir retornei à TV. Trabalhei na RIT onde fiz reportagens, apresentei programas e na produção de uma reportagem especial sobre o professor intérprete nas aldeias para alfabetizar os índios surdos acabamos finalistas em dois prêmios de jornalismo em nível nacional: O Prêmio IGE de Jornalismo e o Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo. A nossa reportagem sobre indígenas surdos que concorreu com centenas de trabalhos, ficou entre as cinco melhores do Brasil.

Da RIT, fui para o SBT onde trabalhei por dois anos na sucursal de Dourados. Um período marcado por participações em nível nacional. Tivemos também várias reportagens que ganharam destaque no noticiário nacional: Coberturas de Dourados e de municípios do Sul de MS, além da fronteira, que foram exibi-

das no SBT Brasil, Jornal do SBT e no então "Aqui Agora"! Ainda no SBT, tive a experiência de fazer um intercâmbio em São Paulo o qual tive o contato diário com o jornalismo de Rede e com grandes profissionais como, Carlos Nascimento, Luciana Barcelos e Cilene Frias.

Nestes anos todos de TV e com graduação em Direito, voltei para a faculdade e concluí também o curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Do SBT, fui para a assessoria de imprensa da Prefeitura de Dourados e depois de alguns anos tomei uma difícil decisão, ir embora da minha cidade. Aceitei o convite para ser produtora na TV MS Record em Campo Grande. Foi difícil de início deixar a casa, os filhos, mas eu tinha um sonho e fui em busca dele. Me mudei para Campo Grande praticamente sem nada e após dois dias na Capital morando de favor na casa de amigos consegui cobrir uma reportagem na condição de jornalista stand by. Fui lá e fiz o meu melhor! De equipe de externastand by nos tornamos a equipe de reportagem fixa da manhã. Busquei meus filhos, montei um apartamento e me mudei definitivamente para a cidade morena, onde morei por quase um ano.

Na Capital tive a experiência do Jornalismo mais agitado, a correria para o fechamento dos telejornais, a briga pelo furo de reportagem, as coletivas com profissionais de todos os veículos, experiência em cobertura de enchentes. Mas foi em Campo Grande também que descobri a paixão pelo jornalismo popular.

Voltei para Dourados, com muito esforço montamos a sucursal da TV MS Record, onde hoje temos duas equipes as quais produzem reportagens especiais para os programas Cidade Alerta MS e Balanço Geral. De volta para Dourados, onde nasci e constituí família, descobri outra paixão, o Rádio. Hoje além da TV, faço boletins informativos que são exibidos ao longo da programação da FM Cidade 101 e apresento também junto ao colega jornalista, Antônio Coca, a edição local do Noticiário. No Rádio pude trabalhar ainda mais com o jornalismo popular o que me aproximou ainda mais do público. Tanto na TV quanto no Rádio, adotei jargões como "molhou o pé do frango", "é o bichão" e "pé de toddy", que caíram na boca do povo. Sempre costume dizer que essa é a forma simples e direta que encontrei de interagir com quem acompanha meu trabalho e se identifica com esse meu jeito.

A locomotiva que norтеou o caminho rumo ao empreendedorismo

Confesso que quando fui convidado para corroborar com essa marcante e providencial obra de arte, a edição especial de 50 anos do jornal folha de dourados, me senti honrado e lisonjeado, principalmente diante de um universo de profissionais gabaritados com os quais tive a oportunidade de começar a dar os primeiros passos rumo à construção do lead de uma notícia.

Realmente, tive a sorte e o privilégio de atuar em redações com profissionais de renome que, apesar de suas experiências e consolidadas atribuições em conceituados órgãos de comunicação ou em assessorias de imprensa, tiveram a humildade e a paciência de mostrar o excepcional "maceite" da pirâmide invertida visando à elaboração de um texto conciso e objetivo.

Antes de expor a síntese de uma carreira vitoriosa, ainda que superada sob forte pressão e preconceito de colegas e até de sindicato, tenho a humildade de reconhecer que a minha grande inspiração foi em profissionais que fizeram e fazem até hoje a história de Dourados, como Vander Verão, José Henrique Marques, Dalva Gonçalves, Valfrido Silva, Cicero Faria, Luis Carlos Luciano, Clóvis de Oliveira, Antonio Viegas, Ricardo Minella, João Carlos Torraca entre outros.

Tudo começou em meados de 1989, quando fui convidado a escrever artigos políticos no periódico O Jornal (de Dourados), um semanário polêmico administrado naquele ano pelo meu grande amigo e empresário Edio Carneiro Pedrosos, hoje meu compadre.

Foi lá onde conheci uma figura emblemática do jornalismo douradense, o advogado Sidney Gomes, um cidadão extraordinário que me municiou de bons livros didáticos e ensinou-me com muita humildade os elementos que compõem o lead da notícia (o quê, quem, onde, quando, por quê, como). Além dele, fui incentivado, na mesma época, por outras importantes personalidades da área, como Nicenor Coelho e Edilson José.

Motivado pela disputa eleitoral da época, polarizada entre dois grupos distintos – Zé Elias e Braz Melo – surgiu a ideia de escrever uma coluna semanal, denominada Conjuntura, por meio da qual colecionei alguns inimigos e até processos, além de for-

te pressão da classe política e dos próprios colegas devido à falta de registro profissional.

Na mesma época, passei a dividir espaço na redação da antiga TV Caiuás, hoje RIT, sem me desvincular de O Jornal, com outros competentes colegas como Fábio Dorta, Márcia Carreri, Marli Lange, Pedro Arthur, Antônio Coca, César Cordeiro (in memorian), Ipojuca Ferreira e Elias Ferreira.

Foi na extinta emissora de televisão, de propriedade do então deputado federal José Elias Moreira, que comecei a ganhar bagagem no meio jornalístico local, mesmo diante de feras de texto invejáveis, como Vander Verão (O Progresso), Cicero Faria (Correio do Estado), Clóvis de Oliveira (Comunicação do Braz Melo) e João Carlos Torraca (Diário do Povo). Naquele ano, me revezei entre as funções de produtor, repórter e assessor de imprensa durante a campanha do parlamentar e também do deputado estadual Walter Carneiro em sua caminhada à reeleição na legislatura em que era presidente da Assembleia Legislativa.

Anos mais tarde – 1993 –, além de atuar na comunicação da Prefeitura de Dourados durante o mandato do prefeito Humberto Teixeira, juntamente com titular da pasta, Cicero Faria, convivi com regras mais amplas da área no curso de "Letras com ênfase em Jornalismo" na antiga Socigran, hoje Unigran, sob a orientação da cate-drática e simpática professora Noemi Mendes Siqueira Ferrigolo, de quem sempre fui fã. Lembro-me muito bem de seus incentivos à época de prefeitura, por isso a gratidão.

No mesmo ano, também tive passagem meteórica pelo Diário do Povo, atualmente Diário MS, do amigo Vitor Carboneira Cales, quando ele decidiu fundir os periódicos Panfleto, O Zangão e Jornal do Vale.

Ainda em Dourados, fui chefe de redação da Gazeta Popular, como parte do projeto ousado do empresário Dorival Quintana, que depois de vários anos decidiu mudar a circulação do jornal semanário para diário.

Na campanha eleitoral de 1994, época em que exercia o segundo cargo mais importante da comunicação da Prefeitura, ainda no mandato de Humberto Teixeira, depois de Cicero Faria, percorri todo o Estado escrevendo para o advogado Paulo Estevão, o



Willams Araújo

quinto mais votado daquele pleito para a Assembleia Legislativa, para onde fui um ano depois atuar em sua assessoria parlamentar.

Antes disso, porém, prestei assessoria de imprensa para o diretório municipal do PTB, presidido na ocasião pelo engenheiro Hélio Congro, então secretário de Serviços Urbanos da prefeitura.

Em Campo Grande, mesmo atuando na condição de assessor parlamentar de Paulo Estevão, passei a ser correspondente político do Jornal Diário MS, subordinado a outro grande profissional da área, o decano Edmir Conceição, com quem aprendi muito. Foi também quando fui pressionado por integrantes do sindicato estadual, mesmo com registro em dia, a deixar a profissão, sob alegação de que eu estava "tomando" o espaço de um jornalista da Capital. Lembro-me que na época eu era filiado ao Sinjorgran (Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Região da Grande Dourados).

Em seguida, a convite da diretora de O Progresso, Blanche Torres, passei a ser correspondente político do jornal na Capital, além de escrever diariamente a coluna Conjuntura, missão que terminou 20 anos depois, em abril de 2017. Confesso que foi o meu maior desafio como jornalista dedicado à editorial de política entre os ór-

gãos de imprensa em que atuei, no qual, entrevistei grandes celebridades políticas do Estado e do País, como governadores, ministros de Estado e parlamentares.

Na Assembleia, além do gabinete de Paulo Estevão, prestei assessoria parlamentar para os deputados estaduais Murilo Zauith (CPI do Previsul), Nelito Câmara (CPI da Urucum), Geraldo Resende e Zé Teixeira.

Foi inspirado no nome de minha antiga coluna política, publicada também no jornal Primeira Hora (Sérgio Cruz) e na Revista Metrópole (Emídio Milas), além de Diário MS e O Progresso, que surgiu o site de notícias www.conjunturaonline.com.br, um portal cujo slogan é "O 1º site político de Mato Grosso do Sul, na iminência de completar seus 16 anos de publicação ininterrupta".

Atualmente, exerço o cargo de diretor de Comunicação da Assomasul (Associação dos Municípios de Mato Grosso do Sul), em Campo Grande, onde estou desde 1995, quando o então prefeito Humberto Teixeira foi eleito presidente.

LIVRO

Fundado em 2003, o portal de notícias Conjuntura, editado pela Empresa Conjuntura, Comunicação e Marketing, é uma das referências do capítulo "Trajetória do ciberjornalismo em Mato Grosso do Sul", do livro "Performance em Ciberjornalismo, Tecnologia, Inovação e Eficiência", de autoria de Fernanda França Fortuna.

A publicação relata que em 2003, "o jornalista Willams Araújo pôs em prática um sonho antigo, que era divulgar na internet a coluna política Conjuntura, editada havia mais de vinte anos em jornais impressos de Mato Grosso do Sul, entre eles, o Diário MS e O Progresso, ambos de Dourados".

Conta que no início, além da coluna e de artigos opinativos, eram publicadas apenas matérias políticas, mas com o crescimento da popularidade e do número de acessos, as editorias foram ampliadas. Há pelo menos cinco anos, o veículo aborda temas variados em suas reportagens.

"Apesar da diversidade de editorias, voltadas para assuntos como a preservação do meio ambiente, o combate às drogas e à pedofilia, além do comportamento dos gestores públicos, o Conjuntura Online ainda preserva um diferencial, que é o foco do noticiário político, sobretudo nos bastidores", destaca.

Para encerrar, deixo aqui nesse espaço histórico o meu testemunho de que o jornalismo douradense foi e continua sendo uma grande escola na minha vida profissional, sobretudo, a locomotiva que norтеou meu caminho rumo ao empreendedorismo.

Mário Shimizu Seiti

Nascido em Bastos, interior de São Paulo chegou em Dourados ainda criança, aos 8 anos de idade, com sua família. A fotografia era um dom familiar. Seu pai, Tatsuzo Shimizu veio para Dourados trabalhar nessa área, instalando seu estúdio na antiga rua Maranhão, atual rua Doutor Nelson de Araújo, abaixo da Marcelino Pires, nas proximidades com a rua Cuiabá. Ali os filhos aprenderam o ofício e Mário Shimizu foi enviado pelo pai, ainda muito jovem, para Osvaldo Cruz, onde passou dois anos aperfeiçoando suas habilidades com um fotógrafo amigo da família.

Voltando a Dourados, trabalhou durante muitos anos com o pai e o irmão, mas também fazendo "bicos" para Prefeitura, Câmara de Vereadores, veículos de comunicação entre outras entidades e instituições. Jacira Shimizu, sua esposa,

também foi companheira de trabalho e esteve sempre ao seu lado no Foto Shimizu. Hedio Fazan, atualmente fotógrafo no jornal O Progresso, há 18 anos começou seus trabalhos com Mário Shimizu.

Após décadas de dedicação às lentes fotográficas, Mário decidiu alçar novos vãos e em 1997, foi para o Japão, onde ficou por 10 anos. Ao retornar, foi atuar em outra área e hoje é o maior produtor de palmito Pupunha em Dourados, onde começou com a aquisição de uma área rural, passando pelo plantio, colheita e comercialização do produto in natura.

Foto: Amor e Esperança de Mário Shimizu

Vencedora do Concurso Fotográfico: Dourados sua cultura, sua terra e sua gente, pelas lentes de um fotógrafo



Preliminar, um jornal regional

Em maio de 2009, efetivamente foi registrado o CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, da então J.A.DA Silva Comunicação-ME, nome fantasia: Preliminar o Nosso Jornal Regional. O impresso semanal circulou por vários anos, descrevendo fatos históricos que marcaram Dourados e municípios da região como Itaporã, Douradina, Rio Brillhante, Caarapó, Juti, Naviraí, dentre outros.

Com editorial focado no jornalismo comunitário, o Preliminar exerceu com primazia sua função em divulgar fatos de assessorias e textos produzidos pela própria equipe do semanário. Pautas como esporte, cultura, economia, social, prestação de serviços, utilidade pública e colunas, assinadas por profissionais respeitáveis em suas respectivas áreas. Entre eles Julio Saldívar, com Assessoria, Consultoria Empresarial, Cálculos Trabalhistas, Tributários, etc. Outra coluna, Modão MS, assinada por Ga-



Silva Júnior

briel Orriz, dava brilho aos leitores e apreciadores da boa música sertaneja, lança-

mentos e curiosidades. Na Coluna Social, a jornalista Tarcila Araújo, mostrava encantos e belezas de eventos especiais entre gerações.

Além de artigos e os fatos do dia a dia, sobretudo de interesse local, a equipe coordenada pelo jornalista Jonas Alves da Silva, o Silva Júnior, juntamente com João Aparecido da Silva (diagramação) e uma equipe de voluntários valorosos, produziu mais de 150 exemplares.

Passou para Internet, domínio www.jornalpreliminar.com.br, com o mesmo desempenho editorial, porém ampliando mais editoriais locais, regionais, nacionais e internacionais, sem deixar a essência interpessoal. Apesar das dificuldades, a empresa cumpre papel em noticiar com imparcialidade e transparência os fatos do cotidiano.

I.com de olho no futuro

Atuando há mais de 8 anos no mercado de Dourados, a agência I.COM Propaganda conta com os mais diversos formatos de serviços de comunicação. Foi da paixão por comunicar que, após trabalhar em diversos veículos de comunicação, Ivanir Siqueira, sócia-proprietária da agência, enxergou a necessidade de criar um espaço em que pudesse desenvolver um trabalho especializado para o mercado douradense.

sempre atender o mais rápido possível seus clientes, realizando um trabalho de excelência, em pouco tempo conseguiu firmar sua carteira de clientes e posicionar a agência no mercado. Após 9 anos de muito trabalho e uma equipe com 14 colaboradores, hoje a agência atua nos formatos online e offline, ou seja, no line.

A agência é composta por profissionais graduados na área de comunicação que trabalham nos departamentos que vão desde o atendimento até social media. Durante os últimos anos a agência trouxe para Dourados 4 Prêmios Morena de Criação Publicitária, sendo um deles o Grand Prix, o prêmio máximo do evento, sendo elevado ao status de melhor vídeo comercial do estado no ano de 2015.

Agora com a era digital e os novos



Ivanir Siqueira
Sócia-proprietária da agência.

formatos de comunicação disponíveis, a agência atende mais de 50 empresas de Dourados e região, passando por uma reestruturação, sempre pensando seus formatos e processos de trabalho e evidentemente, a consolidação das estruturas. Está preparada para enfrentar situações atípicas decorrentes do processo de comunicação como um todo. Por conseguinte, a crescente influência da mídia é uma das consequências das formas de ação, que envolvem diretamente a I.COM Propaganda.

Ivanir garante que não tem tempo ruim para sua equipe e que cada job é levado com a mesma proporção de responsabilidade para garantir a qualidade do trabalho. De olho no futuro, a I.COM se prepara agora para aumentar sua estrutura física e equipe, tudo isso para garantir os melhores resultados aos seus cliente."

Agência Mapp orienta seus clientes para superar seus desafios

Em fevereiro de 2013 surgiu a agência Mapp, que em seus cinco anos de existência atendeu mais de setenta clientes em Dourados e região. Sua história nasceu do olhar inovador e empreendedor de seus sócios, que decidiram corajosamente reunir seus conhecimentos e esforços para dar um novo passo: oferecer soluções concretas que simplifiquem e gerem resultados positivo para seus clientes.

ça e respeito através do seu trabalho, mostrando que competência e esforço valem mais que experiência e tempo de mercado.

Como seu nome já transparece, a Mapp considera que seu papel é guiar o cliente pelos caminhos do mercado em rumo ao sucesso, buscando entender suas reais necessidades, planejando estratégias possíveis e produzindo peças publicitárias com excelência artística.

Tais competências foram logo percebida pelo mercado, o que gerou maior demanda e uma necessidade de aumentar sua equipe, além de encontrar um espaço mais amplo e melhorar seus equipamentos.



Hoje com mais confiança e melhor estrutura, a Agência Mapp está localizada no Parque a Alvorada, e conta com no-

ve colaboradores, com grande pluralidade de conhecimento, que realizam os trabalhos de design gráfico, identidade visual, redação e planejamento, nos meios online e off-line.

Atendendo clientes como Comid John Deere, Supermercados Chama Naviraí, Fogo Atacadista, Nova Comdovel Multimarcas, Gastroclínica, Geração Solar e Lavanderia Dona Florinda, possui um amplo portfólio de serviços prestados, sendo capaz de atuar em praticamente qualquer área da propaganda.

Com novos desafios em relação ao mercado a Mapp se encontra engajada em continuar ampliando sua capacidade de atendimento, melhorando sua estrutura física e desenvolvendo sua forma de trabalho, com compromisso e seriedade, focada nos bons resultados - sem se esquecer seu objetivo principal de traçar um caminho que possa conectar seus clientes ao seu público através da comunicação.

Fotógrafos da velha guarda



Valmir Leite, o "Zica", de Indápolis para Dourados fotografando eventos sociais e políticos há várias décadas. Um ícone do fotojornalismo de Mato Grosso do Sul



Zé Tubaina, Mário Shimizu e Seo Joaquim, importantes fotógrafos que marcaram época na imprensa de Dourados

Zé Elias: visionário da política e dos meios de comunicação

Rechecido como um dos melhores prefeitos da história, pelo choque de gestão, o engenheiro agrônomo José Elias Moreira também deu valiosa contribuição no fortalecimento dos meios de comunicação de Dourados e de Mato Grosso do Sul.

Prefeito entre 1977 a 1982, Zé Elias percebeu que Dourados precisava também expandir os meios de comunicação. Naquela época a imprensa local era limitada aos jornais O Progresso, **folha de dourados**, Jornal da Praça, Rádio Clube e a Grande FM.

Certa vez, em Brasília Zé Elias abordou o assunto com Euclides Quandt de Oliveira, ministro das Comunicações no governo Ernesto Geisel. Passados três meses, para a surpresa do prefeito, chegou a notícia de que abria procedimento pelo qual empresários poderiam pleitear concessões de emissoras de televisão e rádio.

Quatro grupos participaram da licitação em Dourados: de Zé Elias, de Antonio Tonanni, da família Derzi (de Ponta Porã)

e um quarto grupo de Campo Grande. Zé Elias venceu e tinha prazo de dois anos para a implantação das emissoras.

Para comprar os equipamentos no exterior, o grupo de Zé Elias contraiu empréstimo de 500 mil dólares junto ao Banco Econômico com aval do Banco Mercantil do Brasil.

Adquiridos os equipamentos e acertada a transmissão nacional da Rede Bandeirantes, Zé Elias foi buscar em Minas Gerais dois especialistas: Luiz Rogério de Sá e Rubens Moreira Filho, o Rubão, que se juntaram a Maria Goretti Dal Bosco, Dalva Gonçalves, Julio Marques de Almeida, Marcia Carreri, Arceno Athlas, José Roberto Techio, Joel Narciso entre outros.

Em Campo Grande, a TV Caiuás implantou o Estúdio B cujas imagens eram transmitidas de Dourados via microondas. O sucesso do projeto levou Zé Elias a solicitar ao Ministério das Comunicações novas concessões ao seu grupo, originando a TV e Rádio Guanandi, na Capital do Estado.

Com a morte do pai, Joaquim José Moreira – seu Quinzito – na década de 90,



José Elias Moreira



Inauguração da TV Caiuás
(Arquivo: Rubens Moreira Júnior)

Zé Elias herdou uma fazenda em Caarapó e resolveu mudar de atividade para terminar de formar os filhos. Vendeu a propriedade herdada para o hoje deputado estadual Zé Teixeira e comprou uma maior em Porto Murtinho, onde o preço da terra é mais barato.

Zé Elias vendeu a TV e Rádio Guanandi para o grupo do empresário Jovir Perondi e a TV Caiuás para o grupo Correio do Estado. Ainda é dono da Rádio Caiuás AM em vias de migração para FM.

Muitos dos grandes profissionais que hoje militam em Dourados, Campo Gran-

de e mesmo em outras cidades do País também passaram pelas empresas de comunicação de Zé Elias, além daquelas já citadas, como Osvaldo Duarte, Marçal Filho, Antonio Coca, Lucas Correia, Waldemar Dorta, Cedar Montiel (Nho Tito), Negão da Arapuça, Fábio Dorta, Toninho Bonfá, José Guerreiro (Velho Tatau), Said Martins, Irma Lupinetti, Valfrido Silva, José Henrique Marques, Anita Tetslaf, Shirley Pitteri, Laura Marcia, Simone Venciguera, Odor Pedroso, Antonio Carlos Ruiz, Betinho, Escalante, João Silva, Mauricio Nunes, Edio Pedroso, entre outros.

Valdir Machado: de vendedor a empreendedor bem sucedido

A caminhada do hoje bem sucedido empreendedor Valdir da Silva Machado, passa por um longínquo passado que teve seu início na década de 80 como vendedor na loja Progresso Materiais de Construção. O estabelecimento até hoje está no mesmo local, no cruzamento das ruas Hayel Bon Fâker com a Cuiabá. Ali por muitos anos, Valdir Machado no seu VW/Brasília, amassou barro e comeu muita poeira, quando residia na região do Grande Itália.

Nas horas disponíveis Valdir atuava como publicitário para o então Jornal Panfleto, hoje Diário MS e posteriormente passou a investir na área de esportes, ao montar uma equipe de narradores, comentaristas, repórteres, plantonistas de estúdio e sonoplasta, após adquirir horários na então Rádio Clube de Dourados.



Valdir Machado (centro) com João Carlos Torraca e Roberto Ferreira.
Valdir Machado é hoje com todos os méritos um bem sucedido empreendedor de Dourados

COPA KAISER

Já enraizado no meio do esporte douradense e no ramo de publicidade, Valdir Machado sempre criativo e acima de tudo muito exigente, passou com a sua equipe de esporte, a transmitir jogos do campeonato sul-mato-grossense de futebol profissional, na época com Dourados tendo dois clubes na competição, o Ubiratã Esporte Clube e o Operário Atlético Clube.

Quando um dos clubes atuava no estádio Frédís Saldivar, o "Douradão", a equipe vinha completa para a transmissão do confronto enquanto um comunicador seguia para fazer "ponta" com a outra, para a cidade na qual iria se apresentar.

O time de profissionais da área de transmissões esportivas comandada por Valdir Machado denominada "Equipe Boa de Bola" tinha Lourival Pereira, Fá-

bio Dorta, Daniel Santos, Oswaldinho Duarte, Ipojuca Ferreira, Eusébio Martins, Roberto Sanabria, Roberto Miranda, Santiago Franco, Tata Cavalcanti e Soares Filho nos estádios, e Adão de Matos como plantonista esportivo. No estúdio da Rádio Clube passou a alçar voos mais altos, inclusive com transmissões das equipes douradenses em campeonatos brasileiros, Copa do Brasil e também em grandes eventos amistosos, como o da seleção Sub-20 contra o Paraguai no estádio Pedro Pedrossian - "Morenã", em Campo Grande, na época comandada por Wanderley Luxemburgo.

Os "Bom de Bola" também transmitiram Copa Centro/Oeste, Campeonato Paulista e a Copa América no Paraguai, com transmissões diretas do Estádio 2 de Maio,

em Pedro Juan Caballero.

Além destas transmissões, Valdir Machado deu uma "belíssima tacada" ao assumir a coordenação da Copa Kaiser de futebol de campo, que por cinco edições passou a ser a maior competição do amador de Dourados e posteriormente do Mato Grosso do Sul.

O hoje empreendedor também foi por cinco anos diretor comercial dos semanários "Panfleto" de Dourados / "O Zangão" de Fátima do Sul e Jornal do Vale" de Ivinhema. Estes três semanários que eram conduzidos por Vitoriano Cales e Paulo Afonso Falcão posteriormente se juntaram e se transformaram primeiramente em "Diário do Povo", hoje "Diário MS".

HOMEM DO BEM

Nos jogos que envolvia tradicionais clubes amadores de Dourados e da região, a média de público era acima da expectativa, e muitas vezes chegava a ultrapassar os que frequentavam os estádios no campeonato estadual.

Um dos grandes jogos aconteceu no extinto estádio Elias Gadia, em Campo Grande, na decisão da Copa Kaiser Estadual entre o Botafogo da capital e Campo Verde de Dourados.

Na preliminar da decisão que foi vencida pela equipe douradense pelo placar de 2 a 1, Valdir Machado havia combinado um jogo entre os profissionais da imprensa de Dourados contra os da capital, e mais uma vez pelo placar de 3 a 1 deu o interior, e após os dois jogos, todos juntos foram para um churrasco de confraternização nas dependências do clube da Batavo, claro regado a muita cerveja da patrocinadora da competição.

Com o passar destes bons tempos, o futebol profissional douradense foi por terra, com os licenciamentos do Ubiratã e do Operário de Dourados do campeonato. Com isso, Valdir Machado não renovou com a Rádio Clube, dispensando a maior equipe de transmissão esportiva do Mato Grosso do Sul e foi cuidar da sua vida pessoal e dos seus projetos, dedicando-se ao ramo de vendas e instalações em mídia exterior, outdoor, front light, painel rodoviário e busdoor. Assim nasceu a Douradoor Publicidade, em modernas instalações.

Esta é uma síntese da história de vida de Valdir da Silva Machado, um homem do bem, o que era antes um vendedor de materiais de construções e hoje um bem sucedido empreendedor que é evangélico e tem como hobby pescar, viajar e cuidar de uma propriedade rural que adquiriu em Caracol, no Distrito de Alto Caracol. Antes, porém, havia sido proprietário do "Pousada Hotel Pesqueiro Bacuri do Apa, em Bela Vista por 12 anos.

Jornalista por vocação, formação e paixão

Sabe aquela indecisão de qual faculdade escolher? Nunca tive. Aos 14 anos decidi que seria repórter. Imaginava que iria fazer coberturas de guerras mas, no futuro mudei de ideia.

Sou de São Vicente, litoral de São Paulo. Ao aposentar meu pai decidi que nos mudaríamos para Dourados-MS. Como na cidade não havia faculdade de jornalismo, eu decidi não vir com eles. Minha mãe, de muita fé, me respondeu: Deus proverá.

Dois meses depois meu tio (que já morava em Dourados) ligou dizendo que uma faculdade chamada Unigran abriria o curso de jornalismo. Eis que em novembro de 2003 cá estava eu prestando vestibular.

Adolescente, inexperiente, numa cidade em que não conhecia ninguém, não sabia que Deus tinha preparado tudo. Ele me colocou na primeira turma e na mesma sala com "feras" do jornalismo. Uma turma cheia de gente experiente, mas que queriam ter o diploma.

O primeiro que me ofereceu uma chance como estagiária, foi o Clóvis de

Oliveira, responsável pelo jornal da faculdade. Ele disse que não tinha mais bolsa, eu respondi que trabalharia de graça. Clóvis me ensinou o be-a-bá do jornalismo. Leu meus textos e disse que tinha jeito para a TV e logo fui encaminhada para o departamento de TV da Unigran, comandado pela Elda Braga. Ela me ensinou o que era off, passagem e como segurar o microfone. Seis meses depois, outro colega de sala, o tarimbado Fábio Dorta me convidou para ser apresentadora e repórter de campanha política.

Após a campanha Fábio Dorta, diretor da RIT, me chamou para um freelancer na TV, onde fiz meu primeiro ao vivo. Ao mesmo tempo fui estagiária no Departamento de Multimídia da Unigran, onde aprendi sobre publicidade, vídeos institucionais e muito mais com Ricardo Fava e Luciano Betonni.

No 2º ano da faculdade fui convidada por outro colega de classe, Antonio Marcos, o editor regional da TV Morena. Virei estagiária de uma afiliada Globo, realização de um sonho. Ali vivi tudo que se pode imaginar do jornalismo diário. Fiz de tudo, desde operação de TP, textos, pa-



Miriam Névola
DRT 660 - MS

utas, edição, áudio. Me encontrei! Era aquilo que queria pro resto da vida.

Em 2007 entrei para a história com a primeira turma de jornalismo de Dourados. Três meses após formada fui contratada como produtora da TV Morena, onde exerci as funções de produção, reportagem, apresentação e edição. Em 2010

fui promovida a repórter e assumi apresentação do MSTV 2ª edição e em seguida a 1ª edição. Mas o que eu gostava mesmo era da rua. Queria ser repórter.

Em 2013 pedi demissão da TV. Fui fazer assessoria e criei o jornal Tribuna do Advogado, juntamente com a diretoria da OAB-Dourados. Também trabalhei na assessoria da Igreja Presbiteriana Independente onde produzi a Revista dos 50 anos da igreja.

No maio de 2013 recebi o convite da Ellen Genaro para integrar a equipe da TV MS Record. Aceitei voltar ao jornalismo diário, sentia falta dessa adrenalina. Também passei a fazer parte da equipe da Rádio FM Cidade 101 na qual sou responsável pelo jornalismo das redes sociais e site.

Em 2015 aceitei um desafio da Evânia Ribeiro: participar da criação de uma revista inovadora para Mato Grosso do Sul, a Revista Celebrar. De lá para cá, já são 12 edições onde sou a jornalista responsável.

Cá estou, aos 32 anos, casada, com uma filha, cheia de histórias. Afinal, já perdi as contas de quantas histórias contei.

Sou muito grata a Deus por ter me trazido para Dourados onde encontrei oportunidade em realizar meu sonho. Conheci pessoas generosas que compartilharam comigo seus conhecimentos e experiências. Minha mãe estava certa, Deus proveu!

Jorge Yamashita: uma vida dedicada à fotografia

Quem não conhece ou ainda não utilizou os serviços do Jorge Yamashita do Foto Oriente, aqui em Dourados? São 45 anos de trabalhos, dezenas dos quais no mesmo endereço, à avenida Joaquim Teixeira Alves, ao lado da Caixa Econômica Federal.

Jorge Yamashita iniciou sua carreira fotográfica em 1975. Nessas décadas de trabalho esteve no Jornal Folha de Londrina, Jornal da Praça, na Assessoria de Imprensa na administração do prefeito Totó Câmara, de 1966 a 1969.

Em 1976 recebeu Diploma de Honra ao Mérito pela Câmara Municipal de Dourados, época em que trabalhava na

Folha de Londrina, pelos relevantes serviços prestados ao então estado de Mato Grosso.

Em 1998, recebeu Diploma de Honra ao Mérito pelo dia do Fotógrafo. Nos anos de 2002, 2004 e 2009 foi homenageado com Moção Legislativa da Câmara Municipal de Dourados. Em 2000 recebeu o Prêmio Aracanga de Jornalismo. O Prêmio foi criado na administração do ex-prefeito Braz Melo, e o nome era uma alusão a uma ave comum no Espírito Santo. Jorge Yamashita também foi premiado pela Rede Matogrossense de Televisão, afiliada à Rede Globo, na categoria Natureza em 2000 e em 2004 participou do Salão de Artes de Mato Grosso do Sul.



Exposição no Tribunal Regional do Trabalho, em Campo Grande, em maio de 2004

Gratidão

A minha história na imprensa de Dourados é muito diferente dos colegas que até hoje, militam nos principais veículos de comunicação.

Nasci em um sítio em Itaporã, onde iniciei meus estudos num colégio de freiras franciscanas. Em 1970, viemos para Dourados, meu pai, mãe e mais quatro irmãos.

Concluí o primeiro grau na Escola Abigail Borralho. Em 1.973 inaugurou e Escola Estadual Reis Veloso, na Vila Matos e então comecei a cursar a 5ª série e tive o prazer, além do estudo, de conhecer pessoas que se tornaram para mim, eternos irmãos.

Sem querer ser injusto com alguém: Clóvis de Oliveira, Maca (João Carlos Torraca), Marçal Filho, César Cordeiro (in memoriam), Pedro Valter, Arizinho, Hudson, Parafuso, Carlinhos Silva, os irmãos Luizinho e Zezinho, os professores de Educação Física: Kalú, Binho, Paulinho Falcão e Ferigollo.

Como não tínhamos irmãs, era obrigação ajudar a mãe com os afazeres domésticos, estudar e colaborar com as des-

pesas da casa. Vendi refrescos Mickey, picolé Cre-Mil. Meu pai só não deixava a gente engraxar sapatos, pois já havia outros meninos maiores, que demarcavam território nos locais de maior frequência de pessoas.

Foi então, que um colega chamado Tonho Viegas, me disse que um parente dele tinha um jornal e que precisava de garotos para vender nas ruas. Fui lá conhecer e o que encontrei? Um senhor com semblante manso, porém severo, que acolhia aqueles meninos para divulgar o seu árduo trabalho.

Theodorico Luiz Viegas da **folha de dourados**. Entregava-nos 10 exemplares para vender e dizia: "Vão lá, se acabar voltem e, se não, venham prestar contas e podem ir".

Eu e alguns garotos curiosos ficávamos vendendo como era impresso aquele material que íamos vender, sei lá, quem sabe para ter mais um argumento para que as pessoas comprassem.

Em 1977, consegui meu primeiro emprego com carteira assinada como pacoiteiro no Supermercado Catarinense. Nas horas vagas adorava ir na redação do jornal O Progresso, para ver como o Vander, Prudêncio e o Clóvis finalizavam o jornal.

Eram máquinas Olivetti, Remington



Cérgio Ferraz
Jornalista profissional (DRT 144/MS)

batendo sem parar, o telex trazendo informações da Agência Nacional e até arisquei escrever algumas laudas. O Expedito Frota lá fora, nervoso, esperando para concluir a impressão. Foram tempos que eu jamais esquecerei.

Depois a vida seguiu, comecei a trabalhar nos bancos Financeira, Bamerindus, até que em 1983, fui para Campo Grande, onde conheci a Ana Márcia, com quem me casei e tive dois filhos. Morei

em Bela Vista por 10 anos, me separei e voltei para Dourados.

Por ironia do destino, estava em casa desanimado e triste, quando o telefone tocou, era o Clóvis: "Quer entrar num projeto comigo? O Primo, aquele do leite de cabra, quer montar um jornal eletrônico, topa?"

Eu, sem pensar topei na hora: Entrava no ar o primeiro jornal virtual de Dourados, o Dourados News e com total insegurança, postei a primeira notícia online do interior de MS. Depois passei pela Grande FM como produtor e repórter, junto com Antônio Coca, no programa Espaço Aberto.

Entre idas e voltas, comecei outro projeto com o José Roberto Mattos e junto com o Laerte Ramos, fundamos em 2007, o jornal Folha do MS, que até hoje está no ar e promete inovações. Trabalhei na escola Imaculada Conceição por três anos.

Para quem não entendeu o título explícito: é de agradecimento a Deus, ao seu Theodorico pelos ensinamentos, ao Zé Henrique, a Dalva e equipe, que seguem esse projeto lindo, que é a **folha de Dourados** e a todos que sempre me ajudaram.

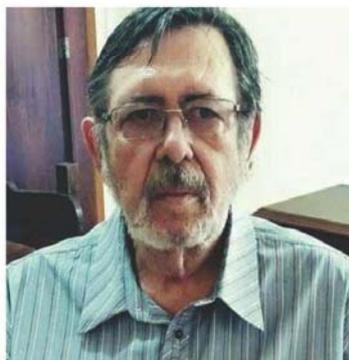
Graças a Deus estou bem e pronto pra fazer o que eu mais amo na vida: Jornalismo.

Uma trinca do barulho da comunicação douradense

Antônio Tonanni, Luiz Carlos Fernandes de Mattos Filho, Luiz Rogério de Sá. Assim, em ordem alfabética, para não despertar ciúmeiras lá no céu, no purgatório ou em algum umbral, embora como grande amigo desse trio parada dura torça para que todos desfrutem das delícias do paraíso – Tonanni degustando uma cuba libre, Luiz Carlos um escocês trinta anos e Rogério uma estupidamente gelada. Todos, claro, lendo este texto – meu compadre Tonanni aproveitando para desancar seu autor (seu jeito sempre irônico de me incentivar na vida); Luiz Carlos com suas loas e Rogério sempre mais científico, mas não menos crítico.



Antonio Tonanni



Luis Carlos Fernandes Mattos Filho



Rogério de Sá

Valfrido Silva

primeira cooperativa de Dourados – a Co-otrisoja.

O mecenas “merdeiro”

Intellectual despojado, Antônio Tonanni não ligava para os detalhes da moda. Se divertia e até incentivava, com muitas piadas, os comentários a respeito de sua condição celibatária. Sarcástico, vivia colocando os amigos em saia justa. Como João Natalício de Oliveira, quando da festa de gala de seus cinquenta anos de jornalismo, que exigia traje passeio, mas tendo que abrir uma exceção ao velho amigo, com seu botimão de andar na fazenda e um surrado casaco de couro. Seu passatempo preferido eram as rodas de aperitivos com amigos, para discutir política e as “bocas-livres”, de onde saía sempre com os bolsos cheios de salgadinhos para um lanchinho em casa. Outra lenda que alimentou foi quanto aos seus herdeiros, já que era solteiro. Candidatos não faltavam e sempre que se apresentavam ele substituía o “h” de herdeiros pelo “m” da matéria prima que abundava nos chiqueiros de sua fazenda. Chegou a dar início a alguns processos de adoção, mas como a condição era a de que as crianças estudassem mudou o testamento várias vezes, deixando a rádio e suas duas fazendas aos sobrinhos, que, para seu deleite, brigam pela herança na justiça até hoje.

Mas o que pouca gente sabia é que o mais enigmático dos personagens da história da mídia douradense tinha um grande coração. Seguiu à risca um dos maiores

princípios do cristianismo, fazendo caridade sem alardes. Não apenas no varejo, mas fazendo doações a entidades, inclusive de grandes porções de terras de suas propriedades, rejeitando, peremptoriamente, qualquer tipo de homenagem. Um verdadeiro mecenas, talvez o maior que por aqui tenha passado.

O repórter empreendedor

Também de família ligada às artes da pauliceia (o pai era diretor de Faculdade, a mãe artista plástica em São Paulo) Luiz Carlos Matos trocou o microfone da rádio Jovem PAM na capital paulista pelo da TV Morena, nos tempos do velho Mato Grosso. Não esquentou o banco em Campo Grande. Como o sogro tinha uma fazenda em Amambai veio para Dourados, onde foi o primeiro gerente da sucursal da TV do Grupo Zahran. Mas o faro jornalístico levou o grande repórter a se apaixonar pela política paroquial e não demorou lá estava Luiz Carlos comandando comícios do candidato a prefeito Lauro Machado, já na condição de aliado político do grande líder Totó Câmara.

Perdida a eleição para José Elias Moreira, Luiz Carlos foi em busca de novas alternativas. Ajudou a trazer primeira concessionária da Fiat para Dourados, depois a Socigran, atual Unigran. Em ambos os projetos, na condição de sócio fundador, do que abriu mão depois de se formar em Direito para seguir a carreira de advogado criminalista. Tocou outros empreendimentos, como postos de combustíveis e locadora de veículos, meio em que se notabilizou

para dirigir a Associação Comercial e Industrial de Dourados, tendo sido um de seus mais atuantes presidentes.

Mineirinho injustiçado

Assim como Tonanni e Luiz Carlos, o mineiro Luiz Rogério de Sá saiu de São Paulo para tentar a sorte em Mato Grosso do Sul. Deixou a direção de um departamento da Rede Globo em São Paulo para dirigir a mesma sucursal da TV Morena em Dourados. Tal qual Luiz Carlos, enveredou-se pela política, num momento em que o aí já todo-poderoso prefeito José Elias Moreira se preparava para desbancar o monopólio dos Zahran na área televisiva. Travestido de comentarista político, enquanto não saía a TV Caiuás (hoje RIT) Rogério desancava os adversários políticos do patrão Zé Elias, nos microfones da Rádio Caiuás. Gostou tanto da coisa que tentou entrar na política, sendo mais um dos muitos radialistas a se decepcionarem com as urnas.

Uma das vozes mais marcantes do rádio douradense, Luiz Rogério de Sá, a exemplo dos demais colegas da “latinha” precisou se virar nos trinta para ganhar a vida com publicidade. Não se limitava a gravar. Criava belos textos e grandes projetos publicitários e de eventos. O mais emblemático deles, o Festival de Inverno de Bonito, por ele apresentado ao prefeito Nerci dos Santos, engavetado e, algum tempo depois apresentado como se fosse uma criação do Conselho Municipal de Turismo da cidade.

Dalva: exemplo e inspiração

Se você está lendo esse texto agora, provavelmente não saiba quem eu sou, mas conheça a minha mãe: aquela que possivelmente te ligou, mandou mensagem ou marcou um encontro pessoalmente contigo para poder adicionar algo sobre você nessa edição tão especial desse jornal. E essa é uma pequena representação do meu reconhecimento por ela.

Dalva, que é nome de estrela e que nos remete a luz e claridade, jornalista,

mãe e mulher inspiradora, que construiu uma carreira na comunicação, uma família com bases sólidas e que desde muito cedo me fez ter contato e apreço pelas palavras e pelo ato de escrever.

Meu exemplo, por ter optado por sair do conforto de casa e da paz do nosso Mato Grosso do Sul (que a época ainda era Mato Grosso) e enfrentar as loucuras metropolitanas de São Paulo em busca da sua formação acadêmica no jornalismo. Por ter superado as dificuldades e os imprevistos e voltado pra Dourados pra iniciar uma carreira,



mesmo diante de um cenário regional de incertezas.

Minha inspiração diária, por (junto com meu pai) ter me mostrado o sig-

nificado de altruísmo na prática: sempre se preocupando com todo mundo e fazendo o possível para ajudar a todos que pode; e por ser exemplo de benevolência e paciência: não importa a situação, ela parece sempre enxergar sob uma ótica especial da sabedoria, parece desconhecer o rancor, e prova disso é a paz que irradia dela.

Gostaria de parabenizar a todos os envolvidos nessa edição comemorativa que homenageia tantas pessoas e veículos de comunicação essenciais a nossa história. Mas em especial eu gostaria de parabenizar a minha mãe pelo trabalho árduo, por quem ela é e por toda a sua trajetória. Que fique aqui registrado meu reconhecimento e meu orgulho.

Taissa Leal

Tupinambás, a marca que ficou na mais pura emoção

Ela surgiu com o nome Rádio Tupinambás AM, com o slogan "A Marca da Emoção", com o prefixo 1060 kHz e tendo um índio da etnia como símbolo pelas mãos do então ex-deputado federal Ivo Anunciato Cersósimo (in memoriam) e num passo de mágica entrou no coração dos douradenses e também da região.

Waldemar Gonçalves - Russo

Com uma programação eclética tendo como principal carro-chefe, o radialista Marçal Filho que fazia nas manhãs de segunda a sábado, um programa voltado para o povão, em especial para as donas de casa e empregadas domésticas, além de boa parte da sua grade voltada ao jornalismo, inclusive policial, a emissora obteve concessão do Ministério das Comunicações na década de 80, quando a empresa foi constituída em 12 de agosto de 1988 e entrou oficialmente em operação em 01 de junho de 1990.

REPÓRTER 1060

Com seu estúdio oficial e de gravação, recepção e sala de espera montado em uma residência localizada à rua Major Capilé, no centro de Dourados, a torre de transmissão da emissora foi erguida atrás da Unigran, na divisa com a Aldeia Indígena Bororó.

A Tupinambás em um rápido espaço de tempo passou a brigar de igual para igual com as tradicionais AMs "Caiuás" e "Clube" e com as FMs "Terra" do grupo liderado pelo ex-deputado federal Waldir Guerra e com a 92,1 do visionário, empreendedor e produtor rural Antônio Tonanni (in memoriam) pela audiência da cidade e da região.

A emissora apresentava, e tinha nessa época, como principal atração, o programa Marçal Filho, das 8 ao meio-dia, com um jornal falado de meia hora no final e introduziu o Repórter 1060.



Ivo Cersósimo

Além de Marçal Filho, a "Tupinambás" sempre ampliando os seus quadros de programações, trouxe para seu estúdio para fazer o Repórter 1060, o então competente narrador esportivo Lourival Pereira. Ele foi o primeiro a percorrer as delegacias da cidade em busca de notícias policiais para serem levadas aos ouvintes ao vivo.

MUDANÇA

Com o tempo, Lourival Pereira retornou ao estúdio para comandar um programa sertanejo e que anunciava negócios de compras e vendas para os ouvintes assim como um somente voltado a sua área, o esporte.

Em seu lugar para comandar o Repórter 1060 com ênfase literalmente ligada à área policial, em 1.991 a direção da emissora contratou o recém chegado de Amambai, Elvio Lopes.

A princípio Elvio Lopes começou a comandar os horários da madrugada e assim como na final das tardes, com uma programação voltada à música sertaneja e depois, logo em seguida, com a saída de Lourival Pereira da reportagem externa, passou a fazer esse trabalho, até março de 1993, quando os "pepinos e abóboras" do Primo Scialante, então secretário de Governo do prefeito Braz Melo, pipoca-

ram na Justiça por causa de uma licitação.

Por narrar os fatos ao vivo, foi o provável motivo da demissão do então Repórter 1060, Elvio Lopes e em seu lugar veio para a reportagem externa, o radialista Cloves Braga, ex-"Caiuás" e "Clube".

O BRONKA

Vale lembrar que na época Sidney Lemos, o hoje repórter policial da 94 FM também fazia parte da equipe da "Marca da Emoção", mas como sonoplasta exclusivo do radialista Marçal Filho.

Sidney Lemos além de fazer a sonoplastia do programa Marçal Filho, tinha a mesma função no programa jornalístico que era levado ao ar das 11h30 às 12 horas, apresentado por Marçal Filho e Elvio Lopes, com uma estrondosa audiência tanto na cidade como na região da Grande Dourados.

Para esse noticiário, a dupla depois de passar as notícias ao vivo, desde o início da manhã, redigia as notícias datilografadas em duas vias e as transformavam em um informativo que era reapresentado no final da tarde.

INOVAÇÃO

Além destes programas, a emissora inovou ao mandar para o ar um programa de classificados ao vivo, onde o ouvinte interessado em comprar, vender, alugar ou doar, ligava para o estúdio, ou deixava anotado na portaria sempre das 12 às 14 horas.

Inicialmente este programa era apresentado por Lourival Pereira e posteriormente por Elvio Lopes.

MULHER SONOPLASTA

O programa sem sombra de dúvida tinha um sucesso de audiência, pois além dos classificados, também levava ao ar músicas sertanejas.

A Tupinambás foi também inovadora, ao colocar mulheres para atuarem como sonoplastas. Pelo comando dos "botões da mesa de som" passou pela emissora, Clara Dantas, que fazia a sonoplastia para o programa comandado por

Elvio Lopes das 12 às 14 horas e das 16 às 18 horas nos programas sertanejos.

Além de Clara Dantas, na emissora tinha a sonoplasta e discotecária Tânia Cerli. A jovem que na época exercia dupla função na emissora como sonoplasta da madrugada e discotecária, permaneceu um bom tempo no comando dos "botões da mesa de som".

TÂNIA CRISTINA

Outro programa de muito sucesso passou a ser levado ao ar entre a madrugada e início da manhã pelo radialista Nelson Sudário. Para compor a equipe de comunicadores, os diretores contrataram a radialista Tânia Cristina, que veio da Rádio Alvorada de Itaporã para comandar com muito sucesso, um programa voltado aos jovens nas tardes douradenses.

A emissora tinha como secretária Roseli Cavalcante; como diretora administrativa, Laura Pinto Cersósimo e como diretor-geral, Fernando Cerzósimo, filho do ex-deputado federal e proprietário Ivo Cersósimo e atuando como diretor artístico, Marçal Filho.

Também passaram pelos microfones da Tupinambás os comunicadores Odair José (in memoriam) com uma programação voltada ao público gaúcho, catarinense e paranaense e Pena Branca que fazia um programa country e sertanejo baileira entre outros.

ERADO DO FIM

A emissora continuou até pouco depois da morte de seu criador. Ivo Cersósimo faleceu em 31 de outubro de 2005, aos 70 anos. Foi vereador, deputado estadual e federal. Posteriormente passou a ser administrada pelo seu filho Fernando Cersósimo, mas pouco tempo depois foi perdendo audiência. Das instalações no centro da cidade passou a operar num espaço às margens da avenida Guaiurus, saída para Ithaim.

Foi arrendada por Lourival Mesquita, que montou os estúdios no Edifício June, na esquina da Marcelino Pires com Presidente Vargas nos anos 2000. Com o intuito de salvar parte da história da ex-poderosa Rádio Tupinambás e alavancar a emissora, Lourival Mesquita decidiu sepultar de vez esse nome e batizou a arrendada emissora de "Rádio Mais", porém, não obteve êxito e ela passou a ser comandada por pastores evangélicos.

Entre abóboras e abobrinhas

Que bom poder estar aqui com vocês neste momento festivo. Tenho 37 anos de vida na imprensa local e há tanto por dizer. Poderia cuspir marimbombos, mas vou me conter. Não é hora de soltar rojão dentro do canil.

Tive uma breve passagem pela **folha de dourados** no início dos anos 80. Fazia um bico à tarde. Saí quando me mandaram ir a pé fazer uma matéria em local distante. Era foga, mas não tolo. Acho que naqueles dias era o próprio Theodorico que fechava a edição e era o único jornalista da casa. O jornal, linotipo, não tinha muitos recursos, mas era curioso, inquietante e imprevisível como o próprio dono.

Depois só fui colaborar novamente para a **folha** no começo dos anos 2000 quando o José Henrique Marques a comprou e o editor era o Valfrido Silva. Publicaram minhas crônicas pitorescas. Pouca gente sabe, mas depois que o amigo professor Paulo Simó conversou comigo sobre a possibilidade de doação dos ar-

quivos do jornal para o Centro de Documentação Regional (CDR-UFGD) que levei a proposta para o Zé Henrique que a acolheu prontamente. Hoje está tudo bem guardado e disponível publicamente.

A **folha** ficou um tempo sem circular. Inúmeras vezes visitei o Theodorico no seu refúgio solitário da Rua General Osório. Ficávamos horas tagarelando e eu sempre bebericando o conhecimento do velho guerreiro. Ele era afilhado do coronel Marcondes, meu biografado, e foi uma fonte valiosa para o livro.

Theodorico tinha uma biblioteca curiosa. Além de Dom Quixote e outras obras primas da literatura universal, portuguesa e brasileira tinha quilos do faroeste Tex, Barsa e tantas outras coisas que eu ficava fascinado.

Theodorico foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Clube de Imprensa de Dourados (CID), gostava da boa vida, de pescarias e quando entrava numa briga não se acovardava. Até onde se saiba foi o único jornalista daqui preso



Luís Carlos Luciano

Jornalista do serviço público, tem sete livros publicados e é diretor do Sindicato dos Jornalistas na Região da Grande Dourados (Sinjorgran) e da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

durante a ditadura por conta de críticas publicadas no jornal que incomodaram o delegado. No mesmo dia em que foi preso em Dourados foi levado para o 11º RC em Ponta Porã e solto no dia seguinte pe-

lo coronel Marcondes.

Além do serviço público passei por O Progresso, Grande FM, Jornal da Praça, Diário da Serra, douradosinforma e devesenquadrários. A transformação tecnológica ao longo do tempo tem sido fabulosa, embora a idiotice seja a mesma e a arapuca da manipulação continue enjaulando muitas mentes que desconhecem os meandros sombrios da mídia.

Bom jornalismo é uma coisa, atividade de profissional decente e ético, mas a fronteira do comércio da comunicação é outra, apesar da proximidade e da mistura errônea que muitos têm a respeito desse processo.

Tenho dúvidas quanto ao futuro da mídia a prevalecer o modelo pernicioso em vigor. Não sei se o bom jornalismo vai conseguir sobreviver ao lamaçal. O enfraquecimento do bom jornalismo debilita a democracia, a inteligência, o contraditório e, por consequência, toda a sociedade.

Desejo sucesso ao Zé Henrique e seus parceiros no sentido de manter viva a chama da **folha de dourados**, a memória que ela representa, os aspectos que transcendem a materialidade e o lado físico da sua existência e continuum, com aquele mesmo vigor, irreverência e altivez do Theodorico registrando a nossa história e incomodando quem deve ser incomodado.

Alexandre de Souza Farias, arte finalista de nascimento

Desenhista, atuante em comunicação visual desde 1985 e chargista. Vim de Campo Grande pra Dourados em 1989. Na época era diretor de artes da Free Produções do Alci da Costa Leite, e nos instalamos aqui para atender a Prefeitura, na época do prefeito Braz Melo. Um dos meus primeiros trabalhos foi uma campanha de divulgação do CEU.

Campo Grande, após a derrota de Antônio Nogueira, candidato à prefeito. Continuamos prestando serviços de agência, durante a administração do prefeito Humberto.

Fizemos também a campanha de 18 anos da então Socigran; os 25 anos de uma empresa que vendia maquinários agrícolas. Ai teve um episódio muito engraçado. O título da campanha dizia que um fazendeiro veio comprar trator em Dourados e desapareceu. Essa era a primeira peça. E depois de uns dias, vinha a segunda explicando que o fazendeiro estava aproveitando a semana de aniversário da empresa de tratores.



Alexandre Farias

O cômico foi que na primeira etapa, a polícia entrou em contato com a agência, pa-

ra saber a respeito do tal fazendeiro. Isso marcou muito minha carreira por aqui.

Anos depois estava eu na Vianova Comunicação, uma sociedade em parceria com as jornalistas Goretti e Márcia Carreri. Nessa época atendemos a segunda administração do prefeito Braz Melo.

A minha trajetória no meio foi muito intensa. Tempos depois estava eu na Milenum Comunicação; na Silva Melo Comunicação, fui diretor de artes da campanha de Laerte Tetila à prefeitura; participei da criação da Lobo Design, Propaganda e Internet; diretor de artes da campanha do Ari Artuzi, da campanha do reitor da UFGD, professor Damião e em 2011 fiz muitos free-lancer para agências e produtoras aqui do estado e de Mato Grosso. Atualmente estou na direção de artes da Comuniart.

Do impresso ao online

O jornalismo impresso teve seu início com o crescimento do uso da Internet por parte dos civis e da população em geral do globo. Antes disso, as redes de computadores eram usadas principalmente para fins militares e científicos, integrando diversas universidades dos Estados Unidos em uma mesma rede para troca de informações.

Na cidade de Dourados, os dois jornais impressos existentes antes da popularização da internet O Progresso e Diário MS continuam presentes na cidade, e não foram extintos como críticos da Comunicação profetizaram sobre os meios impressos. Ambos continuaram distribuindo em todo o estado suas versões impressas, mas também criaram portais na Web. Nas versões online, a identidade visual é semelhante às versões impressas. Mantendo-se as cores e editorias, assim como a veiculação da mesma notícia nos sites e nas versões impressas.

Apesar de todas as mudanças ocorridas com a comunicação de massa com a chegada da internet, o modo de se fazer o jornalismo não foi modificado. O profissional da área terá que realizar as mesmas atividades que exercia antes, como a apuração dos fatos e boas entrevistas, mas agora deve buscar dominar outras técnicas, como o domínio de aplicativos e ferramentas disponibilizadas pela internet. Quanto mais ferramentas o jornalista souber utilizar, mais ele poderá contribuir para o jornal, pois estará mais qualificado para utilizar os diversos modos de atingir os leitores e transmitir as informações que deseja de maneira mais rápida e eficaz.

As principais contribuições do jornalismo online para a cidade de Dourados são as rápidas postagens, auxiliando a população a se informar de eventos ainda em andamento e a participação da população através de aplicativos e ferramentas online. Esta participação aproxima o público leitor do jornal, o que auxilia até mesmo na produção do conteúdo que será publicado.

Dois anos depois da criação do Dou-



Gabriel Landa

Graduado em Jornalismo e mestrado em Antropologia. Atuou em jornais online da cidade, assim como assessorias de imprensa.

rados News, foi criado o Dourados Agora, e não tardou para que outros jornais fossem implantados na cidade, como o Dourados Informa e Agora MS. Clóvis argumenta que em 2000, Dourados já era um polo regional e sustentaria um jornal online. Para ele, a grande contribuição e diferencial oferecido pelo jornalismo online que pode observar logo no início deste sistema, é a proximidade com o acontecimento em tempo real, mais rápido que o antecessor, o jornalismo impresso.

Site AgoraMS o segundo mais antigo de Dourados

O site AgoramS (<https://www.agorams.com.br/>) é um dos que sobrevivem às mudanças bruscas que atingiram o setor de comunicação no País e em especial na cidade de Dourados onde tem sua sede. Idealizado como forma de oferecer uma opção aos leitores douradenses e do Mato Grosso do Sul, o AgoraMS surgiu após uma experiência do publicitário Marcos Munarin com a edição de um jornal semanário, o Opinião (mais tarde transformado em revista) que se propunha a dis-

cutir as questões da nossa cidade de uma forma abrangente e descompromissada das informações oficiais.

Como precursor veio o site de notícias quando as opções eram poucas e a internet ainda "engatinhava" e se apresentava como um setor promissor no exercício do jornalismo e divulgação dos interesses de uma população que sempre acreditou no empreendedorismo e no sucesso de quem luta por dias melhores para a sociedade.

Marcia Carreri e Karine Segatto foram as primeiras jornalistas a responderem pela edição do AgoraMS. Empreteram seus co-

nhecimentos e experiências além da força de vontade e atitude de desbravadoras para transformar em sucesso, uma ideia "quixotesca" de quem acreditava no futuro da imprensa em Dourados.

Depois de Marcia e Karine veio a fase em que Cleomar Nogueira assumiu a edição do Site AgoraMS, mantendo a disposição de luta imposta desde o começo da publicação. Mesmo diante das dificuldades e da incredulidade o site foi adquirido por José Carlos Munarin, o Alemão, para não deixar se perder a determinação de oferecer sempre uma opção a mais para a família douradense da informação sem cores e

nuances de qualquer espécie.

O segundo jornal online mais antigo de Dourados sobrevive desde 2004 e ao longo destes 14 anos já atravessou por fases históricas vividas pela nossa sociedade resistindo a mudanças de impacto no cenário da informação em Dourados.

Luana Rodrigues, Vanderlei Aguiar, André Bento e outros valorosos representantes da imprensa douradense que ganharam destaque e hoje atuam com repercussão no cenário estadual também ajudaram na história do site AgoraMS em momentos importantes da sua existência. (Fonte: redação AgoraMS)

Reta final



Na noite de domingo, dia 16 de dezembro, a finalização da edição especial da folha 50 anos, um projeto iniciado em junho de 2018, que reúne num único documento a trajetória da imprensa douradense nos últimos 80 anos.

Produzido com textos, fotografias, charges e causas de quase uma centena de colaboradores, o documento é especial porque conta as trajetórias dos principais jornalistas de Dourados da velha guarda e da nova geração.

Na foto, na redação da folha de dourados, o arte-finalista Severiano Ramos e os jornalistas José Henrique Marques e Dalva Gonçalves nos instantes finais da editoração.

Jornalstando nas terras do seo Marcelino

Acredito que ser jornalista, antes de qualquer coisa, é saber assumir missões e lidar com frustrações, principalmente para os profissionais que exercem a atividade no interior do país, longe das grandes redações e convivendo de perto com as dificuldades estruturais comuns na maioria dos veículos de comunicação. Nem por isso e nem por outras intempéries, a atividade deixa de exercer o seu fascínio e de cativar aqueles que a escolheram como meio de vida e de sustento de suas famílias.

Minha paixão pelo esporte, especialmente pelo futebol, foi um dos fatores que me levaram a escolher a comunicação social como o caminho a ser seguido ao final do ensino médio. Alimentado pelo sonho de um jovem de 17 anos de atuar como jornalista esportivo, e quem sabe um dia chegar a uma grande emissora do país, escolhi no final de 2003 o curso de Jornalismo, uma novidade na época em terras douradenses e no interior do Estado, como opção número um para o vestibular da Unigran e como caminho a ser pavimentado em minha vida profissional.

Costumo dizer que tive duas escolas de jornalismo (Unigran e Diário MS) e nunca saberei dizer qual foi a mais importante, já que ambas se completam em minha história. Aos 18 anos de idade, logo na primeira semana de bancos de faculdade, tive a oportunidade de ingressar na redação do Jornal Diário MS, como o primeiro estagiário de jornalismo da história do jornal. Uma experiência fantástica e decisiva para minha consolidação profissional.

A convivência diária com grandes profissionais, como Alfredo Barbara Neto, Helio de Freitas, João Carlos Torraca, Elias Ferreira, Ana Paula Amaral, Ginez César, Dênes de Azevedo, Ademir Almeida, Marli Lange, Cláudio Xavier, Waldemar Gonçalves (Russo), Elvino Lopes e outros, aliada com a possibilidade de colocar em prática boa parte do que aprendia na faculdade, acelerou todo o meu pro-

cesso de formação profissional e me garantiu a possibilidade de dar os primeiros passos dentro do jornalismo ainda no começo de minha formação acadêmica.

Com apenas oito meses de curso, fui efetivado como repórter do jornal, atuando em diversas editorias. Foram cinco anos de rua, chuva, sol, conflitos, tragédias, histórias mirabolantes e pitorescas e personagens incríveis. Experiências fantásticas que me deram a real noção do papel e da relevância do jornalismo para a sociedade e para o fortalecimento das instituições e da democracia. Após esse período, ocupei a função de editor setorial em diversos cadernos do jornal (região, economia, caderno 2, polícia, esporte e cidades) até assumir o cargo de editor-chefe no final de 2010. Foram mais três anos de grande aprendizado.

Como é de conhecimento geral de quem é do meio, todo jornalista precisa se desdobrar para complementar a renda, já que a remuneração da maioria dos profissionais ainda está bem aquém da importância da atividade. Por isso, nesse meio tempo e paralelamente as minhas funções no Diário MS, passei a atuar em outros veículos do município, como o site Dourados Informa, onde trabalhei por um ano e acabei conhecendo, por ironia do destino, um meio que jamais imaginei ter qualquer aptidão para atuar, a assessoria política.

Minha entrada para o mundo das assessorias teve início em 2005 pela Câmara de Vereadores de Dourados, onde ocupei por dois anos a função de assessor de imprensa do ex-vereador Tenente Pedro. Em seguida, fui convidado para fazer parte da equipe de comunicação do deputado federal Geraldo Resende. Foram três anos de muito trabalho, aprendizado e familiaridade com o universo da política. Em 2010, no auge da Operação Urugano, maior escândalo político visto até hoje pelas bandas de Marcelino Pires e que levou para a prisão o então prefeito, vice-prefeito, primeira-dama, secretários e nove dos 12 vereadores, resolvi aceitar o convite para atuar na assessoria de imprensa da Câmara de Vereadores de Dourados.



Henrique de Matos
Jornalista graduado pela Unigran
(Centro Universitário da Grande Dourados)

A Casa vivia um momento de total descrédito junto à sociedade e a tarefa de reconstruir a imagem do Legislativo exigiu muito diálogo, planejamento e trabalho por parte da equipe de comunicação da Câmara. Foram outros três anos riquíssimos, de novas amizades e muito conhecimento e aprendizado. Em 2013, após quase 10 anos de Diário MS e de total estabilidade em minhas funções no legislativo douradense, decidi que era o momento de abraçar um novo projeto e sair da zona de conforto. A convite do novo prefeito, assumi a assessoria de comunicação da Prefeitura de Itaporã.

Confesso que a experiência não foi das melhores. Por questões tradicionais enraizadas na política do município e pela total falta de estrutura e de visão dos gestores sobre a relevância da comunicação na atividade pública, tive grandes dificuldades para empregar meu modo de trabalho. Foi apenas um ano e quatro meses de trabalho na cidade vizinha, mas

que serviram para o meu amadurecimento profissional, principalmente nos momentos de adversidade.

Como diz o ditado popular, o bom filho a casa torna. Depois do insucesso em minha breve passagem por Itaporã, em abril de 2014 fui recebido novamente de braços abertos pela assessoria de comunicação da Câmara de Dourados para mais uma grande jornada de trabalho. Foram mais dois anos e meio de muito trabalho, onde colaborei para a implantação do atual site da Casa e ocupei, interinamente, o cargo de diretor de comunicação do Legislativo.

Movido a novos projetos, em novembro de 2016 resolvi encarar um novo desafio. Desta vez, a missão era a de assumir a coordenação da assessoria de comunicação do deputado estadual Renato Câmara, com a responsabilidade de estreitar o relacionamento com a imprensa estadual, dar mais dinamismo ao setor e potencializar a imagem do deputado junto à sociedade, principalmente através das redes sociais.

Nestes dois anos, temos nos desdobrado entre Dourados e Campo Grande, juntamente com nossa equipe de comunicação, para realizar o melhor trabalho possível. Acredito que os primeiros frutos já estão sendo colhidos, tendo em vista que o deputado acaba de ser reeleito para mais um mandato na Assembleia Legislativa e nossa equipe de comunicação teve um papel importante neste processo eleitoral.

Ao recapitular todos esses momentos, tenho a convicção que essa jornada tem realmente valido a pena. Todas essas aventuras e experiências vividas dentro do jornalismo superaram em muito as mais mirabolantes expectativas alimentadas por aquele jovem que sonhava em ser um repórter esportivo. Daqui a pouco mais de dois meses, completo 15 anos de jornalismo e o sentimento que nutro todos os dias é o da gratidão e do respeito a todas as pessoas que fazem parte desta trajetória, em especial àqueles que contribuíram para que esse sonho profissional se tornasse uma realidade, agradeço a minha família, meu amigo Paulo Falcão, meu ex-padrão e ex-proprietário do Jornal Diário MS Vitoriano Carbonera Cales, mais conhecido como 'Vitão', meus professores do extinto curso de jornalismo da Unigran e a todos os colegas de profissão que tive o prazer de conhecer e trocar experiências ao longo deste período. A todos, o meu muito obrigado.

Minha história com Dourados

Fui exportado da Rádio Cultura de Naviraí para a Rádio Clube Dourados em 1982, à convite do Jorge Roberto Salomão, o Jorginho (in memoriam). Trabalhei na Rádio Dourados, na Rádio e TV Caiuás e depois retornei à Rádio Clube. Me dediquei à área esportiva no rádio e na tv. Me lembro de transmissões de futebol de salão, futebol de campo, final de campeonato carioca, paulista entre tantos outros.

Nos quatro anos que estive em Dourados fiz muitas amizades. Não me esqueço do Prudêncio Campos Leite (in memoriam), repórter esportivo do jornal O Progresso, do Vander Verão, editor chefe do Progresso, do Boca, do Luis Carlos Pael, do Julio Leal e da jornalista Dalva Gon-

çalves.

Ao fazer esse retrospecto, recordei de muitas pessoas que já se foram, de outras que estão bem e de outras que estão no meio do caminho, como eu por exemplo (risos). Me lembrei também do Zé Guerreiro, que já partiu, do Soares Filho, que graças a Deus está bem e deve estar em Naviraí, em Assessoria de Imprensa, pelo menos foi onde ele estava em 2010 quando estive em Dourados. Essa foi uma época muito boa da minha vida, e que foi cumprida.

Hoje já não atuo mais no jornalismo. Tenho um restaurante com minha esposa especializado em frutos do mar em Galinhos, no Rio Grande do Norte. É um negócio pequeno mas que tem dado certo. Estamos à caminho do terceiro prêmio internacional, do maior site de viagens que referenda os melhores restaurantes, das



Lourimar Neto

mais remotas regiões do Brasil e do mundo. Ganhamos certificados de excelência em 2017, em 2018 e pelos nossos cálculos e ritmos de batidas dos bumbos, estamos

à caminho do terceiro título de excelência. Se chegarmos ao quinto título consecutivo, vamos para o rol da fama e esse é nosso objetivo.

Planos para o futuro: abrir um canal no YouTube, viajar pelo Brasil ensinando e aprendendo a boa cozinha, divulgando as diversidades gastronômicas, cruzando uma informação da comida nordestina, com a goiãna; de um prato do Rio de Janeiro com outro de Santa Catarina, enfim o Brasil é grande e maravilhoso e temos vários Brasis por aqui. Fazendo esse tour pelo país, e onde chegar você ficar por alguns dias dentro de um hotel ou de um restaurante, ministrando oficinas de frutos do mar, enfim fazer o que eu mais gosto: cozinhar. A ideia é: enquanto estiver no palco da vida, fazer a melhor apresentação possível e verdadeira. Sem sonho não se vai a lugar algum. Vamos perseguir nossos sonhos como o fez Theodorico Viegas, da **folha de dourados**. De onde estiver, com certeza estará comemorando essa data e o legado que deixou aos profissionais da imprensa de Dourados, que hoje estão espalhados pelo MS e pelo país. Um grande abraço aos meus familiares e a todos os amigos de Dourados.

Jorge Antonio Salomão, o precursor do rádio em Dourados

O rádio chega a Dourados. Nos anos 40, antes da primeira emissora de rádio em Dourados, havia um sistema de comunicação, ainda que rudimentar. A figura caricata de um índio, conhecido pelo apelido de Coruja, andava pela Rua Marcelino Pires, hoje principal avenida da cidade, com uma corneta na mão, fazendo propaganda das lojas e anunciando os filmes em cartaz no antigo Cine Santa Rita. Somente em 1955 entraria no ar a primeira emissora da cidade, Rádio Clube de Dourados, em caráter experimental, funcionando oficialmente em 1957.

Osni Tadeu Dias

Os irmãos Brunini foram os primeiros proprietários da emissora, contratando Flávio Araújo, ainda atuando em rádio e TV em São Paulo, como seu primeiro diretor. Em 1962, a rádio foi vendida para Antônio Moraes dos Santos e Rachid Saldanha Derzi, tendo Theodorico Luiz Viegas na direção. Em 1963, Jorge Antonio Salomão adquire a rádio em sociedade com Saldanha Derzi, então deputado federal, passando a administrar a emissora.

O início de uma longa jornada

A emissora teve sua primeira sede na residência do Dr. Camilo Ermelindo da Silva, na Rua Minas Gerais, atualmente João Cândido Câmara, ao lado do atual Hotel Bahamas. O rádio transformara-se no principal meio de comunicação. Em 1957, funcionando oficialmente, a Rádio Clube contrata Sultan Rasslan, que se tornaria o locutor de rádio mais antigo de Dourados. Antes disso, Rasslan havia trabalhado nas rádios Educação Rural, de Campo Grande, A Voz do Oeste, de Cuiabá, Rádio Carajás, de Anápolis (GO) e na Rádio Clube de Maringá (PR).

Era o tempo do jornal falado. Os locutores liam no ar as notícias veiculadas nos jornais. A emissora funcionava com motor próprio e com poucos equipamentos. Os microfones eram escassos, havia algumas maletas de som e um transmissor de cerca de 100 quilos, que funcionava com uma bateria de 12 volts.

Poucos recursos, muita criatividade

Vários programas ganharam espaço, como o Recuerdos Del Paraguay, Alvorada Sertaneja, O Tango e a Seresta, Roda de Violeiros, além dos programas de auditório como o Programa de Calouros e o Domingo Alegre da Criança Feliz, realizados no antigo Clube

Social e no Cine Santa Rita. Havia poucos discos no acervo da emissora, sendo a maioria de acetato e de 78 rotações.

Theodorico Luiz Viegas, diretor da Rádio Clube de 1957 a 1963, declarou que a vida de repórter naquela época não era nada fácil. "Era preciso ter muito peito para se buscar a informação", dizia. Ele contou que, em certa ocasião, seu colega de trabalho Adelino Praeiro fora destacado para fazer a cobertura de um despejo que estava acontecendo nas imediações de Dourados, o que causou muita confusão e a saída do jornalista da cidade. Theodorico revelou que, na verdade, quem fez uma verdadeira revolução na Rádio Clube foi Jorge Antonio Salomão, com seu vozeirão e seu estilo de fazer radiojornalismo.

Uma nova fase na Rádio Clube

No início dos anos 60, o deputado federal e amigo da família de Jorge Antonio Salomão, Mário Eugênio, o procurou para informar que em Dourados estava sendo oferecida uma rádio para quem se interessasse em dar continuidade aos trabalhos. Orlando Mazarelli, que era técnico do sistema de rádio-emissor e já conhecia Jorge Antonio de Presidente Prudente, no interior de São Paulo, conta que foi procurado por Jorge Antonio para conversar sobre a emissora em Mato Grosso. De acordo com Jorge Antonio, havia uma rádio operando em Dourados há alguns anos e que estava sendo oferecida para quem pudesse assumir o comando.

Mazarelli, que se tornaria o responsável pela parte técnica da rádio, conta que quando chegaram a Dourados encontraram "um sistema de rádio emissor pequenino", acrescentando que "o sistema carecia ser ampliado... fomos trabalhando, trocando equipamentos de rádio emissor do pequeno para o maior, isto é, de pequena potência para maior potência e qualidade média para alta qualidade".

Segundo Mazarelli, considerado "um irmão" por Jorge Antonio, os preparativos para ampliação do sistema de transmissão já haviam começado em 1962. Foram tempos difíceis, segundo ele:

José Guerreiro: irreverência e seriedade

Uma das figuras mais conhecidas e admiradas pelos jornalistas na região conhecida como Grande Dourados é o repórter José Guerreiro, que iniciou os trabalhos da Rádio Clube juntamente com Jorge Antonio Salomão. José Guerreiro nasceu em uma fazenda na cidade de Presidente Venceslau, interior de São Paulo. Trabalhou como repórter, reda-



Jorge Antonio Salomão

tor, locutor e comentarista. Junto com Jorge Antonio Salomão, foi quem deu impulso à Rádio Clube de Dourados.

Segundo o jornalista Theodorico Viegas, "Guerreiro é um dos pioneiros no jornalismo aqui em Dourados. Ele é um exemplo para a classe profissional, um homem que sempre se pautou pela verdade, pela justiça e pela honestidade".

Guerreiro começou sua carreira em Mandaguari, Paraná atuando na Rede Guaracá. De lá, trabalhou como rádio-escuta na Bandeirantes, quando ficou noivo e casou-se, em fevereiro de 1962, na cidade de Santo Anastácio, onde trabalhou na Rádio Brasil. Trabalhou ainda na PR5, Rádio Difusora de Presidente Prudente, onde recebeu o convite de Jorge Salomão para trabalhar em Dourados.

As dificuldades não se restringiam aos equipamentos da emissora. As transmissões ao vivo eram difíceis porque o serviço de telefonia era precário naquela época, segundo conta Guerreiro: "Quando chegamos aqui a transmissão era feita por linha física. Uma transmissão até Cuiabá a gente não sabia se iria dar certo. Se tivesse defeito em um ponto da linha não poderíamos transmitir nada". Certa vez, ele conta, a rádio faria uma transmissão de um jogo na cidade de Marília, mas a telefonista não conseguiu fazer a conexão e o jogo não foi transmitido, para a tristeza dos ouvintes.

Em 1964, Guerreiro foi para a rádio Independência, de Rio Preto, interior de São Paulo. Em 1973, voltou definitivamente para a rádio, a convite de Jorge Antonio Salomão. Ali conheceu Albino Mendes e os "garotos" Marçal Filho, Anaides Melgarejo e Clóvis de Oliveira.

José Guerreiro foi criador de diversos programas na época em que voltou para a rádio. Entre eles, Entardecer no

Sertão, Matinal Esportivo, Boa Noite Lavrador, Fazenda do Velho Tatau (como também ficou conhecido na cidade de Dourados) e Encontro Matinal.

O talento de Jorge Antonio Salomão

Jorge Antonio Salomão, filho de Moisés e Maria Elias Salomão, imigrantes libaneses que se estabeleceram em Indiana, estado de São Paulo, nasceu na cidade de Porto Alegre em 6 de dezembro de 1916. Foi casado com Maria Magdalena da Rocha Salomão e teve três filhos: Jorge Roberto, José Antonio e Elizabeth Salomão. Iniciou sua trajetória radiofônica com um serviço de alto-falante na cidade de Indiana.

Jorge Antonio Salomão promoveu importantes mudanças e qualificou a programação na emissora, que era composta, sobretudo por atrações musicais. Salomão foi fundador também das emissoras Ponta Porã, Rádio Alvorada de Itaporã, Difusora de Caarapó e Rádio Tamengo de Corumbá.

A audiência começava a aumentar pelo fato de que Jorge Antonio começou a dar atenção aos acontecimentos da região. Com a criação do noticioso, houve uma preocupação com as notícias locais e regionais. Além dos apresentadores, no estúdio, repórteres faziam a cobertura externa, deixando o ouvinte melhor informado.

Na década de 60, em pleno regime militar, Jorge Antonio apresentava um programa polêmico chamado A Bronca, que esteve no ar durante muitos anos, se tornando um radialista conhecido em toda a região. Desde aquela época ele direcionava seu trabalho com fundamentos cristãos, utilizando o rádio para levar sempre mensagens de fé e esperança em Deus.

Para Waldemar Dorta, que exerceu o cargo de gerente financeiro da rádio por mais de 30 anos, o período em que o "Fatos e Notícias" entrou no ar foi crítico na história da emissora. Para ele, "a rádio, que era um respeitado órgão de imprensa de vanguarda por ser a pioneira e que, eticamente, deveria ser imparcial, passou a ter lado político".

Para Elizabeth Salomão, o jornalista A Bronca era uma prestação de serviço. "Meu pai foi detido por falar do prefeito e quando o povo ficou sabendo quase derrubou a cadeia. Ele fazia de fato um jornalismo polêmico".

Na década de 90, comandou o programa Falando Sério, no mesmo estilo em que atuou na emissora ao longo dos anos, movido pela prestação de serviços e pela crítica. Trabalhou até 2003, quando abandonou o microfone em razão dos problemas de saúde. Faleceu às 17h30 do dia 2 de maio de 2004, vítima de parada respiratória, aos 88 anos de idade, deixando esposa, filhos, netos e bisnetos. A voz inconfundível de Jorge Antonio Salomão ficará para sempre na memória de todos com seu refrão preferido: "Tá Valendo". (Obs. Texto extraído do artigo do autor)

Túnel do Tempo



Em dia de transmissão de concurso de miss, no Clube Indaiaí, pela Rádio Clube de Dourados. Valfrido Silva, ladeado por Hemelindo Pipoca de Azevedo e Albino Mendes



Escolas ao invés de presídio, defendia o fundador da folha

Foto de Theodorico Luiz Viegas na década de 70 logo após sua prisão quando foi levado a Ponta Porã e entregue ao Exército. Tudo por publicar uma nota criticando, durante a ditadura militar, a instalação de uma penitenciária em Dourados, ao invés de escolas. Sua liberação ocorreu através da interferência dos membros da Seleta, a qual pertencia, que procuraram o coronel Marcondes, que imediatamente dirigiu-se até Ponta Porã em socorro ao jornalista. Esse caso é citado nesta edição especial pelo advogado José Alberto Vasconcellos, jornalista Valfrido Silva e a filha Julia Kristina Viegas Tosin: "Essa história marcou a minha vida, não entendi porque meu pai havia sido preso por ser contra a instalação do presídio e favorável a criação de escolas no município". Theodorico Viegas é tido como o único jornalista da região preso durante o regime militar.

Boa Nova - 87 FM, a nossa rádio comunitária

A história da Rádio Boa Nova FM, começou há 11 anos, devido ao empenho de algumas pessoas lideradas pelo Padre Manuel. Através desta união de esforços foi possível concretizar o sonho de uma emissora de Rádio, que pudesse ajudar a evangelizar através de músicas e pregações.

A lei das Rádios Comunitárias foi aprovada em 1.998, e a partir daí os diretores da emissora, foram atrás da regularização, o que aconteceu também, somente com esforços de muitos abnegados. A licença provisória da emissora chegou apenas em 2.003 e a definitiva



Alcides P. Souza

em 2005.

A primeira transmissão oficial da Rádio Boa Nova aconteceu dia 14 de março de 2004, sendo uma missa direto da Paróquia São João Batista. A fonte de renda da emissora vem dos apoios culturais, já que não pode contar com verbas de governo e dos inúmeros associados que ajudam com contribuições voluntárias.

A programação da Rádio Boa Nova é voltada para a família e conta com profissionais que somam para o sucesso da empresa. Na programação diária, hoje contamos com nomes que vieram pra somar conosco, como Antônio Carlos Ruiz, Antônio Neres, Negão da Arapuca, que atuam volun-



tariamente na empresa. Além destes, temos as participações de Mário Junior, Luciano Dias, Osvaldo Julio, Ludio Barbosa, que fazem parte do grupo desde o início.

A Rádio Boa Nova FM, é administrada pela ABAC - Associação Água Boa Comunitária, e as decisões passam pela diretoria, que tem como presidente Alcides Souza. Nós estamos na Rua Pureza Alves, número 955. Nossos telefones 67 3425-0012 e 3425 8787. Evangelizar é a nossa missão.

De Rádio Terra à FM Cidade 101,9

A rádio FM Cidade 101 entrou no ar em caráter definitivo em setembro de 1991, com nome de Terra FM e o prefixo 93,7 do então deputado federal Waldir Guerra. Em 1993, devido ao aumento da potência de 1.000w para 10.000w, a sintonia mudou para 101,9. A Terra FM tinha uma programação sempre voltada para música, entretenimento e humor. Foi a primeira FM na região de

Dourados a colocar um programa de música sertaneja no período vespertino. Em 1998, mudou a grade de programação e afiliou-se à Rede Transamérica de Rádio.

Em 2003, uma nova e importante fase entra para a história da comunicação de Mato Grosso do Sul. A Rádio passou a fazer parte da Rede MS e mudou o nome para FM Cidade 101,9. Passaram pela gerência regional de Mario

Freitas e Evânia Ribeiro.

Pelos microfones da 101,9 estiveram grandes locutores como Gilberto Pieretti, Farias Junior, Ezequiel Gonzáles, Sidney Correa, Rosane Mazeto, Celso Portioli, Melissa Hyromi, Gil Alves, Marçal Filho e Antônio Neres.

Hoje a programação da 101,9 em certos horários está em Rede, transmitida de Campo Grande para todo o estado e conta também com programação local que, atende Dourados e região. Sempre voltada a tocar muita música, jornalismo e entretenimento.

Atualmente (2018) o quadro de locutores da FM Cidade 101,9 em Dourados, conta com Wagner Mota, Douglas Michel, Paulinho Correa, Nino Bada-



ué, Antônio Coca, Lia Nogueira e Marcelo Mourão, sob a gerência de Adair Hübner.

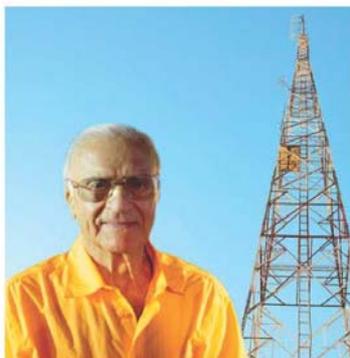
Grande FM

A rádio Grande FM Fundada pelo paulista Antônio Tonanni que, em 1947, admirado com as terras do Mato Grosso, e apostando nos projetos de reforma agrária da "Colônia Agrícola Nacional de Dourados" viu no local um ótimo lugar para fincar suas raízes. Acompanhando e acreditando no desenvolvimento da região, como empreendedor que era, contribuiu com o crescimento de Dourados e criou a sua mais notável obra: a Rádio 92,1.

Ao som da música "Don't Cry For Me Argentina" a emissora iniciou suas transmissões contando com apenas 3,00 Kilowatts, sendo a primeira rádio em Frequência Modulada (FM) estéreo do interior do Mato Grosso do Sul e, também, a primeira a executar músicas sertanejas em sua programação, logo caindo nas graças dos ouvintes.

A Rádio e Televisão Gran Dourados Ltda - ME, conhecida carinhosamente como Grande FM ou simplesmente 92, com frequência modulada de 92,1 Mhz, está no ar desde as 16hs do dia 22 de junho de 1980, cobrindo, inicialmente, a cidade de Dourados.

Com a crescente popularidade do ve-



Antonio Tonanni

ículo, em 1984, a rádio passa a operar com a potência de 10 mil kilowatts, que garante atualmente a abrangência de, aproximadamente, 30 municípios da Grande Dourados, levando o melhor conteúdo jornalístico, esportivo e musical aos ouvintes, além do alcance global, proporcionado por intermédio de seu site www.grandefm.com.br.

Consolidada como a primeira, maior e mais ouvida rádio FM da região Sul do Estado, a Rádio 92,1 desenvolveu sua programação visando a atender a todos os

gostos, garantindo espaço para a diversidade musical, indo do axé ao clássico, passando pelo sertanejo, forró, samba, pop, rock, mpb e sempre em sintonia com as novas tendências musicais.

Em sua equipe, a Rádio 92,1 mantém os melhores profissionais da região. Boa parte deles começou suas atividades no rádio através dos microfones da emissora e hoje são consagrados pela excelência no mercado.

Outra grande marca da emissora é a de realização de eventos voltados para a integração com a comunidade, como o Carnaval de Rua (realizado por 13 anos consecutivos), as Copas e Campeonatos Esportivos, as Festas Juninas, Shows, Ações de Cidadania e a participação em promoções de apoio a projetos educativos, culturais e sociais.

Hoje, a Rádio 92,1 continua cumprindo a missão de transmitir informação, alegria e entretenimento com responsabilidade aos seus ouvintes, clientes, amigos, parceiros, colaboradores e, principalmente, de estar em sintonia com os anseios da sociedade, contando com a certeza de poder manter o ouvinte em primeiro lugar por meio de ações transparentes e pela busca contínua da melhor qualidade de seus serviços em benefício da comunidade na qual está inserida. (Fonte: site Rádio Grande FM)

Antonio Tonanni

Chegou a Dourados em 17 de agos-

to de 1947. Ao longo de sua vida em Dourados, realizou muitas obras de cunho social e participou ativamente da vida social da cidade, foi diretor administrativo do Clube Indaiá; agropecuarista; presidente e fundador da Cotrisoja (hoje Coagri); presidente do Ubiratan Esporte Clube; diretor da Camdol; Conselheiro da ACID, colaborador do Lar Ebenezer, do projeto Cavalgando para o Futuro da Polícia Militar, entre outros no município.

O empresário doou o terreno para instalação da Sanesul em Dourados, atendendo solicitação do então prefeito Vivaldi de Oliveira, por ocasião da visita de uma missão da OMS (Organização Mundial de Saúde), que financiava o projeto de saneamento básico. Antônio Tonanni doou também terrenos para as construções de paróquias da Igreja Católica; terrenos para construção de casas para oficiais do Exército Brasileiro; área para a Igreja Católica construir um Centro de Ensino e Assistência Social para os índios, na Fazenda Cristal, em Itaporã.

Sonhador, Antônio Tonanni comemorava sempre os anos ininterruptos da sua emissora de rádio, a Grande/92,1, uma vez que ela foi a primeira emissora FM a se instalar no interior de Mato Grosso do Sul. Antônio Tonanni Faleceu no dia 17 de novembro de 2007.

Waldemar Gonçalves - Russo

RÁDIOS FM

- Grande FM - Rua Gustavo Adolfo Pável 935 -Vila Tonanni
- 94 FM - Avenida Weimar Gonçalves Torres, 1660 10 andar - Ed. Adelina Rigotti - Tel.3427-1567
- FM Cidade -Rua Ponta Porã, 2413 -Vila Planalto -Dourados - Tel. 3411-2999

- Terra FM (hoje FM Cidade)
- Boa Nova FM - Rua Pureza Carneiro Alves, 955 - Jardim Água Boa - Tel. 3425-0012
- Rádio Coração FM - Rua Melvin Jones, 560 - Dourados - Tel. 3422-9507
- Rádio Harmonia FM - Rua Firmino V. Matos 564 - Tel.3416-7474
- Rádio Gideões do Canaã FM - Rua Hélio Ferreira Barbosa-(67) 99962-3529

‘Cheiro de chumbo’

No final da década de 80 fui “apresentado” a uma redação de jornal impresso pelo amigo e vendedor de publicidade Eduardo Lincoln, conhecido como “Carioca”. Ele havia lido dois textos escritos por mim “Eterna aposentadoria” e “Entre a Xuxa e o salário” e, com meu consentimento encaminhou-os ao jornal Enfoque.

Passados alguns dias Carioca foi ao local onde eu estava pintando paredes, e me convidou para visitar a redação do Enfoque. Foi assim que conheci a Irma Lupineti, Dalva Gonçalves, Ricardo Minella, Andréia Medeiros, Telma Loureiro, Noemi Mendes Ferrigolo e Lori Alice Gressler. Eram grandes profissionais e intelectuais a serviço da comunicação douradense.

No Enfoque assinei como “ByWG” a “Tirinha da Fofoca” na coluna da Telma por cinco meses, até o encerramento das atividades do jornal pelo esgotamento de Irma com as sequelas deixadas em seu esposo e sócio, o jornalista Junio Chese de Araújo, vítima de um acidente entre Itaporã e Maracaju.

Sem o jornal, fui convidado pelo publicitário Ricardo Ojeda a escrever matérias esportivas na Revista Perfil, na qual também trabalhava a jornalista recém-formada Regina Bittencourt. Foi praticamente meu início da reportagem de rua e da elaboração de textos. Ojeda mora há muito tempo em Três Lagoas onde é proprietário do site Perfil News.

Nas minhas reportagens nos campos de treinamento do extinto Clube Atlético

Douradense, do Ubiratan e do Douradão conheci a imprensa esportiva de Dourados. Essas amizades me abriram as portas nas redações dos jornais e nas emissoras de rádio. Trabalhei na Caiuás, na Clube e fiz bicos na Grande FM.

Na Rádio Caiuás, a convite do amigo Antonio Neres, produzi crônicas para o programa “Boa noite para você”. Também ajudei um dos meus grandes mestres, Luiz Rogério de Sá, em seu programa “Eu quero falar com você”. A partir daí passei a fazer parte da redação, produzindo notícias e textos publicitários.

Na Caiuás tive o prazer de conviver com o Odir Pedroso, Daniel Santos, Antônio Coca, André Jorge, Antônio Carlos Ruiz, Laura Márcia e Val Esper. E com Maurício Nunes e Nhô Tito, ambos falecidos.

Já na Rádio Clube trabalhei nos programas Retrato da Cidade, Show da Cidade, Hora do Balanço, com o saudoso Cloe Fazzano, com Albino Mendes, Coca, Gilberto Orlando, Bete Salomão e o maior de todos os mestres: Jorge Antonio Salomão.

Passado o tempo nas AMs fui trabalhar com o Coca na FM 92,1. E lá nasceu o “Camburão do Russo”, que até hoje é lembrado pelos ouvintes. Quando eu entrava no ar, todo mundo sabia que lá vinha notícia ruim.

No ar, eu sempre dizia “notícia ruim para mim é boa” e imortalizei a palavra “caxangueiro” - a denominação dada pela Polícia Civil aos arrombadores de residências.

A passagem em tantas redações e já amigo de Cícero Faria, Antonio Viegas, Elvío Lopes (na época correspondente do

do SBT, quando chega um anão (menor que eu, por incrível que pareça) com uma propaganda de circo numa fita, cujo sistema de reprodução não tínhamos na emissora. Diante da minha recusa em receber o material, ele saiu xingando, metendo a boca na empresa e



Waldemar Gonçalves, o Russo
Jornalista filiado ao Sindicato dos Jornalistas da Grande Dourados e atualmente atua como assessor de comunicação da Fundação de Esporte de Dourados

Correio do Estado), José Henrique Marques (então presidente do Sindicatos dos Jornalistas), Luis Carlos Luciano, Vander Verão, Prudêncio Campos (in memoriam), Marcia Carreri (in memoriam) e outros colegas, aprendi e continuo aprendendo o ofício de jornalista.

Mas foi em um barracão de madeira próximo onde é hoje o transbordo, que senti pela primeira vez o “cheiro de chumbo” que vinha da produção dos semanários **folha de dourados** e “O Democrata” de Caarapó. Foi então que conheci Theodorico Luis Viegas, o maior professor de todos que tive e também o funcionamento de uma oficina de impressão de jornal.

O falecido “Juarez”, com a sua sem-

pre potente impressora “linotipo”, movida a fogo, matrizes e chumbo para confeccionar as letras dos textos que bem ou mal eu fazia, assim como as cópias de telex com notícias das agências nacionais, que eu ia buscar na redação do jornal “O Panfleto”.

Pelo menos uma vez por semana eu ia a Caarapó buscar matérias da Prefeitura e da Câmara dos Vereadores e outras notícias da cidade para fazer “O Democrata”, semanário de propriedade do dono da **folha de dourados**.

No Panfleto fui foca da editoria policial e motorista do João Carlos Torraca, o Macarrão. Toda semana íamos para a região em busca de notícias para os jornais O Zangão, de Fátima do Sul, Jornal do Vale, de Ivinhema. Esses três semanários originaram o Diário do Povo/Diário MS.

Integrei a primeira equipe de jornalismo do Diário com Macarrão, Clóvis de Oliveira, Willams Araújo, Antônio Viegas, Ronney Minella, Fábio Dorta, Elias Ferreira, Edvaldo Araújo, Anaurelino Ramos, Clay Correia, “Zezinho” entre outros.

Outro fato marcante em minha trajetória na imprensa foi a saída do Diário do Povo para O Progresso.

No O Progresso tive parceiros como Vander Verão, chefe de redação, Prudêncio Campos (in memoriam), José Roberto, Elvío Lopes, Clóvis de Oliveira, Luis Carlos Luciano, editor chefe adjunto, e os fotógrafos Ramão Carlos e Expedito Frota (in memoriam), entre outros companheiros de trabalho.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pelo que sou hoje, à família, aos companheiros de imprensa e às minhas fontes de informações, em especial das áreas investigativas (Polícias Civil, Militar, perícia técnica, IML, Polícia Federal e Rodovia Federal, Fórum e Ministério Público Federal e Estadual). E também aos patrões e mestres que muito me ajudaram em minha trajetória. Do mais tudo bem, segue a vida pois a morte é certa meu povo! Parei e fui...!

Causos

O anão mexicano do circo

Num sábado de manhã, pelos idos de 1997, quando apenas eu havia chegado na sucursal

dizendo que voltaria com outro tipo de fita. E voltou, mas não vi que ele tinha retornado. Eu estava contando à equipe do controle mestre, sobre o esporro que havia levado do cara. Eu disse: “rapaz hoje cedo chegou um anão f.d.p. e me xingou”. O anão, que era pequeno

mesmo, estava do outro lado da sala e do nada, saiu de trás da mesa e disse: “f.d.p. é você”. Ou seja, na mesma manhã, levei dois pitos do mesmo anão. Ossos do ofício.

Fábio Dorta - Caxote

CB do Takeo: a ‘central de boataria’ de Dourados

Diz a lenda que foi o jornalista Osmar Santos, então repórter de O Progresso, quem cunhou a expressão “central de boataria” em uma das muitas “cervejadas” com amigos da imprensa no Bar e Mercearia Yamaki, no coração de Dourados. Com certeza, inspirado na abundância de informações e “cornetagens” que por lá circulam todos os dias.

A migração desta sacada criativa das mesas e do balcão do bar às colunas de jornais e comentários em programas de rádio foi imediata - isso no final da década de 90. O nome pegou e restou ao atual proprietário Takeo Yamaki aderir à brincadeira, batizando seu estabelecimento com o nome de fantasia CB do Takeo.

O tradicional bar de Dourados fica na avenida Marcelino Pires no centro da cidade, em frente ao Magazine Luiza (onde um dia foi o Cine Ouro Verde), na área até hoje conhecida como “pedra”. Todos os dias dezenas de corretores de imóveis e de veículos, além de jornalistas, radialistas, empresários passam por lá em busca “de novidades”.

O movimento é duplicado nas campanhas políticas. A maioria dos candidatos faz questão de entrar na CB para to-



Takeo, da “Central de Boataria”

mar café e cumprimentar os frequentadores de língua afiada. Por lá passaram prefeitos, vereadores, governadores, secretários, ministros.

A atual CB do Takeo foi fundada em 1979 por Eishim (Mário) Yamaki, falecido em 1998. Ele era ajudado pelo filho Takeo e a matriarca da família Yoshiko Yamaki - falecida há poucos anos.

Com a morte do pai, Takeo assumiu o negócio com o apoio da mãe e da esposa Yuriko (Luiza) Noda Yamaki.

Seridoor: empresa idealizada numa faculdade de administração

O empresário Osmarino Alves Teixeira é um exemplo cabal de como o conhecimento adquirido numa universidade tem o poder de mudar a vida de um cidadão. Foi durante a Faculdade de Administração da Unigran que anteviu um negócio que mudaria sua vida: a publicidade.

Nascido em Caarapó há 53 anos, criado num sítio da família em Itaporã e morando em Dourados há 32 anos ele é proprietário da Seridoor Publicidade, única empresa do interior de Mato Grosso do Sul filiada à Central Nacional de Outdoor. As outras duas no MS são a Zoom e Top Mídia, ambas de Campo Grande. Ele

é diretor da entidade no Estado com mandato até 2020.

Em Dourados, para se manter e pagar a faculdade, trabalhou por muitos anos numa loja de materiais de construção, atividade completamente distinta às lidas no campo. Mas o trabalho e os estudos despertaram nele a intuição de um nicho promissor. Assim, em 1993 criou a Zip Publicidade e em 1997 a Seridoor Publicidade.

A Seridoor é hoje uma das principais empresas de mídia externa do Estado. Além de outdoor é especializada em impressão digital, que substituiu a serigrafia.

Osmarino Teixeira é casado com Marione Schmitt que também está ao seu lado na empresa. O casal tem dois filhos: Gabriel, de 13 anos, e Ana Carolina, de 7 anos.



Osmarino, Gabriel, Ana Carolina e Marione

Sinjorgran completa 30 anos de lutas em 2019

Criado em 9 de dezembro de 1989, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Região da Grande Dourados (Sinjorgran) estará em 2019 completando seus 30 anos de fundação. Mesmo com delegados do SindJor-MS atuantes na cidade, os jornalistas de Dourados se mobilizaram para buscar autonomia e agilizar o atendimento das demandas da categoria na Região.

Assim, conquistaram independência administrativa, jurídica e política em relação ao SindJor-MS, cuja sede fica em Campo Grande, e o Sinjorgran é hoje um dos quatro sindicatos regionais do País.

Grande parte do grupo que criou a entidade foi a que prosseguiu na direção nas primeiras duas décadas – Cicero Lima Faria (triênio 1989-1992), José Henrique Marques (1992-1995 e 1995-1998), Antônio Pinto Viegas (1999-2002) e Clóvis de Oliveira (2002-2005) – marcadas principalmente pelo reconhecimento da organização junto ao Ministério do Trabalho e Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), pela construção da sede em parceria com o Clube de Imprensa e pela necessidade de regularização do exercício profissional das pessoas que atuavam na área e que ainda não tinham o segundo grau completo.

A renovação de seus membros veio



Diretoria do Sinjorgran 2017 a 2020

com o início da turma de Jornalismo no curso oferecido pela Unigran, a partir do ano de 2004. O curso era uma das bandeiras sindicais, impactou o mercado de trabalho da Região e resultou no ingresso de novos filiados e diretores no próprio Sindicato, oxigenando os mandatos liderados por Luis Carlos Luciano (triênios 2005-2008, 2008-2011 e 2014-2017) e Karine Segatto (2011-2014 e 2017-2020), com jornalistas mais jovens e maior representatividade das mulheres nas diretorias.

Desde 2006, o grande foco da atuação do Sindicato são os Acordos Coletivos de

Trabalho (ACT). Por conta da ausência de um sindicato patronal, a negociação é feita ano a ano com cada empresa. É por meio dos ACTs que o Sindicato busca benefícios trabalhistas para os filiados, entre eles, auxílio transporte, auxílio refeição/ alimentação, gratificação de função, direito de substituição, regulamentação do banco de horas, estabelecimento do piso salarial e reajuste salarial com base na atualização nos índices inflacionários e também buscando conquistar ganho real.

Desde sua criação, a entidade é o centro da luta da categoria por seus direitos trabalhistas, pela defesa da ética pro-

fissional e da liberdade de imprensa, e também por valorização social, repudiando casos de violência contra os jornalistas e sempre reafirmando a importância dos seus profissionais para a democracia.

DESAFIOS

Criado há 30 anos em um contexto de redemocratização do País e efervescência dos movimentos sociais, hoje o Sinjorgran enfrenta um cenário de retrocesso causado pela Reforma Trabalhista de 2017 e pelo avanço do fascismo.

“A Reforma tirou a garantia de direitos importantíssimos, valendo o negociado sobre o legislado, e ao mesmo tempo pretendeu enfraquecer os sindicatos enquanto entidades de representação classista. Então, mais do que nunca, é importante que os jornalistas estejam mobilizados como trabalhadores”, disse a presidenta Karine Segatto.

A jurisdição do Sinjorgran envolve 25 municípios localizados mais ao Sul de MS: Dourados, Itaporã, Fátima do Sul, Rio Brilhante, Maracaju, Caarapó, Ponta Porã, Amambai, Antônio João, Aral Moreira, Naviraí, Eldorado, Itaquiraí, Mundo Novo, Deodápolis, Iguatemi, Nova Andradina, Ivinhema, Glória de Dourados, Angélica, Tacuru, Paranhos, Sete Quedas, Coronel Sapucaia e Bataiporã.

CONTATOS

O sindicato está localizado na Avenida Joaquim Teixeira Alves, 1985, Sala 07, Centro de Dourados. O telefone para contato é o (67) 3422-5540 e o e-mail: sinjorgran@gmail.com. O site (<https://sinjorgranms.wordpress.com/>), assim como o Facebook (@sinjorgran.dourados), também estão disponíveis com informações aos interessados.

Sonho realizado!

A minha paixão pela leitura começou na infância e a minha mãe foi o modelo. Não tinha um dia em que ela não contasse “causos” na escuridão do quintal com uma lamparina no meio da mesa exibindo com as suas risadas as hilariantes histórias de Pedro Malasartes e as assustadoras de “fantasmas”.

Ao iniciar minha trajetória escolar (1971) buscava os livros para ler, mas não tinha na escola onde eu estudava. Ao perceber meu gosto pela leitura meu pai começou a participar de um clube de livros (1977) e todos os meses eu matava a minha fome. No Ensino Médio (magistério) passei a me deliciar com todos os autores, mesmo assim, os livros ficavam guardados num armário e o acesso era restrito. Certo dia, conheci o jornal O Progresso e ali fui colaboradora com a Dona Adiles, June e Blanche Torres, que assim como eu, desejavam que os livros e os textos jornalísticos fizessem parte do universo dos estudantes e professores. Nascia o projeto “O Progresso na Educação – Ensinando a Ler o Mundo”, em 1998. Foram 20 anos de parceria junto às escolas de Dourados e região.

Mas, antes disso, como tudo na vida tem um começo, a ideia de levar o jornal pra sala de aula também tem a sua história que, por “coincidência” iniciou-se no ano de 1982. Peço licença para contar um pouco da pré-história desse trabalho que partiu da doação de uma assinatura diária a uma professora no início de carreira.

Recém-formada no magistério da Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo (turma de 1981) essa professora iniciou alfabetizando crianças e a cartilha Caminho Suave era o único instrumento de trabalho. Meu pai assinava o jornal O Progresso e o que me chamou a atenção foram as letras grandes dos anúncios. Tive a ideia de levar o jornal para a sala de aula, pois as dificuldades para criança aprender a ler e a escrever eram grandes. Peguei o jornal e recortava as letras e depois as crianças colavam. Isso começou a dar resultado.

Perguntei ao meu pai, José Rodrigues, se poderia levar o jornal de casa e ele disse não porque todos os dias as pessoas iam na loja pra ler. Como sempre teve uma ideia para me ajudar, ele ligou ao O Progresso pedindo se poderiam entregar um jornal a mais todos os dias, pois sua filha desejava levar pra escola. No dia seguinte o periódico passou a ser meu instrumento diário de trabalho. Devido a “bagunça” e a impressão que a professora “não estava fazendo nada”, tive que deixar de levar o jornal pra sala de aula.

Em novembro de 1983 estive na redação do O Progresso e lá conheci o Aparecido Frota e constituímos nossa família, em 1984. Em 1989, tive a coragem de pedir para a Dona Adiles uma assinatura de cortesia para a escola municipal onde trabalhava e naquele ano reiniciei com o jornal na escola, só que deixando apenas em exposição para que todos pudessem conhecer, folhear e ler.

Foi em novembro de 1997 que o sonho dessa pedagoga e a direção do O Progresso se cruzaram novamente. A Dona Adiles anunciou na sua coluna so-



Fátima Ferreira Rodrigues Frota

cial a realização de um evento comemorativo aos 48 anos da empresa, convidando educadores interessados em auxiliar a entrarem em contato com ela. Na mesma semana fui conversar e fiquei sabendo da maravilha que seria o congresso “O Progresso na Educação – Ensinando a Ler o Mundo”. E então a June montou a equipe e organizou tudo: fez parceria com as Secretarias de Educação Municipal e Estadual, faculdades, universidades, patrocinadores e contatou palestrantes.

Após contato com as escolas alguns professores aceitaram experimentar de fevereiro a abril de 1998 o projeto proposto pelo O Progresso com atividades dirigidas. Os primeiros parceiros foram duas escolas municipais (Arthur Campos Melo e Arnulpho Fioravanti – Caic); uma estadual (Castro Alves) e duas privadas (CCE - Centro de Criatividade e Ensino e META). O resultado foi apresentado nos dias 20 e 21 de abril no antigo Centro Universitário de Dourados (CEUD). Os educadores fizeram atividades de leituras, pesquisas, análise de fatos através da notícia e a história do O Progresso.

Durante o congresso de 1998 foram oferecidas atividades de oficinas de leitura, contação de histórias e seminários sobre a Educação Ambiental com Ademir Moraes e Luis Carlos Luciano e os Parâmetros Curriculares Nacionais com a representante do então Ministro de Educação Paulo Renato Teixeira, Célia Maria Pires. Tivemos a participação direta de professores universitários ministrando as oficinas como Ruth Conceição, Kyoshi Rachi, Helder Baruf, Maria de Lourdes, Marcelo Xavier, Emmanuel Marinho, Ana Marcia Rangel, José Felício. Trabalhadores da área da saúde, como o fonoaudiólogo Ademir Baena, Nilza dos Santos, Itaciana Santiafgo, Fabiana Silva e a psicóloga Terezinha Bonfim. Tudo isso regado a lindas apresentações culturais de dança e declamação de poesias com Emmanuel Marinho. Estiveram presentes quase 600 pessoas de Dourados e região.

A partir da realização do Congresso, O Progresso desenvolveu durante duas décadas o projeto “O Progresso na Educação – Ensinando a Ler o Mundo”. Sempre em parceria com a Secretaria Municipal de Educação foi oferecida formação na área da leitura e temas da atualidade. Todos os trabalhos realizados pelos professores foram publicados no jornal.

Em momentos de transição no comando da prefeitura, as atividades foram reduzidas, mas nunca abandonadas. Isso ocorreu porque o governo do município era o principal parceiro. Mesmo assim, os educadores inscritos receberam jornais em suas instituições de trabalho. Apesar de alguns problemas operacionais, a empresa e essa pedagoga colaborou com os educadores estimulando o acesso à informação e a formação leitora dos estudantes, sempre valorizando a leitura de todos os tipos de textos e livros literários.

Durante esse tempo de existência foi possível atender aproximadamente 2.000 educadores e 215 mil estudantes.

Dourados News: o olhar visionário de Primo Fioravante Vicente

Em uma época onde a internet ainda engatinhava e poucos tinham acesso a computadores, a ideia de um homem de 70 anos parecia 'maluca' e com mínimas chances de dar certo, principalmente no interior do Brasil. Em novembro de 2000, mais precisamente no dia 23, quando os cabos de telefone e de conexão à rede mundial disputavam a mesma tomada, Primo Fioravante Vicente colocou em prática a ideia de fundar o seu jornal virtual.

Assim inicia-se a trajetória do Dourados News, o pioneiro na região, com 18 anos de existência.

Sem a certeza de que a evolução tecnológica passaria por todo esse processo, tendo como pano de fundo a internet, Primo usou seu senso crítico para buscar a credibilidade junto a seus futuros leitores.

O lema escolhido para o pontapé inicial foi "Cidadania e defesa da Ecologia", que trazia como primeiro símbolo, um peixe.

Na época, ainda sem o poder de alcance dos meios impressos, rádio e televisivo, o Dourados News buscou na instantaneidade uma forma de fidelizar os seus leitores e através de notícias curtas e objetivas, ganhou o gosto do douradense logo nos primeiros meses.

No início, a dificuldade em se conseguir fazer a engrenagem funcionar era um dos desafios da equipe, porém, com força de vontade e determinação dos colaboradores, o site se transformou em ferramenta imprescindível para quem buscava informação a qualquer momento do dia.

Aos poucos a internet foi se transformando e o acesso a ela se tornou tão simples quanto descaçar uma bala. Paralelo a isso, o desafio de se manter levando informação apurada e com credibilidade ao internauta, crescia ao mesmo tempo.

Hoje, pelo celular, tablet, ou qualquer aparelho conectado à rede mundial, seja em praças, parques, shoppings, é possível estar ligado a tudo o que ocorre no Brasil e no mundo, o que torna ainda mais desafiador a notícia em primeira mão, claro com a devida checagem e responsabilidade.

Infelizmente, Primo não pôde acompanhar em vida o seu veículo de comunicação crescer e chegar ao patamar de um dos maiores e mais acessados do Estado.

Em setembro de 2002, próximo do Dourados News completar dois anos de criação, ele acabou morrendo, em decorrência de câncer.

Atualmente o jornal é dirigido pela publicitária Andréia Medeiros Rodrigues, que esteve presente desde poucos meses depois de sua criação e, apesar da ainda curta história desse veículo, é nele que boa



Andréia Medeiros Rodrigues
Diretora do site de notícias Douradosnews

parte dos internautas pautam suas pesquisas de casos recentes ocorridos no Município.

O Dourados News faz parte desse processo de crescimento e amadurecimento da imprensa local e, junto de outros órgãos de comunicação, tem buscado levar à população a informação correta, sempre mostrando os dois lados para que cada leitor possa formar a sua opinião.

E, torçamos para que essa memória, hoje registrada na edição comemorativa da **folha de dourados** em seus 50 anos de trabalho, seja sempre levada e contada nas salas de aula, nos grupos de debate e nos bancos da academia.

Assim, cada vez mais pessoas poderão conhecer todo o processo e histórias dos mais diversos veículos de comunicação do município.

ENTREVISTA

FD - Andréia, o seu vínculo com a imprensa douradense começou com você ainda muito jovem. Como foi a descoberta desse seu talento na parte de vendas?

Andréia - Eu comecei com 15 anos no jornal "Enfoque" no setor de vendas de assinaturas. Percebi imediatamente que era o que eu gostava de fazer. Me considero uma 'vendedora nata'. Eu nasci para fazer isso.

Essa descoberta veio então desde muito nova. Você trabalhou na parte de vendas em diversas empresas antes de chegar no Dourados News?

Quando eu cheguei no Dourados News eu já tinha a experiência de uns 12 anos na parte de vendas. Fui convidada para trabalhar no mesmo setor, na parte de vendas de assinaturas do site Dourados News e amei o desafio. Tratava-se de uma novidade no mercado, então fomos crescendo gradativamente ao longo dos anos,

sempre estudando e inovando.

O jornal estava começando ainda. Como foi colocar 'nos elxos' essa empresa que era tão nova naquela época?

Como poucas pessoas tinham acesso a internet, eu já chegava para os clientes com a versão impressa do jornal Dourados News. Pois até o empresário desligar o telefone e ligar a internet entrar para visualizar, então não tinha tempo, então eu chegava com o material impresso para garantir. Mostrava o site, falava da forma com que a gente trabalhava, exemplificava a quantidade de acessos pois já naquela época tínhamos bastante acessos, falava para o cliente a quantidade de pessoas que veria a marca dele, em fim, já repassava todas as informações.

O Dourados News foi o primeiro em Dourados e no interior de Mato Grosso do Sul. Quais que você consideram os maiores desafios da época em que o mundo digital era visto como um 'bicho de sete cabeças'?

Nós criamos o hábito da leitura no online. E esse processo foi longo. Demorado. Pois era novidade. A gente chegava a imprimir algumas matérias e mandava para os clientes. Foi um desafio muito grande. Eu ia muito para Campo Grande. Passava o dia no Campo Grande News aprendendo o que eles estavam fazendo por lá. Nós fomos buscando conhecimento. Aos poucos as pessoas foram percebendo que entrar na internet para ver notícias era muito mais rápido.

Você é uma vendedora nata, em tempos de crise, como sobreviver diante das instabilidades econômicas?

Inovar. Nós temos que inovar e ter percepção e atento ao que está acontecendo ao nosso redor. Tem também que incentivar os clientes a fazerem investimentos mesmo em tempos de crise pois ele precisa vender e para vender é preciso investir. Mas a proposta de venda e os investimentos tem que ter um embasamento concreto. Hoje a venda de publicidade é um investimento que o empresário tem que ter essa visão que ele precisa disso para mostrar o produto. Hoje temos que inovar 24 horas por dia pois tudo é muito rápido. As coisas mudam muito rápido.

Nossas expectativas são de manter a mesma linha editorial. Continuar inovando no mercado e investindo no site, temos um projeto de inovação mensal. Não deixamos passar. E o projeto para o futuro é continuar focado no que acontece, investir em estrutura da empresa, como os painéis de led que temos, eventos, pensamos numa TV Web futuramente e vamos montar toda essa parte social, juntando as institui-



Primo Fioravante Vicente

ções.

Devido o alcance e a quantidade de acesso que possui o Dourados News acaba sendo muito importante a aproximação com as instituições, colaborar de alguma forma com a cidade de Dourados e região.

Quais suas expectativas para o futuro do Dourados News, já que não é uma empresa familiar?

Nestes 18 anos de existência, o Dourados News se consolidou no jornalismo online com um trabalho voltado para notícias locais e com ênfase sempre a credibilidade. Nossa expectativa é manter a mesma linha editorial, no entanto, seguir a inovar nos conteúdos e nas opções de divulgação para os nossos parceiros. Neste foco, temos trabalhado um planejamento mensal, com uma equipe engajada. O Dourados News possui atualmente em média 2,7 mi de visualizações por mês e o site conta com um design moderno e sempre temos inserido variedade em conteúdo e ferramentas de interação com o público e projetos nestes sentidos seguirão a acontecer. Inovamos ao disponibilizar aos nossos parceiros, opção de divulgação em painel Led 3D, no centro, além dos espaços de banners no site e informes publicitários. O direcionamento do jornal é sempre disponibilizar novas ferramentas nesse sentido. Outro objetivo é divulgar as ações sociais de instituições que trabalham com crianças, idosos, pessoas em vulnerabilidade social e ajudar esses projetos por meio da visibilidade que temos. A cobertura de eventos em Dourados temos ampliado e vamos fortalecer ainda mais nesse sentido para levar entretenimento ao público. Outro projeto para o futuro é movimentar uma TV Web. São várias as possibilidades que temos com um jornal online e as multimídias que podemos agregar e como sempre digo, pioneirismo e ao mesmo tempo inovação.

Nascido para o rádio

Nasci em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul em 1º de fevereiro de 1973 e desembarquei no Mato Grosso do Sul aos 15 anos para iniciar uma trajetória de conquistas.

O trabalho começou cedo, como auxiliar de farmácia aos 13 anos em restaurante. Aos 17 anos fui para o rádio, sendo a minha primeira experiência na Rádio Difusora, de Rio Brillante. Após completar 18 anos, fiz um teste na rádio Terra FM, recém inaugurada passando a fixar residência em Dourados. Depois de oito

meses, fui para a FM 92,1 - Grande FM, para o programa sertanejo de maior audiência da emissora: "Brasileiríssimas, Sertanejas e Regionais".

RÓDEIO

Em 1995 dei os primeiros passos no mundo do rodeio. Primeiro como sonoplasta, um fato interessante e singular, uma vez que já tinha intimidade com o microfone. O "batismo" na arena como locutor aconteceu somente em 1996, a convite da Companhia Marca Cabeça.

Em 2010 com a mudança na direção da Rádio Grande FM, deixei os microfones da emissora, passando para a Rádio



Sidney Correa

Harmonia 98 FM (Rio Brillante), Band FM (Fátima do Sul), Rádio Jota FM de Deodápolis e Rádio Caiuás.

Meu retorno à Grande FM foi em julho de 2017, no Programa Ondas do Domingo que vai ao ar das 6h às 10h, com músicas, entrevistas, prestação de serviços, utilidade pública e participações externas, entrega de prêmios, e outros.

Atualmente também apresento o Programa Conexão Sertaneja, no horário entre 16hs e 19hs de segunda a sexta e aos sábados, das 16hs às 20hs.

Na emissora contabilizei grandes momentos na minha carreira na condução das Brasileiríssimas, Sertanejas e Regionais. Por duas décadas me dediquei aos programas sertanejos, promoções de shows e narrações de rodeios.

Colunismo social por Ely Oliveira



Ely Oliveira

Atuando há mais de 25 anos no *Jornal O Progresso*, a empresária Ely Oliveira Semmelroth, proprietária do Buffet Luzly, conquistou o seu espaço no colunismo social e tornou-se referência não apenas em Dourados, mas em todas as cidades do MS em que o *Jornal* circula incluindo Campo Grande onde conta com um grande número de assinantes.

O perfil de sua coluna vai além de festas e eventos. A colunista traz novidades do meio empresarial dos segmentos do comércio, da indústria, serviços e de empreendedores individuais, e ainda notas informativas de conteúdos que interessam aos formadores de opinião. Nesta entrevista à *folha de dourados*, Ely fala do início desse seu trabalho, do que é o colunismo social com as mudanças ao longo do tempo e do seu gosto por realizar esse trabalho.

FD - Ely como foi a sua história com o colunismo social. Quando e como começou esse namoro? Qual era a sua ligação com o jornalismo ou com a publicidade?

Ely - Desde que fazia faculdade, em Londrina PR, eu lia os jornais e me interessava por coluna social. E já em Dourados, em 1990/91, a colunista social do *Jornal Enfoque*, Telma Loureiro de Oliveira, me

convidou a participar e quando iniciei minhas produções, passei a gostar ainda mais. Em seguida, em dezembro de 1992, na edição de aniversário de Dourados, estreei minha coluna *Acontece*, no *Jornal O Progresso*, trazendo as novidades em eventos, aniversários e lançamentos de lojas. Era uma época em que os clubes sociais da cidade, Indaiá, Samambaia, eram muito frequentados e havia muitas festas, bailes, carnaval, rodeios e espora de ouro.

No decorrer dos anos você foi ocupando lacunas de colunistas que fizeram história, como Ymera Fedrizzi, Clay Corrêa, Deuzim Machado. Como foi essa trajetória até aqui?

Sei que Dona Ymera e Clay foram bastante influentes e atuavam muito bem nessa área. Eu sou da mesma fase de Deuzim, ele tinha o espaço dele e eu o meu, depois ele deixou e eu continuei. Quando a gente gosta do que faz trabalha com prazer. Tenho mais de 26 anos de colunismo e faço com dedicação, sempre buscando divulgar não apenas o meio social, mas também notas informativas de conteúdos que interessam aos formadores de opinião.

O colunismo social é um campo fértil, um jeito de ganhar dinheiro de gente endinheirada?

De forma alguma. Havia uma época em que muitos até tinham esse conceito,

Quais os segredos para o bom relacionamento do colunista com as pessoas da alta sociedade?

Estar sempre presente e não se ater apenas ao que o cliente necessita às vezes pensar junto, criar junto e até executar, indo além do que ele imaginava. Confesso que isso existe dentro de mim. Sou intensa em tudo que faço, procurando sempre bons resultados!

Até que ponto seu vínculo com o jornal O Progresso e também com a imprensa douradense corroborou para os cargos que você ocupa no Sindicato Rural de Dourados e na Associação Comercial e Industrial de Dourados?

Independente do colunismo, o meio empresarial sempre me atraiu e acho que as duas caminham juntas. Envolvi-me com as duas entidades de modo natural, pois elas é que movem os negócios na cidade e do campo. Embora sempre tenha me envolvido com o Sindicato Rural, nunca ocupei cargo. Busco estar presente de alguma forma, com o Buffet Luzly, por exemplo, onde por muitos anos estive presente com o restaurante na Casa do Criador, e com o LeiloDom, um leilão anual que leva muitos convidados para a Expoagro.

Qual a sua opinião sobre as mídias sociais? Você acredita que elas são uma ameaça ao colunismo social?

As mídias sociais chegaram forte e mostrando a que vieram. Inicialmente funcionavam como reforço para outras mídias tradicionais que conhecemos, como revista, rádio e TV, mas com o tempo se tornaram tão fortes quanto, tanto que hoje já temos jornais, por exemplo, que migraram para o meio online. Como eu disse essa é uma tendência natural do século XXI.

Saudade



Cláudio Xavier



Eduardo Palomita



Flávio Bulcão



Expedito Frota



César Cordeiro



Marcelo Humberto



Rafaela Bonardi



Valmir Leite Júnior



Edirceu de Oliveira



Prudêncio Campos

CII Comercial
Mariano

Ipiranga

Lubrificantes

LUBRIFICANTES IPIRANGA / FILTROS MANN
/ TECFIL / SUPER TROCA DE OLEO

AV. MARCELINO PIRES, 3.350 - VILA HELENA
DOURADOS-MS | FONE (67) 3416-6500

50 anos
Parabéns

A ESTE CONCEITUADO VEÍCULO DE
COMUNICAÇÃO, QUE NOS PROPORCIONA
LEGADO EXEMPLAR DE COMPORTAMENTO
ÉTICO E COMPROMISSO SOCIAL.

VEREADOR
MADSON
VALENTE

Democratas



Das salas de redação ao ensino à distância

Concluí a faculdade de jornalismo, em 1983, na UEL (Universidade Estadual de Londrina). Pouco antes de terminar o curso, passei uma temporada na então TV Caiuás (atual RIT), e já no ano seguinte comecei a trabalhar no jornal O Panorama (extinto).

Chahine Abdo Sater

Depois disso, fui trabalhar na assessoria de imprensa da Prefeitura de Dourados. Posteriormente, ingressei na rádio Grande FM, onde atuei como locutora e jornalista, sendo responsável pela elaboração do noticiário que ia ao ar de hora em hora. Nesse mesmo período, comecei a prestar serviço na assessoria de imprensa da Embrapa. Passado algum tempo, ingressei também na assessoria de imprensa da Empaer Regional de Dourados (hoje Agraer).

Tempos depois fui redatora do jornal O Progresso, no qual atuei em dife-

rentes áreas, mas mais especificamente no agronegócio. Em seguida, fui trabalhar na assessoria de imprensa da Câmara de Vereadores de Dourados, onde posteriormente ocupei o cargo de assessora de imprensa.

Algum tempo depois, entrei para o departamento de jornalismo da rádio Terra FM, onde elaborava o noticiário apresentado de hora em hora e fazia entrevistas ao vivo, seja no estúdio ou via fone.

No decorrer da profissão, realizei vários trabalhos free-lancer, em coberturas de eventos do agronegócio e redação de matérias para jornais semanais como Pan Rural, Gazeta Popular e Enfoque, todos já extintos. Ainda como free, prestei serviços de assessoria de imprensa em campanhas políticas de candidatos a prefeito, deputado e senador.

Durante os anos de jornalismo, seja individualmente, ou em parceria, elaborei vários jornais para empresas, clubes, instituições e entidades dos mais variados segmentos como CTG Querência do Sul, Colégio Objetivo de Dourados, Clube Indaiá, Clube Samambaia, ViaCam-pus Agropecuária, ABO (Associação Bra-



Redação do jornal O Progresso - 1993

sileira de Odontologia - Dourados), Associação Veterinária de Campo Grande.

No início dos anos 2000 decidi fazer mestrado a fim de ingressar na área acadêmica, e, assim, abrir caminho para novas experiências fora do jornalismo. Atualmente trabalho com ensino a distância,

na Unigran. Estou lotada no departamento de revisão, que é por onde passa todo o material de aula elaborado pelos professores. As aulas são submetidas à revisão ortográfica e de conteúdo. De qualquer forma, essa é uma das atividades que também podem perfeitamente ser executadas por jornalistas, já que o trabalho jornalístico não se restringe tão somente aos meios de comunicação. Mas não fica só nisso. No ensino a distância da Unigran também ministrei algumas aulas.

Evolução

Da década de 1980 até hoje a essência do jornalismo não mudou, pois continua sendo a arte de contar histórias. Entretanto, a revolução tecnológica, assim como beneficiou todas as áreas do conhecimento, trouxe muito vigor ao jornalismo, ao permitir mais agilidade e rapidez nas comunicações e na transmissão da notícia de forma simultânea.

Não dependemos mais do fax (fac-símile), da máquina de escrever, do gravador com fita cassete, do telefone fixo, da diagramação manual, dos linotipos, das máquinas fotográficas e câmeras analógicas, entre outros, muitos dos quais a nova geração sequer ouviu falar.

Computador, celular, e-mail, whatsapp, câmeras digitais, etc. são a nova cara do jornalismo e, com certeza, só trouxeram benefícios em termos de agilidade e qualidade do trabalho jornalístico.

Do rádio AM ao site de notícias on line uma trajetória com grandes mestres

Comecei a trabalhar na imprensa depois de receber um convite de Waldemar Dorta, que era diretor da Rádio Caiuás e amigo da minha família. Eu sempre acompanhava o pessoal das emissoras de rádios devido a minha grande amizade com o Fábio Dorta, já que fomos criados juntos. Um dia o pai dele, Waldemar Dorta, não sei por que cargas d'água, resolveu me dar uma oportunidade.

Era para eu ficar observando os programas de esporte e aos poucos ir me inserindo na equipe, que na época tinha o Velho Tatau, o Antonio Neres, o Fábio Dorta, o Antônio Carlos Ruiz, o Tata Cavalcante e o Daniel Santos, que estava começando.

No primeiro dia em que fui para o rádio para acompanhar a equipe, o Velho Tatau me entregou as laudas do noticiário amador e entrou no ar comigo ao vivo. Quase morri do coração. O Waldemar foi falar com ele e ele disse "ou dá ou não dá. Manda ele voltar amanhã para fazer o

amador com o Daniel". Assim comecei minha carreira de cronista esportivo.

Depois apresentei vários programas na Rádio Caiuás sempre em substituição a alguém quando precisava, e fazia parte da equipe de esportes, primeiro como plantão esportivo e depois como repórter. Não venho de uma família de jornalistas ou radialistas, mas minha grande amizade com o Fábio Dorta sempre foi uma inspiração.

Após algum tempo na Rádio Caiuás, fui convidado pelo Valfrido Silva para trabalhar na TV Caiuás onde fiquei por mais de 15 anos e me firmei como jornalista. Sou grato ao Valfrido pela oportunidade de trabalho na TV onde aprendi muito, tanto no aspecto profissional como pessoal.

Com as dificuldades que a Rádio Caiuás passava e como havia casado recentemente, aceitei o convite do seu Jorge Salomão para trabalhar na Rádio Clube. Mesmo trabalhando lá ele permitiu que eu gravasse os boletins informativos da Grande FM. Fiquei nas duas emissoras por algum tempo e depois assumia o programa Espaço Aberto na



Antônio Coca

Grande FM.

Trabalhar com o Antonio Tonanni e com Jorge Salomão era uma grande aventura. Eles eram muito inteligentes e exigiam de nós um grande preparo, pois do-

minavam qualquer assunto e tínhamos que estar sempre antenados com os acontecimentos, pois cobravam bastante dos profissionais que estavam ao lado deles. Era um aprendizado a cada dia.

Nesta época trabalhei com grandes profissionais como o Gilberto Orlando, Clóvis Fazono (in memoriam), Jota Aguiar, Leniro, Marçal Filho, Luiz Carlos Mattos (in memoriam), Albino Mendes, Soares Filho, Lourival Pereira, Maurício Nunes (in memoriam) e outros com quem aprendi muito e agradeço por terem cruzado o meu caminho.

Com o advento da era digital veio o Dourados News onde fui um dos primeiros jornalistas ao lado do Ricardo Minella e do Clóvis de Oliveira. Fomos convidados pelo visionário Primo Fioravanti e aceitamos o desafio de fazer mídia eletrônica no interior do estado, com internet discada e todas as dificuldades da época. Olhando para trás parece que valeu a pena. O Dourados News completou 18 anos e a mídia digital ganhou o mundo.

Hoje continuo fazendo o que gosto e com meu filho Rafael que também é jornalista, mandamos um site de notícias o MS em Foco onde concilio o meu trabalho na Rádio Cidade. Espero que nestes mais de 30 anos como jornalista e radialista eu tenha contribuído de alguma forma com a sociedade, e olhando para trás tenho a certeza que faria tudo outra vez.

A Folha de Dourados faz história ao completar 50 anos de fundação. Meio século registrando o presente e, assim, arquivando o passado que será lido no futuro. Parabéns aos fundadores, atuais diretores e funcionários.

DEPUTADO ESTADUAL

Cabo Almi PT
DE NOVO COM A FORÇA DO POVO



Paraíso
DAS TINTAS

> Qualidade > Confiança > Atendimento > Melhor Preço

PARCELAMOS EM ATÉ 6X

VISA | MASTERCARD | BNDDES | BEBLUE

(67) 3427-3317 - (67) 98103-0055

Esq. Weimar Torres e Hilda Bergo Duarte, 626 | Dourados - MS | aparaisodastintas@gmail.com
www.paraissodastintas.com.br

Entrevista: Marçal Filho

Nome completo: Marçal Gonçalves Leite Filho

Data e Local de Nascimento: Dourados, 14-10-1964

Filhos: Vinícius e Vanessa

Formação acadêmica: Direito-advogado

Cargos públicos ocupados: vereador (exercendo segundo mandato), deputado federal (quatro mandatos), deputado estadual eleito

FD - Como e quando começou a trabalhar na imprensa em Dourados?

Marçal - Em 1975, como sonoplasta, na Rádio Clube de Dourados. Também atuei na Paiaguás (Glória de Dourados), 92 FM (Dourados), Rádio Caiuás (Dourados), Tupinambás (Dourados), (Transamérica (Dourados), Difusora AM (Rio Brilhante), Carandá FM (Naviraí).

Naquele tempo quais as dificuldades e vantagens de trabalhar na imprensa?

Naquela época, com poucos recursos tecnológicos, era preciso ter criatividade para fazer rádio, sobretudo talento e gostar da profissão. O profissional aprendia de tudo e atuava em diferentes funções, como locutor, sonoplasta, entre outras.

A função do sonoplasta está mesmo superada nas emissoras de rádio?

Praticamente acabou a função, exceto o que faz sonorização de filmes, novelas, programa de TV. O operador de som que auxiliava o locutor deixou de existir, pois o próprio locutor passou a desempenhar essa função. Antigamente, devido a pouca tecnologia, era fundamental a presença de sonoplasta no rádio.

No início da carreira de radialista quais são as pessoas inspiradoras e incentivadoras?

Quem me incentivou foi o falecido Jackson Frazoni, locutor da rádio Clube. Ele me deu a primeira oportunidade de falar no microfone, isso quanto eu tinha entre 13 a 14 anos de idade, durante o programa dele, e eu desenvolvia a função de sonoplasta. Havia vários locutores no País que me inspirava e eu sempre tinha esse desejo de ser locutor. Foi aos 16 anos que tive o primeiro programa no rádio.

Na rádio fusão você conhece os dois lados do balcão: foi empregado e hoje é empregador. Qual o aprendizado?

Eu valorizo muito quem está atrás do microfone, os comunicadores. Penso que eles fazem a diferença. Não me vejo como patrão, propri-



Marçal Filho

etário da rádio, e sim como comunicador.

Qual a influência da internet e das redes sociais numa emissora de rádio?

As redes sociais e a internet chegaram para fazer a diferença com a instantaneidade e o poder de comunica-

ção com mais agilidade e facilidade. Para o rádio é uma ferramenta de extrema importância e tem ajudado muito a estreitar os laços entre os comunicadores e ouvintes. Em tese, as redes sociais deixaram o rádio mais atualizado e forte e quem atua na profissão de radialista está se reinventando, utilizando essas ferramentas a favor.

A popularidade alcançada nos programas de rádio o levou à vida pública. No início da carreira você almejava disputar eleições?

Não, até porque comecei muito cedo no rádio, aos 11 anos, e naquela época não pensava nem em votar, quem delas ser votado. Nunca pensei que isso viria acontecer. Aconteceu como consequência, pois os ouvintes passaram a sugerir. Meu primeiro mandato na vida pública foi em 1992, como vereador, aos 28 anos.

O desejo de administrar Dourados, sua cidade Natal, ainda é latente?

Por ter nascido em Dourados e sentir que a cidade pode ser muito melhor do que está aí; e de acreditar que Dourados é pujante, desenvolve sozinha, sempre terei essa vontade para dar minha contribuição maior ainda, com serviços públicos de qualidade.

Conte sobre a sua convivência com Theodorico Luiz Viegas.

Não tivemos convivência estreita, mas acompanhei a história desse baluarte do jornalismo de Dourados, grande ícone da imprensa douradense e que tem toda sua contribuição histórica, dando início com muita dificuldade ao trabalho da nossa imprensa de forma geral.

UNIGRAN: INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS PARA SE DESTACAR NO MERCADO

A sociedade passa por transformações a cada hora, acompanhando as inovações e tecnologias criadas e vendidas. Formar profissionais com essa visão e preparados para esse mercado é o novo desafio.

É por isso que a UNIGRAN investe em trazer tecnologias e inovações que agreguem valor à sua metodologia de ensino e formação dos seus acadêmicos: laboratórios de realidade virtual, impressoras 3D e simulações empresariais fazem parte da rotina.

